



*Rainhas do Romance*

1º lugar  
na lista de mais  
vendidos do  
The New  
York Times

# LINDA LAEL MILLER

*Steven*

Os Creed  
1/3

Edição 63

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

---

---

LINDA  
LAEL MILLER

---

---

STEVEN

Tradução  
*Gracinda Vasconcelos*



2013

# *Capítulo Um*

---

ALGUM INSTINTO ou talvez apenas o agitar de uma brisa despertou Steven Creed, que se sentou na cama, precisando de uma fração de segundo para se orientar no ambiente desconhecido. Pouco a pouco, a desordem mental clareou, voltando tudo a entrar em perspectiva: sala 6. Motel Happy Wanderer and Campground. Stone Creek, Arizona.

A porta estava aberta para o ar fresco do campo montanhoso, frio para aquela noite de início de junho, mas não gélido, e para o garotinho, o filho recém-adotado de Steven, que se encontrava sentado no degrau de cimento. A seu lado, um embrulho, ao que tudo indicava, seu brinquedo favorito, um gambá de pelúcia chamado Fred, enrolado em um cobertor. O físico diminuto do menino parecia delineado por uma aura prateada de luar.

Algo comprimiu garganta de Steven, ante a visão angustiante.

Pobre criança! Não era difícil adivinhar por quem estava esperando. Matt era pequeno. O cabelo era escuro como o do pai, e os olhos, violeta como os da mãe. Era excepcionalmente inteligente, talvez até mesmo talentoso, mas tinha apenas 5 anos de idade. Como se podia esperar que compreendesse que os pais, Zack e Jillie St. John, não voltariam jamais? Que não viriam buscá-lo, não importava o quanto esperasse ou a quantidade de pedidos que fizesse às estrelas, naquela ou em qualquer outra noite.

Sentiu os olhos arderem e foi forçado a engolir o nó dolorido que crescia em sua garganta.

Jillie sucumbira a uma forma específica de câncer de mama há um ano e meio, e Zack sobrevivera apenas mais alguns meses, antes de a tristeza levá-lo também, embora indiretamente.

– Ei, Tex – chamou Steven, tentando soar casual, enquanto se sentava no fino e granuloso acolchoado do sofá-cama. Naquela noite, após fazer o check-in, ceder a cama à criança. Levando a mão à cabeça, correu os dedos pelo cabelo loiro-escuro. – Qual é o problema? – A voz soou profunda. – Não consegue dormir?

Matt olhou para trás e abanou a cabeça ao invés de responder em voz alta.

Aparentava ainda menor do que de costume, sentado lá, no extenso vão da porta aberta.

Steven rolou para fora do sofá, sem camisa e descalço, usando apenas uma calça de moletom preta que já vivera melhores dias.

Atravessando o piso de linóleo arranhado, passou sobre o limiar e se sentou ao lado de Matt no degrau, com os dedos entrelaçados e os cotovelos sobre os joelhos. O ar estava frio o suficiente para lhe provocar arrepios nas partes nuas da pele. Logo, imaginou que o menino também devia estar sentindo frio, sentado ali, usando somente um pijaminha de algodão. Suspirou e olhou para o brilho ondulante do riacho próximo, salpicado pela luz das estrelas e cercado por árvores de carvalho. Como pano de fundo, as montanhas cor púrpura.

Matt inclinou o corpo um pouco para o seu lado, um gesto que derreteu o coração já machucado de Steven.

Com cuidado, ele colocou um braço em torno do menino, para lhe transmitir não apenas confiança, mas seu calor também.

– Pensando em se tornar fazendeiro no futuro? – brincou, concluindo que não poderia amar mais Matt se ele fosse seu filho verdadeiro, em vez de filho de seu melhor amigo.

Pela manhã, iria ao Cattleman's Bank e assinaria os documentos que o tornariam o legítimo proprietário de uma vasta extensão de cinquenta acres

de terra, com uma casa de dois andares, bastante sólida, embora em estado precário, um bom poço e nada mais que se pudesse aproveitar. As cercas frágeis haviam cedido anos atrás, derrubadas por décadas de neve pesada no inverno e chuvas fortes na primavera. O celeiro parecia irrecuperável. Contudo, havia algo naquele lugar que o atraía.

O pequeno rancho fora um lar um dia e podia voltar a ser, bastava empenho e dinheiro. Felizmente, dinheiro não era problema para ele, o que não significava que não havia vários outros desafios pela frente.

Às vezes, sentia-se tão perdido quanto Matt.

Um dos lados da boca do menino se curvou na tentativa frágil de um sorriso, o que tornava o gesto ainda mais comovente devido ao esforço óbvio.

– Tenho *apenas* 5 anos e 3 meses de idade – disse a criança com aquele seu estranho e maduro modo de ser, em uma resposta tardia à pergunta de Steven. – Não posso pensar em futuro, porque minha vida está só *começando*. – O menino havia pulado a fase da fala inteira. Sequer tentara balbuciar alguma palavra, até passar dos 2 anos, mas, desde então, começara a dizer frases completas.

– Cinco, hein? – brincou Steven, erguendo uma sobrancelha. – Se não fosse tão pequeno, eu diria que estava mentindo sobre sua idade. Vamos lá, admita que na verdade já é avô e está posando de criança.

A piada favorita não surtiu efeito. Os pequenos ombros de Matt se moveram com a força de seu suspiro, e o menino se aconchegou mais um pouco a ele.

– Sentindo-se sozinho? – perguntou Steven após limpar a garganta.

Matt anuiu e o fitou. Os olhos grandes brilhavam na escuridão da madrugada.

– Preciso de um cão – anunciou num tom solene.

Steven riu. O cabelo desalinhado e escuro de Matt reluzia como as asas de um corvo na noite. Uma onda de alívio o atingiu, pressionando-lhe a parede torácica para trás, como algo vivo fazendo o possível para escapar. Um cão era algo que ele podia providenciar.

– Tão logo nos estabelecamos, vamos visitar um abrigo de animais e escolher um vira-lata – prometeu.

– Será que eles também têm pôneis no abrigo? – A pergunta deixou Steven animado. Matt estava se esforçando para falar e aquilo era um bom sinal.

Já haviam conversado sobre o pônei repetidas vezes.

– Sabe com é, Tex – disse ele ao pequeno menino num tom de voz paternal. – As cercas precisam ser substituídas antes de podermos criar cavalos. E o celeiro também.

Matt exalou um profundo suspiro.

– Isso pode levar um longo tempo, já que irá para o escritório, na cidade, todos os dias.

Steven tinha toda a intenção de se estabelecer em Stone Creek, construir uma vida normal para o seu jovem encargo e para si mesmo. E para ele, *normal* significava aparecer em algum lugar todas as manhãs da semana e cumprir oito horas de trabalho, precisando de salário ou não.

Tivera que lutar muito para conseguir concluir o ensino médio, para não mencionar a faculdade de Direito e obter um título de pós-graduação que o qualificou a prestar o exame da Ordem dos Advogados. Uma série de frustrantes distúrbios de aprendizagem o haviam afetado na juventude. Embora tivessem sido corrigidos, graças a vários professores perceptivos, precisou se esforçar bastante para se recuperar.

Algumas vezes, ainda sentia como se estivesse lutando.

Steven agitou o cabelo de Matt.

– Sim – concordo. – Estarei no escritório.

– E eu? Onde ficarei enquanto você trabalha?

Já haviam conversado sobre o assunto várias vezes. Mas depois de tudo o que o menino perdera, ao longo daqueles últimos dois anos, não era de admirar que precisasse de constante reafirmação.

– Você ficará em um jardim de infância. Até poder começar a primeira série no outono.

O queixo de Matt se projetou um pouco para frente. O ângulo obstinado lembrava tanto Zack, que os olhos de Steven arderam novamente. Zack St.

John fora o seu melhor amigo, desde meados da escola primária. Um atleta popular, excelente aluno e um bom garoto. Perder Jillie fora um golpe terrível, que o arremeteu para o seu destino final. Ficara desorientado e, por fim, acabara morrendo quando, ao dirigir em alta velocidade em uma estrada montanhosa e estreita, perdeu o controle de sua motocicleta.

– Não posso ir para o escritório com você? – perguntou o menino em um fio de voz. – Posso não gostar do jardim de infância. E estamos no verão. Quem vai para um jardim de infância no verão?

Steven suspirou e se ergueu.

– Muitas crianças vão. E você pode acabar achando que o jardim de infância é a maior invenção desde a TV 3D. – Ele estendeu a mão. – Então, Tex, vamos voltar para a cama. Amanhã será um longo dia, e você precisa descansar.

Matt alcançou o gambá de pelúcia e o embrulhou no cobertor esfarrapado que sempre mantinha por perto. Jillie o havia confeccionado com as próprias mãos para trazer o filho de Zack da maternidade para casa, mas a manta se encontrava bastante desgastada pelo tempo.

Steven achava que Matt estava crescendo demais para ter tanto apego a um cobertor de bebê, mas não tinha coragem de tirá-lo.

Sem se mover, observou o menino se erguer, entrar, fazer uma breve parada no banheiro e, em seguida, parar no meio do pequeno quarto, aparentando desamparado.

– Posso dormir com você? – perguntou. – Só por hoje?

Steven foi até o sofá-cama, puxou as cobertas e as esticou, conformado com a possibilidade de, com toda a certeza, não voltar a pregar os olhos até o amanhecer.

– Sim – concordou. – Deite-se.

Matt se deitou sobre o colchão e se remexeu um pouco até se acomodar.

– Obrigado – disse o menino na escuridão.

– De nada.

– Sonhei com a mamãe e o papai – confidenciou Matt após um silêncio tão longo que fez Steven pensar que ele estivesse dormindo. – Eles tinham vindo me buscar em uma caminhonete vermelha e grande. É por isso que eu



estava sentado no degrau quando você acordou. Levei um pouco de tempo para descobrir que era apenas um sonho.

– Eu imaginei algo assim – disse Steven, quando achou que podia confiar em si mesmo para falar.

– Sinto muita falta deles – admitiu Matt.

– Eu também – concordou Steven, a voz soando rouca.

– Mas vamos superar isso? Você e eu? Porque seremos parceiros até o fim, não é?

Steven engoliu em seco, piscou algumas vezes, grato pela escuridão.

– Parceiros até o fim – prometeu. E, com certeza, vamos superar.

– Tudo bem. – Matt bocejou, aparentemente satisfeito. Pelo menos, por ora. Poderia voltar a fazer perguntas em breve. – Boa noite.

– Boa noite – respondeu Steven.

Não demorou muito, a criança estava dormindo.

Por fim, embora apostando que isso não iria acontecer, Steven acabou adormecendo também.

MELISSA O'BALLIVAN parou seu estimado *roadster* vermelho-cereja brilhante, com abundância de cromados, em frente à calçada do Sunflower Bakery and Café, no centro de Stone Creek. Após engrenar o ponto morto, abriu a porta para sair.

O dia estava lindo, com um céu azul maravilhoso, portanto manteve a capota arriada.

Puxando o freio de mão, deixou o motor ligado e caminhou em direção ao pequeno restaurante que pertencia a Tessa, irmã de Tanner Quinn, seu cunhado, e fez seu caminho por entre as mesas superlotadas até o balcão.

Seis dias por semana, seu desjejum consistia de um copo de suco de frutas misturado a uma colher de proteína em pó. Mas às sextas-feiras, permitia-se parar em seu restaurante favorito e comer o sanduíche predileto, um delicioso pãozinho com salsicha de peru, ovos e queijo branco, preparado por Tessa.

– O de sempre? – Tessa sorriu atrás do balcão, mas já estava segurando o perfumado saco de papel marrom.

Melissa retribuiu as alegres saudações de vários outros clientes e assentiu, procurando dinheiro na carteira, enquanto se dirigia ao caixa. Com o canto dos olhos, captou um rosto que não reconheceu, um rapaz de boa aparência, com cabelo loiro-escuro, um pouco desalinhado, sentado em um dos bancos em frente ao balcão. Usava calça preta e uma elegante camisa esportiva que acentuava o azul de seus olhos.

Por alguma razão que não podia explicar, de repente o imaginou em um jeans, botas surradas e uma camisa com um corte ocidental que a maioria dos homens usava em Stone Creek.

Desviou o olhar depressa, mas não rápido o suficiente, a julgar pelo breve sorriso que curvara um dos cantos da boca do estranho, enquanto a estudava. Quem *seria* ele?, perguntou-se Melissa, esperando impaciente que Tessa lhe devolvesse o troco de uma nota de dez dólares.

Apenas alguém de passagem, decidiu, concluindo a transação e percebendo, um pouco depois, que o misterioso homem não estava sozinho. Havia um menino a seu lado, ocupado em devorar uma pequena pilha das incomparáveis panquecas de mirtilo e nozes que Tessa fazia.

Melissa pegou o troco, o saco com o sanduíche e girou nos calcanhares, ao mesmo tempo em que consultava o relógio. Seu encontro com o juiz J.P. Carpenter estava previsto para começar dentro de apenas quinze minutos, o que significava que teria que devorar o desjejum em tempo recorde, em vez de saboreá-lo com calma, em sua mesa, enquanto ouvia o correio de voz, como fazia todas as sextas-feiras.

Mesmo evitando fitá-lo, sabia que o estranho a observava deixar o café. Podia sentir seu olhar, bem como um latejar entre as escápulas, através do blazer de veludo verde, da leve blusa branca de algodão e do sutiã.

Lá fora, Alice McCoy, a policial feminina mais antiga da América, segundo os seus cálculos, estacionara ao lado do *roadster* em seu veículo especial, um equipamento semelhante a um carrinho de golfe, com três rodas. Uma luz amarela girava lentamente no teto. Com o bloco de anotações na mão e a boca franzida em desaprovação, Alice rabiscava algo.

– Outra multa de trânsito não – protestou Melissa. Parei por apenas dois segundos, tempo suficiente para pegar meu café da manhã! – Ela ergueu o

saco com o sanduíche como prova. – *Dois segundos* – repetiu.

Alice se irritou.

– É proibido estacionar nesta área – argumentou com seu tom autoritário. – Dois segundos ou duas horas, para mim não faz diferença. Violação é violação. – Deixando escapar um pequeno grunhido de aborrecimento, arrancou a folha do bloco, inclinando-se para encaixá-lo sob um dos limpadores de para-brisas, embora Melissa estivesse perto o bastante para pegá-lo diretamente das mãos da mulher.

– Você é a promotora da comarca – concluiu Alice, ainda afrontada. – Deveria ser mais cuidadosa. – Ela abanou a cabeça. – Deixar o carro ligado dessa maneira. Qualquer dia desses será assaltada, e *então* a cantilena vai ser diferente, mocinha.

Melissa suspirou, pegou a multa do para-brisa e a enfiou sem cerimônia no bolso do blazer.

– Estamos em Stone Creek, Arizona – retrucou, sabendo que era um argumento refutável, mas incapaz de evitar uma tentativa. Afinal, era uma advogada, e sua carteira ostentava o sobrenome O’Ballivan. – Não em uma área pobre da cidade.

– O crime está por toda parte – observou Alice, torcendo o nariz. – Se quer saber, o mundo inteiro vai para o inferno em uma bolsa de mão. Eu não deveria estar dizendo isso a *você*, dentre todas as pessoas.

Melissa desistiu. Entrou no carro esportivo e colocou o saco com o desjejum no banco do carona, em cima da sua maleta. Dirigiu até o tribunal, uma construção de tijolos com um único pavimento, que também servia de departamento de veículos motorizados, prisão da cidade e escritório do xerife. Estacionou em sua vaga habitual à sombra de um velho carvalho e entrou apressada, equilibrando a bolsa, a maleta e o sanduíche que esfriava rapidamente.

O escritório oficial de Melissa, pouco maior do que o cubículo de sua assistente Andrea, abria-se para o mesmo corredor que a única sala de tribunal e as duas pequenas celas reservadas aos esporádicos prisioneiros.

Andrea, aos 19 anos, usava maquiagem pesada nos olhos e mascava chiclete de forma constante. Mas sabia dar recados e atender telefonemas.

Como essas tarefas compunham todas as suas atribuições, Melissa preferia manter sua opinião para si mesma.

Passando pela mesa de Andrea, abriu a porta do seu escritório com uma cotovelada, uma vez que ambas as mãos estavam ocupadas e a garota não dera nenhum sinal de vir ajudá-la. Pousou o saco com o sanduíche sobre a mesa e deixou cair a bolsa e a maleta sobre o sofá. A parede acima exibia seus diplomas emoldurados e várias fotos de família. Após uma ida breve ao minúsculo banheiro privativo para lavar as mãos, voltou com o estômago reclamando.

Andrea, mascando chiclete, passou pela porta do escritório, com um maço de formulários cor-de-rosa na mão. Seus dedos eram longos e ornados com o que parecia, à distância, pequenas caveiras e ossos cruzados. Um brilho indicava que os anéis continham pedrinhas de strass.

A jovem usava o vasto cabelo castanho-avermelhado cortado bem curto, com pontas espetadas para cima, no alto da cabeça. Sua indumentária era composta de calça jeans escura e camiseta com o logotipo de uma motocicleta na parte frontal.

Melissa suspirou.

– Realmente precisamos conversar sobre esse seu jeito de se vestir, Andrea – disse ela e acomodou-se na cadeira. A seguir, enfiou a mão no saco de papel e envolveu o sanduíche no maço de guardanapos de papel que o acompanhavam.

– Hoje é sexta-feira – disse Andrea com uma leve nota de petulância. Abanando-se com as mensagens, franziu a testa e vagou o olhar pela elegante calça, blusa e blazer de Melissa. Então meneou a cabeça. – Lembra?

O sanduíche, embora quase frio, ainda tinha um gosto delicioso como sempre.

– Tem café? – perguntou enquanto mastigava e engolia a primeira bocada.

Andrea arqueou uma sobrancelha, que exibia um piercing, ainda se abanando com as mensagens.

– Como posso saber? Quando me contratou, disse que eu não precisava fazer café, apenas arquivar, atender ao telefone e anotar todas as suas

mensagens.

Melissa revirou os olhos.

– Falando em mensagens?

Andrea cruzou a distância entre a porta e a mesa e colocou as folhas cor-de-rosa sobre a mesa.

– Apenas a chatice de sempre – afirmou.

Melissa olhou para as mensagens, mastigando.

Havia uma da sua irmã gêmea, Ashley. Ashley e o marido, Jack, estavam em Chicago, mostrando a adorável filha, de 2 anos de idade, em uma reunião de família.

Olivia, a irmã mais velha de Ashley e Melissa, ficara cuidando da gata de Ashley, chamada sra. Wiggins. Mas havia hóspedes na pousada, um grupo de idosos, e Ashley, que era a proprietária do estabelecimento, contava com a irmã gêmea para ir até lá, pelo menos uma vez por dia, se certificar de que o extravagante grupo estava se saindo bem. Já que um deles era cozinheiro aposentado, cozinhavam para si mesmos.

A segunda mensagem era da recepcionista do seu dentista. De seis em seis meses, ela fazia um check-up e limpeza.

A terceira era sobre uma biografia que ela encomendara na semana anterior e que a aguardava na livraria Indian Rock.

– Às vezes – brincou, seca, perdendo o apetite na metade do sanduíche e colocando-o de volta no saco de papel, que de imediato amassou e jogou no lixo. – Eu me pergunto como suporto toda a pressão deste trabalho.

Andrea fitou-a com um olhar vazio.

– Pressão?

– Não importa – disse Melissa, resignada.

Neste instante, o juiz Carpenter apareceu atrás de Andrea, trajando um belo terno de verão, uns trinta anos fora de moda, com um largo sorriso nos lábios. O cabelo era um emaranhado grisalho, cortado em camadas, emoldurando-lhe o rosto. Os olhos azuis dançavam. Ele sempre a fazia lembrar Hal Holbrook, interpretando Mark Twain.

Andrea deixou a sala, e Melissa viu que J.P. trazia um copo fumegante de café em cada mão.

– Deus o abençoe – agradeceu.

O juiz riu e entrou no escritório, fechando a porta com um dos calcanhares. Pousou um dos copos diante dela e sorveu um gole do seu, antes de puxar uma cadeira e se sentar à mesa.

– Ele está aqui – anunciou J.P. – E não é de muitos preâmbulos.

Melissa franziu a testa, confusa.

– Ele quem? – perguntou, fitando o juiz por sobre a borda do copo.

J.P. curvou-se um pouco para frente, e sua voz mudou para um tom confidencial.

– Steven Creed.

A mente de Melissa voou até o belo homem que encontrara no Sunflower naquela manhã. Ele e o menino talvez fossem as únicas pessoas na cidade que ela não conhecia, já que havia crescido em um rancho nas proximidades de Stone Creek.

Exceto pelo tempo que cursara a faculdade de Direito e, mais tarde, a temporada que passara em Phoenix, trabalhando para o Ministério Público de Maricopa County, vivera naquela comunidade durante toda a sua vida. Logo, pelo processo de eliminação...

– Ah – disse ela. – Certo. Steven Creed.

Os rumores davam conta de que Creed era um primo distante do clã dos McKettrick, em Indian Rock, e estava no processo de aquisição da propriedade do velho Emerson, que fazia fronteira com o rancho Stone Creek, a vasta operação de gado que estivera nas mãos da família de Melissa há mais de um século. Seu irmão, Brad, vivia lá agora com a esposa Meg, ela própria uma McKettrick, e sua família estava em rápido crescimento.

– Ele alugou aquele espaço ao lado da lavanderia – continuou J.P. – É advogado, você sabe. Qualquer dia, vai pendurar um letreiro lá, segundo me disseram.

– Stone Creek está carente de um bom advogado – disse Melissa, em grande parte desinteressada. Então aquela era a razão para J.P. pedir uma reunião na manhã de sexta-feira, porque queria fofocar sobre Steven Creed?

– Desde que Lou Spencer se aposentou, as pessoas são obrigadas a tratar seus assuntos jurídicos em Flagstaff ou em Indian Rock.

J.P. sorveu um gole de café ruidosamente.

– Ouvi dizer que o sr. Creed planeja trabalhar *pro bono* – acrescentou. – Defendendo os oprimidos e tudo mais.

Aquilo prendeu a atenção de Melissa. Stone Creek não era exatamente um viveiro de litígios, mas tinha sua cota de querelantes potenciais, bem como de réus, isso era verdade. Havia disputas sobre limites de propriedades e direitos sobre águas. O xerife Parker prendia motoristas bêbados ocasionais, e alguns dos jovens na cidade pareciam gravitar em torno de problemas.

– Isso é interessante – disse ela, vagamente inquieta enquanto uma lembrança pertinente lhe incomodava o fundo da mente, fora de alcance. Quanto ao sr. Creed... Bem, ela tendia a suspeitar de benfeitores, que quase sempre possuíam estratégias ocultas, segundo sua experiência, mas também ficara intrigada. Embora, um pouco satisfeita em saber que Steven Creed não estava apenas de passagem pela cidade, a caminho de algum lugar mais na moda, como Scottsdale ou Sedona.

Lembrou do garotinho de cabelo cor de ébano reluzente, um contraste com os cachos caramelo-claro de Creed.

– O menino deve ter puxado a mãe – disse de repente.

– Menino? – J.P. repetiu, parecendo perplexo. Em seguida, algo pareceu clarear em sua mente. – Ah, sim, o menino – murmurou, remexendo-se na cadeira. – O nome dele é Matthew. Tem 5 anos de idade e é adotado.

Melissa piscou, um pouco surpresa pela extensão do conhecimento do juiz, até se lembrar que a filha mais nova de J.P., Elaine, voltara para Stone Creek após se divorciar, dois anos atrás, e abrira um pré-escolar particular, chamado Creekside Academy. Era óbvio. Creed devia ter matriculado a criança lá, e Elaine passara os detalhes ao pai.

J.P. terminou com um floreio.

– E não há nenhuma sra. Creed também.

De acordo com Elaine, que estudara com Melissa, desde o dia em que ela se separara do marido, um fracassado, e retornara à cidade natal para recomeçar a vida, o pai ficava o tempo todo aconselhando-a a sair mais, a conhecer pessoas, a se divertir um pouco... Como se Stone Creek estivesse

*assolado* de homens solteiros. Elaine se queixara disso na última vez que a encontrara, poucos dias antes, em uma farmácia.

Melissa, que também estava há mais de um ano sozinha, se solidarizou com a amiga. Dentre as irmãs, Ashley e Olivia, e o irmão mais velho, Brad, um deles sempre a estava incitando a sair e encontrar o verdadeiro amor.

Para *elas* era fácil falar. Brad tinha Meg. Olivia tinha Tanner. E Ashley tinha Jack. A pergunta não dita parecia ser: *então, qual é o seu problema? Quando vai tomar jeito e arrumar um marido?*

Melissa franziu o cenho.

J.P. não percebeu a expressão ou a ignorou. Erguendo-se, arremessou o copo de café descartável na lixeira circular, com a graça de um jovem. No passado, durante o ensino médio e a faculdade, o juiz Carpenter fora um astro do basquete. Mas por fim, acabara optando por uma carreira na área jurídica.

– Bem – disse ele num tom alegre. – Declaro esta reunião encerrada.

– Foi uma reunião? – perguntou Melissa, arqueando uma sobrancelha. O subtexto era: *devorei o único sanduíche com salsicha de peru, que me permito uma vez por semana, apenas para ouvi-lo dizer que Steven Creed é solteiro?*

– Sim – J.P. afirmou. – Agora acho que vou pescar.

Melissa meneou a cabeça e riu.

O juiz mal havia acabado de deixar o recinto, quando o xerife Tom Parker espreitou por entre a porta. Tom era um rapaz nascido na cidade, alto, magro, cabelo escuro e, em geral, mantinha uma expressão séria no rosto.

– Oi – cumprimentou ele.

– Oi. – Melissa sorriu. Ela e Tom eram velhos amigos. Nada mais que isso, embora ele fosse atraente em seu jeito rústico de ser, para não dizer tímido, e há anos estava divorciado da namoradina de adolescência, Shirleen. Todos em Stone Creek sabiam que ele se apaixonara por Tessa Quinn, no dia em que ela abrira o Sunflower Bakery and Café. Todos, exceto Tessa.

– Só queria lembrá-la que Byron Cahill sai hoje da prisão – disse Tom, aparentando elegante em seu uniforme de verão marrom-cáqui.



Melissa sentiu um leve arrepio na espinha. Dois anos atrás, quando Cahill ainda era um adolescente, se drogara, em uma tarde de sábado, agravando o problema com grandes quantidades de álcool, e roubara as chaves do carro da mãe para dar um passeio.

A alegria da aventura teve curta duração, assim como a vida da jovem de 15 anos de idade, Chavonne Rowan, que estava no banco do carona.

Quando um pneu do carro “emprestado” explodiu em uma curva fechada, fora da cidade, o veículo se precipitou através da murada de proteção, despencou de um penhasco íngreme em Stone Creek, caindo de frente, de acordo com testemunhas, e submergiu. Dois pescadores resgataram Byron. O garoto escapara do naufrágio com alguns cortes e contusões. Chavonne morrera com o impacto.

Byron fora levado de ambulância para o hospital em Flagstaff. Embora sem ferimentos, permaneceu internado durante uma semana para desintoxicação. Ao sair, teve sua prisão preventiva decretada.

Melissa solicitara, com sucesso, ao Tribunal de Justiça, que Cahill fosse julgado como adulto, apesar dos protestos frenéticos da mãe do jovem, que afirmava que o filho era um bom menino, apenas um pouco travesso. Então Melissa fez uma acusação enfática.

A vitória foi certa. Condenado por homicídio culposo em segundo grau, Byron fora enviado a um centro correcional próximo a Phoenix, a fim de cumprir sua sentença, pouco mais de 18 meses, pelo que ela podia constatar.

Velda Cahill, a mãe, que limpava quartos de motel e servia em coquetéis, para sustentar a família, quase nunca perdia uma oportunidade de confrontá-la e dizer-lhe tudo o que o pobre Byron estava perdendo, porque ela, Melissa, uma todo-poderosa “O’Ballivan”, queria se exhibir. Fazer com que todos soubessem que não podiam mexer com a nova promotora local.

Melissa sentia pena da mulher. Nunca lembrando-a de que Rowan Chavonne perdera bem mais, *perdera a vida que ainda tinha pela frente*, e seus devastados pais também.

Tom Parker fechou a mão em um aperto não muito firme e bateu com os dedos contra o batente da porta, para chamar a atenção de Melissa e trazê-la de volta ao momento presente.

– Tenha cuidado agora. Se Cahill lhe dirigir o olhar, me ligue. De imediato.

Melissa piscou algumas vezes, esforçando-se para sorrir.

– Não acha que ele voltaria a Stone Creek, não é? – perguntou. – A cidade não faria um desfile comemorativo para recebê-lo em casa, você sabe.

Tom tentou retribuir o sorriso, mas o brilho não chegou aos seus olhos.

– Acho que Cahill é do tipo que pode voltar a morar com a mãe e permanecer pelo tempo que ela permitir. E você conhece Velda, ela não vai virar as costas para o seu bebê, abandonando-o num mundo frio e cruel. – Ele fez uma pausa e voltou a bater no batente da porta, para enfatizar. – Tenha cuidado – repetiu.

– Pode deixar – disse Melissa. Não tinha medo de Byron Cahill ou de qualquer outra pessoa.

Tom hesitou.

– E por falar em desfiles...

Melissa, que voltara a atenção para um arquivo, olhou para cima. Estava ficando com dor de cabeça.

– Isso foi um modo de falar, Tom – disse paciente.

– Temos o rodeio de Stone Creek chegando no próximo mês – insistiu Tom. – E tia Ona teve que renunciar ao Comitê do Desfile por problemas de vesícula biliar. Ela está à frente disso há 30 anos, sabe como é. Desde que você e eu éramos apenas bebês.

Melissa percebeu onde ele queria chegar. Sim, senhor, a luz no fim do túnel era realmente um trem. E estava correndo na direção dela, rapidamente.

– Ouça, Tom – falou com sinceridade, inclinado-se para a frente e unindo as mãos sobre a mesa de trabalho. – Sou uma boa cidadã, uma funcionária eleita. Voto em cada eleição. Pago meus impostos. E acima de tudo, cumpro o meu dever cívico, mantendo a cidade e o município democraticamente seguro. Creia-me, quando lhe digo que me solidarizo com os problemas de Ona, tanto quanto qualquer outra pessoa. – Melissa fez uma pausa e respirou fundo. – Mas isso não significa que farei parte do Comitê do Desfile.

Tom corou um pouco.

– Na verdade – explicou ele, após limpar a garganta. – Estávamos esperando que você o assumisse, tipo liderar a coisa, sabe como é?

Mais uma vez, Melissa pensou nos irmãos.

Olivia, veterinária, quase uma doutora Doolittle, aparentemente capaz de conversar com criaturas de todas as espécies, por meio de alguma forma estranha de telepatia, supervisionava o funcionamento do abrigo animal local de última geração e dirigia a fundação correspondente.

Ashley, também, quase sempre estava envolvida com algum evento de angariação de fundos, e seu irmão Brad? Era um superstar da música country, mesmo tendo tecnicamente se aposentado na ocasião em que se casou com Meg McKettrick. *Sua* especialidade era preencher cheques altíssimos para cobrir causas dignas e realizar ocasionais performances beneficentes.

– Está falando com a O’Ballivan errada – disse ela a Tom, sentindo-se uma preguiçosa. Eles eram brilhantes, os irmãos, com tendência a fazê-la se sentir mal. – Fale com Olivia ou Ashley. Melhor ainda, peça a Brad para organizar um desfile.

Tom esboçou um leve sorriso e sacudiu a cabeça um pouco triste.

– Olivia está ocupada demais. Ashley se encontra fora da cidade. E Brad, atarefado gerindo o Creek Ranch.

– Não – Melissa o interrompeu. – Na verdade, eu não saberia organizar um desfile. Assisti a um monte deles na TV e aqui, em Stone Creek. Vi *Miracle on 34th Street* umas quatro milhões de vezes. Mas isso é todo o escopo da minha experiência. Não saberia como organizar algo assim.

O xerife corou um pouco, sob a mandíbula e ao redor das orelhas.

– Acha que tia Ona era especialista em desfiles quando assumiu? Não, senhorita. Ela apenas arregaçou as mangas e mergulhou de cabeça. Aprendeu trabalhando.

– Deve haver alguém que possa fazer isso – insistiu Melissa debilmente.

Mas Tom voltou a sacudir a cabeça com mais força desta vez.

– Temos o Comitê de Concessão de Alimentos, o Comitê de Mostras de Arte e Artesanato e o comitê para negociar com o pessoal das festas. Todo

mundo já está fazendo o trabalho de voluntariado ou outra coisa dentro ou fora da cidade.

Melissa ergueu o queixo. Naquele instante, começava a experimentar um sentimento de culpa, mas isso não significava que iria ceder.

Do lado de fora, Andrea tornou uma alegre saudação a alguém. Melissa sentiu uma energia estranha no ar, como a tensão antes de um temporal de verão.

– Então acho que você terá que cancelar o desfile deste ano.

E foi quando o pequeno menino que ela vira no café, naquela manhã, comendo panquecas, entrou em seu escritório.

A criança olhou para Tom, então para Melissa, os olhos violeta-escuro aborrecidos. O lábio inferior começou a tremer.

– Não teremos um desfile? – perguntou.

## Capítulo Dois

---

RÁPIDO, MAS não o suficiente, Steven passou pela porta aberta atrás de Matt, puxando-o pelas costas, e, de imediato, seu olhar foi atraído pelo da mulher maravilhosa que vira naquela manhã, enquanto ele e o garoto tomavam café.

Teve a impressão de que houve um verdadeiro *impacto*. Meio que esperou que coisas explodissem por todos os lugares, paredes tremessem, tetos caíssem, fontes de fogo se erguessem do chão, como em alguns filmes de ação apocalípticos.

*Droga*, pensou, atordoado pela intensidade de sua reação. Conhecera muitas mulheres bonitas na juventude, mas nenhuma o afetara daquela maneira. Seria aquele corpo maravilhoso, o rosto, a cabeleira vasta e castanha, caindo-lhe pelos ombros em cachos, e os impressionantes olhos azuis que pareciam enxergar além de todas as suas defesas?

Quem sabe? Olhou para a placa de identificação sobre a mesa.

*Melissa O'Ballivan. Promotora Pública.*

*Oh, céus*, pensou. *Já havia passado por aquilo antes.*

Depois do que Cindy Ryan lhe fizera, jurara nunca mais se envolver com outra advogada, especialmente promotoras e suas assistentes.

– Desculpe – disse, finalmente encontrando a voz e exibindo o patenteador sorriso torto que, há gerações, era uma característica dos

homens Creed. – Paramos para pagar uma multa de trânsito, e o Matt aqui se afastou de mim.

Foi só nesse momento, que percebeu o oficial da lei, fardado, de pé dentro da pequena sala. O homem tinha os braços cruzados e o avaliava, com um certo distanciamento, como se pudesse olhar através de um banco de dados mental de criminosos procurados, na hipótese de poder relacioná-lo a um deles. Ali estava um sujeito que levava seu trabalho a sério.

Talvez tivesse sido ele quem escrevera a multa e a colocara sob o limpador de para-brisa da velha picape de Steven.

De qualquer maneira, Steven simpatizou com ele e imaginou que não mudaria de ideia. Suas primeiras impressões sobre as pessoas, em geral, embora nem sempre, eram precisas.

– O escritório do escrivão fica no fim do corredor – informou o policial, relaxando de modo visível. – Pode resolver esse assunto da multa lá. – Dito isso, estendeu a mão com aquele modo caipira que Steven conhecia tão bem. – Tom Parker – apresentou-se.

– Steven Creed – retribuiu ele, sem largar Matt.

– Como não terá um desfile? – exigiu o menino, erguendo o tom de voz. Então, se virou para Steven. – *Você disse que haveria um desfile.* E um rodeio também. Essa foi a principal razão para eu não ter fugido de casa, quando disse que mudaríamos para cá!

A essa altura, a espetacular e sexy srta. O’Ballivan havia empurrado a cadeira, se erguido e contornado a mesa depressa, para fitar o rosto do menino. Não havia como saber o que ela pensava sobre Steven, isso se o tivesse registrado em seu radar, mas era óbvio que parecia completamente atraída por Matt.

– Oi – cumprimentou ela, com um sorriso que fisgou Steven como um anzol, mesmo que fosse dirigido à criança e não a ele. – Meu nome é Melissa O’Ballivan. E o seu?

– Matt Creed – respondeu o menino, um tanto reservado, porque fora ensinado a ser cauteloso com estranhos. Steven sentiu outra fisgada brusca, desta vez, em suas emoções. Havia dado a Matt a escolha, quando a adoção transitara em julgado, de manter o sobrenome dos pais, St. John, ou adotar o

sobrenome do novo pai. E ainda se sentia emocionado pelo menino, que se lembrava de Zack e Jillie com uma clareza que ele, Steven, fazia questão de preservar, ter decidido usar o Creed.

– Matt – Steven conseguiu dizer, limpando a garganta. Continuava com aquela estranha sensação e queria fugir para refletir, compreender, para que aquilo fizesse algum tipo de sentido. Fosse “aquilo” o que fosse. – Vamos cuidar da multa – sugeriu, após um olhar inteiramente retórico ao relógio, sem sequer notar as horas. – Estamos sendo esperados para assinar a documentação do rancho dentro de poucos minutos.

– Você disse que haveria um desfile – insistiu Matt, afastando-se do deslumbramento de Melissa O’Ballivan e fitando Steven, emburrado. O garoto costumava ser obstinado quando colocava algo na cabeça, o que significava que o nome Creed lhe serviria muito bem.

O oficial da lei, Parker, pigarreou e lançou um olhar tendencioso à srta. O’Ballivan.

– Tia Ona já fez a maioria do trabalho. Lançou as bases, aprovou os diferentes carros alegóricos e até já conseguiu todas as licenças. A única coisa que você precisa fazer é presidir uma ou duas reuniões, verificar o material em uma prancheta e se certificar de que o pessoal cumpra seus compromissos.

Melissa pôs a mão sobre a cabeça de Matt e agitou-lhe o cabelo escuro de leve. Seus ombros subiram e desceram como se tivesse respirado fundo e exalado o ar com um suspiro, aparentando alegremente nostálgica.

– Seja bem-vindo a Stone Creek, Matt Creed. E esperamos que você aprecie o desfile.

Tranquilizado, Matt socou o ar com um pequeno punho e se virou para Steven.

– *É isso aí!* – exclamou com um sorriso.

Steven reuniu as peças do cenário em sua mente, ou parte dele, pelo menos. A Srta. O’Ballivan não queria presidir o evento, mas estava sendo pressionada pelo xerife, a julgar pela conversa.

Permitiu-se lançar um longo olhar a Melissa, uma indulgência, considerando a maneira como ela lhe abalava as estruturas. O corretor de

imóveis que lhe vendera o rancho do velho Emerson elogiara tanto o desfile quanto o rodeio como “antigas tradições da comunidade”. E por sua vez, Steven fizera um grande alarido sobre as festividades, para que Matt tivesse algo que o incentivasse a seguir em frente, além de um cão e um pônei.

– Obrigado – agradeceu ele a Melissa, e a palavra soou um pouco brusca. Ela fez uma careta.

– Não há de quê – respondeu pesarosa.

– Talvez eu possa ajudar de alguma forma – Steven se ouviu dizendo, enquanto pegava a mão de Matt e começava a se virar. – Não que eu entenda muito sobre desfiles.

– Junte-se ao clube – retrucou Melissa com outro daqueles seus sorrisos letais.

Steven sorriu, acenou com a cabeça e se forçou a sair.

Esqueceu de tudo, até de pagar a multa de trânsito, porque Melissa O’Ballivan havia preenchido sua mente e parecia determinada a permanecer lá.

Durante a negociação, realizada em uma sala de reunião no Cattleman Bank, Matt inquietou-se. Steven assinou documentos, entregou um cheque administrativo, cobrindo o custo da propriedade à vista, ao que tudo indicava, aparentando um homem que sabia o que estava fazendo.

Adotar um menino. Abandonar a prestigiosa empresa Denver, na qual trabalhou desde que deixara o negócio da família. Ir parar tão longe do rancho Creed, em Lonesome, Colorado, que pertencera à família por mais de cem anos, apenas para comprar uma extensão de terra, em estado precário, em outro estado.

Era de fato um homem que sabia o que estava fazendo? Antes de conhecer a srta. O’Ballivan, teria respondido “sim” sem reservas. Agora não tinha mais tanta certeza.

– O QUE aconteceu aqui? – Melissa perguntou, arregalando os olhos para Tom Parker e pousando os dedos espalmados de uma das mãos sobre o peito. Steven Creed e seu menino, Matt, já haviam saído havia uns trinta



segundos, mas pareciam ter levado todo o oxigênio da sala, deixando-a vazia.

Tom riu.

– Stone Creek tem uma nova presidente no Comitê do Desfile – disse ele, aparentando-se satisfeito e talvez um pouco presunçoso. Então, antes de sair, parou na porta de entrada e deu-lhe uma piscadela. – E a menos que eu esteja enganado, a Terra acabou de sair do eixo. – Dizendo isso, se foi.

Melissa ficou parada no meio do escritório por alguns momentos, um pouco perturbada. Então, porque era extremamente profissional, se aproximou da porta, fechou-a com um firme empurrão e voltou à sua mesa.

Não havia muitos casos para julgar, as coisas estavam calmas em Stone Creek, desde que Byron Cahill fora para a cadeia, mas sempre havia alguns relatórios a fazer, arquivos a revisar, e-mails para ler e responder. Se tivesse sido inteligente, pensou consigo mesma, teria ido pescar com J.P.

Na metade da manhã, Andrea bateu à porta do escritório e enfiou a cabeça para dizer que precisava voltar para casa porque estava com cólicas e, de qualquer maneira, não havia nada para fazer.

Olhando para a jovem sobre o topo da armação do óculos de leitura, Melissa fez mímica da palavra “vai” e conectou-se ao computador. Andrea podia ou não estar sofrendo de cólicas, mas não havia como discutir o fato de que ambas, pelo menos naquele dia, não estavam muito atarefadas.

Grata por cumprir uma jornada de oito horas diárias, como as pessoas normais, não sentia falta dos altos níveis de estresse e dos fins de semana que passava trabalhando em seu emprego anterior. À noite, gostava de ter tempo para pintar os quartos de sua pequena casa e, nos fins de semana, ler pilhas de livros, desfrutar de seu crescente bando de sobrinhos e sobrinhas e, até mesmo, cuidar um pouco do jardim.

Certo, passava por um período de seca tanto no campo amoroso quanto no sexual, desde seu rompimento com Dan Guthrie, alguns anos antes. Ninguém podia ter tudo, não é?

Algo apertou no fundo do seu peito ao se fazer essa pergunta. As irmãs tinham tudo que uma pessoa poderia almejar: bebês, maridos que as adoravam, profissões que as realizavam e por aí afora. Isso para não

mencionar Brad, que recebera inúmeros prêmios. Durante sua incrível carreira, havia colecionado mais de uma dezena de prêmios da Associação de Música Country, juntamente com alguns Grammys. Seu casamento com Meg McKettrick era feliz, e ambos estavam construindo uma linda família juntos.

Melissa suspirou. Era hora de parar de se comparar ao irmão e às irmãs. Claro, sentia-se um pouco solitária de vez em quando, mas e daí? Era saudável. Tinha parentes, pessoas que a amavam. O rancho Stone Creek, com sua longa e colorida história, ainda era sua casa. Tivera uma boa educação, sem dívidas hipotecárias, um carro espalhafatoso feito sob medida para parecer um Roadster MG 1954 e dinheiro suficiente para se aposentar aos 40 anos, se quisesse.

Com certeza, não ia querer, mas essa não era questão, era?

Para Melissa, o sucesso significava ter opções. Significava liberdade.

Se tivesse vontade de partir e se atirar de corpo e alma em um trabalho, em algum lugar mais excitante, como, por exemplo, L.A. ou Nova York, poderia fazê-lo. Não havia nada que a prendesse. Podia simplesmente renunciar ao cargo atual, alugar sua casa ou até mesmo vendê-la, dizer outro adeus a Stone Creek e colocar o pé na estrada.

Adorava as irmãs e o irmão. Tinha vários amigos, pessoas que conhecia desde criança. Mas era a ideia de deixar os sobrinhos e sobrinhas, não estar lá, em pessoa, para vê-los crescer, só acompanhando-os por meio de fotos digitais, telefonemas, raras visitas e e-mails, que a fazia sentir um nó duro na garganta.

E por que estava se afligindo com tais pensamentos? Porque Tom tinha razão, era por isso.

Steven Creed e seu garotinho apareceram em seu escritório, e, em algum momento, a Terra havia girado para fora do seu eixo. A gravidade ficara suspensa. O fundo virara o topo, e o topo virara o fundo, e a prova disso podia ser definida em uma frase curta e simples: ela concordara em chefiar o Comitê do Desfile.

Respirou fundo e exalou o ar forte o suficiente para fazer tremular algumas mechas de cabelo. Então examinou a lista de novas mensagens na

tela do computador.

Tom Parker, sentado três portas depois, em frente ao próprio teclado, mandou-lhe um e-mail, informando-a de que o tempo estava passando e ela realmente devia agendar uma reunião para se familiarizar com o pessoal do Comitê de Desfile.

A resposta que ela enviou não era algo que normalmente se dizia a um policial, cara a cara *ou* por meio de e-mail. Mas aquele era Tom, o amigo com quem crescera, o homem que batizara seu cachorro com o nome de Elvis, pelo amor de Deus!

Tom respondeu com o desenho de uma careta de óculos escuros grandes e exibindo de um dedo médio levantado. Melissa riu, sem poder se conter e voltou ao trabalho.

Eustace Blake, que tinha 90 anos, no mínimo, e ainda assim conseguia navegar muito bem no computador público da biblioteca, digitara uma denúncia, que já fizera muitas vezes antes, com algumas variações sutis. Visitantes de algum planeta haviam pousado em seu milharal de novo e assustado suas galinhas, de tal modo que elas não botavam mais ovos e, por tudo que ele sabia, também haviam contaminado seu trecho do córrego, portanto exigia que algo fosse feito a respeito.

Rindo sozinha e desejando demais uma xícara de café, Melissa respondeu, perguntando-lhe, de modo educado, se ele havia ou não relatado o mais recente incidente ao xerife Parker. Porque estava coberto de razão, ela assegurara ao velho Eustace. Algo tinha que ser feito. Ela chegou a incluir o número do celular de Tom.

A meia dúzia de mensagens seguintes eram propagandas. Como encontrar o amor, como ficar rico em pouco tempo, limpeza de pele, aumento de pênis. Foram todas excluídas.

Então viu uma de Velda Cahill. Reconheceria aquele endereço de e-mail em qualquer lugar, já que praticamente era bombardeada com tais comunicados, desde a prisão de Byron. Desta vez, o assunto estava escrito em letras maiúsculas.

DE UMA CIDADÃ QUE PAGA IMPOSTOS, lia-se.

Melissa suspirou. Por um momento, seu dedo pairou sobre a tecla delete, mas por fim, não foi capaz. Velda podia ser uma chata, mas era uma cidadã, uma contribuinte. E, como tal, tinha o direito inalienável de aborrecer funcionários públicos, até certo ponto. Ela havia escrito:

*Meu filho vai voltar para casa hoje, no ônibus da tarde. Não que eu espere que você esteja feliz com isso, como eu estou. Byron e eu somos pessoas comuns, apenas não temos ninguém famoso ou rico em nossa família, como você. O pouco que temos foi conquistado com o suor do nosso trabalho. Ninguém nunca nos deu nada, e jamais pedimos. Mas estou pedindo agora. Não envie o xerife Parker ou um de seus substitutos à nossa casa a cada cinco minutos para ver se Byron está se comportando. E não venha bater a nossa porta sempre que alguém ultrapassar um sinal vermelho ou amassar caixas de correio com um taco de beisebol. Byron não fará isso, posso lhe prometer. Apenas deixe-nos em paz. Deixe meu filho e eu seguirmos nossas vidas. Atenciosamente, Velda.*

Melissa suspirou mais uma vez, e em seguida, clicou na tecla responder e escreveu:

*Olá, Velda. Obrigada por entrar em contato. Posso lhe assegurar que, enquanto Byron não infringir a lei, nem eu nem o xerife Parker vamos incomodá-lo. Saudações, Melissa O'Ballivan.*

Depois disso, ela colocou os cotovelos sobre a beirada da mesa e esfregou as têmporas com as pontas dos dedos de ambas as mãos.

De fato devia ter ido pescar com J.P.

– É TUDO nosso – Steven disse a Matt, enquanto contornavam a estrada e entravam no caminho particular empoeirado. – As cercas derrubadas, os pregos enferrujados, mato e tudo.

Matt, firmemente atado à sua cadeirinha, olhou para ele e sorriu.

– Podemos ir ao abrigo e adotar um cão agora? – perguntou.

Steven riu e reduziu a marcha. Os pneus da velha picape cruzaram a ponte metálica para guardar o gado. *Agora comprar gado*, pensou, tentando se lembrar a última vez que se sentira tão esperançoso com relação ao futuro. Desde a morte de Zack e Jillie, inferno, bem antes disso, se fosse honesto consigo mesmo, concentrava-se apenas em colocar um pé à frente do outro. Fazendo a coisa lógica seguinte, grande ou pequena.

O que havia de diferente agora?

Não era apenas o rancho, podia admitir isso no íntimo da mente, se não em voz alta. Naquele dia, conhecera Melissa O’Ballivan. E sabia que tal fato podia ser uma das melhores ou piores coisas que já lhe acontecera. Graças a Cindy, pensou, as probabilidades eram favoráveis à última.

– Gostei muito dela – disse Matt, enquanto perfaziam o caminho sulcado, deixando para trás uma nuvem da poeira vermelha do Arizona.

– Quem? – Steven perguntou, embora soubesse a resposta.

– A moça do desfile – respondeu o menino, num tom de exagerada paciência. – A senhorita O... O...

– O’Ballivan – concluiu Steven. Não que ela fosse especial para ele, nada parecido. É que sempre tivera um talento especial para lembrar nomes, era tudo.

– Ela é mãe de alguém? – Matt quis saber.

Steven engoliu em seco. Justo quando achava que estava dominando o papel de pai solteiro, o garoto o confundia.

– Não sei, Tex. Por que pergunta?

– Eu gosto dela – disse Matt. Simples assim. *Eu gosto dela*. – Gosto do jeito como ela sorri e do seu perfume.

*Eu também*, pensou Steven.

– Ela é muito bonita.

Mas sua noiva, quase esposa, também era bonita. Com o rosto e o corpo de um anjo, Cindy era um doce, até Zack morrer e Steven lhe dizer que Matt iria morar com ele e que achava melhor os dois se casarem. O que já fazia parte dos planos deles de qualquer maneira.

Jamais esqueceria o olhar de desprezo que Cindy lhe lançara ou o modo como seu lábio se contraiu e, muito menos, as palavras que proferira.

– Esse garoto é um destruidor de compromissos – dissera ela friamente. – É ele ou eu.

Surpreso, afinal já haviam conversado sobre o legado que seus melhores amigos lhe deixaram, e, furioso, Steven fizera sua escolha sem hesitar.

– Então eu acho que tem que ser o Matt – respondera.

Cindy partiu no minuto seguinte. Pisando duro, deixou o apartamento, batendo a porta com força. Seu elegante carro saiu cantando pneus, enquanto ela deixava a garagem. Entretanto, retirara suas coisas da casa em etapas. Dissera que estava tudo acabado e lamentava o modo como agira. Haveria uma chance de voltarem?

Steven gostaria que houvesse, mas era tarde demais. Algum tipo de linha fora cruzada, e não era porque ele não quisesse voltar. Era porque não podia.

– Então, se ela não é mãe de alguém, poderia querer ser minha – Matt especulou. Os olhos de Steven arderam. Como responder àquilo? – *E ela vai fazer um desfile* – disse o menino entusiasmado.

Quando chegaram às ruínas de um celeiro, Steven estacionou a picape e desligou o motor. À esquerda, a casa pairava como um fantasma benevolente esperando algum reparo.

Eles dispunham de equipamentos de camping, e a eletricidade havia sido ligada. O bombeiro que Steven enviara na frente dissera que a bomba do poço estava funcionando em perfeitas condições e havia água. Fria, mas era água. E poderiam beber. Também daria para preparar café. E se o fogão funcionasse, podiam tomar banhos à moda antiga, em uma tina de metal na cozinha, usando a água aquecida em chaleiras grandes.

Reminiscências dos velhos tempos.

– Sim. – Veio a resposta tardia de Steven ao sair da picape e abrir a porta para ajudar Matt a se livrar do equipamento de segurança. A picape era velha demais para ter um banco traseiro, mas ele tinha um carro novo, um com uma cabine estendida e todos os acessórios. – *A srta. O’Ballivan vai fazer um desfile.*

– E você se ofereceu para ajudá-la. – Aquele tipo de confiança era difícil de abater. Na verdade, era impossível.

O lembrete fez Steven suspirar.

– Certo. – Em seguida, ele retirou Matt da picape, e os dois caminharam até a casa.

– Este lugar é incrível – exclamou o menino, contemplando o pórtico derrubado, a pintura descascada, as calhas caídas e as telhas soltas nas bordas do telhado. – Talvez seja mesmo assombrado!

Steven sorriu e estendeu a mão, ficando satisfeito quando Matt a aceitou.

– Talvez – disse. Em breve o garoto estaria crescido demais para andarem de mãos dadas. – Mas eu duvido.

– Fantasmas gostam de casas antigas – afirmou Matt, enquanto subiam os degraus dos fundos. Steven fez uma pausa para testá-los com seu próprio peso, antes de permitir que a criança seguisse em frente. – Especialmente quando há reformas acontecendo. Isso os deixa agitados.

– Você andou assistindo aqueles *reality* shows sobre fantasmas na TV outra vez? – perguntou ele, abrindo a porta dos fundos. Não houve necessidade de chave, a fechadura fora corroída pela ferrugem, anos atrás.

– Eu não faria isso – respondeu Matt num tom doce. – Isso é contra as regras e tudo mais.

Steven deu uma risadinha.

– Longe de você contrariar as regras – disse, lembrando de Zack. O pai de Matt *vivera* para contrariar as regras. No fim, parecia ter sido isso que o matou.

A cozinha aparentava-se pior do que Steven lembrava. Armários quebrados. O linóleo arranhado, no qual faltavam pedaços, deixando transparecer o piso escuro por baixo. As torneiras da pia retorcidas. A porta da geladeira não apenas estava amassada, mas descascando nos cantos. O pegador encontrava-se pendurado por um único parafuso solto.

– Vamos viver aqui? – perguntou Matt, parecendo um pouco preocupado agora e não mais interessado em caçar fantasmas.

– Não de imediato – explicou Steven, suprimindo um suspiro. Aquele lugar não era apropriado sequer para um acampamento, quanto mais ser

chamado de lar. O pensamento de voltar para o Happy Wanderer Motel o deprimia. Mas não havia muitas opções em Stone Creek, e a cidade próxima, Indian Rock, onde havia um hotel razoavelmente bom, ficava a 40km de distância.

– Bom – disse Matt, soando e parecendo aliviado. – As pessoas no abrigo, por certo, não nos deixariam adotar um cão, se soubessem que o traríamos para viver aqui.

Steven riu. Parecia-lhe melhor do que chorar. Agachou-se, de modo a deixar o rosto da criança no mesmo nível que o seu e segurou Matt pelos ombros com suavidade.

– Vamos fazer isso dar certo. Prometo.

– Eu acredito em você – disse o menino, partindo o coração de Steven, como sempre fazia quando dizia algumas palavras de confiança. – Podemos olhar o meu quarto, antes de voltar à cidade?

– Claro – concordou ele se erguendo.

Matt, sempre resistente, já estava pensando duas vezes sobre partir.

– Talvez devêssemos ficar aqui. É melhor do que o motel.

Steven sorriu.

– Não vou discutir com você sobre isso, mas o Happy Wanderer tem água quente, o que é uma vantagem.

– Poderíamos ficar sem tomar banho por alguns dias – sugeriu a criança. A menos que fosse nadar, o garoto odiava se molhar. – Onde fica o meu quarto?

Steven mostrou o caminho por meio da sala de jantar. Embora existisse um segundo andar, não havia como alguém dormir lá, antes de as reformas estarem concluídas e o sistema de alarme de incêndio ter sido ligado e testado.

– Aqui está. – Ele abriu uma porta e se afastou para o lado, de modo que Matt pudesse entrar. Era como Steven se lembrava, quando visitara o imóvel com o corretor, alguns meses antes. Um quarto espaçoso, com bastante luz se infiltrando pelas janelas altas e estreitas.

– E o seu quarto onde fica? – Matt quis saber. Estava parado no meio daquele quarto empoeirado, a cabeça inclinada para trás, olhando



maravilhado como se estivessem visitando uma catedral europeia, em vez de um antigo rancho no Arizona.

Steven sorriu e apontou com o polegar para a direita.

– Na porta ao lado.

– Posso ver? – perguntou o menino.

– Claro – disse ele, agitando o cabelo do menino.

Seu quarto era menor. Havia uma ligeira inclinação no piso, e o papel de parede rasgado pendia em grandes e desordenados espirais.

Steven lembrou-se de seu apartamento de luxo em Denver e sentiu vontade de rir. Lá, dispunha de uma bela vista da cidade, claraboias e uma tela de TV retrátil, que desaparecia no teto com o toque de um botão.

Que contraste!

– Não é tão ruim – decidiu Matt, levando em conta o resultado de anos de negligência.

Steven coçou o queixo, considerando as opções.

– Acho que poderíamos voltar à cidade e comprar uma barraca. O clima está bom, logo podemos tomar banho no riacho. Levar a nossa própria água, cozinhar sobre uma fogueira, dormir sob as estrelas. Seria como voltar no tempo e tudo mais.

Matt sorriu.

– Legal! Vamos comprar a barraca.

– É melhor descarregarmos o equipamento de camping e os alimentos primeiro – disse Steven. – Se não o fizermos, não haverá espaço na picape para uma barraca.

– Elas não vêm montadas, bobo – informou Matt, enquanto os dois caminhavam pela casa, em direção à porta da cozinha. – São vendidas em caixas.

– Obrigado pela informação – brincou Steven, agitando-lhe o cabelo mais uma vez.

Matt supervisionava, enquanto Steven transportava malas, suprimentos secos e enlatados, sacos de dormir e um fogareiro de acampamento, empilhando tudo na cozinha.

Ao voltar, encontrou o menino de pé na caçamba da picape, com uma das mãos sobre os olhos para protegê-los do sol, seguindo um rastro de poeira no fundo da estrada.

– Veja – gritava Matt, parecendo satisfeito. – Alguém está chegando!

Steven ficou aliviado quando o veículo, uma grande picape vermelha, contornou, pegando o caminho que levava ao rancho. Matt teria ficado bastante decepcionado se tivessem ido embora, fosse quem fosse.

De imediato, reconheceu sua prima, Meg. Ela se inclinou para fora da janela, do lado do passageiro, e acenou, sorrindo. O cabelo loiro brilhante capturando a luz empoeirada. Seu marido, Brad, estava ao volante.

Assim que a picape parou, ela desceu e cruzou o pátio com os braços abertos para abraçar Steven.

– Você chegou! – exclamou.

Steven riu. Fazia muito tempo que não se sentia tão bem-vindo em algum lugar.

Matt pulou da picape, ávido por companhia.

Brad desdobrou seu físico magro do interior da picape e se aproximou. Os dois homens apertaram as mãos, enquanto Meg se inclinava para olhar nos olhos do menino e sorrir.

– Você deve ser o Matt.

A criança assentiu.

– E você deve ser a prima de Steven. Mas eu esqueci seu nome.

– Meg – informou ela suavemente.

Brad, aparentando um fazendeiro em seu velho jeans, camisa de cambraia de manga comprida e botas antigas, apontou um polegar na direção da casa e disse:

– Esse lugar parece pior do que eu imaginava.

Meg perscrutou o lugar, com as mãos sobre os bolsos laterais da calça jeans. Usando uma camiseta de algodão justa e sem mangas, não parecia possível ter idade suficiente para ser casada, muito menos ser mãe de duas crianças. Poderia passar tranquilamente por uma jovem de 17 anos.

– Brad O’Ballivan – repreendeu ela, soando totalmente bem-humorada. – Eu já lhe disse mil vezes que parecia que um trem havia passado por aqui.

Brad sorriu.

– Mas ainda está melhor que o celeiro – retrucou ele com seu modo de falar arrastado.

Então, Matt o reconheceu.

– Você é o cara famoso que aparece na TV às vezes? – perguntou. Antes que Brad pudesse responder, o menino continuou: – Nós conhecemos alguém, outra pessoa, com o mesmo sobrenome que o seu. Melissa.

– Melissa é minha irmã – informou Brad, obviamente desfrutando o diálogo.

– Você tem uma irmã? – Matt falou como se aquilo fosse a oitava maravilha do mundo. Era filho único, é claro, assim como Steven. Será que o desejo da criança em ter uma irmã estava aumentando, como acontecera com ele?

Brad se agachou, mantendo o rosto no mesmo nível do de Matt.

– Na verdade, tenho *três* irmãs. Olivia, que é veterinária e pode se comunicar com os animais. E Ashley e Melissa, que são gêmeas.

Steven sentiu uma pontada ao ouvir a palavra “gêmeas”, do modo como sempre acontecia quando o assunto vinha à tona. Isso o fez pensar nos primos Conner e Brody e seu complexo histórico familiar. Aqueles dois eram figuras peculiares.

– Elas são parecidas? – perguntou o garoto. – Ashley e Melissa?

– Não – respondeu Brad. – Não são essa espécie de gêmeas.

– Ah – disse Matt, absorvendo as informações. Em seguida, se alegrou, olhando de Brad, que havia se erguido, aparentando alto demais para a criança, contra aquele céu iluminado do Arizona, para Meg e depois mais uma vez para Brad.

– Você é famoso, então, hein?

– Sim – Brad admitiu, soando quase tímido. – Algo do tipo.

Matt anuiu com a cabeça e continuou falando sobre o célebre aspecto do encontro, evidentemente.

– Vamos comprar uma tenda e acampar! – anunciou. – E vamos adotar um *cachorro* também!

Meg sorriu.

– Isso é ótimo.

Matt absorveu a aprovação dela como se fosse a luz do sol.

– Você poderia usar o velho ônibus de turnê de Brad – sugeriu a prima a Steven, alguns momentos depois. Os dois se conheciam há cerca de seis meses. Meg era uma espécie de genealogista amadora e o rastreara na internet, enviando-lhe um e-mail em seguida. Steven não tinha muitos parentes e não aproveitaria qualquer chance para lhe causar transtornos, impondo-lhe generosidade. Mas Brad concordou e pousou a mão contra as costas delicadas de Meg.

– Excelente ideia – concordou, antes que ele pudesse dizer algo. – É muito bem equipado, e ninguém o usa há algum tempo.

Steven abriu a boca para dizer algo como *tudo bem, agradeço a oferta, mas a barraca serve por ora*, mas Meg já estava com o telefone celular não mão. Após discar um número, pôs um dedo no ouvido livre, com um sorriso capaz de explodir cada transformador em um raio de cinquenta milhas e pediu a quem estava do outro lado da linha, por favor, que trouxesse o ônibus para o rancho vizinho.

Brad, por sua vez, tinha ido olhar o celeiro. Ou o que restava dele.

– Isso só serve para lenha – disse, vasculhando os escombros.

Steven concordou com a cabeça, passando a mão pelo cabelo.

– Olha, sobre o ônibus, eu não gostaria que você e Meg se preocupassem. Vamos ficar bem com uma barraca...

Brad ouviu, sorrindo. Mas balançou a cabeça o tempo todo.

O protesto de Steven caiu por terra, quando ouviu Matt dar uma sonora gargalhada de felicidade. Olhou na direção do menino e viu que Meg estava se inclinando para baixo outra vez, com as mãos apoiados nas coxas, para que pudesse fitar Matt. Seus olhos estavam dançando com prazer.

O garoto devia ter lhe contado uma daquelas suas piadas infames, pensou Steven. Matt tendia a rir das próprias piadas.

– Não compare um ônibus a uma churrasqueira – disse Brad.

Steven olhou para ele e piscou.

– Hã?

Brad riu.

– Não importa – disse e caminhou na direção de Meg mais uma vez.

Era quase como se os dois fossem atraídos um pelo o outro, percebeu Steven, sentindo um pouco de inveja.

Dez minutos depois, o brilhante ônibus estava trafegando no caminho que levava ao rancho, e a coisa era uma beleza.

## Capítulo Três

---

ERAM 17H30 no relógio de Melissa. O ônibus de Tucson e Phoenix devia ter desembarcado todos os passageiros que trouxera, Byron Cahill, por exemplo, às 17h em ponto, antes de se dirigir a Indian Rock e, em seguida, retornar, parar em Flagstaff e rumar para o sul novamente. Estava familiarizada com o trajeto do ônibus, porque andara nele com bastante frequência, quando era universitária e não tinha dinheiro para comprar um carro.

Embora estivesse sempre ansiosa para voltar para casa depois do trabalho, naquele dia parecia diferente. Casa soava como um lugar solitário, já que não haveria ninguém lá esperando por ela.

Talvez, pensou, devesse ceder à constante recriminação de Olivia. Certo, Olivia não a *recriminava* exatamente, apenas *sugeria* coisas com aquele jeito de irmã mais velha, como adotar um gato ou um cão. Ou ambos.

Só de pensar em todas aquelas peles e pelos de animais, Melissa espirrou alto e com vigor. Tendo em vista os resultados negativos de vários testes de alergia que fizera, mais de uma vez, no fundo achava que Olivia e Ashley estavam certas, suas sensibilidades eram psicossomáticas. Na verdade, as irmãs concordavam que ela temia abrir o coração, com medo de vir a sofrer. Também diziam que era de se admirar que não espirrasse sempre que

encontrava um homem, dada a sua desconfiança na área do amor e romance.

Podia haver um fundo de verdade naquela teoria, pensou. Adorava as crianças da família, e isso já era bastante arriscado, considerando como o mundo se encontrava nos dias atuais.

Como poderia se dar ao luxo de amar um homem? Ou amenizar suas preocupações, permitindo-se cuidar de um animal? Principalmente, levando em conta que possuíam um tempo de vida muito curto, se comparados aos seres humanos.

Sentindo-se um pouco desanimada, Melissa desligou o computador, pegou a bolsa na grande gaveta do fundo em sua mesa e suspirou aliviada, porque mais um dia de trabalho havia chegado ao fim. Não que tivesse, de fato, trabalhado demais.

Isso inquietava sua consciência, aceitar um salário só para esquentar a cadeira todos os dias. Na família O'Ballivan, desde o tempo do velho Sam, o patriarca fundador do grande clã atual, o caráter era medido pelo tipo de *contribuição* de uma pessoa. Preguiçosos não eram admirados.

Dizendo a si mesma que não tinha necessidade de ser admirada, Melissa deixou o escritório, trancando-o após sair. Fez uma pausa ao passar pela mesa deserta de Andrea, franzindo a testa ao reparar em um vaso de hera secando em um canto.

A planta não era sua, lembrou a si mesma.

*É uma coisa viva e está com sede*, retrucou uma voz interior.

Com um suspiro, pousou a bolsa, procurou até encontrar a lata vazia de café que Andrea usava como regador, quando se lembrava de regar as plantas no interior, encheu-a de água na pia do banheiro feminino, voltou ao cubículo e regou a hera.

A planta pareceu se recuperar bem diante dos seus olhos. A pequena porção verde, bem regada, tornou-se um pouco mais ereta, esticando os frágeis ramos um pouco mais além. Melissa fez uma nota mental para conversar com Andrea sobre as sutilezas da responsabilidade. Ela não era uma garota ruim. Apenas o tipo que se *distraía* o tempo todo. E não era de admirar, depois de tudo o que já passara na vida.

A jovem chegara a Stone Creek como fugitiva, quando tinha apenas 14 anos de idade, no mesmo ônibus que, provavelmente, trouxera Byron Cahill de volta à cidade naquela tarde. Sem dinheiro e sem opções, passara a primeira noite dormindo atrás dos canteiros de rosas no jardim central do supermercado local.

Ao descobri-la, na manhã do dia seguinte, o funcionário chamara Tom Parker. O que era uma atitude natural. Já que Andrea se encontrava sentada de pernas cruzadas contra a parede, recusando-se a sair.

Tom chegara depressa, acompanhado por seu majestoso cão, um *retriever* mestiço, chamado Elvis, que caminhara direto por entre os canteiros para lambe o rosto de Andrea, em uma demonstração de amizade e apoio. Depois de algum tempo, Tom, ou fora Elvis?, conseguiu convencer a jovem a aceitar a bondade de estranhos e deixar o esconderijo.

Durante o café da manhã, no Lucky Horseshoe Café, ainda fechado, a menina fizera confidências a Tom, contando-lhe sobre sua pouco saudável vida familiar, em Phoenix. A mãe era drogada, e o padrasto, que havia sido preso por uma série de crimes, estava prestes a sair da cadeia. Em vez de ficar à sua mercê, Andrea decidira fugir e tentar viver por conta própria.

Claro que Tom verificara a veracidade da história. Várias instituições foram consultadas, medidas legais adotadas, e Andrea passou a viver, como filha adotiva, com as irmãs idosas, Mamie e Marge Crockett, que moravam em frente à tia de Tom, Ona, célebre por chefiar o Comitê do Desfile. A garota ainda vivia no pequeno apartamento sobre a garagem das Crockett, orgulhosamente pagando o aluguel e cuidando das duas senhoras e de seus inúmeros gatos.

Melissa estava pensando sobre tudo isso ao deixar o Palácio da Justiça, se curvando para vasculhar a bolsa à procura das chaves do carro, enquanto caminhava sobre o piso de pedra do estacionamento.

– Você recebeu meu e-mail?

A pergunta a sacudiu, fazendo-a parar de modo abrupto, o coração batendo na garganta.

– Velda – disse, quando recuperou o fôlego o suficiente para falar. – Você me assustou.



A mãe de Byron, provavelmente na casa dos cinquenta, magra, quase ao ponto de aparentar anoréxica, estava parada próximo ao *roadster* envolto pelas sombras das folhas de um carvalho. Usava uma blusa de algodão velha, sem mangas, sandálias de plástico e um jeans, tão surrado que o tecido não poderia ser descrito como azul, mas apenas como uma leve sugestão da cor.

– Desculpe – retrucou a mulher com a voz áspera, pelas várias décadas fumando cigarros sem filtro, e a expressão dissimulada. Linhas vincavam a região em torno da boca, conferindo aos lábios uma aparência enrugada. – Eu não queria fazer isso. Assustar ninguém, quero dizer.

– Ótimo – disse Melissa, agora firme o suficiente para se sentir irritada, em vez de assustada.

Velda, posicionada entre ela e a lateral da porta do motorista, cruzou os braços magros. O cabelo grisalho, com mechas amareladas, caía-lhe pelos ombros. Presilhas de plástico, cor-de-rosa, em forma de pequenos corações, prendiam-lhe pequenas tranças dos dois lados da cabeça, criando um efeito infeliz de tentar parecer mais jovem.

– Você recebeu meu e-mail? – a mulher voltou a perguntar.

– Sim – respondeu Melissa, segurando as chaves na mão. – E já o respondi. A situação é muito simples. Enquanto Byron não criar problemas, não precisa se preocupar comigo ou com a polícia.

Velda curvou os lábios em um sorriso pálido e encolheu os ombros ossudos. Esgueirou-se para fora do caminho de Melissa, em vez de andar, como se fosse muito trabalhoso erguer os pés do chão. Era óbvio que queria dizer mais coisas. Melissa sentou-se atrás do volante do carro e girou a chave na ignição, mas não deu partida. Esperou.

– Já é difícil o suficiente para ele saber que a pobre menina morreu por causa dele – continuou Velda, por fim, como se Melissa não tivesse dito nada. – Byron terá de conviver com essa culpa para o resto da vida. Mas não é um criminoso, isso é tudo o que tenho para dizer. Não é um monstro, o qual todos devem temer.

Enquanto falava, Velda apertara os dedos na borda da janela do carro, de modo que suas juntas estavam esbranquiçadas. Melissa suspirou. Algo suavizou em seu interior e ela afagou a mão da mulher.

– Byron é seu filho – disse num tom de voz calmo, olhando diretamente para o azul desbotado dos olhos de Velda. – E você o ama. Entendo isso. Mas a melhor coisa que pode fazer por seu filho, no momento, é relaxar um pouco. Dar-lhe algum tempo e espaço para se ajustar à vida do lado de fora da prisão.

Lágrimas brotaram nos olhos da mulher. Ela fungou e olhou para um ponto distante e invisível, por um longo momento, antes de se focar em Melissa mais uma vez. Quando voltou a falar, sua voz soou fraca.

– Byron não estava no ônibus – disse devagar. – Ele deveria estar naquele ônibus. E não estava.

Melissa teve um leve pressentimento, algo que podia ser alarmante.

– Talvez tenha havido algum tipo de atraso. Ele não ligou para você?

A expressão de Velda era de tristeza. A amargura estava de volta.

– Ligar? Nem todos podem ter um telefone celular, você sabe.

Melissa olhou ao redor. Exceto pelo carro de Tom, o seu era o único veículo no estacionamento.

– Onde está o seu carro?

– Está enguiçado – respondeu Velda, ainda com aquele tom irônico de ressentimento. – É por isso que me atrasei para esperar o ônibus chegar à rodoviária. Já havia partido quando cheguei lá, e não havia nem sinal de Byron. Perguntei no interior da estação, e Al me disse que não viu meu filho sair.

– Entre aqui – disse Melissa, acenando para indicar o assento do passageiro e inclinando-se para colocar a bolsa no chão, de modo que Velda tivesse espaço para se sentar. A mulher hesitou, então contornou o carro e abriu a porta. Uma vez acomodada, ajustou o cinto de segurança e olhou para Melissa.

– O que vamos fazer agora? – perguntou.

Melissa pegou o celular na bolsa e lhe entregou.

– Ligue para o agente de condicional de Byron – respondeu, certa de que a mulher saberia o número, mesmo que não pudesse dispor de um telefone celular. – Ele ou ela vai saber se houve algum tipo de problema com a libertação dele.

Velda hesitou, então pegou o telefone. Estudou o teclado por alguns momentos, enquanto Melissa engatava a primeira marcha. Logo, a mãe de Byron discou uma sequência de números e, mordendo o lábio inferior, esperou a ligação ser atendida.

O ÔNIBUS da turnê de Brad O'Ballivan era equipado com painéis solares, TV via satélite e serviço de internet banda larga. Contava com dois quartos grandes, um banheiro completo e uma cozinha repleta de aparelhos.

– Devia ser difícil domar algo como isto, enquanto estava na estrada – brincou Steven quando Brad lhes mostrou as acomodações.

Lá fora, dois dos empregados de Brad e Meg, na fazenda, já estavam ligando o abastecimento de água e providenciando a instalação do gerador secundário, que serviria como reserva para a engrenagem solar.

Brad sorriu modesto. Encolhendo os ombros, deslizou as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, de um jeito todo seu.

– Quem o usava mais eram os músicos da banda – admitiu. – Eu viajava de avião.

– Certo – disse Steven, divertido. – Em um jato particular, suponho.

Brad encolheu os ombros outra vez e desviou o olhar por um momento, o sorriso ainda lhe repuxando um dos cantos da boca.

Steven nunca conhecera uma pessoa famosa antes, em especial do mundo do entretenimento, e ficara agradavelmente surpreso. Brad O'Ballivan não era apenas um cara pé no chão, era generoso. Era óbvio que amava a esposa e os filhos mais do que os holofotes e os ingressos de shows.

– Eu gostei disso – afirmou Steven.

– Está sendo apenas cortês – respondeu Brad com seu tom leve. *Não é grande coisa*, era a parte não dita da mensagem. Virando-se, parou ao lado da porta para rabiscar alguns números em um quadro negro pequeno acima da mesa. – Ligue se precisar de alguma coisa.

Steven assentiu.

– Obrigado.

Ficou parado na porta, assistindo Meg e Brad partirem na picape. Matt estava tão animado, praticamente saltava pelas paredes.

– Isso é *incrível!* Posso ficar no quarto com a cama beliche?

Com uma risada, Steven virou-se para o menino. O rostinho do garoto brilhava de alegria, os olhos reluziam com a excitação.

– Claro – respondeu ele.

– Podemos voltar à cidade e adotar um cachorro, agora que não temos que viver em uma barraca, enquanto nossa casa é reformada? – A pergunta também era brilhante, como Matt.

Steven sentiu-se um desalmado, mas tinha que negar.

– Não é uma boa ideia, Tex – disse com a voz suave. – Este ônibus é emprestado, lembra? E é bastante luxuoso também. Um cão pode fazer alguns estragos, o que não ia ser legal.

O rosto de Matt foi mudando de expressão enquanto o menino processava a resposta de Steven.

– Mesmo se tivéssemos muito, *muito* cuidado ao escolher um cão muito, *muito* bonzinho?

– *Bondade* não tem nada a ver com isso, companheiro – explicou Steven, sentando no banco de couro de um sofá de dois lugares, para ficar no mesmo nível dos olhos da criança. – Cães são cães. Fazem o que têm vontade, pelo menos até serem adestrados.

Matt piscou. Por trás da pequena testa com sardas, as engrenagens giravam, esperançosas. Então, por fim, ele se virou um pouco e inclinou a cabeça em direção ao quadro negro sobre a mesa.

– Talvez você possa ligar para Brad e Meg e perguntar-lhes se eles se importam. Se tivermos um cachorro, quero dizer.

– Tex...

– Eu limpo tudo o que ele fizer – Matt apressou-se em prometer. O menino parecia estar prendendo a respiração.

Steven suspirou e pegou o telefone celular.

– Você é quem quer o cão agora, em vez de mais tarde. Logo, é você quem terá que fazer o pedido.

Matt sorriu e anuiu com a cabeça.

– Certo – disse, praticamente cantando a palavra.

Steven digitou um dos números que Brad havia escrito no quadro, aquele com um “C” ao lado entre parênteses. Quando começou a chamar, ele entregou o dispositivo a Matt.

– Alô? – disse a criança, após alguns instantes. – Aqui é Matt Creed. É o sr. O’Ballivan quem está falando?

O timbre da voz que respondeu era do sexo masculino, embora Steven não conseguisse distinguir as palavras.

– Meu novo pai disse que podíamos ir ao abrigo de animais na cidade e adotar um cão, se você não se incomodar – acrescentou Matt. Steven gemeu em silêncio. *Meu novo pai...*

O menino ouviu mais alguns segundos, concordando de imediato.

– Se o meu cão fizer qualquer sujeira, prometo limpar tudo – concluiu corajoso, jogando os ombros para trás e erguendo o pequeno queixo, enquanto falava.

Brad disse algo em resposta, após o que Matt agradeceu, disse adeus e, por fim, desligou o telefone, entregando-o a Steven com um ar de *tudo resolvido*.

Steven pegou o telefone, colocou-o no bolso da camisa e passou a mão pelo cabelo.

– Bem? – perguntou, embora a resposta de Brad fosse óbvia.

– Não há problema em ter um cachorro – Matt anunciou, pulando de alegria. – Vamos. – O menino agarrou a mão de Steven, tentando erguê-lo. – Agora!

Rindo, Steven se levantou. Embaralhando o cabelo de Matt mais uma vez.

Naquele momento, alguém bateu à porta, e Steven respondeu. Os empregados que Brad enviara estavam do lado de fora, os polegares enganchados no cós de seus jeans, rostos bronzeados sob a aba virada para cima de seus chapéus.

– A eletricidade já deve estar funcionando – disse um deles sem preâmbulos. – A água também.

– Importa-se de ligar um disjuntor e abrir uma torneira para se certificar? – perguntou o outro.

– Não há problema – disse Steven. – Vamos lá dentro.

Havia passado muito tempo em um rancho, para ficar surpreso ao olhar para trás e ver que eles não se moveram.

Matt já estava ligando e desligando o disjuntor. A torneira na pia da cozinha bufou um jato de ar, jorrou um pouco de água marrom e, em seguida, começou a fluir clara.

– Tudo pronto – disse Steven. – Obrigado.

Os dois empregados sorriram, assentiram com a cabeça e subiram na caminhonete de trabalho. Então partiram, deixando para trás um rastro de poeira.

Steven trancou o ônibus. Matt entrou na velha picape e habilmente ajustou o cinto de segurança. Mas Steven verificou os fechos assim mesmo para se certificar de que tudo estava em ordem.

Um minuto depois, se encontravam na estrada, levantando uma nuvem de poeira, eles próprios.

O abrigo de animais de Stone Creek era um espetáculo a ser visto. Uma estrutura de tijolos de dois andares com a clínica da dra. Olivia O’Ballivan Quinn, veterinária, ocupando parte do primeiro andar. A entrada para o abrigo em si ficava na outra extremidade do prédio, logo Steven e Matt caminharam naquela direção.

As paredes da recepção eram decoradas com pinturas originais de cães, gatos e pássaros, em uma variedade de cores vivas e muitas cadeiras confortáveis. Um estande com suprimentos para animais ocupava um dos cantos. Na frente, um quadro de avisos informava que todos os rendimentos eram direcionados ao cuidado e bem-estar dos residentes de quatro patas.

Não havia ninguém por trás da longa mesa na recepção, mas um jovem usando jeans e uma camiseta clara estava agachado no chão, uma mochila de lona surrada a seu lado, brincando com as orelhas de um *sheepdog* preto e branco.

A moça que Steven vira no escritório de Melissa naquela manhã estava lá e, por algum motivo, corou quando seu olhar encontrou o dele.

– Você podia adotá-lo – disse a jovem, dirigindo-se a seu companheiro.

Mas o rapaz negou com a cabeça, exalando um suspiro.

– Não sem um trabalho, Andrea. – Seu cabelo era castanho, um pouco longo. Os olhos de um âmbar claro estavam repletos de tristeza. – Como eu poderia comprar comida para ele? E se ficasse doente e precisasse ir ao veterinário?

– Eu tenho um emprego – retrucou a moça. – Posso ajudar com as despesas por um tempo.

– Você trabalha para Melissa – saltou Matt, alegre, sorrindo para Andrea.

O sorriso da jovem hesitou um pouco, mas era amigável. Ela assentiu com a cabeça e, em seguida, voltou-se para o amigo.

– Byron – começou.

Mas o rapaz a silenciou com um aceno de cabeça.

Nesse momento, uma mulher gordinha, com cabelo castanho crespo, saiu da parte dos fundos, cumprimentou Steven e Matt com um alegre “olá” e um “já vou atendê-los”, e voltou a atenção para Byron, Andrea e o *sheepdog*.

– Bem? – perguntou esperançosa. – Já temos uma decisão?

Steven pensou ter detectado uma nota de compaixão em seu tom.

Mais uma vez, Byron negou com a cabeça.

– Não vai dar – respondeu. – Não agora.

A mulher suspirou. Em seu crachá, lia-se *Becky*. Ela usava roupas estampadas em tons claros de rosa, verde e azul.

– Sua mãe deve estar feliz por você ter voltado para casa – disse ela num tom suave.

Matt estava agachado acariciando o *sheepdog*, e Byron o fitava com um sorriso triste.

– Ela ainda não sabe que estou aqui – respondeu o rapaz, seu olhar vagou até Andrea, antes de pousar em Becky. – Desci do ônibus antes para pegar carona o restante do caminho, mas então Andrea apareceu e me pegou em Flagstaff. Eu precisava ter um cão por perto para me manter centrado, por isso vim aqui primeiro.

Andrea estremeceu um pouco, como se ele, inadvertidamente, tivesse revelado algum segredo vital.

Byron olhou para Steven por alguns segundos, então para Matt.

– Ele é um cão bonito, não é? – perguntou, apontando esperançoso para o animal.

Matt concordou.

– Estamos aqui para adotar um cão. Temos um rancho. No momento, vivemos em um ônibus, mas vamos ter uma casa e um jardim bonito em breve.

Byron sorriu, mas ainda havia algo lúgubre em sua fisionomia.

– Parece que você seria um bom companheiro para ele.

– Não vai adotá-lo? – perguntou Matt. Podia ter apenas 5 anos, mas era perspicaz. Percebeu a relutância na decisão de Byron em não adotar aquele cão, em particular.

– Ele precisa de uma casa. No momento, não posso lhe dar, não o tipo certo, de qualquer maneira. Então, se achar que ele é o cão ideal para você, e seu pai concordar, deveria levá-lo para casa com você.

Andrea começou a chorar, em silêncio. Virou-se ao perceber que Steven estava olhando para ela.

Becky, por outro lado, ainda estava interessada no outro assunto.

– É melhor avisar à sua mãe que já chegou, Byron – disse ela num tom maternal. – Velda está ansiosa para tê-lo de volta em Stone Creek. Provavelmente, foi esperar o ônibus na rodoviária e quando não viu nenhum sinal seu...

Byron deixou os ombros caírem, suspirou e assentiu com a cabeça. Virou-se para Andrea, que havia parado de chorar, embora seus olhos estivessem vermelhos e os cílios úmidos.

– Você me dá uma carona para casa?

– Claro.

– Estamos sempre precisando de voluntários por aqui, Byron – acrescentou Becky. – Pessoas para alimentar os animais, brincar com eles e limpar os canis.

Byron sorriu.

– Isso seria bom. – Após uma pausa para afagar o cão na cabeça, em uma triste despedida, seguiu Andrea pelo prédio, sem olhar para trás.



– Pobre garoto – disse Becky, os olhos cheios de lágrimas, observando os dois jovens partirem. Então, pareceu voltar à realidade. Dirigiu um sorriso a Steven e Matt e disse: – Posso ajudar?

– Estamos aqui para adotar um cão – explicou Steven, ainda vagamente inquieto pelo sentimento de tristeza que Byron e Andrea haviam deixado em seu rastro.

– Bem – disse Becky, com entusiasmo, gesticulando em direção ao *sheepdog*. – Como pode ver, temos um primeiro candidato aqui mesmo.

O nome do cão era Zeke, Steven e Matt logo ficaram sabendo. Tinha cerca de 2 anos, estava habituado a viver dentro de casa e, na maioria das vezes, era bem-comportado. O antigo dono fora levado para um lar de idosos, algumas semanas atrás, sofrendo de um caso avançado de Alzheimer. Sua filha trouxera Zeke para o abrigo na esperança de que o cão pudesse encontrar um novo lar.

– Podemos ficar com ele? – perguntou Matt, olhando para Steven. – Por favor?

Steven também gostara de Zeke, mas qual era o cão que ele não gostava? Se pudesse, adotaria cada animal daquele abrigo.

– Não gostaria de ver outros, antes de decidir?

Matt passou ambos os braços em torno do pescoço de Zeke e sacudiu a cabeça.

– Ele é único – afirmou convicto. – Zeke é único.

O cão gentilmente lambeu a bochecha do garoto.

Steven olhou para Becky, que claramente concordava com o menino.

– Tudo bem – disse ele, sorrindo.

Após preencher os formulários, pagou as taxas e comprou um grande saco de ração da marca recomendada. Zeke vinha com uma coleira e uma guia, reminiscências de sua ex-vida.

Foi para o rancho na caçamba da caminhonete, já que não havia espaço na cabine, mas parecia bem à vontade, com aquele jeito dos cães rurais.

Durante todo o trajeto, Matt ficou meio que virado em seu assento, mantendo um olho em Zeke, que, de vez em quando, enfiava a cabeça dentro da janela deslizante, na parte de trás da cabine.

– Aposto que ele sente falta do dono – disse o garoto.

Steven se entristeceu ao ouvir aquelas palavras, imaginando tratar-se de algum tipo de transferência. Não era difícil conectar os pontos: o menino havia *perdido* os pais também.

– Pode ser – concordou, cauteloso.

Matt se referira a ele como “meu novo pai” naquele dia, como às vezes fazia. Talvez fosse a única maneira que conseguira achar para diferenciá-lo de Zack. E o menino queria desesperadamente se lembrar do pai biológico.

Tinha um pouco mais de dificuldade em lembrar de Jillie, uma vez que era quase um bebê, quando a mãe morreu.

– Você sente falta de alguém? – perguntou Matt. A voz soou frágil, como seu físico, e um pouco sem fôlego.

– Sim – respondeu Steven. – Sinto falta de sua mãe e de seu pai. Tenho saudades da minha própria mãe e do meu avô também.

– Você sente falta de Davis e Kim? E seus primos?

Davis era o pai de Steven, Kim, a madrasta. Estavam vivos e felizes, morando no rancho Creed, no Colorado, embora tivessem passado a casa principal e grande parte da responsabilidade do dia a dia para Conner.

Brody, não sendo o tipo responsável, saíra de casa anos atrás e estava desaparecido.

– Sim – respondeu Steven. Os dois continuaram com aquela ladainha sobre sentir saudades, já que o menino tinha necessidade de falar sobre o assunto. – Sinto muita falta deles.

– Mas podemos ir visitar Davis, Kim e Conner. E eles podem vir nos visitar – disse Matt, enquanto o *sheepdog* ofegava feliz, babando toda a caixa de câmbio. – Minha mãe e meu pai estão *mortos*.

Steven estendeu o braço para apertar de leve o ombro de Matt. Por mais que desejasse, jamais se esquivava do assunto, apenas porque era delicado. O garoto ainda não tinha idade suficiente para ir à escola, quanto mais para entender a morte. Mas se Matt suscitasse aquele tema, falariam sobre o assunto. Era uma regra tácita: diga a verdade, e as coisas funcionam. Acreditava nisso.

Matt se perdeu nos próprios pensamentos, distraído, acariciando a cabeça de Zeke, enquanto viajavam ao longo da estrada rural, sinuosa, que levava ao rancho. Seguíam em direção ao ônibus de turnê emprestado, que, por um tempo, chamariam de casa.

Steven imaginou, certamente não pela primeira vez, o que Jillie e Zack pensariam sobre a maneira como ele estava educando o único filho deles. Também não pela primeira vez, refletiu que eles deviam confiar nele. Um mês após o nascimento de Matt, haviam elaborado um documento, nomeando-o tutor legal do filho, na hipótese de ambos morrerem ou ficarem incapacitados.

Não que os dois não quisessem viver até chegar à velhice, mas nem Jillie nem Zack tinham parentes vivos além do filho, e Jillie insistira que era melhor prevenir do que remediar.

Faria o possível para manter Matt em segurança, pensou Steven, mas sempre lamentaria a morte dos amigos. Por mais que amasse aquele menino, jamais esqueceria que a criança pertencia aos pais mortos, em primeiro lugar.

Diminuiu a marcha para fazer uma curva e sinalizou.

– Você vai me mostrar o retrato do papai e da mamãe de novo? – perguntou Matt, quando chegaram ao fim do caminho que levava ao rancho.

Steven parou a caminhonete e desligou o motor.

– Claro. – A palavra soou grave.

– Não quero esquecer como eles eram – afirmou Matt. Isso acontece às vezes. Esquecer, quero dizer – murmurou um pouco triste.

– Tudo bem, Tex. Isso acontece nas melhores famílias. – Steven desceu da picape, deu a volta por trás da caçamba, abriu a porta e ergueu um Zeke ansioso para descer. Em seguida, voltou à frente e livrou Matt do cinto de segurança.

– Agora que vamos nos acomodar, vou pegar aquela fotografia de que você gosta tanto e poderá mantê-la no seu quarto.

Matt assentiu, felizmente distraído com o cão, e os dois, garoto e animal, correram e saltaram livres pela grama alta, queimando energia.

Steven levou o saco de ração para o ônibus e o colocou no pequeno compartimento, onde havia uma máquina de lavar e secar e um reservatório de água quente. Passou os próximos vinte minutos carregando malas, produtos secos e algumas caixas contendo potes e panelas da casa para o ônibus. Sempre mantendo um olho em Matt e Zeke, enquanto eles exploravam o ambiente.

– Fique longe do celeiro – ordenou. – Há alguns pregos enferrujados, e se você pisar em um, significa que terá que tomar uma vacina antitetânica.

Matt fez uma careta.

– Nada de injeções! – decretou o menino, pousando as mãos sobre os quadris.

Zeke latiu alegre, como se concordasse com a afirmação.

Sem responder, Steven entrou, encheu uma bacia com água e trouxe-a para fora.

Zeke correu, bebeu ruidosamente até se saciar. Feito isso, ergueu a perna em um dos pneus do ônibus.

– Isso é bom, não é? – perguntou Matt, observando. – Ele faz as necessidades do *lado de fora*.

Steven deu uma risadinha.

– É bom – confirmou. – Que tal jantarmos?

O menino gostou da ideia, e os três seguiram para o interior do ônibus. Steven abriu o saco de ração, Matt encheu um pote e colocou no chão para o cachorro.

Enquanto Zeke comia, Steven lavou as mãos e os antebraços na pia. Em seguida, pegou uma lata de ravióli de carne, no estoque de mantimentos que haviam comprado na viagem, abriu-a com um abridor e encheu dois pratos, colocando o primeiro no forno de micro-ondas.

– Hora de se lavar – disse ele a Matt.

– E quanto à foto da mamãe e do papai?

– Vamos procurá-la depois do jantar, Tex. Um homem precisa se alimentar, se quer administrar um rancho.

Matt correu para o banheiro. Steven ouviu a água escorrendo e sorriu.

Quando a criança retornou e tomou seu assento à mesa de dois lugares, ao lado da divisória que separava a cabine do ônibus dos alojamentos, Steven estava colocando o segundo prato de ravióli no forno.

– Ravióli de novo? Hum! – disse Matt, pegando o garfo de plástico e revolvendo a comida com um prazer óbvio.

– Sim – admitiu Steven, unindo-se a ele na mesa. – É bom.

*Talvez eu tenha que expandir meu repertório culinário, pensou.* Não podia esperar que a criança crescesse à base de alimentos processados, mesmo que fossem rápidos de preparar e saborosos.

Quem sabe poderiam cultivar uma horta?

Mastigando, Steven lembrou a capina, o plantio e as regas que fazia a cada verão, quando ia para o rancho no Colorado. Kim, a mulher do seu pai, sempre cultivara uma variedade de legumes, tomates, alfaces, milho, feijão verde, cebolas, batatas e uma porção de outras coisas, congelando e fazendo conservas com o excedente.

O trabalho era interminável.

*Talvez não cultivassem* uma horta, decidiu.

Zeke, por sua vez, tendo terminado a ração, enrolou-se no tapete em frente à porta, com um grande suspiro canino, e descansou o focinho entre as pernas. Então fechou os olhos para uma soneca.

Matt olhava o animal com ternura.

– Obrigado – disse, quando voltou a fitar Steven. – Eu queria muito um cão.

– Acho que eu sabia disso – brincou Steven. – De nada.

Matt terminou o ravióli e afastou o prato.

Steven acrescentou *leite* a uma lista de supermercado mental.

– O Zeke pode ir comigo para o jardim de infância? – perguntou o menino, alguns minutos depois, quando Steven estava lavando os pratos na pia.

– Provavelmente, não.

Matt parecia preocupado.

– O que ele fará o dia *todo*?

– Poderá ir comigo para o escritório – Steven se ouviu dizendo.

Paternidade. Talvez, apesar da ceia de ravióli enlatado, estivesse pegando o jeito.

## *Capítulo Quatro*

---

VELDA RETRANSMITIU as observações do agente de condicional a Melissa, após desligar o telefone.

– Byron saiu esta manhã – disse ela, pousando o celular sobre o colo, o olhar fixo em algo bem além do para-brisa do carro. – Do modo como estava previsto. Tinha uma passagem de volta para Stone Creek, e alguém o deixou na rodoviária, no horário exato.

Parada para obedecer a sinalização, Melissa não se moveu até o motorista de trás buzinar impaciente. Então desviou para a direita, subiu o meio-fio e parou o carro.

– Talvez ele tenha decidido sair em Flagstaff ou em algum outro lugar – aventou ela. Afinal, com a permissão das autoridades, Byron podia se estabelecer em qualquer lugar no estado, só precisaria da permissão do agente de condicional para tal.

Um rubor corou a face pálida de Velda.

– Você ficaria feliz, não é? – inquiriu, olhando para Melissa. – Quero dizer, se Byron não voltasse a Stone Creek. Dessa forma, não teria que se preocupar com ele? Você ou qualquer outra pessoa nesta maldita cidade!

Melissa suspirou.

– Velda, acalme-se. Só estou tentando ajudá-la a descobrir o que está acontecendo aqui e encontrar Byron.

Mas Velda empurrou a porta e praticamente saltou do carro.

– Se você *de fato* quisesse ajudar – acusou. – Não teria se empenhado tanto para o meu menino pegar aquela pena!

– Uma jovem morreu – argumentou Melissa num tom pausado.

O comentário foi aparentemente ignorado. Talvez fosse demais para Velda encarar a realidade de que o filho causara a morte de alguém.

– Você sabe o que ele fez enquanto esteve na prisão, Melissa? – continuou Velda, de pé na calçada sombreada, tremendo apesar do tempo estar quente.

– Você sabe o que Byron Cahill, o terrível criminoso, fez todos os dias, enquanto estava preso?

Melissa engoliu em seco, meneou a cabeça, preparada para ouvir alguma história tenebrosa de prisão.

– Ajudou a treinar cães de abrigos a prestarem serviços à sociedade. Cães de busca e resgate, cães-guia, cães para ajudar pessoas surdas também. Ele é um bom menino, caramba!

– Velda – disse Melissa, após assentir, reconhecendo que Byron Cahill, de fato, podia ter um lado admirável, como quase todo mundo no planeta. – Deixe-me levá-la para casa. Talvez Byron já esteja lá. Quem sabe pegou uma carona com alguém em vez de ficar no ônibus, ou algo assim.

Mas a mulher sacudiu a cabeça, negando. Uma lágrima rolou pela sua bochecha direita. Então, girou sobre o calcanhar de um chinelo gasto e marchou pela calçada, talvez em direção ao parque de trailers, onde alugava uma casa móvel simples.

Sentindo como se tivesse envelhecido uma década na última meia hora, Melissa observou o físico magro de Velda desaparecer em meio a um bosque de árvores. Esperava que Byron estivesse em casa quando a mãe chegasse, mas, àquela altura, nada a surpreenderia.

Após se certificar de que o caminho estava livre, voltou à estrada, executou uma meia-volta e se dirigiu à pousada de Ashley.

Mentalmente, consultou suas primeiras impressões sobre o jovem sr. Cahill. O garoto tinha 16 anos quando fora julgado e condenado. Contra o conselho de seu, devidamente, nomeado defensor público, mas, pelo visto,



com encorajamento da mãe, Byron renunciara a um julgamento no tribunal do júri.

Melissa, na qualidade de promotora, e o defensor público, um advogado recém formado, importado de Flagstaff, tentaram negociar algum tipo de acordo, mas por fim, não conseguiram chegar a um consenso.

A defesa queria liberdade condicional, sem detenção e um tratamento para usuários de substâncias ilícitas, em troca de uma confissão de culpa. Afinal, o argumento funcionou, Byron era muito jovem e não tinha antecedentes.

Melissa fora a favor do programa de tratamento, mas liberdade condicional não era suficiente. Chavonne Rowan também era jovem. E, graças à imprudência de Byron Cahill, não envelheceria. Jamais iria para a faculdade, jamais teria uma carreira, jamais se apaixonaria, se casaria ou teria filhos. Naturalmente, a família da menina estava devastada.

Não que Byron indo para a cadeia trouxesse Chavonne de volta.

No fundo, Melissa se afligira bastante com o caso, mas mostrava uma expressão forte e confiante para o público e, até mesmo, para sua própria família e amigos íntimos. Fizera um exame de consciência, repetidas vezes, refletira com seriedade sobre suas responsabilidades. Afinal, possuía a reputação de oficial da lei implacável para comprovar.

Exceto por aqueles poucos que a conheciam bem, Brad, Olivia, Ashley e uma ou duas amigas próximas, a maioria das pessoas talvez pensasse que ela era uma pessoal difícil. Até mesmo uma castradora. E quando se permitia pensar sobre isso, sentia-se angustiada.

Claro que almejava uma educação e uma carreira. Amava a lei, mesmo com suas complicações e amava ainda mais a justiça. Justiça, é claro, era uma coisa indescritível, muito subjetiva em alguns aspectos, muitas vezes mais um conceito do que uma realidade, mas sem a *busca* desse ideal, onde estaria a humanidade?

Pensativa, Melissa exalou um suspiro. Virou o volante, mudando o rumo do carro e do seu humor. Dera o melhor de si no caso Cahill. E isso tinha de ser bom o suficiente.

Sem nenhuma razão para ter pressa de voltar para casa, decidiu passar na pousada, cumprindo, assim, a promessa que fizera a Ashley. Os hóspedes octogenários deviam ter chegado na noite anterior. Daria uma olhada nos velhinhos, certificando-se de que estavam se divertindo. E ainda respirando, é claro.

Cinco minutos mais tarde, pegou o caminho que levava à espaçosa casa vitoriana de dois andares, que Ashley transformara na Pousada Mountain View vários anos antes.

Ashley.

Melissa experimentou uma pontada no peito, sentia muita falta da irmã gêmea.

Apesar de serem diferentes em inúmeros aspectos, Ashley caseira, Melissa, nem um pouco. Ashley loira, com preferência por vestidos de chita e saias de tecido leve, Melissa com cabelo escuro, apaixonada por terninhos e calças. As duas sempre foram muito ligadas.

*Venha para casa depressa, Ash,* pensou ela, enquanto estacionava e saía do carro. Um assobio estridente vindo do quintal da frente da pousada a fez estacar.

Protegendo os olhos com uma das mãos, pois o sol ainda brilhava, viu um senhor idoso em pé, à sombra do estimado arbusto de lilás de Ashley. Usava calções brancos, uma camisa polo branca, sapatos brancos e meias brancas.

– Olhem isso! – disse o velho, passando por Melissa para olhar o *roadster* – Isto é que é um carro! – Ele balançou a cabeleira da cor da neve. – Lindo! Simplesmente lindo!

Melissa sorriu. Pelo menos, ele não era um galanteador.

– Obrigada – agradeceu, parando para olhar o carro com grande admiração. – Gosto dele também.

– Você deve ser a irmã da sra. McKenzie – disse o homem mudando seu foco do carro para Melissa.

*Sra. McKenzie,* é claro, era Ashley.

Melissa ainda estava se acostumando com aquela Ashley, casada e mãe. Às vezes, parecia inacreditável.

– Você deve ser um dos hóspedes – respondeu ela sorrindo e estendendo a mão através da cerca de piquete. – Melissa O’Ballivan.

– Sou John P. Winthrop IV – respondeu o homem, com um aceno de cabeça muito longo e um sorriso muito branco. – Mas pode me chamar de John.

– Como vai, John? – perguntou Melissa, pensando que podia ser capaz de encerrar a entrevista de forma bem rápida e depois escrever um e-mail a Ashley quando chegasse em casa, assegurando-lhe de que a pousada ainda estava de pé. – Há algo de que você ou qualquer um dos outros hóspedes necessitem?

O homem sorriu.

– Bem, sempre podemos aproveitar outro jogador de croquet – respondeu ele, fazendo um grande gesto na direção do portão lateral que conduzia ao lindo e bem cuidado jardim de flores silvestres de Ashley.

Um adolescente do bairro regava e cortava a grama, e por isso, as flores, uma profusão de vermelho, azul, rosa e laranja, pareciam em ótimo estado, apenas com algumas ervas daninhas aqui e ali.

– Eu não seria um trunfo para qualquer equipe de croquet que se preze – Melissa sorriu. Corria 4km todas as manhãs, mas essa era toda a extensão de seus esforços atléticos. – Mas gostaria de conhecer seus amigos.

John P. Winthrop IV apressou-se em abrir o portão.

– Você parece precisar de um copo de limonada gelada – afirmou ele.

*Tente uma dose de uísque*, pensou Melissa ironicamente, lembrando o fiasco com Velda. Esperava que Byron Cahill estivesse em casa, quando a mãe chegasse. Se tivesse ido para algum lugar desconhecido, estaria metido em toda sorte de problemas.

– Obrigada – disse ela em voz alta, voltando ao presente. – Limonada soa bem.

O sr. Winthrop fechou o portão e correu para alcançar Melissa no caminho de pedras. Parecia bastante ágil para um homem de idade tão avançada.

Talvez isso se devesse ao jogo de croquet.

– Há uma coisa – disse o homem apressado. Algo em seu tom, uma espécie de urgência leve, fez Melissa parar e olhar para o rosto gentil e, de alguma maneira, envergonhado. Somos um pouco diferentes, eu e meus amigos.

– Diferentes? – perguntou Melissa, enquanto uma voz interior a advertia, *lá vamos nós*.

O sr. Winthrop clareou a garganta.

– Mabel deveria ter informado a sua irmã com antecedência, quando reservamos os quartos. – Mas estávamos todos contando com este refúgio e quando soubemos que desfrutaríamos do lugar inteiro só para nós, bem, isso parecia ser...

Melissa apertou os olhos, piscando várias vezes.

– Mabel?

– Mabel Elliott – disse o sr. Winthrop num tom amável. – Somos todos aposentados, vivendo na mesma comunidade, com um relativo conforto financeiro e fazemos muitos desses pequenos passeios. Mabel sabe como usar a internet, por isso fica encarregada de arranjar acomodações.

– Entendo – murmurou Melissa, ainda perplexa e começando a desejar não ter concordado com o copo de limonada. Podia estar em casa em alguns minutos, tomar uma ducha fria, vestir um short, uma camiseta regata e sandálias e remexer em sua horta, cuidando da própria vida.

O sr. Winthrop segurou-a pelo cotovelo, de uma forma cortês.

– E com toda esta vegetação ao redor do quintal – acrescentou, baixando a voz – Não há problema, não é?

No entanto, ainda parecia apreensivo. E Melissa podia compreender como o homem se sentia, porque também estava nervosa agora. O que estaria acontecendo?

Os dois contornaram os fundos da casa, e Melissa congelou, boquiaberta.

Cinco pessoas, três mulheres e dois homens, todos com idade avançada, jogavam croquet no gramado sombreado.

Todos completamente nus.

A IMAGEM de Jillie e Zack, tirada na lua de mel, exibia os dois praticando paraquedismo, em algum lugar no México, com os rostos iluminados pela felicidade, enquanto faziam careta para o fotógrafo que pulara junto com eles.

Havia um monte de fotos dos St. John, mas aquela era a favorita de Matt.

– Conte-me mais uma vez sobre quando esta foto foi tirada – pediu a criança, aconchegando-se em seu saco de dormir, enquanto Steven se empoleirava na beirada da parte inferior de um beliche e Zeke se acomodava, confortavelmente, em uma cama de cachorro improvisada, junto a eles.

Segurando a fotografia emoldurada nas mãos, Steven sorriu, fitando aqueles rostos familiares. Ainda agora, parecia impossível que duas pessoas com tanta vitalidade não existissem mais.

– Bem – começou, como fizera uma centena de vezes antes, desde que se tornara o tutor legal de Matt e, em seguida, seu pai adotivo. – Fomos todos juntos para a escola, sua mãe, seu pai e eu, e desde o princípio, eles formaram um casal...

– Conte-me sobre o casamento – pediu o menino, com um bocejo. Tudo fazia parte de um padrão. Ele lutaria contra o sono por algum tempo, depois perderia a batalha. – Você foi o padrinho, não é?

– Eu fui o padrinho – confirmou Steven com a voz rouca.

– E você e meu pai tiveram que usar ternos de pinguim.

Steven riu, se perguntando se o garoto os estava imaginando vestidos como aves do norte gelado.

Mas, não, ele sabia o que era um smoking. Matt tinha visto as fotos do casamento um milhão de vezes. Em geral, perguntava por que não estava nelas.

A resposta  *você ainda não tinha nascido*, nunca parecia satisfazê-lo.

– É. Tivemos que usar ternos de pinguim.

– Mas mamãe estava com um lindo vestido branco.

– Sim.

– E de todos os três, ela era a mais bem vestida.

– Uma rosa entre dois espinhos – disse Steven, entrando no jogo.

– Uma petúnia em um canteiro de cebolas – retrucou Matt.

Os dois riram, o homem e o menino. Havia uma característica irregular no som.

– Conte-me mais sobre a minha mãe e o meu pai – pediu Matt.

Steven continuou falando, com o coração na garganta a maior parte do tempo, até que a criança, por fim, adormeceu. Quando se certificou de que Matt estava dormindo, deixou a sala, pisando com cuidado ao passar pelo cachorro.

Na sala de estar com a cozinha integrada, Steven abriu o laptop e o conectou. Não verificava seu e-mail há dias. Após eliminar o lixo eletrônico e as coisas que não estava com vontade de ler no momento, abriu uma mensagem recente da madrastra, Kim, datada daquela tarde.

– Você ainda está aí? – Ela havia escrito. – Avise-nos quando se instalar em Stone Creek, e eu e seu pai iremos lhe fazer uma visita.

Sorrindo, Steven digitou uma breve resposta. Kim sempre o tratara com carinho e bom humor durante os verões, quando ele ainda era um adolescente, nunca tentando tomar o lugar da mãe dele.

– Nós estamos aqui – ele escrevera. – Vivendo em um ônibus de turnê de um astro da música country. Há camas beliche no quarto de Matt, logo você e papai podem dormir lá.

Ao pensar nessa possibilidade, seu sorriso se ampliou.

Acrescentou uma descrição de Zeke, o *sheepdog*, contando a saga da adoção do animal, assegurou a Kim que ele e Matt estavam muito bem e assinou com o amor.

A segunda mensagem era de Conner.

– Estarei em Stone Creek para o rodeio no próximo mês – dizia. – Reserve-me uma cama.

E isso era tudo.

Steven deu uma risadinha. Seu primo era definitivamente um homem de poucas palavras.

Digitou a resposta, dizendo a Conner que ele era sempre bem-vindo e haveria uma cama a sua espera, quando chegasse a hora. Comparado ao primo, Steven era verborrágico.

Um gemido baixo o distraiu do computador. Olhou para cima e viu Zeke de pé, com o focinho na fenda da porta, querendo sair.

Deixou o laptop sobre a mesa e acompanhou o cão até o quintal.

Ainda não estava totalmente escuro, mas algumas estrelas começavam a salpicar o céu aqui e ali, e a sombra leve de uma lua quarto crescente espreitava sobre o horizonte, como um artista esperando nos bastidores.

Zeke farejou ao redor por algum tempo, fez suas necessidades e voltou para a porta, pronto para entrar.

Steven abriu a porta, e o cachorro subiu os degraus, rumando direto para o quarto de Matt.

Totalmente desperto, já entediado com a internet e sem vontade de assistir TV, Steven sentou-se sobre os degraus retráteis da porta e olhou para fora, para o que podia ver do seu rancho.

*Que rancho*, pensou. A maior parte das cercas se encontrava derrubada, o celeiro, provavelmente, desabara há uns dez anos, e a casa aparentava um verdadeiro desastre.

Suspirou e correu os dedos da mão direita pelo cabelo, algo que fazia sempre quando questionava as próprias decisões.

O pai e Conner tentaram persuadi-lo a permanecer no Colorado, a criar Matt junto à família e montar um escritório de advocacia em Lonesome Bend.

Não tinha certeza se o pai e o primo entendiam por que ele precisava ter algo próprio, criar alguma coisa nova para ele e Matt e prováveis gerações vindouras.

Não tinha certeza se *ele* próprio entendia.

O rancho Creed era, por direito, de Conner, meditou Steven. De Conner e Brody. O pai deles, morto desde que os irmãos eram pouco mais que bebês, era irmão mais velho de Davis e, portanto, o herdeiro do reino.

Não que alguém soubesse, exatamente, o paradeiro do irmão gêmeo idêntico de Conner, nos dias atuais. Os dois haviam brigado. Com exceção de um cartão de Natal a cada ano, com uma mensagem concisa rabiscada em algum lugar do lado de dentro, a família não tinha notícias dele há uma década.

Conner, como o bom irmão mais velho na parábola do Filho Pródigo, trabalhara ombro a ombro com Davis para fazer o rancho prosperar e conseguira. Mesmo com os altos e baixos da economia e das variações do preço da carne bovina, a criação ainda era rentável.

Quando Steven era jovem, nas suas idas e vindas entre a casa da mãe, no leste, onde vivia no outono, inverno e primavera, e o rancho, que também considerava sua casa, sentia um pouco de ciúmes dos primos. Dois anos mais novos que ele, os gêmeos viviam no campo o ano todo, e Davis era um pai substituto para eles, o tipo que não podia ser para ele, por uma boa parte do ano, devido à distância entre Lonesome Bend e Boston.

Assim, Steven vivia essencialmente uma vida dupla. No verão, era um garoto do campo, um vaqueiro. Arrebanhava o gado, montado no lombo de um cavalo, remendava cercas, mergulhava nos lagos sem roupa, brigava com os primos, como um filhote de lobo em uma ninhada e competia em rodeios.

Mas logo chegava o outono, e ele se via em um avião, usando roupas elegantes, em vez de jeans, camiseta e botas, e com o cabelo cortado curto, escovado e brilhante.

Em Boston, jogava tênis e ocupava uma posição na equipe de remo. Namorava meninas ricas. Mesmo sendo muito jovem, dispunha de uma suíte própria na enorme mansão do avô. Todos concordavam e *davam como certo* que um dia ele se uniria ao renomado escritório de advocacia, fundado bem antes de a Guerra Civil eclodir, no qual sua mãe, dois tios e, é claro, o avô conduziam os negócios da família.

O período escolar fora conturbado, pelo menos no início, motivo de muita preocupação para sua mãe. Porém, com bastante empenho, ele acabou se formando, fazendo a faculdade de Direito e ingressando na empresa como um funcionário júnior, assim como qualquer outro novato.

Dentro de um ano, a mãe e o avô haviam falecido. A mãe morrera de pneumonia, que começara como um simples caso de gripe. O avô, de um ataque cardíaco.

Steven logo percebera que não podia trabalhar para os tios, ressentidos pelo fato de ele ter herdado da mãe parte da fortuna da família, além de uma



vultuosa quantia em dinheiro que lhe fora reservada desde o nascimento, acrescida dos juros acumulados desde então. Os tios nunca entenderam o que dera na irmã para se envolver com um caubói, em uma cidadezinha pobre no Oeste, durante uma viagem de verão com as colegas de faculdade, ficando grávida e coroando a desgraça, ao insistir em ter o bebê.

Mas ainda havia outras razões para a ruptura. Michael e Edward Fletcher jamais partilharam o compromisso do pai com a excelência, para não mencionar a integridade. E sua morte não mudara nada. Também não possuíam a inteligência aguçada da irmã.

Poucos meses após o segundo funeral, o do avô, Steven ligara para o seu melhor amigo de escola, Zack St. John, que o recomendara para um cargo na empresa de Denver, na qual ele trabalhava. O resto, como diziam, era história.

Em Boston, no departamento, ao qual sua mãe se referia como a “loja”, Steven praticara Direito Societário. Mas assim que se mudara para Denver, passou a se dedicar à defesa criminal. E adorou.

Ele e Zack trabalharam juntos, formando uma brilhante equipe. Steven tinha orgulho do currículo dos dois, não apenas composto de vitórias, mas de perdas também. Em todos os casos, davam sempre o melhor de si.

Naquele momento, seu telefone celular tocou no bolso, fazendo-o estremecer. Por um breve instante, esquecera que Zack estava morto e esperou ouvir sua voz.

– Alô? – disse ele, ainda sentado à porta do ônibus, percebendo que a noite estava ficando fria. – Por que você não ligou? – perguntou Kim com um tom alegre.

Steven entrou, fechou a porta, falando em voz baixa, porque não queria acordar Matt. O menino precisava descansar, já que começaria no jardim de infância na segunda-feira.

– Porque mandei um e-mail em vez disso – respondeu ele. O pai e madrasta nunca tiveram um filho verdadeiro juntos. O que era uma pena, porque ambos tinham muito jeito com crianças. Eram pessoas boas, decentes e responsáveis, e ele os amava.

– Então conte-me tudo sobre Stone Creek – pediu Kim.

MELISSA RETIROU o jantar dietético do micro-ondas e o depositou sobre a bancada da cozinha para esfriar. Com a outra mão, segurava o telefone sem fio junto ao ouvido.

– Estou lhe dizendo que há um bando de nudistas com mais de 80 anos de idade em sua propriedade, Ashley O’Ballivan, e tudo o que você faz é rir?

– Meu nome agora é McKenzie – respondeu Ashley alegremente. – O que *esperava* que eu fizesse? Que chamasse a Guarda Nacional para restaurar a ordem?

– Não imaginei que você fosse *achar graça*, isso é tudo – retrucou Melissa ofendida e não inteiramente certa do porquê.

– Por que eu não riria? – perguntou Ashley num tom moderado. – É *engraçado*.

– Para não dizer ilegal. – Melissa deixou uma risada tardia escapar. – Acho que você está certa – admitiu, olhando para a comida com cautela. O prato parecia mais uma réplica de uma lasanha de plástico do que um alimento verdadeiro, o tipo que podia ser vendido em uma loja de enfeites e brincadeiras, já que havia um mercado para aquele tipo de coisa. – Mas, creia-me, também foi um choque. Não pode dizer que viveu, minha querida, até ver um bando de idosos com o traseiro à mostra, engajados em um animado jogo de croquet.

– E você sem uma mangueira de incêndio – brincou Ashley.

– Ha-ha – disse Melissa, arrancando, com cuidado, o celofane que envolvia a lasanha. Ashley tinha talento para cozinha. Julia Child era sua santa padroeira. Ela, por sua vez, jamais se interessara por culinária. Na verdade, havia se vacinado contra isso. – Quando voltará para casa? Sinto falta dos seus jantares.

Ashley riu novamente, mas o tom subjacente era gentil e deixava passar um leve grau de preocupação.

– *Jantares*, não é? – rebateu. – Você *sabe* quando voltaremos para casa. Eu já lhe disse umas dezenove vezes. Vai ser no início da próxima semana. – Fez uma pausa e respirou. – Melissa, o que está acontecendo? Quero dizer, além do motim de nudismo?

– Escolha de palavras interessante – comentou Melissa seca, desistindo da lasanha e empurrando-a para a parte de trás da bancada. – E já é sexta-feira. Então, o início da próxima semana é...

– Certo, terça-feira – confirmou Ashley com uma risada e, insistente, esperou Melissa lhe responder o que estava acontecendo.

– Byron Cahill saiu da prisão esta manhã – contou Melissa.

– Sim – disse Ashley depressa, soando apenas um pouco preocupada.

– Ele não apareceu no horário combinado. Velda ficou nervosa.

– O que mais está acontecendo? – pressionou a irmã. – Velda está nervosa há anos, e você, durante todo esse tempo, sabia que Byron seria libertado.

*Eu conheci um homem, Melissa se imaginou dizendo. Seu nome é Steven Creed. Acho que ele não tem nada a ver comigo, mas é deslumbrante.*

Se estivesse falando pessoalmente com Ashley teria lhe contado, mas não se sentia preparada para falar sobre Steven por telefone. E, de qualquer maneira, o que havia para dizer? Não acontecera nada.

Mesmo assim, Ashley era um O’Ballivan, e, entre outras coisas, isso significava que não desistiria, até ter uma história consistente.

Então, Melissa arrumou uma.

– Querem que eu lidere o Comitê do Desfile.

– Ah, meu Deus! – retrucou Ashley, parecendo surpresa. – Como *isso* aconteceu?

– Não tenho bem certeza, além do fato de que Ona não pode presidir o Comitê este ano porque sua vesícula explodiu.

– *Explodiu?*

– Não literalmente, Ash. E agradeça aos céus por isso, porque você pode imaginar as partículas...

– *Melissa* – Ashley gemeu.

– Desculpe. – A mentira fora brilhante. Ela sempre gostara de ludibriar a irmã.

Ouviu-se outra risada do outro lado da linha.

– Não que você mereça – começou Ashley, mas assim que Jack, Katie e eu voltarmos de Chicago, vou ver o que posso fazer para ajudá-la com o desfile.

Foi a vez de Melissa gemer.

– Você está simplesmente salvando a minha vida.

– Qual é a dificuldade? – perguntou Ashley. Um desfile em uma cidade pequena com... o quê? Uns quinze carros alegóricos, uma banda da escola secundária, veteranos de guerras estrangeiras e o xerife montado em seu cavalo?

*Qual era a dificuldade?*

– Não abuse da sorte – alertou Melissa. – Só porque a pobre Ona fez parecer fácil durante todos esses anos, não significa que é.

Ashley suspirou.

– Tente manter a calma – disse a irmã, mas ainda soava alegre e otimista. E por que não soaria? Ela era feliz. Completamente apaixonada pelo marido, Jack, que também a amava. Mãe da linda Katie e grávida de, mais ou menos, seis meses de um segundo filho. – E desde quando você é supersticiosa o suficiente para se preocupar com a sorte?

*Talvez desde sempre, pensou Melissa.*

De muitas maneiras, a infância das duas não fora fácil. A mãe abandonara a família, quando ela e Ashley ainda eram pequenas. E o pai morrera atingido por um raio, enquanto arrebanhava o gado no rancho Stone Creek.

Depois disso, os quatro jovens O’Ballivan foram criados pelo avô, Big John. Embora Big John se excedesse, amando-os com todo o seu coração bondoso, havia problemas, é claro. Mas não havia sempre problemas? *Alguém* conseguia chegar à idade adulta incólume? Ela não acreditava.

– Melissa? – chamou Ashley, quando ela permaneceu calada por muito tempo.

– Estou perfeitamente bem – insistiu. Mordendo lábio inferior, perscrutou a geladeira e não encontrou nada que a atraísse. – Mas o que você quer que eu faça se a polícia invadir sua casa por razões de conduta imprópria?

Ashley riu.

Era um som que Melissa conhecia bem e amava. Tanto quanto uma parte de si, já que em algum nível, às vezes, as duas pareciam a mesma pessoa.

– O que quero que você faça? – brincou Ashley. – Bem, talvez possa relaxar um pouco. Inscreva-se na equipe de croquet ou algo assim.

– Você é simplesmente muito divertida.

– Melissa?

– O quê?

– Obrigada por ligar. Eu te amo. Nos veremos dentro de alguns dias.

Melissa fez uma careta para o receptor e desligou.

A fome, por fim, a fez pegar o carro e dirigir até o supermercado, a fim de comprar uma salada, uma caixa de iogurte desnatado para o café da manhã e a nova edição da *Vanity Fair*.

Ao voltar ao carro, com o saco de compras na mão, viu Andrea estacionando em frente ao mercado. Ao fitá-la, a jovem pareceu não ter tempo de esconder sua expressão de culpa.

Melissa sorriu cordial e esperou até que sua assistente saísse do carro velho, pendurasse a bolsa sobre um dos ombros e acenasse com a cabeça um tímido “olá”.

– Está se sentindo melhor? – perguntou ela, mantendo a voz jovial. – Cólicas podem ser terríveis.

O gosto para se vestir de Andrea era questionável, bem como sua memória para regar plantas e coisas desse tipo, mas era uma pessoa honesta, e Melissa sabia que era inteligente também. Se aprendesse a acreditar em si mesma, nada a deteria.

– Eu estava fingindo – confessou a jovem num tom infeliz, a confissão soando um pouco ofegante. – Na verdade, não estava com cólicas.

– Não brinca?

Andrea não entendeu o sarcasmo leve do tom da chefe.

– Fui buscar Byron – disse ela, olhando para baixo, para o asfalto do estacionamento, em vez de encarar Melissa. – Byron Cahill, quero dizer.

– Entendo – disse Melissa, mas estava genuinamente surpresa. Não fazia a mínima ideia de que Andrea e Byron eram amigos.

Com um esforço óbvio, Andrea obrigou-se a fitar Melissa nos olhos. Os traços de sua mandíbula tornaram-se obstinados, enquanto esperava por...

Por o quê? Recriminações? Um sermão? O equivalente verbal a uma demissão?

– A mãe de Byron ficou muito preocupada quando o filho não desceu do ônibus esta tarde – comentou Melissa, sentindo-se cansada novamente. – Pensou que algo de ruim teria lhe acontecido.

Andrea assentiu, e seus ombros caíram um pouco.

– Eu sei. – A voz soou fraca. – Mas já está tudo bem. Deixei Byron em casa. A mãe dele estava lá e, nesse momento, está fazendo uma pizza. Só vim até aqui comprar refrigerantes e alugar alguns filmes – disse a menina com um leve rubor nas faces. – Já que é sexta-feira à noite e tudo mais.

– E tudo mais – repetiu Melissa num tom jocoso.

Andrea se endireitou.

– Vai me demitir?

– Provavelmente, não – respondeu Melissa, pensando em como era irônico que Andrea, Velda e Byron passassem a noite comendo pizza e assistindo DVDs juntos, enquanto ela jantava uma salada sozinha. – Para referência futura, porém, se tiver planos pessoais que a ausentem do trabalho, é só dizer. A menos que haja algo urgente que eu precise que você faça, poderei dispensá-la por algumas horas.

Andrea parecia envergonhada de novo.

– É que pensei que você desaprovasse. Refiro-me ao fato de eu e Byron estarmos juntos.

Melissa olhou em volta para verificar se nenhuma das fofoqueiras locais estava por perto, com uma orelha em pé em sua direção.

– Estarmos juntos? Como você e Byron podem estar juntos se ele ficou preso durante quase dois anos?

– Começamos a nos relacionar por correspondência – respondeu a jovem. Eu via Velda na cidade, às vezes, e ela me contava como Byron se sentia sozinho, trancafiado como uma espécie de criminoso...

Melissa ergueu a mão. Em um tribunal, teria dito “Objeção!”. No estacionamento do supermercado, de frente para uma jovem que tinha uma mãe drogada e as irmãs Crockett, duas senhoras bem idosas, como seus principais modelos femininos, adotou uma postura diferente.

– Espere um pouco – disse num tom de voz bem calmo. – Byron consumiu uma grande quantidade de álcool, em seguida, se sentou atrás do volante de um carro e se envolveu em um terrível acidente. E uma pessoa morreu nesse acidente, Andrea.

Os olhos da garota se arregalaram. Ela engoliu em seco e, em seguida, assentiu.

– Repeti apenas o que Velda me disse. Comecei a escrever para Byron, porque sei como é se sentir sozinho, e ele escreveu de volta. Ficamos amigos. – A garota fez uma pausa e respirou fundo. – Byron tem noção da gravidade do seu erro, e eu também.

Melissa fechou os olhos por um momento, surpresa ao descobrir que eles ardiam com lágrimas.

– Sim. – Ela lembrou o funeral de Chavonne e como a mãe da menina morta gritara de dor ao ver o caixão ser baixado à sepultura. Às vezes, ainda podia ouvi-la em seus pesadelos.

Andrea inclinou-se um pouco e fitou Melissa.

– Você está bem? Parece... Não sei... Pálida ou algo assim.

Melissa sacudiu a cabeça, não em resposta, mas para indicar que não queria falar mais nada naquela noite. Então, caminhou além de Andrea para entrar no *roadster*.

Só após colocar a sacola de supermercado no banco do passageiro, procurar a chave, ligar o motor e conduzir o carro até a extremidade do estacionamento é que ela olhou pelo espelho retrovisor e viu que Andrea não se movera. Ainda estava de pé, exatamente no mesmo ponto, olhando para o chão.

## *Capítulo Cinco*

---

MATT, STEVEN e Zeke, o cachorro-maravilha, acordaram cedo na manhã seguinte, apesar de ser sábado, normalmente um dia para dormir até mais tarde.

Steven tomou um banho. Em seguida, foi a vez de Matt. Ambos se vestiram à moda “caubói”: jeans e botas. Matt usava uma camiseta, enquanto Steven vestia uma camisa de algodão velha de cambraia, uma de suas favoritas anos atrás, quando cavalgava e laçava animais no rancho.

– Aqui está o plano – disse ele, bebendo uma caneca de café solúvel, enquanto o menino alimentava Zeke com a ração matinal e colocava água fresca em sua tigela. – Vamos até a cidade, almoçamos no Sunflower Café, ou seja, lá o que for, então passaremos no jardim de infância para você dar uma olhada.

– O Zeke pode ir também? – perguntou Matt, acariciando o animal enquanto falava.

O cachorro continuou comendo.

– Claro – respondeu Steven. – Hoje pode.

Matt concordou, mas era óbvio que algo o afligia.

– O que foi? – perguntou Steven, pousando a caneca de café sobre a pia.

O menino o fitou, os olhos arregalados com preocupações que não costumavam inquietar crianças de 5 anos de idade.



– Zeke pode ir trabalhar com você quando eu estiver no jardim de infância, certo? E neste outono, quando a escola começar?

– Certo – concordou Steven, procurando as chaves da picape e o telefone celular. – Mas haverá dias em que não será possível, Tex.

– Como quando você estiver no tribunal ou algo assim?

Steven sorriu e apertou de leve o ombro da criança.

– Como quando eu estiver no tribunal ou algo assim.

– Mas às vezes ele vai ficar aqui sozinho? Trancado neste ônibus?

Steven pôs as mãos nos quadris. Algumas conversas precisavam ser feitas olho no olho, e aquela era uma delas.

– Planejo contratar mão de obra para arrumar o pátio e consertar a cerca, tão logo as obras estejam em andamento. Vamos construir uma casinha de cachorro para o Zeke, grande e bonita. Ele ficará bem, enquanto eu estiver trabalhando e você na escola.

A essa altura, Zeke já havia devorado toda a ração e agora bebia água ruidosamente na sua tigela.

– E se os coiotes o atacarem? – perguntou Matt.

No Colorado, não era incomum as pessoas perderem seus animais de estimação para os coiotes, até mesmo na cidade. Com seus habitats naturais encolhidos, os animais selvagens estavam ficando cada vez mais ousados. Porque costumavam andar em bandos, mesmo cães de grande porte levavam desvantagem em um confronto.

– Vamos nos certificar de que a cerca seja alta e forte, de modo que os impeça de pular – explicou Steven, endireitando-se porque seus joelhos estavam começando a doer.

– Alta como? – insistiu Matt.

– Bem alta – prometeu Steven.

Matt pareceu mais tranquilo.

– Está bem – disse, dirigindo-se à porta, com Zeke bem atrás dele. – Vamos passear.

Steven riu, e, quinze minutos depois, estavam colocando o carro em uma vaga de estacionamento ao lado do Sunflower Bakery and Café. Lembrando-

se da multa que recebera no dia anterior, certificou-se de que não havia hidrantes de incêndio num raio de quinze metros.

Conduziram Zeke até a frente do restaurante e prenderam a guia do cão a um poste, com um aviso que dizia “animais de estimação aqui”. Havia uma grande tigela de água fresca ao seu alcance.

Steven acabara de endireitar as costas e estava prestes a levar Matt para o interior do café, quando Melissa O’Ballivan contornou uma esquina correndo e atravessou a rua, em uma linha reta na sua direção.

Usava um short rosa, uma camiseta branca fininha e uma viseira. O vasto cabelo castanho estava preso em um rabo de cavalo.

Seu sorriso quase fez Steven cair para trás, mesmo *sendo* dirigido a Matt e ao cão, com tamanha intensidade, que ele parecia ser invisível.

Caramba, pensou, porque o chão tremeu embaixo de seus pés e o céu se inclinou em um ângulo tão estranho, que quase perdeu o equilíbrio. Sacudiu a cabeça, em uma tentativa de limpar algumas teias de aranha.

– Bom dia – disse Melissa, correndo no mesmo lugar.

Todas as partes sexies balançavam, Steven percebeu, sorrindo para ela como um idiota.

– Bom dia – respondeu ele, após limpar a garganta.

Melissa o fitou com uma expressão de surpresa nos olhos azuis, como se tivesse esquecido, por um momento, que ele estava lá. Ou como se, até então, não o tivesse notado.

Pelo visto, queria passar essa impressão, e ele ficou intrigado.

– Importa-se de abrir a porta? – perguntou ela, desconectando os fones de ouvido brancos ligados a um MP3 player em uma braçadeira.

Steven demorou um momento para registrar o que aquela simples frase de fato significava. Ela queria entrar no café.

Sentindo o pescoço quente, abriu a porta e a segurou, para que ela pudesse atravessar a soleira e correr até o balcão.

Cumprimentos matinais e os aromas de café fresco, assados e bacon frito inundaram Steven. Mas mesmo com toda a fome que sentia, mal os notou. Parecia que não conseguia desviar os olhos das nádegas flexíveis e perfeitas de Melissa O’Ballivan.

– Aqui! – gritou Matt, chamando a atenção de Steven. Se tivesse sorte, talvez ninguém o tivesse visto admirando, como um pervertido, enquanto a promotora pública corria no mesmo lugar em frente ao balcão, pedindo uma garrafa de água *bem gelada* para viagem.

O menino havia encontrado uma mesa junto a uma das janelas da frente.

Zeke, do outro lado, podia colocar suas grandes patas sobre o peitoril e pressionar o focinho no vidro.

Steven riu, e isso quebrou a tensão. Até Melissa passar correndo outra vez, com a garrafa de água na mão. O motorista de um caminhão se levantou e abriu a porta para ela. Ele sentiu uma pontada de irritação ou seria o velho e básico ciúme?

Lá fora, trotando próximo à janela, Melissa concedeu um sorriso a Zeke, que Steven queria para si.

– O que vai ser esta manhã, companheiros? – perguntou uma voz feminina agradável. Ele se virou e se deparou com Tessa Quinn, a adorável proprietária do estabelecimento que usava um avental de estampa floral sobre uma camiseta e um jeans, exibindo uma aparência formidável.

Steven a reconheceu assim que pôs os olhos nela no dia anterior. Tessa interpretara um importante papel em uma longa série de TV, quando era mais jovem. Mas, pelo visto, trocara a telinha por uma cafeteria e um avental em uma cidade pequena.

Matt pediu uma pequena pilha de panquecas de mirtilo e um grande copo de leite. Steven, café, presunto e ovos.

Tessa sorriu.

– É para já – disse, e o sorriso permaneceu em seus olhos, quando ergueu o olhar e fitou brevemente a janela pela qual Melissa acabara de passar.

A ROTA habitual do *cooper* de Melissa sempre a levava à pousada da irmã, na maioria das manhãs, mas não naquela.

O que temia?, perguntou-se, dando uma risadinha irônica quando pegou o ritmo. Estava percorrendo duas ruas fora do seu caminho, apenas para evitar passar na frente da propriedade de Ashley e Jack. Vai que o jogo de croquet dos nudistas tivesse mudado para o jardim da frente?

*Está se tornando uma verdadeira desmancha prazeres, Melissa O'Ballivan,* disse a si mesma.

Ao chegar em casa, passou pelo portão da frente e fez uma série de exercícios de alongamento no gramado. Acabou com a água, entrou na varanda e quase se engasgou ao levar um grande susto.

Sentado à sombra dos velhos e frondosos arbustos de peônias que margeavam a varanda, com suas enormes flores brancas já desaparecendo, visto que junho avançava em direção a julho, encontrava-se Byron Cahill.

Andrea estava a seu lado. Ao notarem a expressão de Melissa, os dois jovens tocaram os ombros, talvez tentando transmitir coragem um ao outro.

– Bem – disse Melissa sem saber o que pensar. – Bom dia.

Byron se ergueu. Talvez estivesse sendo apenas educado e não havia nada de ameaçador em sua postura, mas era um garoto grande, e Melissa automaticamente deu um passo atrás.

– Andrea me disse que você precisava de alguém para cortar a grama, aparar os arbustos e outras coisas – A voz do rapaz soou baixa. Ele havia engordado na cadeia, usava um jeans barato, tênis de cano alto e uma camiseta limpa. Durante o tempo em que ficara fora, sua acne desaparecera.

Exibia, de fato, uma boa aparência, embora ainda fosse um garoto.

Melissa *fizera* alguns comentários no escritório sobre contratar alguém para tratar do jardim, mas jamais lhe ocorreu que Andrea tivesse escutado e, muito menos, que planejasse trazer o namorado, recém-libertado da cadeia, para se candidatar à vaga.

– Bem – disse, olhando para os arbustos de peônia crescidos.

A grama estava tão alta que animais de pequeno porte poderiam se esconder nela, e os galhos do antigo e venerável bordô praticamente raspavam a calçada em frente à cerca de madeira, que precisava ser lixada e pintada.

– Posso pedir um cortador emprestado – Byron se apressou em dizer, e havia algo cativante em sua voz, que fez Melissa sentir uma pontada de simpatia pelo garoto.

Os tempos estavam difíceis. Não havia muitos postos de trabalho em Stone Creek, em especial para jovens com uma ficha policial.

Andrea olhou para Melissa esperançosa e mordeu o lábio inferior antes de deixar escapar:

– A senhora Mamie e a senhora Marge contrataram Byron para revestir a lagoa dos peixes no quintal da casa delas. Você sabe, esvaziá-la, colocar revestimento novo e, em seguida, enchê-la outra vez e colocar todos os peixes de volta...

Era evidente que aquela era a ideia de Andrea de exaltar as qualidades do namorado, mas se perdeu no meio do caminho quando Byron apertou-lhe a mão.

– Estou pedindo uma chance – disse ele a Melissa. Havia resignação em sua voz, mas seu olhar era direto. Se ela tivesse se afastado, ele teria passado por ela, em direção ao portão.

Mas ela não se afastou.

– O trabalho é pesado – explicou ela, avaliando-o novamente. – E provavelmente temporário. – Mike Smith, o adolescente que cuidava do gramado e canteiros de Ashley e Jack, costumava fazer trabalhos de jardinagem para ela também. Naquele ano, porém, Mike tivera que frequentar a escola no verão e não dispunha de muito tempo livre.

Byron arregalou os olhos um pouco e um sorriso curvou-lhe um dos cantos da boca.

– Não tenho medo de trabalho pesado – afirmou. – Quanto a ser temporário, posso lidar com isso.

Melissa se perguntou se fora Andrea que o induzira a pedir o emprego, ou a ideia partira dele. De qualquer forma, demandava coragem vir até ali e fazer o pedido, considerando a história do seu passado.

– Quando pode começar? – perguntou ela, estipulando um salário por hora, que pareceu agradá-lo.

Byron correu a mão pelo cabelo castanho, considerando a resposta.

– Bem, a sra. Mamie e sra. Marge têm prioridade, uma vez que todos os peixes estão em baldes, esperando que eu limpe a lagoa.

Melissa sorriu por conta da imagem colorida que surgiu em sua mente.

– Amanhã então? – perguntou.

– Claro – respondeu Byron.

Por fim, ela se mexeu, para que eles pudessem descer os degraus. Byron fez uma pausa em frente a ela, Andrea ainda segurando-o pela mão esquerda.

– Obrigado – disse ele, estendendo a direita para Melissa.

Hesitando, apenas por um breve momento, ela aceitou o cumprimento.

– Se você estragar tudo – avisou-o, com franqueza, mas em um tom amigável. – Será demitido.

Ele riu.

– Sim, senhora.

O garoto se dirigiu ao portão com Andrea em seu encalço. Olhando para trás, a jovem expressou um “obrigada!” com os lábios e partiu.

Esperando ter feito a coisa certa, Melissa entrou em casa e foi direto para a cozinha. Lá, jogou a garrafa de água vazia na lixeira e hesitou em frente ao antigo telefone de parede.

Era sábado, manhã de sábado.

Por certo, nenhuma emergência ocorrera, enquanto praticava seu cooper. Não demorara mais de uma hora.

Até mesmo os promotores tinham fins de semana livres afinal.

Lembrou-se de Steven Creed, em pé, em frente ao Sunflower Café, pouco antes, quando ela parara para comprar água. Não que esperasse que ele ligasse ou algo do gênero. *Maldição*, vestido como um fazendeiro, ele estava do jeito que ela fantasiara vê-lo no dia anterior. Devia ser obrigatório algum tipo de autorização legal para ser tão bonito.

Melissa suspirou. Não ser capaz de ignorar o correio de voz era a maldição das pessoas da lei, lembrou-se e estendeu a mão para o receptor. Se não verificasse as mensagens, não iria relaxar e desfrutar seu tempo livre.

Havia uma chamada.

A voz gravada de Ona Frame soou no recinto.

– Melissa? Espero que não seja muito cedo para estar ligando, querida, mas fiquei tão contente quando Tommy esteve aqui esta manhã e me disse que estava disposta a preencher a minha vaga no Comitê do Desfile este ano.

– A velha senhora fez uma pausa, chorosa. – Você vê, terei que operar a maldita vesícula, e não há nada que se possa fazer quanto a isso. Mas

costumamos abrir o rodeio anual com um desfile todos os anos, há quase meio século. Não me envergonho de lhe dizer que partiu meu coração pensar em cancelar...

Enquanto estava correndo, Melissa imaginara umas sete ou oito desculpas para recusar o posto de diretora do Comitê do Desfile. No entanto, todas se dissiparam ao ouvir Ona falar e falar. A mensagem durou tanto tempo, que Ona teve que ligar uma segunda vez, porque o tempo da primeira ligação expirou.

O motivo do telefonema era para informar que a reunião do comitê estava programada para as 15h, naquela mesma tarde. Seria realizada na sala comunitária, na Creekside Academy. Já que toda a equipe pensava em participar, ela julgou ser a oportunidade perfeita para apresentar Melissa como a nova líder.

Ligue-me e diga-me se você pode comparecer!, terminara Ona num tom alegre. – E espero que não esteja dormindo e eu a tenha acordado, ligando...

Melissa desligou, descansando a testa suada contra a porta de um armário, enquanto respirava lenta e profundamente.

Não havia saída. Estava comprometida. O jeito era aceitar o fato e seguir em frente, pensou.

Conformada, permitiu-se uma indulgência antes de retornar a ligação de Ona, comprometendo-se a fazer o trabalho. Tomou um banho primeiro.

DURANTE O café da manhã, Steven recebeu um telefonema em seu celular da concessionária de carros de Flagstaff que havia contatado várias semanas antes. A picape de cabine estendida que adquirira chegara, e havia possibilidade de entrega naquele mesmo dia, se ele quisesse.

Steven concordou, aliviado porque agora teria um banco traseiro para Matt e Zeke. Além do mais, a sua caminhonete parecia ter sido usada nos anos 30 por alguma família fugindo de uma tempestade de areia, embora não fosse tão velha quanto aparentava.

Sorriu, lembrando a descrição inteligente que o pai fizera do veículo.

*Steven comprou uma dessas carroças velhas de dois tons,* dissera Davis Creed a um amigo, em tom jocoso. *E um desses tons é a ferrugem.*

– Tenho que esvaziar o meu prato? – perguntou Matt, ansioso por sair e fazer companhia a Zeke.

Steven ainda estava pensando sobre os veículos. Em Denver, dirigia um Corvette vermelho, também impróprio para transportar um menino e um cachorro.

Mas Melissa O’Ballivan ficaria muito bem viajando a seu lado em um carro esportivo, pensou. Imaginou-a usando um vestido de verão azul de bolinhas brancas, tomara que caia... O cabelo solto em torno dos ombros nus e os lábios pintados com um batom brilhante.

– Steven? – chamou Matt, acenando com uma das mãos em frente ao seu rosto.

– Vai ver o Zeke – respondeu ele com uma risada, ao mesmo tempo em que afastava o prato. – Enquanto eu pago a conta.

Matt se afastou da mesa e se dirigiu à porta. Steven esperou até ver o menino com Zeke, antes de se afastar da janela. Poucos minutos depois, se juntou a eles lá fora.

– Podemos ir ver se o escritório está apto para uso – disse ele à criança, enfiando a carteira no bolso enquanto falava.

– Tudo bem – concordou Matt. – Mas Zeke bebeu toda a água. – Ele ergueu a tigela vazia como prova. – Viu?

Steven agitou o cabelo do menino e assentiu.

– Estou vendo. Você acha que é alto e capaz o suficiente para alcançar a torneira da pia no banheiro masculino e encher a tigela novamente, e então fazer todo o caminho de volta até aqui sem derramar?

Matt concordou com a cabeça e se dirigiu à porta, parando apenas para dizer:

– Fique de olho no Zeke enquanto eu estiver fora.

Steven sorriu e executou uma meia continência afirmativa.

O menino provou ser um eficiente carregador de água, e os dois rumaram para o escritório a pé, já que ficava no fim da rua.

Como puderam constatar mais tarde, o lugar estava em bom estado.

O pessoal da administração de imóveis havia pintado as paredes com um sutil tom branco-gelo, como solicitado, e o carpete cinza parecia limpo.



Duas mesas, alguns armários e uma meia dúzia de estantes haviam sido entregues, e quando Steven pegou o aparelho de telefone com três ramais, que sua assistente usaria, quando contratasse uma, havia tom de discagem.

– Parece que está tudo em perfeita ordem, Tex – disse para Matt, que estava ocupado, explorando o pequeno lugar, com Zeke.

Na verdade, não havia muito *a explorar*, era apenas um escritório interno, um armário e um banheiro unissex, que não era grande o suficiente para se virar em seu interior.

Mas para Steven estava bom.

Provavelmente, não teria muitos casos, mesmo seus serviços sendo gratuitos. Afinal, Stone Creek não era o que se poderia chamar de uma cidade com altos índices de criminalidade. E isso também era bom.

Aliás, fora um dos principais motivos que o levara para lá. Queria criar Matt em uma cidade pequena, que não fosse Lonesome Bend, no Colorado.

– Vamos visitar o jardim de infância agora? – perguntou a criança, após ter espiado todos os cantos do escritório. Mas não parecia muito entusiasmado com a perspectiva.

Steven conferiu o relógio.

– O pessoal da concessionária disse que nossa picape nova chegaria dentro de uma hora e meia, mais ou menos. Por que não voltamos para o rancho, esperamos a entrega e, em seguida, voltamos à cidade e visitamos a Creekside Academy?

Matt gostou da ideia, e assim ficou resolvido.

Voltaram para casa, e, ao saírem da antiga picape, Zeke correu em círculos sobre a grama, feliz com sua liberdade ou talvez apenas contente por estar vivo e ter um dono.

Duas horas e meia depois, o novo veículo foi entregue. Era azul celeste e brilhante, com um cromado reluzente próprio para deslumbrar os olhos. Um segundo homem o seguia em um pequeno carro para dar ao motorista uma carona de volta.

Steven assinou a nota fiscal, pegou as chaves e acenou aos entregadores no segundo carro.

Matt, por sua vez, já havia subido no estribo, talvez na esperança de encostar o rosto contra a janela do lado do motorista e perscrutar o interior. O problema é que era pequeno demais.

Rindo, Steven se aproximou. Com um dos braços, envolveu o garoto pela cintura e abriu a porta da caminhonete com a outra. Colocou-o lá dentro e, sorrindo, observou a criança se acomodar no assento, segurar o volante e fazer o famoso som *vrum* que as crianças costumavam usar para imitar o barulho de um motor.

– Não vai demorar muito, e terei idade suficiente para dirigir! – disse Matt, fingindo estar pilotando.

As palavras entristeceram Steven um pouco, porque sabia que eram verdadeiras. Como todas as crianças, Matt iria crescer bem rápido.

– Sim – concordou, com um sorriso. – Mas, por enquanto, ainda é muito pequeno para enxergar além do painel de instrumentos.

– *Vrum!* – gritou Matt, sem se intimidar.

Steven foi até a outra caminhonete pegar a cadeirinha do menino, trouxe-a e a instalou, com cuidado, no novo carro, enquanto a criança continuava a brincar de dirigir.

Zeke, evidentemente se sentindo excluído da ação, colocou as patas dianteiras sobre o estribo e choramingou para entrar.

Com um aceno de cabeça, Steven terminou de prender a cadeirinha infantil, fechou a porta e deu a volta para o outro lado, assobiando para que Zeke o seguisse.

Abriu a porta do banco traseiro, e o cão saltou para acima, ágil como um filhote, sentando-se, ofegante e feliz, sobre o estofamento de couro, até então impecável, à espera da próxima aventura começar.

– Vamos lá, amigo – Steven disse a Matt, quando o garoto não se moveu atrás do volante. – Hora de mudar de lugar.

– Não posso andar na frente, como fazia na picape velha? – perguntou o menino. A voz soou um pouco lamuriosa, talvez precisasse de uma soneca, mas já que Steven sabia que o menino não iria dormir, não via sentido algum em se permitir sonhar com uma ou duas horas de paz e sossego, quando não havia esperança de que isso viesse a acontecer.

– Não – respondeu em um tom firme. – Não pode. E Zeke vai se sentir sozinho lá atrás, sem ninguém para lhe fazer companhia.

Matt não podia discutir com aquela lógica. Afinal, o bem-estar do cão estava em jogo.

Então passou entre os bancos dianteiros para o traseiro e apenas suspirou algumas vezes, enquanto Steven o acomodou na cadeira infantil.

– Vamos ver como essa coisa funciona – disse, quando Matt estava seguro.

Zeke se aproximara da criança, provavelmente para lhe dar apoio moral, e quando Steven entrou na picape e ligou o motor, a grande cabeça do cão peludo era tudo o que aparecia em seu espelho retrovisor. Então teve que voltar ao banco de trás e fazer Zeke mudar de lugar, uma tarefa no mínimo complicada.

Quando, por fim, alcançou a estrada, Steven começou a pensar que deveriam deixar a visita ao jardim de infância para outro dia. Mas decidiu continuar, porque os pneus já estavam girando, e, além disso, Matt deveria começar na manhã de segunda-feira.

O lugar, com certeza, estaria fechado no dia seguinte, uma vez que seria domingo, e isso significaria nenhum avanço na missão de reconhecimento de Matt. Ele tinha 5 anos, um garoto novo, em uma nova comunidade. Steven queria lhe dar todas as chances de se sentir seguro.

No trajeto para Stone Creek, Matt cochilou. Zeke, sempre companheiro, afundou no assento e dormiu também. Porém, pensar em paz e sossego era uma perda de tempo, porque o cão roncava como uma serra roendo madeira de lei.

Logo que parou em frente à Creekside Academy, uma longa e baixa estrutura de tijolos vermelhos, com venezianas verdes nas janelas, um amplo parque infantil cercado e um mastro alto, com a bandeira dos Estados Unidos tremulando na brisa, Matt e Zeke acordaram.

O cachorro latiu. Talvez fosse patriota.

Considerando que era sábado à tarde, Steven achou que havia carros demais no estacionamento pavimentado, que dava para um riacho. Embora

soubesse que a Creekside ficava aberta seis dias por semana, concluiu que alguma atividade estava em andamento no local.

Estacionou a picape ao lado de uma elegante réplica de um MG Roadster 1954. Olhou por sobre o ombro para admirá-lo, enquanto abria a porta do banco traseiro de sua nova picape e ajudava Matt com as correias.

Os dois passearam com Zeke, recolheram suas fezes e o colocaram de volta no carro, onde o animal prontamente se deitou no assento, com um grande suspiro canino e recomeçou a sesta que havia começado antes.

Elaine Carpenter, proprietária e fundadora da Creekside Academy, saudou Steven e Matt na recepção. Era uma figura interessante. O corte de cabelo masculino era uma considerável contradição com o vestido rodado de algodão e sandálias de tiras.

Steven se apresentou e, em seguida, apresentou Matt, já que ainda não conhecia Elaine pessoalmente. Ela fez questão de se abaixar, olhar direto nos olhos da criança e, de modo enfático, apertar-lhe a mão.

– Seja bem-vindo à Creekside Academy, Matt. Sei que vai gostar daqui.

O menino retribuiu o aperto de mão e o olhar solene.

– Acho que vocês não permitem que cães venham à escola – aventurou-se.

Elaine sorriu para Steven, enquanto se endireitava, mas sua expressão era de pesar quando voltou a olhar para a criança.

– Só nos dias de apresentações públicas, receio. Ela estendeu a mão para Matt, e ele a aceitou. – Vamos dar uma olhada ao redor.

– Onde estão todos? – perguntou o menino, não saindo do lugar. – Há muitos carros no estacionamento, mas não vejo nenhuma criança por perto.

Elaine inclinou a cabeça em direção a uma porta fechada, em frente à sua mesa. Através da janela de vidro, Steven viu várias cabeças se virarem, a maioria delas do sexo feminino, mas foi a placa fixada na porta que chamou sua atenção:

REUNIÃO DO COMITÊ DE DESFILE ÀS 15H.

AJUDE-NOS A DAR AS BOAS-VINDAS A MELISSA O'BALLIVAN AO NOSSO GRUPO!

Steven sorriu.

Guiados por Elaine, ele e Matt percorreram a escola, conferindo o miniginásio, a sala de artes, a sala de música e as coloridas salas de aula.

O lugar era um paraíso infantil, e Steven ficou impressionado, embora parte de sua mente não tivesse feito a viagem. Permanecera lá mesmo em frente à porta, com a placa, manifestando suas boas-vindas a Melissa O'Ballivan a todos os tipos de lugares.

Como, por exemplo, em sua cama.

Era um pensamento inadequado, com certeza, mas não podia evitar.

Era um pai adotivo, estabelecendo o filho em uma nova comunidade, apresentando-o a uma nova escola. Mas também era um homem, um homem que estava sozinho há muito tempo.

E Melissa, definitivamente, era uma mulher.

No momento em que concluíram a visita, Elaine quis conhecer Zeke em pessoa, por assim dizer, já que devia ser um cão magnífico, pelo modo como Matt lhe exaltava as qualidades.

A mulher ergueu uma sobancelha para Steven que relutava em sair.

– Posso ir ver o cachorro?

Steven assentiu, entregou-lhe as chaves da caminhonete, de modo que ela pudesse abrir a porta e ver o cachorro.

Matt segurou a mão de Elaine e seguiu, sem sequer olhar para trás. Estava ocupado conversando sobre a vida como ele a conhecia. Ao passarem, através das portas da frente, estava explicando como seu celeiro havia caído, que havia pregos enferrujados nas madeiras e que significaria tomar uma injeção “titânica” se pisasse em um. Assim que o celeiro ficasse pronto, dizia ele, quando as portas começaram a se fechar atrás dos dois. Agora Steven faria seu próprio passeio.

Esperou até que a mulher e o menino desaparecerem, respirou fundo, abriu a porta com a placa e entrou na sala comunitária.

Melissa se encontrava na frente, trajando um conjunto de calça e blusa de linho. Tinha o cabelo trançado e preso em um coque no alto da cabeça com uma presilha de plástico. Quase não usava maquiagem, mas as unhas dos pés, para fora das sandálias simples, estavam pintadas de rosa.

Ficava mais difícil pensar nela como promotora do município vestida daquela maneira. Então lembrou a si mesmo, em silêncio, que, com certeza, ela devia possuir outro lado. Podia *aparentar* suave e sexy, mas no tribunal, exigindo um veredicto, seria implacável e contundente.

Como Cindy.

Ao notá-lo, Melissa arregalou os olhos por um momento, e então voltou sua atenção às pessoas que preenchiam as fileiras de cadeiras dobráveis, ignorando-o.

Steven se sentou no fundo da sala, observando-a, lutando contra uma estranha sensação, não inteiramente desagradável, que o fisgava como um peixe, na ponta de um anzol.

Mentalmente, conseguia resistir. Mas a verdade é que, mesmo daquela distância, podia ver o latejar no vão do pescoço dela. Ele a desejava. Inferno, *precisava* beijá-la.

*Isso é loucura*, recriminou-se, remexendo-se na cadeira, mas aquele pensamento não ajudou muito.

Cruzou as mãos de leve sobre o colo, como uma manobra de camuflagem e ouviu a srta. O'Ballivan tão compenetrada quanto se estivesse realizando uma conferência de imprensa na Casa Branca.

– Estou contando com todos vocês para prosseguirmos com os projetos originais – disse Melissa, em um tom que parecia ter o intuito de findar a reunião. – Temos menos de um mês até os rodeios começarem, mas após analisar todas as apresentações, acho que temos a situação sob controle. Perguntas?

Uma mulher gorda na frente levantou a mão.

– Sim, Bea? – disse Melissa num tom de voz gentil.

– Eu apenas gostaria de lembrar a todos sobre a regra que foi instituída no ano passado, sobre o uso de papel higiênico em lugar de papel crepom nas faixas de alguns dos carros alegóricos mais criativos. – Bea se ergueu e deu uma meia-volta lenta, olhando para todos os espectadores com um olhar ameaçador. – Papel higiênico é de muito mau gosto e foi proibido, em favor do bom e velho papel crepom.

Ninguém argumentou a questão, mas quando Bea olhou para a frente e se sentou, ouviu-se um burburinho de desaprovação, por parte de alguns dos presentes.

Vendo a expressão no rosto de Melissa, Steven teve vontade de rir em voz alta.

Demonstrava o sentimento de alguém que não queria estar onde se encontrava.

Ele ergueu a mão.

– Senhor Creed? – disse Melissa, corando ligeiramente.

– Steven – corrigiu ele. – Ainda está precisando de voluntários?

## Capítulo Seis

---

AINDA ESTÁ precisando de voluntários?

Melissa estreitou o olhar e fitou Steven Creed por um momento, se perguntando que diabos aquele homem estaria *fazendo* ali na reunião do Comitê do Desfile.

Tudo bem, ele era novo na cidade e dissera algo em seu escritório, no dia anterior, sobre ajudá-la. Reunir grupos era uma boa maneira de se familiarizar com os moradores e tudo mais. Mas ainda assim era estranho. Será que ele realmente se preocupava com o uso, ou não, de papel higiênico nos ornamentos de um desfile de 4 de Julho.

– Acho que sim – respondeu ela, consciente de que seu tom demonstrava entusiasmo.

Ouviram-se um murmúrio baixo e especulativo entre os presentes.

Stone Creek costumava ser um lugar amigável, receptivo com os recém-chegados. Na maioria das vezes.

Steven Creed apenas sorriu, talvez desfrutando do desconforto dela, embora da maneira mais amável possível, é claro.

E aguardou que ela prosseguisse.

Melissa esboçou um sorriso.

– Claro. Sempre podemos aproveitar outro voluntário, não é pessoal?

Todos aplaudiram.



– Certo – continuou ela, com um sorriso hesitante, pronta para pôr um fim àquela reunião. Queria ir para casa, regar seus pés de tomate, jantar sopa enlatada ou algo igualmente fácil de preparar e se enrolar no canto do sofá para ler um bom livro. – Lembrem-se: faremos um ensaio no próximo sábado à tarde, no estacionamento atrás da escola. Ninguém precisa trazer uma alegoria. Só iremos aprimorar a ordem da marcha, só isso.

Houve acenos e comentários, mas a reunião, por fim, terminou.

Melissa pegou a bolsa e a prancheta, penduradas em um gancho, enquanto as dezenas de participantes do desfile e membros do comitê deixavam a sala.

Steven Creed não os acompanhou.

Permaneceu junto à porta, fitando-a, com os braços cruzados e um brilho nos olhos azuis.

Esperando que ele partisse, porque, francamente, não fazia a mínima ideia de como lidar com aquele homem, Melissa acenou com a cabeça, fria e cordial, e se ocupou com a tarefa de dobrar as cadeiras e empilhá-las contra a parede mais distante.

Steven continuou lá. Na verdade, ajudou-a com as cadeiras.

– Não esperava vê-lo aqui – disse ela quando o trabalho terminou e não havia como evitar fitá-lo.

– Matt começará no jardim de infância na segunda-feira, então eu o trouxe para dar uma volta e conhecer o lugar – explicou, assim que o menino apareceu atrás dele, arrastado pelo cão que ela vira com eles aquela manhã, no Sunflower.

Elaine Carpenter, a filha de J.P. e amiga de Melissa, vinha logo atrás, sorrindo.

– A sra. Carpenter disse que eu podia mostrar o interior do prédio da escola ao Zeke – disse Matt ao pai. – Até agora, ele está gostando.

O garoto era bonito e tão inteligente. Só de olhar para aquela carinha, o relógio biológico de Melissa souou audível. E ela que achava que a bateria estava morta.

Ao vê-la, Matt sorriu e a cumprimentou.

Melissa relaxou um pouco, embora consciente da presença do homem em pé, tão perto, que podia, de fato, *sentir* o intenso calor que emanava do seu corpo.

Certo, talvez tivesse acabado de imaginar o “intenso”. Não era difícil imaginar, já que ele aparentava tão esguio e musculoso...

O que havia nele que desencadeava as campainhas de todos os seus alarmes internos?

– Olá, mais uma vez – disse ela à criança.

– Estamos morando no ônibus de turnê de seu irmão – contou Matt de modo exuberante. – Ele disse que você tem uma irmã gêmea, mas não se parecem em nada.

Melissa sorriu e fez que sim com a cabeça.

– Ashley e eu somos gêmeas fraternas.

O menino franziu a testa, segurando a guia de Zeke com ambas as mãos para conter o animal.

– O que são *gêmeas fraternas*? – perguntou ele.

Os olhos de Steven Creed brilharam, e um dos cantos de sua boca se curvou em uma espécie de “agora se vire sozinha”.

Nem um pouco preparada para explicar o processo de fertilização a uma criança, Melissa abriu os lábios num sorriso luminoso e respondeu:

– Acho que você deve perguntar ao seu pai sobre isso.

– Meu pai de verdade morreu – confessou Matt, pondo fim ao sorriso no rosto dela. – Mas posso pedir ao Steven.

Melissa viu a dor pôr fim ao brilho nos olhos azuis de Steven, e sentiu uma pontada de arrependimento. J.P. mencionara que a criança havia sido adotada, mas ela esquecera.

– Ah!

– Ainda não decidimos como ele deve me chamar. – Foi a vez de Steven falar.

Àquela altura, Elaine já havia deixado a sala, logo estavam apenas os três e o cão, é claro.

Melissa sentiu uma dor estranha e oca na garganta. Desta vez, não foi capaz sequer de murmurar um “Ah”.

Nos minutos seguintes, a sala parecia pulsar, como um batimento cardíaco silencioso.

Então Steven sorriu e disse:

– Nunca ajudei em um desfile antes, mas sou muito bom com martelo e pregos.

– Foi muita gentileza da sua parte se oferecer – agradeceu Melissa, quando, por fim, conseguiu falar.

– Quer ir até a nossa casa e jantar conosco? – perguntou Matt de repente.

Steven aparentou um pouco surpreso, embora tivesse o bom-senso de não demonstrar e dizer que não era boa ideia.

Melissa estava estranhamente relutante em ver Steven Creed partir. Embora, de início, não o quisesse lá. Ele era bonito demais. Sexy demais. E várias outras coisas.

Tudo se combinou para fazê-la abrir a boca e dizer a coisa mais louca que disse no momento seguinte.

– Que tal se você e o seu... o sr. Creed forem à minha casa para jantar, em vez disso? – *Não sou a melhor cozinheira do mundo*, pensou consigo mesma, *mas a minha irmã é, e estou disposta a atacar o freezer dela para pegar algo, mesmo que isso signifique arriscar um encontro com os nudistas da equipe de croquet.*

Matt deu uma risadinha, provavelmente devido ao “sr. Creed” e então se virou para olhar o homem em pé atrás dele.

– Podemos? – perguntou ansioso. – Por favor?

O sorriso de Steven pareceu um pouco melancólico. Talvez pensasse que ela sugerira um jantar em sua casa apenas para ser educada, como uma maneira de tirá-lo da situação provocada pelo impulsivo convite que o menino fizera.

Estaria certo se pensasse assim, concluiu ela. Mas ainda esperava que ele dissesse sim. E o fato de desejar *tanto* isso a surpreendia.

– Às 18h? – acrescentou Melissa, quando Steven continuou hesitante.

Suspirando, ele olhou para Matt e fez um gesto positivo com a cabeça.

– Não demos muita escolha para a senhorita, não é? – disse ele ao garoto.

– Será bom ter companhia – Melissa se ouviu dizendo. A voz soou mais suave que o habitual e um pouco insegura. Ocorreu-lhe que ficaria bastante desapontada se Steven recusasse, o que era mais um indício de que ela estava perdendo sua mente racional, pois, na verdade, deveria ficar aliviada pela recusa. – E não há problema algum. Verdade.

Aquela última parte, sem dúvida, não era mentira. Furtaria um dos trunfos culinários que Ashley sempre tinha à mão, em caso de algum tipo de emergência alimentar. Colocaria a caçarola, coberta com papel alumínio, no forno em sua casa e aceitaria de bom grado todos os elogios.

Sem, de fato, proclamar os créditos culinários, é claro. Se alguém perguntasse, não ia mentir. Mas se, por outro lado, ninguém perguntasse, para que dizer a verdade?

Steven ainda parecia preocupado, mas Melissa podia jurar que ele também queria aceitar o convite, o que alegrou seu coração.

– De que outra forma vai conhecer as pessoas em Stone Creek – continuou ela, caminhando em direção à porta, como se o jantar fosse um negócio fechado. – Se não permitir que o alimentem? É assim que o povo do campo costuma agir, você sabe. Seu melhor touro morre? Nós o alimentamos. Sua casa pega fogo? Nós o alimentamos. Não que ser novo na cidade caia nesse tipo de categoria... – *Por que* estava tagarelando daquela maneira, fazendo papel de idiota?, perguntou-se.

Por fim, Steven tomou uma decisão.

– Certo, às 18h, então. Podemos levar alguma coisa?

Matt soltou um grito de prazer, e o cão aderiu à celebração com um latido contente.

– Não. Basta a presença de vocês.

Steven, Matt e o cão a seguiram para fora, em direção ao brilho da tarde. Manchas prateadas e douradas, lançadas pela luminosidade do sol, reluziam sobre as águas límpidas e ondulantes do riacho.

Um sorriso brilhou nos olhos de Steven quando Melissa jogou a bolsa no banco do passageiro de seu *roadster*.

– Que carro bacana! – disse ele. – Eu o fiquei admirando quando cheguei.

A observação parecia estranhamente pessoal, como se ele tivesse comentado sobre o formato de seus quadris, a curva dos seios ou o perfume de seu cabelo. E Melissa ficou muito satisfeita.

– Obrigada – respondeu em um tom modesto, as bochechas coradas.

– Só uma pergunta – continuou Steven, abrindo a porta da enorme picape azul, estacionada ao lado do *roadster*. O cão entrou primeiro, em seguida o menino, que se submeteu ao aflitivo processo de ser preso ao assento de segurança.

Melissa esperou pela pergunta.

Steven não a fez, até fechar a porta do veículo e se virar de frente para ela.

– Onde é mesmo que você mora?

Os dedos dos pés de ambos estavam praticamente se tocando. Melissa inspirou o odor cítrico e de roupa lavada que ele exalava e se sentiu zozna.

– Nunca fui muito boa em dar direções – disse ela quando achou que podia falar sem soar estranha. – Por que não me segue até lá agora? Dessa forma, quando voltar mais tarde, saberá o caminho.

– Tudo bem – concordou Steven, com um aceno de cabeça. No entanto, sua expressão ficou séria de novo. – Ainda acho que você não teve saída, Melissa. Não quis ferir os sentimentos de Matt sobre jantarmos todos juntos. E ao mesmo tempo em que certamente aprecio sua atitude, não me sinto confortável com a ideia de nos impormos nossa presença, em especial em tão curto espaço de tempo.

– É apenas uma refeição – ressaltou ela.

Se era “apenas uma refeição”, outra parte de sua mente gostaria de saber. Por que seu coração batia tão acelerado? Por que sua respiração parecia tão superficial e por que se sentia quente e derretendo em lugares onde não devia estar se sentindo quente e derretendo?

Steven estava quieto, absorvendo a resposta.

Era perturbador para Melissa perceber que também gostava de ver aquele homem *pensar*.

– Você está certa – concordou ele, por fim, com um suspiro que aparentava ainda mais pecaminoso por sua aparente inocência. – É só um jantar. Estaremos lá às 18h.

– Ótimo – disse Melissa, perguntando-se exatamente quando e como havia perdido o juízo. Não percorrera aquela mesma estrada com Dan Guthrie, alguns anos atrás?

Dan, o fazendeiro sexy, viúvo e pai de dois meninos encantadores.

Dan, o paciente, amante ardente que a enlouquecia na cama, nas noites em que conseguiam ficar sozinhos em casa.

Dan, que, por fim, a havia trocado, alegando que ela não seria capaz de se comprometer em um relacionamento sério e se envolvido com uma garçonete, chamada Holly, em Indian Rock? Dan e Holly estavam casados agora. Esperando um bebê.

E os meninos que ela chegara a amar como se fossem seus filhos chamavam Holly de mamãe.

Com esse pensamento, Melissa deu um passo atrás, e Steven pareceu perceber, porque uma sombra toldou seus olhos, por apenas um milésimo de segundo, e um músculo da mandíbula se contraiu. Ele queria protestar ao notar sua súbita reticência, mas não sabia o *que dizer*, imaginou ela.

– Siga-me – disse Melissa com a voz de um sonâmbulo.

Steven suspirou, como um homem pensando melhor sobre a ideia, mas não conseguia pensar em uma alternativa e sacudiu a cabeça.

Após deixar o estacionamento da Creekside Academy bem devagar, ela pegou a estrada principal e rumou para Stone Creek.

A todo instante, checava o retrovisor, e a grande picape azul estava lá atrás. Steven era uma sombra imperceptível ao volante.

*Você só quer dormir com ele*, Melissa se advertiu em silêncio. E o que isso demonstra sobre o seu caráter?

Enquadrando os ombros, ela respondeu à autoacusação em voz alta, já que não havia mais ninguém no *roadster* para ouvir.

– Isso significa que sou uma mulher normal, com sangue vermelho fluindo nas veias.

*Você começará a se interessar por Steven Creed. Pior ainda, vai começar a gostar de Matt. Errar uma vez é humano. Errar duas vezes é burrice. Já esqueceu o quanto doeu perder Dan e os meninos? Foi como perder sua mãe e seu pai mais uma vez, não foi?*

– Ah, cale a boca – ordenou Melissa. – Só vou servir um jantar para esse homem, não lhe proporcionar uma noite de sexo ardente. – Ela suspirou. Bem que gostaria de desfrutar uma noite de sexo ardente com ele. – E poupe seus comentários desagradáveis. Eu já estou gostando de Matt.

*Você precisa de um filho seu. Não de um substituto.*

– Já não pedi para calar a boca? – obstou Melissa, quase se esquecendo de parar em uma placa de trânsito.

Como não poderia deixar de ser, a radiopatrulha de Tom Parker passou à frente da picape de Steven, com as luzes girando e a irritante sirene ligada, para completar. Como se ela não o tivesse notado lá atrás.

Xingando, Melissa continuou dirigindo a metade do quarteirão até sua casa e estacionou.

– Não viu a placa de “pare”? – perguntou Tom cordial, saindo da viatura. Seu cão, Elvis, se encontrava sentado no banco do passageiro. Em Stone Creek, Elvis era visto como ajudante de policial.

– Sim – disse ela lacônica. – E eu *parei*.

– Por pouco, não conseguia – assinalou o oficial, olhando para o carro de Steven.

Melissa observou enquanto a picape azul brilhante, que provavelmente sugava gasolina suficiente para quatro ou cinco veículos rodarem, parava ao lado de seu *roadster* e o passageiro da frente abaixava o vidro da janela.

– Está tudo bem? – Steven se inclinou para perguntar. Seus olhos executavam aquela dança maliciosa outra vez, gerando um calor azul.

Tom acenou para ele e sorriu afável.

– Está tudo bem.

Steven estudou Melissa por um longo momento e quando ela não refutou a declaração de Tom, pareceu satisfeito.

– Vejo você às 18h – disse. E então partiu. Simples assim.

Não que aquilo a incomodasse.

Melissa cruzou os braços.

– O que significa isso? – exigiu. – Você sabe muito bem que não tem o direito de me mandar parar. *Eu obedeci à placa.*

Tom ainda estava olhando a picape de Steven se afastar.

– Eu só queria dizer olá – mentiu ele.

– Que saco! – respondeu Melissa. – A verdade é que você é tão intrometido quanto sua tia Ona. Viu Steven me seguindo e queria saber o que estava acontecendo.

– Ele disse: “Vejo você às 18h” – continuou Tom, como se ela não tivesse dito nada. – Vocês dois marcaram um encontro ou algo parecido?

– Ou algo parecido – respondeu Melissa. – Não que seja da sua conta. – Ela flexionou os dedos, depois apertou o volante com força outra vez. – Isto é assédio – ressaltou.

Tom riu e meneou a cabeça. Mas havia algo cauteloso em seus olhos.

– Pelo menos, deixe-me levantar os antecedentes de Creed antes de se envolver – advertiu ele. – Uma pessoa tem que ter muito cuidado hoje em dia.

– Ah, pelo amor de Deus! – respondeu Melissa, irritada. Uma *pessoa* tem que ter muito cuidado. Como você, por exemplo. Quando vai chamar Tessa Quinn para jantar e depois ir ao cinema, seu grande covarde?

Tom piscou e endireitou a postura.

– Quando achar que devo – disse com a voz levemente ofendida.

– Também quer levantar os antecedentes dela?

– Claro que não.

– Uma pessoa não pode ser tão cuidadosa – disparou Melissa. Em seguida, suspirou e mudou de assunto. – Eu estava voltando da reunião do Comitê do Desfile – disse incisiva. – Sabe, aquela coisinha que estou fazendo porque sua tia, a sra. Ona Frame, tem que operar a vesícula? Você me deve uma, xerife Parker. E se acha que vou suportar ser parada sem motivo...

Tom fez uma paródia de horror. Pôs a mão no peito. De volta à viatura, Elvis deu um latido, como se expressando sua opinião não solicitada. O oficial riu, ergueu as duas mãos, com as palmas para fora. Elvis latiu novamente.

Melissa inclinou-se para pegar a bolsa e a estúpida prancheta.

Tom riu novamente.

– Ele a deixou bastante agitada, esse tal de Creed – comentou, aparentando satisfeito com a constatação. – Não a vejo assim desde o seu



namoro com Dan Guthrie... – Tarde demais. Tom pareceu perceber que havia atingido uma ferida aberta. Parou, ruborizado, deixando os braços caírem ao longo do corpo. – Sinto muito.

– Deve sentir mesmo. – Melissa bufou e girou nos calcanhares.

Tom a seguiu até o portão da frente da casa.

– Você não é a única pessoa que já amou e sofreu, Melissa O’Ballivan – deixou escapar em um tom baixo e furioso. – Imagine como é se sentir louco por uma mulher que a olha como se você fosse transparente!

– Não posso imaginar uma coisa dessas, por razões óbvias – retrucou Melissa, dirigindo-se à varanda.

Elvis uivou.

Tom a acompanhou até ela subir o primeiro dos dois degraus e se virar para fitá-lo nos olhos.

– Você deliberadamente compreendeu mal – acusou ele, mas havia perdido a maior parte de seu entusiasmo.

Melissa suspirou.

– Você estava se referindo a Tessa Quinn, presumo? – perguntou, embora todos na cidade e arredores soubessem que Tom adorava a mulher com uma paixão de verdadeiras proporções épicas. Todos, com a provável exceção da própria Tessa. Ou a mulher era estúpida, bancando a indiferente, ou simplesmente não estava interessada em Tom Parker.

O xerife exalou o ar, infeliz.

– Você sabe muito bem que é Tessa.

Melissa ergueu o polegar em direção à viatura e disse:

– Chame o Elvis e entre. Fiz uma jarra de chá gelado antes de sair.

Mas Tom negou com um movimento de cabeça.

– Estou patrulhando.

– Bem, isso é nobre – Melissa respondeu, quando o cão deu outro uivo longo e plangente. – Mas não tenho certeza se Elvis está de acordo.

– Eu o estava levando para o Groom-and-Bloom para o banho semanal. – Tom cuidava muito bem de Elvis, era do conhecimento de todos, assim como seus sentimentos por Tessa. – Ele só está preocupado em perder o compromisso, é isso. É muito vaidoso com sua aparência.

Melissa sorriu e assentiu com a cabeça.

– Tom?

Ele já estava se afastando.

– O quê?

– Por que não convida Tessa para sair?

O xerife aparentava um garoto de 14 anos enquanto considerava a ideia. Seu pescoço parecia tingido por vermelho escuro, e os lóbulos das orelhas brilhavam como se tivessem sido ligadas por dentro.

– Ela pode dizer não.

– É só uma ideia, Tom. Também pode dizer sim. E o que você faria?

– Com certeza, teria um enfarte na hora. – Ele soou sério, mas havia um sorriso hesitante nos cantos dos seus lábios. – E se ela dissesse não, enfartaria do mesmo jeito.

– Então você se daria mal de um modo ou de outro.

– Isso mesmo – concordou Tom.

– Eu te desafio – disse Melissa. Quando eram crianças, aquela era a única maneira de conseguir que Tom Parker fizesse alguma coisa. É claro que ela não tentara mais isso desde os tempos de infância.

Ele corou de novo, e seus olhos se estreitaram.

– O quê?

– Você me ouviu, Parker – disse Melissa, projetando o queixo um pouco para cima. – Eu te desafio a convidar Tessa Quinn para jantar. Ou para assistir um filme. Ou sair para dançar... Vai ter um baile na próxima semana, no Grange Hall. E se você não a convidar... Bem, será um... covarde.

De imediato, ambos pareciam ter 9 anos de idade outra vez.

Tom se aproximou e olhou para ela.

– Ah, é?

– Sim – afirmou resoluta.

– Está bem.

– Ótimo – retrucou ela sem sorrir.

– O que eu ganho se você perder? – Tom quis saber.

Melissa pensou rápido.

– Um jantar.

– Contanto que você não cozinhe – especificou ele, procurando soar bastante sério.

Aquela era uma aposta que Melissa queria perder.

– Vou recrutar Ashley. Ela pode fazer os marinados especiais de entrecosto que você tanto gosta.

– Fechado – concordou ele sem esboçar um sorriso.

Como um garotinho, fora iludido por uma aposta.

– Espere só um segundo. E se *eu* ganhar? O que acontece? – foi a vez de ela perguntar.

– Vou tomar posse como presidente do Comitê do Desfile – respondeu Tom depois de pensar alguns instantes.

– Fechado – concordou Melissa, estendendo a mão livre.

Ambos deram um aperto de mão. A seguir, Tom se virou e se dirigiu ao portão. Alcançando a calçada, rumou para o carro.

– Lembre-se de uma coisa! – gritou ele.

– O quê? – indagou Melissa, prestes a se virar e abrir a porta da frente.

– Dois podem jogar este jogo – disse Tom. Então entrou na viatura, bateu a porta e ligou o motor, com um toque da chave na ignição, deixando Melissa se perguntando que diabos ele quis dizer com aquilo. Fazendo a sirene emitir um eloquente gemido, ele passou pela frente da casa e desapareceu ao virar a esquina.

– Droga – resmungou ela, quando a resposta lhe ocorreu.

Agora já estava feito.

Tom passaria noites acordado até vir desafiá-la. E conhecendo-o, como conhecia, seria com algo bizarro.

Mas o problema não a afligiu por muito tempo, porque tinha outras coisas mais importantes a fazer. Como ir até a propriedade de Ashley, enfrentar o bando selvagem, que poderia muito bem estar nadando com os trajes com os quais vieram ao mundo, roubar um prato principal e uma sobremesa de um dos freezers.

– DA PRÓXIMA vez – disse Steven à imagem de um Matt mortificado no espelho retrovisor do carro, enquanto deixavam a cidade. – Seria *realmente*

uma boa ideia falar comigo primeiro, antes de convidar as pessoas para jantar conosco.

Matt não estava amuado, mas o lábio inferior tremia, e os olhos piscavam rápido demais, ambos sinais de que estaria prestes a chorar.

Steven se sentia péssimo quando a criança chorava.

– Eu só estava tentando ser um bom vizinho – explicou o menino, soando tão ferido quanto aparentava. – De qualquer forma, eu *gosto* da srta. O’Ballivan, você não?

– Sim – respondeu ele, apertando os dedos no volante e voltando a relaxá-los. – Eu entendo que suas intenções foram boas – continuou em um tom ameno. – Mas às vezes, se as pessoas, por acaso, têm outros planos ou algum outro motivo para dizer não, isso as deixa em uma situação desconfortável. Não existe uma maneira gentil de se recusar um convite desses.

Matt ouviu em silêncio, fungando algumas vezes.

– Entende o que estou querendo dizer? – perguntou Steven, mantendo a voz suave.

Matt concordou.

– Sim. Entendo. Sou esperto, lembra?

Steven riu.

– Não há como esquecer isso – afirmou.

– Você está bravo comigo?

Steven sentiu uma pontada de dor, como se uma lança afiada penetrasse pela parte superior do seu coração atingindo-o bem fundo.

– Não. Se eu o repreender por alguma coisa, isso não significa que estou bravo. Significa apenas que quero que você pense um pouco melhor antes de fazer as coisas da próxima vez.

Matt deixou escapar um longo suspiro, com um dos braços em volta Zeke, que estava ofegante e, incrivelmente, conseguindo manter a cabeça fora do alcance do espelho retrovisor.

– É meio estranho chamá-lo de Steven – disse Matt depois de algum tempo. Estava olhando pela janela, mas mesmo com uma rápida visão do

menino por meio do espelho, Steven podia ver a tensão que ele tentava esconder.

– Quem disse isso? – perguntou cauteloso. Conversas como aquela sempre faziam seu estômago apertar.

– Eu estou dizendo – respondeu a criança com a voz suave.

O retorno para a estrada que levava ao rancho era logo à frente. Steven ligou a seta e desacelerou para virar à esquerda.

– Como você gostaria de me chamar?

– De pai – disse Matt sucinto. Os olhos de Steven arderam, e sua visão ficou turva. – Mas isso não parece certo, porque eu costumava ter outro pai – continuou a criança. – Acha que feriria os sentimentos de meu primeiro pai se eu chamasse outra pessoa de pai?

– Acho que o seu pai iria querer que você fosse feliz – respondeu Steven. Soou quase como um grasnido aquela afirmação, mas, felizmente, Matt não pareceu notar. Ao chegarem ao fim do caminho, ele estacionou ao lado da antiga picape. Após engatar o ponto morto, desligou o motor. Então permaneceu sentado, sem saber o que dizer. Ou o que fazer.

– Se ele era *papaizinho* – explicou Matt. – Acho que não se incomodaria se você fosse papai.

Steven sentiu um nó na garganta. Literalmente não podia falar naquele momento. Abriu a porta da caminhonete e saiu. Por alguns minutos, ficou parado, olhando em direção às montanhas, até conseguir recuperar o controle.

Quando se virou, Matt e Zeke tinham os rostos pressionados contra o vidro da janela, embaçando-o com suas respirações.

Steven riu e, devagar, abriu a porta, para que o cão não passasse sobre Matt e seu assento de segurança para pular no chão.

– Acho que é uma ótima ideia – disse por fim.

– Então posso chamá-lo de papai? – Matt perguntou.

– Sim – respondeu Steven, abaixando a cabeça ligeiramente, enquanto soltava as correias e as fivelas da cadeirinha infantil. – Pode me chamar de papai.

– Isso é bom. – A criança fez uma pausa. – Papai? – A palavra soou em voz baixa, como se ele a estivesse avaliando.

– O quê? – Steven ergueu o menino e o colocou no chão. Em seguida, fez o mesmo com o cão.

– Por que seus olhos estão tão vermelhos?

Steven fungou, esfregando o antebraço no rosto.

– Acho que é por causa da poeira. – Fingiu contemplar o céu, uma extensão azul de horizonte a horizonte. – Uma boa chuva ajudaria.

– OLÁ? – MELISSA bateu de leve na porta da cozinha da irmã, embora já a tivesse aberto e enfiado a cabeça para dentro. – Tem alguém em casa?

Não houve resposta, mas ela podia ouvir vozes provenientes da sala de jantar.

Melissa não vira nenhum carro estacionado na frente, logo esperava que o animado grupo tivesse saído, talvez para jogar minigolfe ou assistir a um filme. Adoraria poder entrar, atacar o freezer e voltar para casa despercebida. Mas temia que um dos mais velhos entrasse ali, se assustasse e sofresse um colapso.

Então entrou e tentou de novo.

– Olá?

Desta vez, foi ouvida.

– Melissa, é você? – chamou uma mulher com a voz alegre.

– Sim – respondeu. Então respirou fundo, caminhou até a porta de dentro e respirou mais uma vez, antes de abri-la. Os hóspedes estavam reunidos em uma extremidade da mesa de jantar, jogando cartas. Todos vestidos.

Melissa ficou tão profundamente aliviada que deixou escapar um riso nervoso e colocou a mão sobre o peito.

Como Ashley, Olivia e Brad ririam se pudessem vê-la naquele momento. Na família, *não* tinha a reputação de ser tímida, e os irmãos zombariam do seu recém-descoberto medo de jogadores de croquet despidos.

– Venha se unir a nós – disse o sr. Winthrop, erguendo-se do assento. – Estamos jogando baralho e receio que todos nós já nos conhecemos tão bem

e há tanto tempo, que simplesmente não haja nenhum truque novo.

*Posso apostar que não há*, pensou Melissa, mas não com rancor. Embaraço inicial à parte, gostava daquelas pessoas. Eram espirituosas. Criativas. Com rugas. Muitas e muitas rugas.

– Não posso ficar – explicou, e o pesar em seu tom foi apenas parcialmente falso. Gostava de jogar baralho, todos estavam vestidos, não estavam? – Tenho companhia esta noite, então vim pedir algumas coisas emprestado.

Melissa acenou com a mão para eles e voltou à porta de vai e vem.

– Aproveitem o jogo.

– Não leve o pato assado – disse uma das mulheres, embaralhando as cartas para outra rodada. – Sua irmã prometeu que era para nós. É o prato favorito de Herbert, e ele está fazendo 90 anos amanhã.

– Não vou pôr a mão no pato – prometeu Melissa com as palmas para cima, de frente para o grupo na mesa. Então saiu pela porta. Estava rindo sozinha, enquanto se dirigia à enorme despensa, fora da cozinha, na qual Ashley tinha dois grandes freezers, invariavelmente bem-abastecidos. Um deles era reservado às sobremesas e o outro, aos pratos principais.

Escolheu um recipiente com os dizeres “Coxas de Frango ao Molho de Amoras e Arroz Silvestre, seis porções”, a caligrafia graciosa de Ashley contornava o rótulo circular. Melissa esperava que Matt gostasse de frango, como a maioria das crianças.

Para a sobremesa, furtou uma adorável torta de frutas vermelhas.

*Fica melhor com Sorvete de Baunilha*, Ashley havia escrito sobre a etiqueta. Era quase como se ela soubesse que, de alguma forma, a irmã gêmea iria invadir seu freezer em breve e que precisaria de orientação.

Melissa pousou a comida sobre a bancada e retornou à porta para enfiar a cabeça e dizer adeus.

Os jogadores de cartas ainda estavam vestidos e aparentando tão normais, que quase podia jurar que *imaginara* o famigerado jogo de croquet no quintal. Talvez, de fato, *estivesse* enlouquecendo.

– Até logo – disse com o rosto estranhamente quente enquanto se afastava da porta.

Virou-se, pegou as embalagens de alimentos e saiu pela porta dos fundos, contente por ter estacionado o carro na alameda, assim não teria que sair pela frente, onde poderia encontrar algum dos vizinhos da irmã e ter que parar para conversar. Não estava se sentindo muito sociável no momento.

Fez uma rápida parada no supermercado para comprar sorvete de baunilha e uma salada de espinafre pré-preparada, então voltou apressada para casa.

Ao chegar, Byron estava lá trabalhando, sem camisa, no jardim da frente, com uma tesoura de poda na mão, aparando galhos errantes do bordo que invadiam a calçada.

Nathan Carter, um sujeito ocioso, com um histórico de contravenções, encontrava-se sentado de pernas cruzadas sobre o gramado, ainda sem ser aparado, observando-o.

– Pensei que você só pudesse vir amanhã – disse Melissa, dirigindo-se a Byron, mas lançando um olhar curioso a Nathan, enquanto falava e segurava os recipientes de plástico de Ashley e os produtos que comprara no supermercado. – Aconteceu algo com a lagoa de peixes japoneses das Crockett?

Nathan retribuiu o olhar, sorrindo. Ela nunca gostara do garoto, uma espécie de James Dean moderno, parecia se imaginar um rebelde sem causa.

Não tinha emprego, casa ou carro, pelo que ela sabia. Ia e vinha, aparecendo de vez em quando para dormir na varanda do primo, Lulu, e provocar quantos problemas pudesse.

Byron, suando, parou e passou um braço sobre a testa. Seus olhos estavam cautelosos e estranhamente esperançosos ao ver Melissa. Ele acenou com a cabeça uma vez.

– Já fiz o trabalho. Os peixes estão de volta à lagoa, nadando contentes. Voltarei amanhã de manhã para terminar por aqui, mas achei que podia cortar alguns desses galhos esta tarde.

Melissa olhou de Byron para Nathan e de volta para Byron, tentada a chamar seu jardineiro temporário a um canto, a fim de lembrá-lo que deveria ter cuidado com as companhias, uma vez que estava em liberdade condicional.



– Byron está com pouco dinheiro – disse Nathan com um ar prestativo.

– Posso lhe adiantar alguns dólares – ofereceu Melissa.

Nathan e Byron responderam ao mesmo tempo.

– Legal – falou Nathan, seu tom pegajoso, o cabelo castanho, a camiseta e o jeans imundos.

– Eu não me sentiria bem recebendo o dinheiro agora – disse Byron com um aceno de cabeça decidido. – Não quando ainda nem terminei o trabalho.

O rapaz havia mudado na prisão?, perguntou-se Melissa. Ou ela o julgara mal, na ocasião? Jamais teve qualquer dúvida sobre a sua culpa, essa era a verdade. Mas talvez Velda tivesse razão. Talvez ela devesse ter apelado para o tratamento obrigatório em uma instituição para dependentes de drogas e álcool, em vez de uma temporada atrás das grades. Havia considerado todos os ângulos, consultado especialistas, passara noites acordada. E fizera o que julgara certo. Não havia sentido algum em questionar sua decisão agora.

Desviou os pensamentos para os seus convidados, Matt e Creed. Nathan desaparecera do seu radar, tornando-se insignificante. E ela se sentiu melhor no mesmo instante.

Os recipientes de alimentos congelados agora começavam a descongelar, pinicando como gelo seco através do tecido da parte da frente da blusa de Melissa. Ela ainda queria arrumar a casa um pouco, escolher uma roupa, nada muito sedutor, fazer alguma coisa com o cabelo e aplicar um pouco de maquiagem. Um toque de rímel, um gloss, bastava.

*Talvez um pouco de perfume.*

A mensagem que queria enviar era *“bem-vindo à Stone Creek”*, não, *“ei, garotão, o que me diz de contratarmos uma babá, cairmos fora daqui e procurarmos um lugar para ficarmos sozinhos?”*.

Melissa corou, porque a segunda versão não deixava de ser bastante atraente, então percebeu que não havia respondido à última declaração de Byron.

– Certo – disse, ignorando Nathan. Em seguida, puxou a porta de tela com um movimento rápido de uma das mãos e a segurou aberta com o quadril.

– Vejo você amanhã.

Byron concordou e voltou a se concentrar nos galhos do bordo.

## Capítulo Sete

---

Às 17h59, Melissa estava pronta para servir o jantar. As coxas de frango aquecendo no forno, raramente usado, inundavam a pequena cozinha com seu aroma saboroso. A torta de frutas, já descongelada e aquecida, esfriava sobre a bancada próxima ao fogão, coberta com um pano de prato limpo. A mesa antiga, que muitas vezes servira como depósito de jornais e lixo eletrônico, aparentava algo saído da capa da revista *Country Living*.

Despendeu um momento para admirar a toalha de mesa branca, o jarro de vidro verde matizado no centro, ornado com as mais perfeitas peônias brancas dos arbustos que ladeavam a escada da varanda da frente, e os pratos decorados com um padrão xadrez, flores e bolinhas, comprados por impulso, em uma loja de presentes de um aeroporto.

Inclinando a cabeça para o lado, avaliou a aparência. Extravagante, sim. Feminino, definitivamente. Alegre, o quanto podia ser. Mas estaria extravagante, feminino e alegre demais?

Afinal, aquilo não era uma reunião de chefes de torcida da sua escola secundária. Receberia apenas um menino e um homem adulto.

E *que* homem! Devia ser proibido.

Melissa roeu uma unha, nervosa.

Com exceção das flores no jarro, nada daquilo tinha a ver com ela. Os pratos decorados há anos juntavam poeira no armário sobre a geladeira.

Não fora ela quem fizera a comida. Dispunha apenas de uma toalha de mesa, *aquela* ali, que sequer tinha qualquer valor sentimental. Não fora herdada por meio de gerações de O'Ballivan, como os vários lençóis que Ashley e Olivia tanto valorizavam. Não, ela a comprara em uma loja de descontos, apenas para o caso de um dia precisar de uma. Sua parte da herança tradicional estava armazenada em uma caixa, no rancho. Será que ainda daria tempo de dirigir até lá e pegar algumas peças?

*Respire fundo*, ordenou-se em silêncio.

Assim que inspirou o ar, uma batida soou à porta da frente. *Eles chegaram*.

Agora não havia mais tempo para retoques na decoração, era óbvio.

Sentindo-se especialmente feminina em seu vestido de verão, um estampado multicolorido, com toques de turquesa, magenta, dourado e preto, foi receber os convidados.

Matt estava na varanda com o nariz pressionado contra a porta de tela. O cabelo úmido, já começando a se rebelar contra a escovação recente, tinham pontas erguidas na nuca.

O coração de Melissa se derreteu ante a visão da criança. Um sorriso se originou dentro dela e se alastrou sobre o seu rosto, intensificando-se em seus lábios. É claro que estava ciente de Steven, de pé, atrás do menino. Como não poderia estar? Mas não fez contato visual com ele, de imediato. Não, precisava de mais algumas respirações profundas antes de correr tal risco.

Procurou se concentrar em Matt. Destrancou e abriu a porta de tela, recuando para que a criança pudesse entrar na casa e espalhar toda sua energia e entusiasmo.

– Você está muito bonito! – ela elogiou o menino, resistindo a um desejo maternal de deslizar a mão e afagar-lhe o topete.

O sorriso de Matt parecia envolvê-la como um verdadeiro abraço.

– E *you* está *linda*! – retrucou o garotinho.

– Concordo – soou a voz profunda de Steven. Aquela simples palavra passou em uma linha reta sobre a cabeça de Matt para atingir Melissa como uma seta de veludo.

Sua garganta apertou, e o olhar a traiu, vagando diretamente até ele, muito antes de se sentir preparada.

Steven vestia uma calça jeans, um pouco mais nova do que a que trajava horas antes, botas pretas lustrosas e uma camisa branca sem colarinho, do tipo que os homens costumavam usar no tempo do velho oeste. O cabelo estava úmido de um banho recente, igual ao de Matt, mas sem pontas se erguendo ou topetes. Exalava um perfume agradável, como um campo de trevos recém-germinados, após uma chuva suave.

Uma sensação de queda livre apoderou-se de Melissa, fustigando-lhe o ar dos pulmões, como se estivesse praticando paraquedismo sem paraquedas, ou descendo em uma montanha-russa.

O sentimento era impressionante. Terrível, na verdade. E, categoricamente, divino.

– Espero que vocês dois estejam com fome – ela se ouviu dizendo, e a normalidade do seu tom a surpreendeu, já que, por dentro, ainda estava sendo arrastada e envolvida, como um nadador preso em uma corrente veloz.

– Estamos *famintos* – respondeu Matt, olhando em volta da sala de estar, tão alerta quanto um detetive em busca de pistas.

Steven sorriu e limpou a garganta de leve, erguendo uma sobrancelha quando Matt se virou para fitá-lo.

– Bem, nós *estamos* – insistiu o menino, cruzando os pequenos braços.

Steven sorriu, sem querer, ou intencionalmente, enviando uma descarga elétrica através de Melissa. Seus olhos azuis, com algumas nuances de lavanda, que a faziam lembrar dos crepúsculos de verão e das últimas floradas de lilases, percorriam seu corpo, parando aqui e ali, provocando pequenos incêndios sob sua pele. Aquele escrutínio parecia demasiado lento, mas ela sabia que não podia ter durado mais que uma fração de segundo.

– Então vamos comer – disse Melissa a Matt, feliz, não apenas porque já gostava muito dele, mas por ele estar lá. Se estivesse a sós com Steven Creed, considerando seu estranho estado de espírito, acabaria se atirando nos braços daquele homem, ali mesmo na sala.

Certo, talvez fosse um pouco de exagero. Mas, definitivamente, se sentia atraída por ele e não conseguia se livrar da sensação de que estava pisando em terreno perigoso.

Lembrando seus deveres como anfitriã, caminhou em direção à cozinha.

Matt se dirigiu à mesa no momento em que entraram na sala, mas Steven o segurou de leve pelo ombro e o fez parar.

– Onde podemos lavar as mãos? – perguntou Steven, olhando para Melissa.

Ela apontou para o corredor à esquerda do fogão.

– O banheiro fica nesta direção.

Os dois Creed desapareceram na direção indicada e retornaram alguns minutos depois.

Melissa estava servindo o prato principal. Como não dispunha de uma travessa, manteve a comida no recipiente de Ashley que podia ir direto do freezer para o forno.

– Isto é galinha? – perguntou Matt, olhando para a caçarola, um pouco hesitante.

Steven deu uma risadinha.

– Sim – respondeu com a voz tranquila. – É galinha. E então se deparou com o olhar de Melissa, que parecia esperar alguma coisa.

Após um estranho momento, ela apontou para uma das cadeiras. Steven puxou-a, deixando Matt se acomodar no assento.

– Posso comer com os dedos? – O menino quis saber.

Steven respondeu sem tirar os olhos de Melissa.

– Obrigado por perguntar – disse ele com um leve sotaque. – Mas não, Tex, você não pode comer com os dedos.

Por fim, Melissa se deu conta de que Steven não se sentaria, antes de vê-la sentada. Então dirigiu-se à cadeira do meio, estranhamente envergonhada, e esperou que ele a puxasse para ela se sentar. O brilho nos olhos azuis, quando ele se uniu a ela e a Matt, não lhe passou despercebido.

– Não acho que isso seja galinha de verdade – comentou Matt em um tom de ceticismo bem-humorado, olhando para a caçarola no centro da mesa.

Melissa começou a desejar ter servido algo como pizza, hambúrgueres ou cachorros-quentes.

Steven, talvez na esperança de deixá-la à vontade, espetou um dos pedaços de galinha com o garfo, colocou-o no prato e começou a cortá-lo em pedaços pequenos. Seus movimentos eram rápidos e hábeis, com uma elegância sutil.

*Não pense nas mãos dele.*

Melissa piscou, tentando dissipar o estado de torpor.

Steven trocou de prato com Matt, que mordiscou a galinha e, em seguida, começou a comer com determinação.

– Devagar – advertiu-o Steven, servindo-se ao ver que Melissa não se moveu para colocar a comida no próprio prato.

Matt concordou com a cabeça, mastigou e engoliu.

– Você é uma boa cozinheira – elogiou o menino.

Melissa sentiu uma onda de calor sob as bochechas, desejando mentir e tomar todo o crédito para si, mas, ao mesmo tempo, se sentindo totalmente incapaz de fazer tal coisa. Era uma pessoa com um senso de honestidade aguçado. Aquela era a cruz pessoal que precisava carregar.

– Minha irmã Ashley é – explicou. – Eu... Bem... Peguei uma ceia emprestado com ela.

Um brilho travesso tomou conta dos olhos de Steven, mas ele não fez nenhum comentário. Parecia estar apreciando as habilidades culinárias de Ashley.

Todos apreciavam.

– Ah! – murmurou Matt. Tendo satisfeito seu apetite, fez uma pausa e olhou para Steven através da mesa.

– Você acha que Zeke está bem? – perguntou.

Zeke? Melissa então lembrou-se do cão.

– Zeke está muito bem – respondeu Steven.

– Eu queria trazê-lo conosco – confidenciou a criança a Melissa, que só então havia começado a comer, ainda que um pouco hesitante. – Mas meu pai não deixou. Disse que não era educado fazer isso.

Melissa sorriu, querendo relaxar. Steven Creed, com seus ombros largos, sua autoconfiança e sua mera presença, parecia preencher o recinto, respirando todo o ar, absorvendo toda luz. *Absorvendo-a*. A experiência, embora inquietante, também suscitava uma certa energia.

– Zeke – Steven repetiu, com os olhos sorrindo, enquanto olhava para Matt. – *Está bem*.

– Você pode trazê-lo na próxima vez – disse Melissa.

*Da próxima vez?* Quem disse que *haveria* uma próxima vez?

Matt ficou entusiasmado com a notícia.

– Abaixei a voz – instruiu Steven.

O menino sorriu.

– Falo muito alto às vezes – ele explicou a Melissa em um sussurro.

Rindo, ela parou e agitou-lhe o cabelo.

– Tudo bem – murmurou de volta.

Depois disso, instalou-se um silêncio sociável no recinto.

Só após o término da refeição, Matt começou a falar sobre trivialidades.

– Você é casada? – perguntou sem rodeios. – Tem filhos?

Steven, até então inabalável, pelo menos era a impressão que passava a Melissa, ficou ligeiramente ruborizado. Estreitou o olhar para Matt e ia começar a falar.

Melissa o interrompeu, antes que ele pudesse dizer uma palavra.

– Não – respondeu ao menino. – Não sou casada e não tenho filhos.

O sorriso de Matt era glorioso, como um dia amanhecendo, após uma noite fria e sem luar.

– Ótimo! Então pode se casar com meu pai e ser minha mãe. Nós a ajudamos a cozinhar, para que você não precise pegar comida emprestada na casa da sua irmã e até mesmo a lavar a roupa.

– Matt – ralhou Steven, lutando para conter o riso.

Sem pensar, se tivesse pensado, por certo teria se impedido, Melissa pousou a mão no antebraço de Steven. De imediato, sentiu os músculos dele se contraírem e depois relaxarem sob a ponta dos seus dedos.

– Está tudo bem – disse bem baixinho.



Matt olhou para Steven e depois para Melissa. Seus pequenos ombros se curvaram um pouco.

– Acho que não deveria ter dito essas coisas sobre o casamento com o papai – admitiu.

– Você *acha*? – perguntou Steven.

Melissa sorriu, ansiosa para tranquilizar a criança.

– Sabe de uma coisa? – disse, por fim, dirigindo-se a Matt e retirando mão do braço de Steven.

– O quê? – perguntou o garoto.

– Se um dia eu tiver a sorte de ter um filho, espero que seja igualzinho a você.

Então, aconteceu de novo. Aquele sorriso radiante.

Quando o menino crescesse, seria um destruidor de corações sem dúvida alguma.

– Sério? – perguntou Matt.

Steven se remexeu incomodamente na cadeira, mas não disse nada.

– Sério – confirmou Melissa. – Agora, quem quer sorvete de baunilha com torta de frutas?

MATT REPOUSAVA caído sobre o ombro direito de Steven, como um saco de batatas. Uma vez exausto, se permitiu fechar os olhos e adormecer. O que acontecia a sua volta não importava mais, estava esgotado.

Melissa, aparentando mais saborosa que qualquer sobremesa, caminhou até a lateral da picape de Steven, abraçando o próprio peito para se proteger contra a brisa fria da noite, que descia das montanhas.

Não havia quase nada naquele vestido de verão que desagradasse Steven, mas ele não queria que ela pegasse uma pneumonia ou algo do gênero.

– Obrigado – disse ele de repente, parando na calçada e virando-se para ela.

Queria beijá-la, mas segurando Matt daquele jeito, a logística era simplesmente impossível.

Melissa sorriu e passou por ele para abrir a porta traseira da picape.

Matt balbuciou algo, enquanto Steven o colocava no assento infantil e começava a ajustar as correias, mas, como era uma característica sua, não acordou.

– Ele é fantástico – comentou Melissa num tom de voz suave.

– Concordo – disse Steven, depois de se certificar de que a criança estava segura. Os dois ficaram frente a frente, na calçada escura. – É claro que *seria* bom se ele parasse com essa mania de pedir as mulheres em casamento.

Havia algo divertido no sorriso de Melissa, mas também uma ponta de vulnerabilidade.

– Ele faz muito isso? Quero dizer, pedir às mulheres que se casem com você?

Steven deu uma risadinha, mesmo sentindo-se inexplicavelmente nervoso.

– Não – respondeu. – Na verdade, Matt é muito exigente no que se refere a mulheres. – Um sorriso brincou em um dos cantos de sua boca. – Não costuma sugerir casamento nem pedir a *nenhuma* mulher que seja mãe dele.

Melissa riu, o som suave e musical encontrou um lugar dentro de Steven e permaneceu lá, talvez para sempre.

– Ele é um doce – disse ela.

Mais uma vez, Steven sentiu vontade de beijá-la. Na boca, com a língua.

Já que a abordagem direta poderia assustá-la, optou por inclinar-se e dar-lhe um beijinho na testa.

– A noite foi ótima – comentou, descansando as mãos sobre os ombros dela. Uma vez que o vestido de Melissa havia escorregado, deixando parte de seu ombro nu, o gesto podia ter sido equivocado. A pele firme e cheia de vitalidade emanava um calor suave sob as palmas das mãos dele. Steven contraiu os dedos de forma breve e quase imperceptível. Em seguida, se afastou, deixando os braços caírem ao longo do corpo.

– Obrigado – repetiu, expelindo a palavra.

Nesse instante, viu um flash de calor nos olhos de Melissa, a constatação, um desejo que talvez coincidissem com o seu, e tudo dentro de si contraiu.

Era inevitável, percebeu. Estava escrito nas estrelas. Certo ou errado, para melhor ou para pior, em algum momento, ele e Melissa O’Ballivan fariam

amor.

*Calma, seu caubói tolo*, disse a voz da razão, fazendo com que Steven suspirasse. *Você só a conheceu ontem*.

Houve um tempo, antes de Matt se tornar parte do seu dia a dia, que Steven teria contrariado a voz com um sonoro *e daí?*, aplicando a filosofia que sempre fizera parte da sua vida, de que quem pensa demais nada faz, em especial quando se tratava de mulheres bonitas e uma oportunidade de ir para cama com elas.

Melissa, com certeza, podia ser classificada como bonita, e isso era o de menos. Sentia uma imensidão dentro dela, uma fascinante paisagem interior que ele ansiava explorar. No tempo certo.

– Entre – disse ele, fitando-a nos olhos com um sorriso. – Você está tremendo.

– Sim, é verdade – concordou ela, tremendo ainda mais.

Mas não se moveu do lugar e nem ele.

Simplesmente, permaneceram parados, olhando um para o outro.

Por fim, Melissa se ergueu na ponta dos pés e tocou-lhe a boca com os lábios. O contato leve e breve terminou quase no mesmo instante em que começou.

O beijo eletrizou Steven, o confundiu.

No momento seguinte, com um breve sorriso melancólico, Melissa se virou e correu de volta, passando pelo portão, pelo caminho, até alcançar a varanda e, por fim, desaparecer no interior da casa.

Steven se perguntou que diabos dera nele, ainda sem se mexer.

Nesse instante, ouviu uma das janelas da picape se abrir. Com um murmúrio, virou-se para ver Matt fitando-o, com um sorriso sonolento nos lábios as mãos esfregando os olhos.

– Melissa o beijou – disse ele.

Steven deu uma risadinha, contornou o veículo e entrou, acomodando-se atrás do volante.

– Ela beijou – insistiu Matt, enquanto se afastavam do meio-fio. – Eu vi Melissa beijá-lo.

– Tudo bem – disse Steven, ajustando os espelhos. – Ela me beijou. Nada demais, Tex. Apenas um beijo de boa-noite.

– Melissa gosta de você.

– Eu gosto dela também.

– Aposto que ela não sai por aí beijando todo mundo que ela gosta – continuou Matt.

– Volte a dormir – respondeu Steven, com uma ponta de divertimento na voz.

O garoto riu. Estava bem desperto, até demais para sua tendência habitual de não despertar com qualquer coisa. – Você vai convidar Melissa para sair?

Steven reprimiu um sorriso. Estavam na rua principal de Stone Creek agora, a caminho de casa.

Ou do que chamavam de casa.

– Você tem apenas 5 anos – ressaltou. – O que o leva a fazer perguntas como essa?

Matt deu um grande suspiro.

– Eu sei o que é namoro – disse com muita paciência. – Assistio TV. Os caras na TV dão muitas rosas às mulheres e as levam para sair em limusines. No fim da temporada, têm que decidir qual delas é a melhor, ficam de joelhos e a presenteiam com um anel.

– E você viu todas essas coisas *quando*? – perguntou Steven. Em sua casa, a televisão era estritamente monitorada. Principalmente, nesses tipos de reality shows.

– A sra. Hooper tinha um grande número de DVDs. Assistimos a todos eles.

A sra. Hooper fora a babá de Matt em Denver. Steven trabalhara várias noites, solucionando pendências em seu antigo escritório de advocacia, antes de se mudar para Stone Creek.

– Você não mencionou isso naquela ocasião – disse Steven, seco. Depois de terem passado dos limites da cidade, mudou a marcha e acelerou um pouco.

– Você nunca me perguntou se a sra. Hooper e eu estávamos assistindo programas de namoro na TV – informou Matt.

– Você daria um grande advogado, sabia?

– Não quero ser advogado – disse Matt. – Quero ser caubói. – O menino fez uma pausa. – Só preciso de um cavalo, é tudo. Não se pode ser um caubói sem um cavalo. Então, quando vamos construir o novo celeiro?

Steven riu e correu uma das mãos pelo cabelo, mantendo a outra sobre o volante.

– Quando tiver a chance de obter alguns orçamentos e contratar um empreiteiro – respondeu. – Até lá, você tem que ser paciente.

Outro suspiro.

– Que foi? – perguntou Steven.

– Eu só estava imaginando uma coisa.

– E o que seria?

– Você vai convidar Melissa para um encontro?

Foi a vez de Steven suspirar.

– Imagine. Isso não é da sua conta, companheiro.

– Como *algum dia* posso ter uma mãe se você não sair com mulheres?

– Eu saio com mulheres, Matt.

– Tudo bem. Saiu algumas vezes quando vivíamos em Denver. Mas aqui é Stone Creek.

– E estamos aqui não tem nem dois dias – Steven disse procurando ser razoável. – Dê-me uma chance, está bem?

– Então você vai fazer isso?

– Então vou fazer o quê?

Matt pareceu exasperado.

– Convidar. Melissa. Para sair.

Steven riu de novo, desta vez com mais vontade. Agora seguiam o caminho por uma estrada rural. O desvio para o rancho era logo à frente. Ele ligou a seta, embora não houvesse trânsito atrás deles.

– Você nunca desiste?

– Não – respondeu Matt sem hesitar. – Você desiste?

Steven suspirou.

– Não – admitiu.

– Porque um Creed nunca desiste, certo? – Steven não respondeu. – Certo? – insistiu o menino, em meio a um bocejo.

– Tudo bem – disse Steven. – Sim. Está certo.

– E você vai convidar a Melissa para sair com você, certo?

Steven parou a picape próximo ao ônibus da turnê, desligou o motor e se virou no assento para olhar para trás, para Matt.

– Se eu disser que sim, você vai parar de falar sobre isso? – perguntou, não indelicadamente.

Dentro do ônibus, Zeke começou a latir.

– Sim – respondeu o menino, e Steven achou que a expressão dele parecia um pouco presunçosa, mas poderia ter sido um truque de luz.

– Promete?

– Prometo – confirmou Matt. – Mas você também tem que prometer.

Steven saiu do caminhão, abriu a porta de trás e começou desatar as correias do equipamento de segurança.

– Certo, prometo. Mas se ela disser não, é não, entendeu? – Ele ergueu o garoto nos braços. – Agora não me aborreça mais com esse assunto até o dia amanhecer.

Matt o envolveu pelo pescoço.

– Melissa não vai dizer não, papai. Ela gosta de você, lembra? Ela o beijou.

Steven exalou o ar. Com certeza, lhe fizera bem ser chamado de “papai”.

Ao alcançar o ônibus, abriu a porta e se afastou para o lado, antes de Zeke sair do interior como um projétil peludo.

– Uma outra coisa – disse Steven.

Matt bocejou novamente, observando com carinho, enquanto Zeke corria em amplos círculos, latindo alto.

– O quê? – o menino perguntou, parecendo pouco interessado.

Steven o colocou no chão, e ambos esperaram que o cão fizesse suas necessidades.

– Quando se trata de namoro, três é demais, velho amigo. Você terá que ficar em casa com uma babá.

Zeke levantou uma perna e batizou a parte traseira esquerda da picape nova de Steven.

– Tudo bem – concordou Matt num tom solene. – Combinado.

Quando o cão terminou, Steven ligou o interruptor de luz. Em seguida, os três entraram no ônibus iluminado com uma silhueta da cabeça de Brad O’Ballivan pintada na lateral.

Minutos depois, Matt já havia tomado banho e vestido um pijama. O hálito cheirava a menta devido a uma vigorosa sessão de escovação na pia do banheiro. Steven cobriu o garoto e fingiu não notar quando Zeke, de imediato, pulou sobre o colchão e se acomodou para passar a noite.

Sorrindo, saiu do quarto de Matt, lembrando sua própria infância. Em Boston, não tinha permissão para ter um cão. A mãe dizia que os antigos tapetes persa da casa do avô eram valiosos demais para colocá-los em risco, e, além disso, animais eram em geral barulhentos. Mas no rancho, em Lonesome Bend, os pisos eram de madeira, desgastados por quase um século de uso, e os tapetes, todos laváveis. Ninguém parecia se incomodar com a bagunça ocasional e o clamor quase constante de crianças e cães entrando e saindo.

Fora uma sucessão de animais de estimação ao longo daqueles anos. Brody e Conner, cada um tinha seu próprio cão, assim como Steven. O seu era um labrador amarelo, chamado Lucky. Quando ele chegava na primavera, logo após o término da escola, o cachorro o aguardava no portão do rancho para brincarem felizes.

O adeus, quando chegava o fim de agosto e tinha que retornar a Boston, era uma dor que ele ainda podia sentir, mesmo depois de tanto tempo.

Claro, Brody e Conner cuidavam de Lucky enquanto ele estava fora. Mas não era o mesmo de quando Steven estava lá. Brody tinha Fletch, e Conner, Hannibal, e isso fazia Lucky se sentir excluído.

Verão após verão, Lucky estava lá para lhe oferecer uma recepção animada, e os dois eram inseparáveis.

Sua garganta apertou, e os olhos arderam. Steven tentou livrar-se da lembrança do cão, porque ainda sentia sua falta, não importa quanto tempo

havia se passado. Lucky fora um dos amigos mais verdadeiros que tivera ou esperava ter.

Pigarreou e, em seguida, resolveu localizar os projetos nos quais vinha trabalhando de forma intermitente, desde que decidira comprar cinquenta hectares de terra, uma casa de dois andares e os destroços de um celeiro em Stone Creek, Arizona. Nas últimas semanas, reprojetara a casa umas duas vezes e concluía o que considerava ser um plano viável para as dependências também.

Olhando para os esboços, todos traçados nas páginas já rabiscadas e amareladas de um bloco de notas, chegou à conclusão de que estava preparado para contratar um arquiteto e começar a solicitar orçamentos de empreiteiros locais. Não que houvesse probabilidade de conseguir muitos em uma comunidade do tamanho de Stone Creek.

Folheou as páginas, verificando e reverificando. Em determinado momento, aprendera a ser multidisciplinar. Uma parte de sua mente ainda estava lá naquela calçada, na cidade, frente a frente com Melissa O'Ballivan, que o atingira com uma aguilhada, ao beijá-lo, mesmo de forma rápida e suave.

O efeito seria quase o mesmo, até onde podia concluir. Por outro lado, imaginou um beijo de *verdade*. Por certo, o teria fulminado no local, como o espiral de um relâmpago.

E havia a campanha de Matt para casá-lo o mais rápido possível. De preferência, com Melissa. Mas se isso não desse certo, o garoto com certeza partiria à caça de outra candidata, sem demora.

*Rosas, limousines e anéis de noivado oferecidos de joelhos*, lembrou ele, sorrindo.

Um zumbido vibratório, o arrancou de suas reflexões. Verificando o painel do identificador de chamadas do telefone celular, não reconheceu o número e respondeu, dizendo o seu nome.

– É o Brody – disse o primo há muito sumido. A voz de Brody era muito parecida com a do irmão gêmeo. Steven teria pensado que a ligação era de Conner, se ele não tivesse se identificado de imediato.

Sentiu alívio e raiva ao mesmo tempo.



– Onde diabos você está? – exigiu em um áspero sussurro. Se não fosse por Matt, provavelmente teria *berrado* aquela pergunta.

– É bom falar com você de novo – disse Brody, com o sotaque exagerado que costumava empregar para demonstrar que não ligava a mínima se irritava fosse quem fosse a pessoa com quem estivesse falando. O que acontecia o tempo todo.

Steven deixou escapar um longo suspiro e teve que pressioná-lo a sair por entre os dentes, já que sua mandíbula estava retesada.

– Ainda está aí, Boston? – Brody perguntou.

O velho apelido, que já fora um insulto, permitira a Steven relaxar um pouco. E, relaxando, tornou possível a tarefa de articular a mandíbula, para que pudesse abrir a boca e responder.

– Estou aqui – respondeu. Da segunda vez que perguntou a Brody onde ele estava, conseguiu um tom mais civilizado.

Brody riu antes de responder.

– Olha primo, se você seguisse os rodeios como costumava fazer, saberia que eu estava fora, no circuito. À vista de todos, poderíamos dizer.

A raiva de Steven voltou a se reacender.

– Maldição, Brody – rosnou, apoiado sobre um dos cotovelos, com os dedos abertos sobre o cabelo. – Eu acompanhei os rodeios, on-line e, às vezes, pessoalmente. Não ouvi o seu nome ou vi sua cara sequer uma vez.

– Deve ter sido na época em que fiquei um tempo no Canadá.

– Ou preso em algum lugar – disse Steven, expressando seu segundo pior medo. O primeiro, é claro, fora a possibilidade de que o primo estivesse morto.

Brody riu, mas havia uma nota dissonante naquele som.

– Visitei o xadrez uma ou duas vezes na minha ilustre carreira – respondeu ele. Mas nunca transgredi a lei, Boston, e não me importo de admitir que estou um pouco indignado com a sua falta de fé em meu caráter.

Steven tentou novamente.

– Onde você está, Brody?

– Denver – respondeu o primo, de pronto. – Mas não vou ficar aqui por muito tempo. Estou apenas de passagem, como dizem.

– Você já foi ao rancho? – Lonesome Bend não ficava muito distante de Denver, talvez Brody tivesse feito uma visita aos parentes. Remendado cercas com Conner, passado algum tempo com o pai de Steven e com Kim, ambos amavam os gêmeos como se fossem seus filhos de verdade.

Mas ao mesmo tempo em que o pensamento cruzou sua mente, soube que era esperar demais.

Um Creed nunca cedia. Em especial, se tratando de ressentimentos.

Brody deu outra risada, tão áspera quanto a última. Talvez até um pouco mais.

– Não. Não estou preparado para isso.

– Já se passaram muitos anos – disse Steven, endireitando a coluna e deixando a mão cair sobre a mesa. Ele olhou em direção ao hall, meio que esperando ver Matt ali. – Planeja estar preparado em breve?

– Provavelmente, não.

– Mas você me ligou.

– Sim – concordou Brody, com um suspiro que expressava que ele próprio não acreditava no que fizera. – Eu me envolvi com uma moça bonita, em um bar, na noite passada e descobri que ela trabalhou para você e Zack St. John, como secretária, assistente ou algo assim. Acho que o nome dela era Jessica.

Steven sorriu, melancólico. Algumas coisas nunca mudavam.

– Você se envolveu com ela e não tem certeza de como ela se chamava.

– Ei – disse Brody. – Nem todo mundo é detalhista como você, Boston. O nome dela era Jessica.

– Ou quem sabe Jennifer – corrigiu Steven. Nunca trabalhara com alguém chamado Jessica. Mas havia uma Jennifer Adams no escritório de advocacia em Denver, no tempo que ele trabalhou lá. Era uma assistente altamente qualificada.

– Talvez seja isso – admitiu Brody com uma risada. – De qualquer forma, ela disse que você mudou para Stone Creek, Arizona. Quando soube disso, decidi entrar em contato.

– Seja qual for o motivo, Brody, estou muito feliz em ouvir sua voz.

– Há um rodeio se aproximando – continuou Brody, passando direto sobre qualquer indício de sentimento, do jeito que sempre fazia. – Em Stone Creek, quero dizer.

– Eu ouvi falar – disse Steven num tom de voz suave. – Pretende participar? Comparado ao que está acostumado, é bolinho.

– Não é bem assim – afirmou o primo. – Já participei desse rodeio uma vez. O pagamento é bom. Se pegar o animal certo, a competição não é tão ruim.

– Seria muito bom poder revê-lo – comentou Steven, sabendo muito bem que Conner estaria na cidade também. Não lhe parecia certo esconder o fato de Brody, mas não queria arriscar perder o contato novamente e sabia que o primo desligaria o telefone ao ouvir o nome do irmão.

– Estava esperando que dissesse isso – respondeu Brody.

## *Capítulo Oito*

---

A MANHÃ de segunda-feira chegou rápido demais, o que era a tendência natural. Resmungando baixinho, Melissa praticamente se arrastou para fora da cama, foi até a janela e espiou entre as ripas das persianas de madeira.

*Ótimo.*

O céu amanhecera cinzento e carregado, e, em algum lugar distante, um trovão ribombou, como os efeitos sonoros da velha canção de Brooks Garth.

Na noite anterior, sentindo-se otimista a respeito do tempo, separara um short, uma camiseta, meias, tênis e calcinha de algodão para os exercícios diários. Agora, desanimada, optara por usar um moletom e prender o cabelo em um rabo de cavalo. Ela saiu para o pátio da frente para se alongar.

O ar fresco, com sua névoa fria, a revigorou depressa, fazendo-a superar o primeiro instinto que tivera ao acordar, o de voltar direto para a cama e dormir.

O gramado certamente parecia muito melhor, pensou, enquanto abria a cerca de madeira e saía para a calçada. Byron passara a tarde inteira podando e capinando, e os resultados eram impressionantes.

Respirou o cheiro úmido e verde da grama recém-cortada.

Os galhos do bordo já não pendiam mais sobre a calçada, e milhões de gotículas de chuva minúsculas pontilhavam sua folhagem, brilhantes como pedaços de cristal finamente moído e aspergido.

Iniciou a corrida com um trote lento para se aquecer. Uma fina garoa começou cair antes que ela chegasse à esquina, e outro trovão rebimbou, ainda distante da cidade. Mas seu som era sinistro.

Melissa ergueu o capuz do moletom e acelerou o ritmo. Gostava de variar sua rota e, naquele dia, circundou o parque bem conservado da pequena da cidade, três vezes, antes de se dirigir a Main Street.

A maioria das empresas ainda permaneciam fechadas, é claro. Eram apenas 7h30 da manhã. Mas o Sunflower já estava aberto, juntamente com o armazém e a oficina de carros.

Tessa Quinn se encontrava do lado de fora do café, com o longo cabelo castanho-escuro caindo-lhe pelas costas, derramava água fresca na cumbuca do cão da comunidade. Ela sorriu e acenou ao vê-la passar no lado oposto da rua.

Melissa acenou de volta, ponderando uma ideia que vinha martelando no fundo do seu cérebro há algum tempo. Brincar de cupido, convidando ambos, Tessa e Tom, para jantar na mesma noite. É claro que isso significava pegar mais alimentos emprestados no freezer de Ashley ou mesmo convencer a irmã gêmea a preparar algumas maravilhas culinárias condizentes com a ocasião. Claro, que seria um risco, Tom e Tessa podiam acabar não apenas não se acertando, como também ficar com raiva dela. Mas e se a sorte estivesse do lado deles? E se fosse o começo de algo grande?

O pensamento a fez rir. Talvez, para não se sentir sobrando e *Tom* se sentir minoria masculina, também chamasse Steven. Dessa vez, é claro, não o atacaria na calçada no fim da noite, para beijá-lo.

Lembrando disso, Melissa corou. Tivera o restante de sábado à noite e o domingo todo para superar o fato de ter cedido àquele impulso imprudente. Mas ali estava ela, ainda obcecada com aquilo. Qual *era* o seu problema?

Decidiu adiar a brincadeira de cupido, pelo menos até Ashley voltar de Chicago e servir como uma espécie de conselheira.

Deus, como sentia falta da irmã!

Melissa continuou correndo. Passou pela biblioteca, a agência de correios, com seu grande gramado verde, sua bandeira e mastro, e a fileira de caixas de correio azul-brilhante virada para a rua. Era hora de voltar para casa,

decidiu. Deixando a Main Street, seguiu a rua residencial, sombreada por enormes árvores de carvalho, paralela àquela.

Todas as casas lhe eram familiares. Sabia quem vivia lá no presente e quem vivera no passado. Conhecia as pessoas, suas histórias, suas esperanças e os nomes de seus animais de estimação, tanto as vivas quanto as que já haviam morrido. Essa era a vida em uma cidade pequena.

Alguns minutos depois, chegou à pousada de Ashley e ficou contente ao notar a ausência dos jogadores de croquet nus, pelo menos no jardim da frente. Talvez se devesse ao tempo inclemente, pensou, com um sorriso.

Ou podiam estar nos fundos, praticando salto à distância.

Estava tão imersa em seus pensamentos e tão acostumada a correr ao longo daquela rua, no início da manhã, que não prestou atenção e quase foi atropelada, enquanto atravessava a rua, de terra e cascalho, entre a pousada e a casa das irmãs Crockett.

Freios rangeram estridentes, afiados como unhas em um quadro negro e pequenas pedras arranharam-lhe a pele. Embora continuasse chovendo, uma nuvem de poeira se ergueu ao seu redor. Tentando se livrar do perigo, saltou para o trecho de grama mais próximo, tropeçando e ralando os joelhos da calça de moletom, quando caiu próximo ao seu alvo.

Alguns instantes se passaram, bem devagar.

Tudo parecia zunir em torno de Melissa, como um inseto. Sons se arrastavam, como se alguém tivesse colocado um dedo em um disco de vinil velho, girando-o para o lado contrário.

E, no instante seguinte, Andrea estava agachada em frente a ela, segurando-a firmemente pelos ombros.

– Você está bem? – perguntou a garota. – Ah, meu Deus, está ferida?

Melissa se ergueu com a ajuda de Andrea, tremendo, cuspidando a poeira molhada de seus pulmões e balançando a cabeça, tudo ao mesmo tempo. Foi então que viu Byron ali perto, aparentando preocupado, com o cabelo desgrenhado como se tivesse acabado de acordar. As roupas pareciam ter sido vestidas às pressas.

Andrea seguiu o olhar de Melissa e depois voltou a se focar no rosto dela.

– Desculpe... Eu sinto *muito*...

– Talvez ela devesse ir a um médico – sugeriu Byron.

Mais uma vez, Melissa recusou com um movimento de cabeça. Levava um susto, arranhara os joelhos, mas não fora nada sério. Em casa, tomaria uma ducha e, se tivesse algum ferimento na pele, poderia aplicar uma pomada antibacteriana e fazer um curativo.

No entanto, isso não significava que deixaria o incidente passar sem um sermão. Sim, ela devia ter prestado mais atenção, ter olhado antes de atravessar a via. Mas aquele carro velho se aproximara em alta velocidade.

– Quem estava dirigindo? – perguntou, olhando diretamente para Byron e depois para Andrea.

Um rubor subiu pelo pescoço do garoto, que passou a mão pelos cabelos, desconcertado.

– *Eu* – se acusou Andrea, um pouco rápido demais. – O carro é meu.

Melissa não parecia convencida de que era a sua assistente que estava atrás do volante, mas ela afirmara, e nenhuma lei fora descumprida, afinal. Inclinou-se para afastar o tecido rasgado da calça de moletom, e a sensação de queimação a fez estremecer.

Byron começou a se mover, hesitou, e então caminhou com um passo firme em sua direção.

– Você pode estar ferida – disse ele.

Naquele momento, Melissa sentiu uma raiva afiada e totalmente inesperada, que lhe roubou o fôlego. Sem dúvida, desencadeada pelo erro que acabara de cometer. Em sua mente, espocaram as fotos do pequeno corpo ferido de Chavonne Rowan, tiradas no consultório do médico legista em Flagstaff. E essas imagens ainda estavam vivas em sua lembrança, como se as tivesse visto apenas minutos antes.

*Você pode estar ferida.*

*Ferida*, de fato. Do modo como Chavonne fora ferida?

– Pelo menos, deixe que a levemos para casa – implorou Andrea, seus olhos expressivos reluziam. – Por favor?

Melissa fez uma pausa, depois assentiu. Sua casa não era tão longe, mas a chuva estava caindo mais forte agora, seus joelhos ardiavam e se sentia levemente enjoada.

Byron não chegou a segurá-la pelo braço, apesar de provavelmente ter sido essa sua intenção inicial. Em vez disso, apenas a conduziu em direção ao carro de Andrea, abriu a pesada porta do lado do passageiro e esperou que ela entrasse. Andrea sentou-se atrás do volante.

Melissa notou que a jovem teve que puxar o assento para frente a fim de alcançar os pedais de freio. Era observadora. Ser detalhista fazia parte de sua natureza, bem como do seu emprego. Mas mesmo assim, tendia a fazer a maioria das observações com desconfiança. Era muito fácil tirar conclusões precipitadas.

O carro era praticamente uma relíquia, lembrou a si mesma. E era possível que o banco precisasse ser ajustado a cada vez que ela se sentasse nele. Big John possuía um calhambeque velho como aquele, certa vez. O assento parecia ter vontade própria, e era necessário ajustá-lo com frequência.

Andrea apertou os dedos no volante e olhou pelo retrovisor, enquanto Byron entrava na parte traseira.

Melissa, compreensivelmente distraída, por fim, percebeu a situação. Byron havia passado a noite com Andrea, em seu pequeno apartamento sobre a garagem das irmãs Crockett, e fosse quem fosse que estivesse dirigindo tinha pressa, porque nenhum dos dois queria que as senhoras idosas soubessem sobre o encontro. Também havia a chance de Velda não ficar muito feliz pelo filho ter passado uma noite inteira fora de casa, logo após ter saído da prisão.

Não era de admirar que ambos aparentassem nervosos. Quase achataram a promotora do município sob as rodas dianteiras do carro.

– Estarei no trabalho na hora certa – afirmou Andrea alguns minutos depois, ao parar em frente ao portão de Melissa.

– Tudo bem – disse ela, abrindo a porta para sair. Já que estava em boa forma, se surpreendeu ao descobrir que sentia dores pelo corpo todo.

Byron também saiu e ficou esperando na calçada, observando-a atentamente, a chuva fazia seu cabelo ondular.

Melissa sentiu uma súbita necessidade de tranquilizá-lo. Talvez por que parecesse tão jovem, ali de pé, e tão vulnerável, o típico garoto perdido.



- Você fez um ótimo trabalho no jardim – comentou.
- Obrigado.

Melissa percebeu que o rapaz estava esperando para levá-la até a porta da frente. Após acenar para Andrea, se virou para passar pelo portão, apenas para descobrir Byron, um passo à frente, segurando-o aberto para ela. Seu lado cético, afinal era uma promotora, a avisava para não ser demasiado confiante. Segundo sua experiência, ser compassiva, muitas vezes, se traduzia por ser enganada.

Era possível que Byron fosse mesmo um bom garoto, que cometera um erro grave e pagara o preço por isso. Por outro lado, também havia a possibilidade de estar apenas representando. O próximo envolvimento com drogas, a próxima tragédia podia estar espreitando em uma esquina qualquer.

A chuva caía pelo telhado da varanda, e ambos se esgueiraram para entrar, como duas pessoas passando sob uma cachoeira.

Melissa usava uma corrente pendurada no pescoço, com a chave da porta, quando corria. Retirou-a com a mão ainda um pouco instável. Estava com uma carga muito forte de adrenalina, um pouco antes, e ainda não voltara totalmente ao normal.

Com delicadeza, Byron tomou a chave da mão dela, inseriu-a na fechadura e abriu a porta. A seguir, devolveu a chave, quando ela se virou no limiar, e seus olhares se encontraram.

- Sinto muito – disse ele num tom de voz baixo.

Melissa assentiu com a cabeça.

- Tenha mais cuidado da próxima vez.

Ele anuiu com a cabeça.

- Tem certeza de que vai ficar bem?

– Tenho – respondeu Melissa, porque era verdade. Tendo crescido em um rancho, fora lançada do lombo de cavalos inúmeras vezes. Levava coices de vacas, caíra em montes de feno e sofrera tombos das traseiras de caminhonetes e tratores. E praticamente sem sofrer muitos danos. Em comparação, aquilo não era nada. – Byron? – ela se aventurou.

O garoto ainda parecia infeliz.

– Sim.

– Tenha cuidado na escolha dos seus amigos. Nathan Carter não é boa companhia, caso você tenha esquecido.

Byron absorveu aquelas palavras, com o rosto pálido e tenso.

– No momento – respondeu, a voz soando baixa e calma. – Não posso me dar ao luxo de ser exigente. Um garoto precisa ter amigos, e, por ora, Andrea e Nathan são os únicos que possuo.

Melissa sentiu um nó apertado de tristeza na garganta. Não disse mais nada, apenas concordou com a cabeça em resposta às palavras de Byron.

Quinze minutos mais tarde, após ter tomado banho e se secado, batendo a toalha na pele com leves pancadinhas, havia esquecido a conversa inteira. Tinha pequenos cortes em ambos os joelhos, mas não eram profundos, e o sangramento estancara. O restante do corpo doía, como se tivesse de fato sido atingida pelo carro de Andrea.

Após vestir um roupão, se dirigiu à cozinha, preparou um copo de suco com proteína e engoliu dois comprimidos para dor, de um só gole. Dentro de mais alguns minutos, disse a si mesma, contemplando o temporal do lado de fora da janela, estaria bem e a chuva teria diminuído.

Para se vestir, levou o dobro do tempo que de costume, uma vez que cada movimento causava-lhe dores articulares ou musculares. Mas continuou a tarefa. Colocou uma saia estampada rosa-floral, uma blusa branca comprida de verão, passou um pouco de base no rosto e um *gloss* nos lábios.

Entre a chuva e a ducha recente, seu cabelo ondulou. Não estava disposta a passar meia hora tentando domesticá-los com um secador e uma escova. Resolveu enrolar os fios em um coque e os prendeu na nuca, com uma enorme presilha de plástico. Ficou satisfeita com o resultado.

Pequenas mechas caíam-lhe em torno do rosto e pescoço, conferindo-lhe uma aparência mais suave do que a habitual. Lembrava mais o estilo de Ashley do que o seu próprio. Mas a agradou assim mesmo.

Enquanto se arrumava, a tempestade se fora, deixando o sol em seu lugar, reluzente como bronze polido.

Quando Melissa chegou ao escritório mancando, pouco antes das nove, Andrea já estava lá. Parada no meio do recinto, como uma sentinela,

segurava, com ambas as mãos, um vaso de vidro simples, contendo um enorme buquê de lírios roxos e brancos, por certo retirados do jardim das irmãs Crockett.

– São para você – disse um pouco ansiosa.

Melissa sorriu, pegou as flores, passou pela jovem nervosa e seguiu em direção a sua sala.

– Obrigada, Andrea. Mas não precisava.

– Você podia ter ficado gravemente ferida – explodiu Andrea. – Ou até mesmo...

Melissa fez uma pausa, franzindo a testa.

– Eu *estou bem*.

Os olhos de Andrea nublaram de lágrimas.

– Eu sei que você acha... que era Byron quem estava dirigindo esta manhã e que eu o estou acobertando, por causa do que aconteceu antes, por causa daquela garota, Chavonne. Mas era eu quem estava atrás do volante, não Byron.

Melissa suspirou e continuou entrando em seu escritório. Lá dentro, colocou o vaso de flores, com cuidado, em um dos cantos da mesa. Eram de fato bonitas, frescas, com um colorido vibrante.

– O que você faz quando sai daqui, a sua vida pessoal não é da minha conta – disse ela, olhando para as flores em vez de encará-la. Os dois jovens haviam aprendido uma lição, agora era hora de seguir em frente.

– Mas? – disse Andrea, sem inflexão. Era óbvio que não parecia pronta para esquecer o assunto. Melissa, por sua vez, preferia fazer de conta que aquilo não havia acontecido.

– Você percorreu um longo caminho desde a época em que vivia em lares adotivos – respondeu Melissa, após inspirar e depois expelir um profundo suspiro. – Espero que não destrua tudo que conseguiu, fazendo alguma bobagem.

Andrea corou miseravelmente.

– Como sair com Byron Cahill?

– Eu não disse isso.

– Você não devia ter dito – disse Andrea. Entretanto, não havia raiva em seu tom ou expressão.

Melissa pousou a mão sobre o antebraço da garota.

– Certo. Não sei se vale à pena, mas vou lhe dar minha opinião. Agora, Byron terá que passar por alguns ajustes importantes. Ele tem muito com que se ocupar, e você também. Talvez fosse melhor deixar a poeira baixar um pouco, antes de vocês dois se envolverem demais.

Andrea ficou ligeiramente tensa.

– Porque ele estava na prisão.

– Em parte, sim – respondeu Melissa. – E em parte porque vocês são muito jovens.

– Está bem – disse Andrea, seu tom se tornando incisivo enquanto se virava para deixar o escritório. – Entendi a mensagem.

Confusa e ainda toda dolorida do tombo que dera sobre o cascalho naquela manhã, Melissa pousou a bolsa, sentou-se e ligou o computador.

Uma batida na madeira da porta aberta a alertou para a presença de Tom. Ela sorriu, e até *isso* lhe causou um pouco de dor.

O xerife olhou na direção de Andrea, entrou no escritório de Melissa e fechou a porta.

– Temos problemas – disse em um tom solene.

Melissa o fitou, seu sorriso era uma coisa do passado.

– Sente-se, Tom – disse ela.

Mas ele fez que não com a cabeça.

– Tive uma queixa dos vizinhos de Ashley e Jack. Sobre os hóspedes. Já que se trata de um assunto delicado, quis falar com você primeiro, antes de seguir para lá.

Melissa fechou os olhos por um momento. Droga, aquele bando de bandidos geriátricos estavam correndo nus novamente, e, desta vez, alguém os vira.

Ela não *precisava* disso. A pousada era problema de Ashley, não dela.

Tom limpou a garganta, com uma expressão diplomática. Seus olhos brilharam, embora ele não parecesse com pressa de explicar a situação.

– Eles estão perturbando a paz.

Melissa revirou os olhos.

– *Perturbando a paz?*

– Aparentemente, estão ouvindo som no volume máximo. Dançando tango no pátio de trás. – Tom respirou fundo, os olhos ainda dançando com diversão. – As irmãs Crockett estão preocupadas que o barulho assuste os peixes.

– Os *peixes*?

– Você sabe. Aqueles peixes dourados que elas têm.

– E isso por acaso é problema *meu*?

– Bem – disse Tom. – Já que Ashley e Jack a deixaram encarregada de cuidar da pousada, achei que gostaria de saber o que estava acontecendo.

– Deus do céu! – disse Melissa.

Tom riu.

– Estou me preparando para ir até lá e ter uma conversa com aquelas boas pessoas, é claro – continuou. – Tenho certeza de que não representam muito problema. Você pode vir junto ou ficar aqui. A escolha é sua.

Melissa gemeu com o peso da responsabilidade recaindo sobre seus ombros.

– É melhor eu ir com você.

Tom assentiu.

– Isso seria, provavelmente, uma boa ideia – concordou ele com um dos cantos dos lábios se curvando. – Mas talvez eu devesse ir primeiro, no caso de ser necessário.

– No caso de ser necessário o quê? – perguntou Melissa, irritada. As pílulas para dor que tomara pela manhã, com o suco, antes de sair de casa, começavam a perder o efeito. – Pelo que sei, tango não é perigoso. Não para os espectadores, pelo menos.

Tom tornou-lhe um olhar irônico, enquanto abria a porta do escritório e esperava que ela saísse, antes de segui-la.

Naquele momento, Andrea estava se erguendo da cadeira, com o punhado habitual de mensagens em uma das mãos. Aparentava pálida, com leves sombras escuras sob os olhos.

– Algo importante? – perguntou Melissa, olhando para as mensagens.

– Não tenho certeza – admitiu Andrea. – Uma mulher ligou reclamando que um dos seus vizinhos está comprando papel higiênico em demasia, mais do que uma pessoa necessita, especialmente quando vive sozinha.

Melissa franziu a testa, perplexa.

Mas Tom deu uma risada e um assobio baixo, que trouxe o fiel Elvis correndo em direção ao dono e disse:

– Parece a mesma velha controvérsia com a qual a tia Ona tem que lidar todos os anos, quando chega a temporada dos rodeios.

– O sr. Creed também ligou – acrescentou Andrea, enquanto Melissa ainda estava ponderando a enigmática observação de Tom. – Acho que não tem o seu número de casa. Enfim, ele disse que Matt gostou muito do jantar de ontem à noite e que gostariam de retribuir o convite o mais rápido possível.

Um leve rubor corou o rosto de Melissa.

– Certo – disse, evitando olhar para Andrea. Podia de fato *sentir* o sorriso de Tom, embora não o fitasse também.

– Estaremos de volta daqui a pouco – explicou o xerife a Andrea.

Pelo canto do olho, Melissa viu a jovem assentir, antes de se virar e voltar para a própria mesa.

Momentos depois, Tom, Melissa e Elvis estavam na viatura.

Melissa folheou as mensagens para ter certeza de que não havia nada urgente, em seguida, enfiou-as na bolsa. Todas, exceto a do papel higiênico, é claro.

A pessoa que ligou, o que não era nenhuma surpresa, fora Bea Brady, um dos membros mais falantes do Comitê do Desfile. A mulher falara durante o tempo todo na reunião na Creekside Academy, lembrou Melissa.

– Algumas pessoas – disse ela com um longo suspiro. – Têm excesso de tempo livre.

Um dos cantos da boca de Tom se ergueu. Elvis estava sentado no meio do banco traseiro, atrás da grade de metal.

– Suponho que você saiba – disse ele num tom seco. – Que há algumas pessoas em Stone Creek que dizem o mesmo a nosso respeito. A grande

piada na barbearia é que eu não tinha necessidade de recarregar o revólver, bastava trazer uma única bala no bolso da camisa, como Barney Fife.

Melissa deixou escapar uma risada, apesar de tudo, mas quando voltou a falar, estava séria.

– Às vezes, acho que escolhi a profissão errada – admitiu, surpreendendo a si mesma e a Tom.

O xerife, já sinalizando para virar na rua de Ashley, lançou um olhar enigmático em sua direção.

– Sério? – perguntou. – Você se esforçou tanto para receber esse diploma de Direito, passar no exame da Ordem e, em seguida, construir um currículo. O que faria se não fosse advogada?

Quando a alameda entre a casa das Crockett e a pousada entrou em foco, quase no fim do quarteirão, a memória celular de Melissa se fez notar. Ela sentiu o impacto de sua queda outra vez, como se tivesse acabado de acontecer.

– Pergunta interessante – murmurou em resposta. Antes da separação, ela e Dan haviam combinado que quando ela se sentisse preparada, passaria alguns anos afastada do trabalho, ajudaria a criar os dois meninos dele, teria pelo menos um bebê e experimentaria algumas das artes domésticas, como cozinhar, decorar, à la Ashley. – E eu acho que não sei a resposta.

E esse era, provavelmente, todo o problema, refletiu. Não apenas não sabia o que faria se não fosse advogada, como não sabia quem *seria*.

Tinha tanta certeza de que amava Dan, que queria construir uma vida a seu lado. Mas ao chegar a hora de definir um data e realmente se casar, entrara em pânico. Dan, que fora paciente por um longo tempo, ficara furioso e lhe emitira um ultimato, dando-lhe um prazo de 48 horas para tomar uma decisão. Uma coisa ou outra: ou se casavam ou terminavam tudo.

Melissa não precisara de 48 horas, ou sequer 48 segundos. Terminou tudo.

Claro que esperava que Dan a procurasse dentro de um ou dois dias, uma semana no máximo, com um buquê de flores e um discurso doce, do jeito que sempre acontecia todas as vezes que divergiam sobre qualquer coisa,

grande ou pequena. Mas, dessa vez, foi diferente. Não houve música suave, nem sexo, nada. Dentro de uma semana, na verdade, Dan estava namorando uma garçonete, a mulher com quem veio a se casar mais tarde.

– Bem – disse Tom, parando a viatura em frente à pousada. – Chegamos.

– Sim – disse Melissa, piscando os olhos e espiando a frente da graciosa casa da sua irmã e cunhado. – Vamos acabar logo com isso.

Tom riu, destravou o cinto de segurança e saiu do carro. Ao alcançar a calçada, abriu a porta para Melissa e soltou Elvis na parte de trás.

Mesmo de onde se encontravam, podiam ouvir claramente os sons alegres vindo dos fundos da casa. Havia música de guitarra, risos, aplausos e mais aplausos, altos e entusiasmados.

– Droga – murmurou Melissa, sacudindo a cabeça, enquanto Tom abria o portão da frente e esperava que ela entrasse na frente.

– Pode esperar aqui se quiser – sugeriu ele. Elvis trotava animado à frente, com o nariz farejando o chão.

– Até parece que eu nunca vi um homem nu antes – disse ela.

Tom riu.

– Hã?

Inconscientemente, Melissa apenas revelara seu medo secreto: que os hóspedes da pousada estivessem nus outra vez.

– Você entendeu o que eu disse – respondeu com uma leve rispidez em seu tom de voz.

– A propósito – continuou ele. – O que está acontecendo com você? Encolheu-se toda vez que eu virava uma curva no trajeto até aqui e posso jurar que está mancando um pouco.

Tom havia assumido a dianteira, seguindo o caminho lateral da casa que levava ao quintal com suas altas cercas e árvores, mas olhou por cima do ombro para fitá-la enquanto falava.

Melissa ergueu e encolheu os ombros com cuidado.

– Levei um pequeno tombo quando estava correndo esta manhã. Nada grave.

Elvis, tendo alcançado o quintal, começou a latir. O som era da mais pura alegria, e Melissa teve que rir.



Tom parou, logo que contornou o canto da casa, e os dois quase colidiram.

– Meu Deus! – murmurou ele.

Ela olhou ao redor.

E lá estava a turma desvairada. Os homens vestidos como toureiros, com exceção dos chapéus. As mulheres com roupas flamencas, segurando rosas entre os dentes. Rodopiavam como loucos por toda a extensão do pátio de pedra.

A música, saindo de uma caixa de som, era ensurdecadora.

Elvis, próximo à extremidade do pátio, era uma testemunha entusiasmada das festividades, latindo alto, enquanto acompanhava a movimentação.

Ao avistar Melissa e Tom, John Winthrop apressou-se em baixar o volume do aparelho de som. Estava usando um daqueles chapéus redondos enfeitados com pequenos pompons.

Um dos outros homens do grupo terminou a dança inclinando a parceira em direção ao solo.

Melissa, mais impressionada do que teria admitido a Tom Parker ou a qualquer outra pessoa, só podia supor que osteoporose não era problema para aquele grupo em particular.

Tom limpou a garganta e, em seguida, chamou Elvis para o seu lado.

Melissa se aproximou dele, concentrando-se em uma coisa. Não rir.

– Ora, é Melissa – disse o sr. Winthrop, radiante, tirando o chapéu e curvando-se em uma mesura. – Que bom vê-la de novo!

– Que indumentária bacana! – elogiou ela.

– É alugada – respondeu o sr. Winthrop. O homem respirou fundo e expeliu o ar com um sopro. – Conversamos sobre a nossa viagem à Espanha, que fizemos três anos atrás. Acho que nos deixamos levar um pouco pelas lembranças.

– Não há lugar que alugue trajes em Stone Creek – disse Tom, parecendo desconfiado.

– Ligamos para uma loja em Flagstaff – explicou Winthrop com a voz jovial. – Eles fizeram a gentileza de nos enviar.

- Ah – respondeu Tom, claramente desnorteado.
- Os vizinhos estão reclamando da música – informou Melissa ao grupo.
- Está muito alta.

As mulheres aparentaram-se aborrecidas. Os homens ficaram cabisbaixos.

Melissa se sentiu uma verdadeira estraga-prazeres.

– Bem, acho que não haveria problema se diminuíssem um pouco o volume – disse Tom. – Todos ficarão satisfeitos.

– Nem todos – disse a mulher de vestido vermelho, arrastando os babados da parte de trás e brincando com o pente espanhol em seu cabelo.

– Vamos nos comportar – prometeu o sr. Winthrop.

A mulher de vestido vermelho pigarreou e cruzou os braços.

– Muito bem. – A voz de Tom soou agradável.

A essa altura, Melissa estava se perguntando por que viera junto naquela missão, já que Tom não parecia precisar de sua ajuda. Se perguntada, teria dito que lhe parecia uma boa ideia na ocasião.

Sorriu pesarosa para o grupo de croquet/tango e estremeceu quando Tom lhe apertou o braço de leve.

– Pronto – disse ele a Melissa, enquanto começava a caminhar, com Elvis seguindo-o de perto. – Vou levá-la a uma clínica em Indian Rock.

Ela suspirou.

– Estou bem – protestou. – Na verdade, estava até pensando em arriscar alguns passos no tango...

Tom sorriu, abriu a porta da viatura e a ajudou a entrar.

– Nem pensar.

– Por que não?

– Porque – respondeu ele com um brilho travesso no olhar. – É preciso dois para dançar tango, e eu, de jeito nenhum, vou participar disso. Muito obrigado.

Melissa gemeu.

– Isso foi uma péssima piada.

Ela riu.

Tom ficou sério.

– Ainda acho que você deve ir a um médico. Eu poderia levá-la a uma clínica em Indian Rock, em um instantinho...

– Estou bem – insistiu ela. – E não vou a lugar algum, além de voltar ao escritório.

Tom não respondeu até sentar-se atrás do volante mais uma vez.

– Não há necessidade de voltar ao trabalho – observou. – Andrea provavelmente pode segurar as pontas. Se não quer ir ao médico, por que não tira o resto do dia de folga e descansa? – Ele indicou para a bolsa dela com um aceno de cabeça e sorriu. – Pode cuidar de todos os recados lá mesmo. Tranquilizar Bea Brady, dizendo-lhe que não vai permitir que o contingente de papel higiênico seja usado para decorar os carros alegóricos do grande desfile. Confessar a Steven Creed que está louca por ele e que terá muito prazer em jantar com ele, quando ele quiser.

Melissa deu um tapa no braço do velho amigo.

– *Vou voltar ao trabalho.* Se tiver que me sentir mal, tanto faz estar no escritório quanto em casa, e, além disso, meu carro está lá.

– Nunca discuta com um advogado – suspirou Tom, rumando para o centro da cidade.

– Talvez eu convide Steven para jantar novamente – disse ela, depois de meditar um pouco. – Quer se unir a nós?

Tom estacionou a viatura no local de costume, atrás do tribunal, e a encarou.

– Sinto o cheiro de um ardil no ar – disse ele.

## Capítulo Nove

---

MELISSA SAIU da viatura, abriu a porta traseira para Elvis, que saltou com agilidade para o chão, e mancou em direção à entrada lateral de tijolos do tribunal. As palavras de Tom ecoavam em seu cérebro.

*Sinto cheiro de um arдил no ar*, dissera ele, quando ela o convidou para jantar, momentos antes.

– Você tem uma mente desconfiada, Tom Parker – acusou.

– Faz parte do meu trabalho – admitiu Tom, mantendo a porta de vidro aberta para ela passar.

Então lhe ocorreu, bem como deveria ter ocorrido a Tom, que era uma pena o relacionamento dos dois sempre ter sido platônico. Formariam um excelente casal, imaginou. Mas não havia atração física entre eles. Estar com o xerife Parker era como estar com seu irmão, Brad. Fácil, tranquilo e *seguro*.

Por outro lado, estar com Steven era tão eletrizante quanto praticar *bungee jumping* ou andar de monociclo em uma corda bamba no Grand Canyon.

– Correr riscos faz parte de seu trabalho também – respondeu Melissa animada, enquanto caminhavam, homem, mulher e cachorro, ao longo do corredor. – Mas quando se trata de romance, não é de nada, é apenas um covarde.

– Então eu tinha razão – concluiu Tom, com uma nota de triunfo na voz.  
– Eu sabia.

– Eu estava pensando em convidar Tessa Quinn para se juntar a nós – disse Melissa, ao chegarem à porta exterior do escritório.

*Melissa O’Ballivan, Promotora*, lia-se na placa de metal afixada na madeira.

Então esperou que uma pequena onda de frustração se dissipasse. Houve uma época em que amava seu trabalho. Agora, pelo que parecia, apenas esperava as horas passarem, na expectativa de que alguém descumprisse a lei e ela pudesse julgá-lo no tribunal. Isso era modo de se viver?

Tom lhe fez uma careta, embora houvesse um brilho benevolente em seus olhos.

– Estou ansioso por um prato de costeletas da Ashley – disse ele.

– Você não ganhou ainda – destacou Melissa. – Na verdade, do jeito que está arrastando os pés, já teve tempo de sobra de convidar Tessa para sair. A cada momento que passa, está se parecendo mais e mais com a nova presidente do Comitê do Desfile.

– Vou convidá-la – afirmou Tom.

– Tudo bem – retrucou Melissa. – Vamos colocar um pouco de ação nisso. Não vou deixá-lo arrastar essa aposta até estarmos todos velhos com cabelo grisalho.

O xerife exalou um ruidoso suspiro.

– Só uma opinião. Por que não cuida da sua vida amorosa, O’Ballivan, e deixa que eu cuide da minha?

Melissa não tinha uma resposta na ponta da língua, já que nenhum dos dois, de fato, possuía uma vida amorosa. Então abriu a porta do escritório e entrou, deixando Tom e Elvis no corredor.

– No que me diz respeito, essa aposta não está mais valendo – disse Tom atrás dela.

– Vá sonhando – respondeu Melissa.

Andrea, embora de olhos inchados, aparentava-se como se tivesse se recuperado, enquanto a chefe estivera fora. Sorriu, empurrou a cadeira para

trás e correu para a pequena sala de descanso, retornando, momentos depois, com uma xícara fumegante de café.

A fragrância era tentadora.

– Eu mesma fiz – disse a garota, entrando no escritório e pousando a xícara na mesa de Melissa.

– Pensei que fazer o café era contra os seus princípios – ironizou ela, extraíndo a pilha de mensagens da bolsa, antes de colocá-la em um canto afastado, como de costume.

– Foi você que disse que isso não fazia parte das minhas atribuições.

Melissa sorriu.

– Apesar disso – respondeu com um toque de sarcasmo, provavelmente não captado por sua assistente. – *Obrigada* por fazer o café. Alguém ligou enquanto eu estava fora?

Por uma fração de segundo, Andrea aparentou quase tímida.

– O sr. Creed – respondeu. – Uns quinze ou vinte minutos atrás.

O coração de Melissa disparou, embora por fora parecesse séria e compenetrada.

Ou assim esperava aparentar.

Sentou-se, estendeu a mão para a xícara e sorveu um gole de café, antes de dizer qualquer coisa.

*Seja casual.*

– Ele disse o que queria?

– Almoçar – respondeu Andrea.

*Almoçar*, um conceito bastante elementar. Entretanto, quando conectada a Steven Creed, até mesmo a simples sugestão provocava-lhe aquela sensação de estar descendo uma montanha-russa novamente.

Melissa sacudiu a cabeça de leve e começou a espalhar as mensagens sobre a superfície da mesa, apenas para ter algo que fazer.

– Posso ligar para o sr. Creed para você – ofereceu-se Andrea, seu tom ansioso, quase ofegante.

Melissa não desviou o olhar das mensagens.

– Eu mesma farei isso. Mas obrigada.

– Ele é um bocado bonito – comentou Andrea.

Melissa suspirou. Concordar que Steven era bonito era como concordar que o céu era azul.

Andrea deixou a sala e fechou a porta ao sair.

Retirando o fone do gancho, Melissa focou-se na mensagem escrita com o nome de Steven e discou.

Enquanto aguardava, uma miniatura do *Cirque de Soleil* ganhou vida na boca do seu estômago, realizando giros mortais, saltos e mergulhos.

Aquilo era ridículo. Talvez Steven Creed fosse mesmo atraente, certo, era definitivamente atraente, mas era um simples mortal, não um deus grego, pelo amor de Deus.

Então, mais uma vez, aquele era o problema, não é? Ele era másculo, *másculo demais*, talvez ainda mais do que ela poderia suportar.

– Steven Creed – soou a voz do outro lado da linha, surpreendendo-a. Ela percebeu que, na verdade, não esperava que ele respondesse à chamada e planejara deixar uma mensagem.

– O... olá – cumprimentou ela, gaguejando a palavra. *Controle-se*, advertiu-se em silêncio. Você é uma mulher adulta, caramba, não uma adolescente.

– Melissa?

– Sim. – Ela pigarreou e fechou os olhos bem apertados. – Sou eu. Desculpe, eu pretendia responder a sua chamada anterior, mas aconteceu algo e precisei me ausentar do escritório.

– Eu só queria convidá-la para almoçar – disse Steven com um sorriso na voz, quando ela se atrapalhou no meio da frase. Melissa teria jurado que ele percebera o quanto ela estava aturdida, e aquilo só a deixava mais aturdida ainda. – Vou compreender, é claro, se estiver ocupada ou algo assim. O convite foi feito muito em cima da hora.

*Diga que está ocupada*, aconselhou uma voz interior. *Ele está te dando uma oportunidade de dizer não*.

– Não estou ocupada – afirmou em voz alta.

– Ótimo – respondeu Steven. – Encontro você no Sunflower Café ao meio-dia?

Melissa conferiu o relógio. Eram 11h15, logo só dispunha de 45 minutos para se recompor.

– Perfeito – disse, soando mais animada do que julgava necessário.

Sua quota “animação” normalmente era zero. Adicionando Steven Creed à equação, no entanto, a deixara tão animada quanto uma líder de torcida do ensino médio no primeiro grande jogo da temporada.

– Vejo-a mais tarde. Até logo – despediu-se Steven.

– Até logo – respondeu Melissa, alguns segundos após ele ter desligado.

Sorveu vários goles do seu café instantâneo frio. Em seguida, enquadrou os ombros, ergueu o queixo e começou a responder as mensagens que Andrea havia lhe dado antes.

Grande adepta da teoria de realizar as tarefas menos atraentes primeiro, discou o número de Bea Brady. A mulher respondeu no segundo toque, mas não com um olá, ou com seu nome, do modo como a maioria das pessoas teria feito.

– Estava mais do que na hora de me ligar, Melissa O’Ballivan! – disparou, em vez disso.

O temperamento de Melissa se inflamou, quase rompendo a superfície de sua compostura profissional, mas ela conseguiu empregar um tom agradável quando respondeu.

– Estou no trabalho, Bea. Assuntos do Comitê do Desfile devem ser tratados depois do meu expediente.

– Como sabe que lhe liguei para falar sobre o desfile? – exigiu a mulher, tão ranzinza quanto antes.

Melissa releu a mensagem, esperando ter entendido a caligrafia de Andrea corretamente.

– Aqui diz que você está preocupada com alguém que comprou papel higiênico em excesso?

– Adelaide Hillingsley comprou um *caminhão cheio* em um daqueles armazéns em Flagstaff – deixou escapar Bea. – Ela vive sozinha. Há apenas um banheiro em sua casa. O que *uma mulher* faria com tanto papel higiênico se não planejasse desrespeitar as regras e usá-lo para decorar o carro alegórico da Câmara do Comércio no desfile?



Melissa fechou os olhos, recostou-se na cadeira e contou mentalmente, até ter certeza de que não iria rir. Adelaide *era* uma força a ser reconhecida. Embora tivesse sido contratada, a princípio, como recepcionista, administrava a organização há anos.

– Talvez você devesse questioná-la sobre isso, Bea – sugeriu Melissa, quando se atreveu a falar. – Uma vez que faz parte do comitê, e eu estou no trabalho.

– Ah, não me venha com essa, Melissa O’Ballivan. Todo mundo sabe que você não tem nada para fazer a maior parte do tempo!

Melissa começou a contar novamente, mas, desta vez, foi para se impedir de gritar.

– Como? – perguntou, quando chegou à casa dos dois dígitos.

Bea recuou um pouco.

– Não foi bem isso que eu quis dizer – admitiu. A mulher era uma boa pessoa, apesar de ser um pouco agressiva como presidente do Garden Club local e uma das pessoas mais conservadoras de Stone Creek. Mas costumava ser responsável, fazer as coisas acontecerem, essa era a verdade.

– Fico satisfeita – retrucou Melissa num tom agradável, pensando que a observação de Bea não a teria atingido tanto se não fosse verdade.

– Você vai falar com Adelaide? Lembrá-la de que o Comitê do Desfile deliberou contra o uso do papel higiênico na decoração das alegorias? Isso seria tão brega...

– Vou falar com Adelaide – concordou Melissa, porque ainda tinha outras ligações a fazer e precisava passar à próxima. Embora, nenhuma delas fosse mais importante ou urgente do que aquela. Mas afinal, estava ganhando dinheiro público para trabalhar.

– Quando? Quando vai falar com ela?

Os cortes e contusões de Melissa se afinaram em um coro pulsátil, todos ao mesmo tempo.

– Esta noite. Talvez amanhã. Mas em *breve*, Bea. Prometo.

Nesse momento, Melissa passou de querer que Tom vencesse a aposta a desejar que ele *perdesse* e assumisse o Comitê do Desfile.

Sem chance.

Bea ficou em silêncio por alguns instantes, mas depois deixou escapar um suspiro.

– Tudo bem. Mas grave bem minhas palavras, Melissa. Stone Creek será motivo de riso de todo o estado do Arizona se Adelaide fizer tal coisa. – Ela fez uma pausa para engolir indignada, então concluiu: – *Papel higiênico...* Pelo amor de Deus! Essa mulher é *obcecada* com papel higiênico.

Melissa mordeu o lábio inferior como um meio de impedir a resposta óbvia, de que Adelaide não era a *única* obcecada, antes de prometer resolver o assunto na primeira oportunidade.

Quando terminou de fazer as ligações restantes, era quase meio-dia e estava na hora de encontrar Steven para o almoço no Sunflower Café. Como o pequeno restaurante ficava próximo e porque achou que uma caminhada pudesse ser um remédio para algumas de suas dores, para não mencionar suas frustrações, decidiu deixar o carro no estacionamento do tribunal.

Ela e Steven chegaram ao mesmo tempo.

– Gostei do seu look – comentou ele, admirando-lhe a saia e a blusa com um lento perscrutar de seus olhos, em frente à calçada do café.

Melissa fingiu não perceber.

– Onde está Matt?

Um dos cantos da boca de Steven se curvou em um sorriso. Aparentava mais belo do que nunca com uma camisa branca e jeans bem justo.

– Na escola – respondeu ele com um sorriso dançando nos olhos. – Passei a manhã com um arquiteto de Flagstaff. Gostaria de iniciar as reformas da casa e erguer o novo celeiro.

Melissa olhou para a cumbuca do cão da comunidade, cheio com água limpa, e fez uma pequena pausa, antes de perguntar por Zeke.

Steven sorriu de novo, abriu a porta e segurou-a para ela entrar.

– Zeke está em casa – disse, evidentemente lendo a mente dela. – E está bem.

Era desconcertante a forma como aquele homem podia adivinhar-lhe os pensamentos. E se ele descobrisse que, mesmo contra suas convicções, apenas pelo fato de estar perto dele, ela desejava o seu corpo? Tratou de desviar o olhar depressa.

O café estava lotado, como de costume àquela hora do dia. Mas Tessa conseguiu sentá-los de imediato em uma mesa, em um dos cantos.

Melissa pegou o menu, embora seu estômago estivesse fazendo aquela coisa irritante outra vez.

– Apreciei muito a noite passada – disse Steven. – Matt também.

Olhando por sobre o menu, ela o fitou e piscou uma vez. Seria fácil chegar a uma resposta, então por que não conseguia?

– Fico feliz – retrucou, depois de um longo tempo.

Steven não pegou o outro menu, que estava dobrado entre os portaguardanapos e os potes de sal e pimenta. Apenas permaneceu lá, do outro lado da mesa, aparentando afetuoso e divertido.

– Fico contente por você ficar feliz – brincou ele, baixando a voz e inclinando-se ligeiramente para a frente.

Melissa corou, porque a maneira como os olhos dele a acariciavam a fez se sentir tão nua quanto qualquer um dos jogadores de croquet que ela vira no quintal de Ashley dias atrás. Estavam em um lugar público, ela e Steven, e apesar de já terem atraído uma boa quota de olhares, o Sunflower se encontrava tão cheio que ninguém poderia ouvir a conversa, embora algumas pessoas com certeza continuassem tentando.

– O sanduíche em camadas daqui é muito bom – disse ela em um tom amável, dobrando um pouco o menu. – A carne de vitela também.

Steven sorriu mais uma vez.

Ondas formigantes de... *alguma coisa* serpentearam sob a pele dela.

– Está bem – murmurou ele, a voz baixa e intensa.

Melissa lançou-lhe um olhar firme.

– Vamos almoçar? – Ela o lembrou.

– E jantar também, espero – disse ele, sem perder tempo. Às 18h? Na minha casa?

Os batimentos cardíacos de Melissa aceleraram.

– Na sua casa? – repetiu atônita.

– Receio que Matt não esteja lá – comentou Steven, soando um pouco pesaroso. – Meg e Brad o convidaram para dormir na casa deles hoje à noite. Ele e Mac já se tornaram grandes camaradas.

Melissa engoliu em seco. Se Matt não ia estar em casa, é claro que eles ficariam sozinhos, ela e Steven Creed.

*Diga não*, seu lado prático advertiu. *Você sabe o que poderia acontecer e não está preparada para isso.*

– Amanhã ele não tem aula? – perguntou ela. Magnífico. Era um verdadeiro gênio quando se tratava de conversa informal.

– Matt está apenas no jardim de infância – destacou Steven, após fitá-la com outro daqueles seus sorrisos lentos e letais. – Não na Harvard.

– Ah! – disse ela.

– Você vem ou não?

Melissa corou de novo. Ele teria expressado a pergunta daquele modo de propósito?

– É um pouco cedo – respondeu.

– Para quê? – perguntou Steven, desfrutando de seu desconforto de maneira clara.

– Você sabe muito bem *para quê*. – Então ela perdeu a paciência consigo mesma. Todas aquelas evasivas eram tão diferentes dela. Costumava ser uma pessoa direta.

Os olhos azuis de Steven exibiam um brilho malicioso e a promessa de coisas doces, quentes e lânguidas.

– Eu sei? – indagou lentamente. Ele estendeu a mão, tomou o menu das mãos dela e o pôs de lado. Em seguida, envolveu-lhe a mão com a sua.

– Sim – sussurrou Melissa. – Você sabe.

Nesse momento, Tessa reapareceu com caneta e bloco de pedidos na mão.

– O que vão querer? – perguntou, sorrindo para os dois.

Steven pediu um sanduíche em camadas. Melissa optou por um guisado de carne, apesar de o dia estar quente.

Ainda sorrindo, Tessa sacudiu a cabeça e se afastou.

– Você estava dizendo? – Steven sorriu, ainda lhe segurando a mão. Na verdade, corria o dedo polegar sobre palma e as juntas dos dedos dela com movimentos lentos e sensuais.

Chamas cortavam o corpo de Melissa.

- Esqueci.
- Mentirosa.
- É muito cedo – reiterou ela. Havia algo febril em seu tom.
- Está tentando convencer a si mesma ou a mim?
- Steven, pare com isso.

Tessa voltou com as bebidas, os dois haviam pedido chá gelado.

- Você está bem, não é? – perguntou Tessa, observando Melissa com mais atenção do que antes. – Alguém no balcão me disse que quase foi atropelada por um carro esta manhã, enquanto praticava seu cooper.

Cidades pequenas. Cada incidente, não importa quão pequeno fosse, era combustível para a usina.

- Só um pouco abalada – respondeu Melissa, ciente da mudança no rosto de Steven, embora não o estivesse olhando diretamente naquele momento. O aperto se intensificou em torno da mão dela. – Não foi nada, Tessa. Foi por um triz, mas não aconteceu.

- Mas poderia ter acontecido – protestou a mulher. – Você foi ao médico?

- Tessa – disse ela com um sorriso e um meneio de cabeça. – *Estou bem.* De verdade.

A dona do restaurante hesitou por um momento, depois se virou e se afastou.

- Você quase foi atropelada por um carro? – perguntou Steven. Agora segurando-lhe as duas mãos. E sua expressão não parecia mais divertida.

As pessoas os observavam, tirando todos os tipos de conclusões.

Melissa podia *sentir* isso.

- Não me feri – insistiu ela. Incomodava-a apreciar tanto a preocupação dele.

- O que aconteceu? – inquiriu Steven.

- *Nada.* É aí que a palavra “quase” entra em jogo.

As linhas finas da mandíbula de Steven se contraíram por alguns segundos, relaxando em seguida.

- Vamos falar de outra coisa além de acidentes que não chegaram a acontecer – sugeriu ela, na esperança de aliviar o clima.

O sorriso estava de volta e perigoso como sempre.

– Como o quê, por exemplo?

– Bem, não sobre sexo – disse Melissa e depois se arrependeu.

Ele riu.

– Concordo. É preferível seguir em frente e fazer as coisas, em vez de perder tempo falando sobre elas.

Melissa piscou.

– Você acabou de dizer o que eu acho que você disse? – exigiu, voltando a falar baixo e se inclinando na direção dele.

– Foi você quem trouxe o assunto sobre sexo à baila – assinalou Steven soando razoável. – Não eu.

Parecia tão diabolicamente confortável, sentado lá, com o copo de chá gelado à sua frente, e os olhos com aquela indescritível tonalidade azul-violeta.

– Então estou oficialmente encerrando o assunto – disse Melissa. – Esqueça que mencionei a palavra sexo. Foi bastante inadequada. Um deslize da língua...

O sorriso de Steven voltou a brilhar.

Ela corou ainda mais.

– Eu não pretendia...

Por sorte, a comida chegou.

Uma vez que seu estômago continuava fazendo piruetas, Melissa ficou surpresa ao perceber que estava faminta. Pegou a colher e provou o delicioso guisado de carne.

– O que gosta de fazer? – perguntou ele em meio à refeição. Havia dado uma boa mordida no sanduíche e afastara o prato para o lado para concentrar toda a atenção nela.

O sentimento que aquela atitude provocou em Melissa foi emocionante, de vários tipos de maneiras diferentes. Ela era uma mulher atraente e tinha ciência desse fato. Mas como muitas pessoas, algumas vezes, se sentia invisível.

– Fazer? – repetiu confusa. – Eu trabalho. Leio. Corro.

– Gosta de cavalos?

– Cresci em um rancho. Cavalguei muito quando era mais jovem. Nos últimos tempos, nem tanto. – E até superar os efeitos do tombo que sofrera, naquela manhã, agradecia, mas não queria subir em nenhuma sela.

– Eu passava os verões na fazenda da minha família no Colorado quando era criança. Cavalgar era a minha diversão favorita.

Uma imagem se formou na mente de Melissa. Podia imaginar como Steven era quando estava crescendo. O cabelo castanho-dourado, os olhos repletos de travessuras. E, provavelmente, um pouco de sardas também.

– Só nos verões? – perguntou ela. – Onde vivia o restante do tempo?

– Em Boston. – Aquilo foi tudo. Apenas “Boston”. E dissera de maneira sucinta, quase abrupta.

– Eu estive lá algumas vezes – disse Melissa. – Em Boston, quero dizer. É uma cidade grande. Eu, em particular, adoro o Common e os barcos de cisne.

Steven relaxou, mas ela percebeu que aquilo lhe exigiu um certo esforço. O que a fez desejar saber um pouco mais sobre os Creed, mais especificamente sobre os pais dele. Conhecera a ramificação da família que vivia em Montana, Logan, Dylan e Tyler, quando eles visitaram os primos de McKettrick no Triple M, próximo a Indian Rock. Aqueles três não tiveram uma infância fácil, com certeza, mas acabaram se tornando bons homens.

Aprendera que as adversidades tornavam uma pessoa forte. Ela, Ashley, Brad e Olivia eram a prova disso. Sua mãe, Delia, os abandonara, quando ainda eram bem jovens. Mais tarde, o pai, o clássico homem de poucas palavras, mas, mesmo assim, uma presença sólida em suas vidas, fora assassinado.

– Quando meu avô e minha mãe morreram – disse Steven. – Meus tios passaram a comandar o show. Boston perdeu seu charme então.

Era muita coisa para absorver, e o café, embora agradável, com certeza não era o melhor lugar para conversarem sobre temas que, obviamente, estavam destinados a discutir.

Melissa percebeu que as coisas estavam ficando tensas.

– Vamos solidificar a nossa amizade em torno da comida, Steven Creed? – perguntou ela. – Parece que vamos compartilhar algumas refeições hoje.

Steven acenou para Tessa, silenciosamente pedindo a conta. Voltando a olhar para Melissa, sorriu.

– Quero passar mais tempo a seu lado – disse sem rodeios. – E aqui no campo, parece incluir repartir o pão juntos.

Uma das garçonetes trouxe a conta, uma vez que Tessa estava ocupada com uma nova safra de clientes. Steven pagou e negou com a cabeça, quando a jovem perguntou se ele queria troco.

Cabeças se viraram quando os dois deixaram o restaurante, como acontecera ao entrarem. No entanto, Melissa já estava acostumada àquilo. Afinal, Stone Creek era pouco mais de um ponto largo na estrada, mesmo um século e meio após a chegada dos primeiros colonos.

– Obrigada pelo almoço – agradeceu Steven, ao alcançarem a calçada. Ele olhou em volta, provavelmente para o seu carro. – Eu poderia lhe dar uma carona de volta ao trabalho – ofereceu. – Minha picape está estacionada logo ali, virando a esquina.

Melissa sorriu.

– Não precisa. Caminhar vai me fazer bem.

Steven não parecia muito convencido, mas também não argumentou.

– Eu a estarei esperando por volta das 18h.

Melissa abanou a cabeça, desejando saber, precisamente, quando perdera o juízo. Decidiu que devia ter acontecido no momento em que pôs os olhos em Steven Creed pela primeira vez, porque, sem dúvida, era uma pessoa sensata, antes disso.

A caminhada de volta ao escritório foi curta, mas não a fez se sentir melhor. Se fosse outra pessoa, diferente da obstinada O’Ballivan, teria aceitado a sugestão de Tom, ido para casa, tomado algo para a dor e repousado.

Ao chegar, Adelaide Hillingsley estava no gabinete externo, conversando com Andrea.

– Vim para falar sobre o boato do papel higiênico – anunciou a mulher de meia-idade, sem rodeios, assim que viu Melissa. Atarracada, com cabelo fino de cor avermelhada brilhante e olhos cor de avelã, Adelaide era uma



alma alegre, e seus familiares, bem como os de Bea, haviam sido figuras importantes na história de Stone Creek.

Melissa conseguiu não revirar os olhos. Será que *alguém* naquela cidade era capaz de entender que ali era o gabinete da promotora pública e não a sede oficial do Comitê do Desfile?

Resignada, fez um gesto em direção à entrada do seu escritório.

– Devo trazer um café? – perguntou Andrea, a eficiência em pessoa.

Melissa lançou-lhe um olhar.

– Isso seria bom – respondeu Adelaide, cruzando a porta, majestosamente, para o interior da sala. – Gostaria do meu com um pouco de creme e dois tabletes de açúcar, por favor.

– Eu não quero, obrigada – disse Melissa, enfatizando um pouco as palavras. E então fechou a porta com um empurrão firme.

Adelaide, vestida com a costumeira blusa de chita e jeans com elástico na cintura, sentou-se sem esperar convite.

– Alguém deveria persuadir Bea Brady a ir depressa a um shopping fazer compras – disse a mulher. – Minha sobrinha usou um *vestido de noiva* de papel higiênico quando se casou e estava fantástica. As fotos ficaram na internet por meses.

Melissa se sentou em sua cadeira e tentou aparentar séria.

– Pesquisei os estatutos do Comitê do Desfile – começou com dignidade. – E há uma proibição do uso de papel higiênico para decoração dos carros alegóricos.

Adelaide repudiou com um gesto de mão.

– E quanto à criatividade? E quanto a ser engenhoso e usar nossos recursos com sabedoria que, caso você não saiba, estão encolhendo a cada ano que passa?

Melissa respirou fundo e exalou o ar bem devagar.

– Adelaide, a criatividade é uma coisa boa, com certeza. O mesmo pode ser dito da engenhosidade e de uma boa gestão financeira. Mas esta é uma questão que deve ser debatida em uma reunião do Comitê, não aqui, durante o expediente de trabalho.

– Você sempre foi tão... advogada – comentou Adelaide sem rancor. Olhou ao redor, sorrindo. – Não vejo nenhum vigarista por aqui, esperando para ser levado ao tribunal.

Melissa se permitiu um pequeno e diplomático suspiro. Fora ensinada a respeitar os mais velhos. Além do mais, Adelaide fora líder escoteira, sua e de Ashley, quando as duas eram crianças. De certa forma, cuidara de ambas, depois que Delia partira.

– Acho que isto está fora de questão, não é? – disse num tom suave. – Concordo com você, não estamos no Maricopa County, onde os tribunais estão atolados de serviço. Porém, ainda assim, jurei cumprir os deveres do cargo e estou determinada a fazê-lo.

Adelaide exalou um suspiro como resposta, no momento em que Andrea entrou com o café fresco para a visitante.

– Se não se importar – disse a jovem. – Eu gostaria de sair mais cedo hoje. Já que as coisas estão tão calmas por aqui.

Melissa trincou os dentes de trás, mas continuou sorrindo. O momento que Andrea escolhera era impagável.

– Pode sair mais cedo – concordou.

Um leve rubor corou as bochechas de Andrea.

– É que houve um cancelamento no consultório do dentista hoje. Se eu pudesse sair para fazer a limpeza, não precisava ir no sábado de manhã.

Melissa a encarou com um olhar fixo.

A assistente deixou a sala.

Adelaide, aparentemente, sem pressa de voltar ao trabalho, sorveu um gole, apreciando o café.

– Alguém já lhe disse o quanto estamos gratos? Quero dizer, nós, os membros do Comitê do Desfile. Ficamos muito felizes por você ter se disposto a substituir a pobre Ona Frame?

– Agora você está apenas tentando me agradar – disse Melissa, sorrindo outra vez. Mesmo irritada, gostava de Adelaide Hillingsley, essa era a verdade.

A mulher lançou um olhar eloquente para o lugar onde Andrea estivera, apenas momentos antes.

– Parece ser a maneira mais eficaz de lidar com você – respondeu ela, parecendo satisfeita consigo mesma. – Este trabalho fez toda a diferença do mundo para essa menina. Só Deus sabe o que poderia ter lhe acontecido se não tivesse tido a sorte de acabar em Stone Creek.

– Neste exato momento – confidenciou Melissa brilhantemente. – Eu não me importaria de estrangulá-la.

Adelaide tomou outro gole de café, erguendo as sobrancelhas de leve. Depois de engolir, se aventurou pensativa.

– Ouvi dizer que ela está namorando o jovem Cahill. Parece-me que as pessoas deveriam se preocupar mais com isso do que com a possibilidade dos carros alegóricos do desfile serem enfeitados com papel higiênico.

Melissa se inclinou na cadeira.

– A questão terá que ser resolvida pelo Comitê. Eu não quero participar disso.

– Mas você é a presidente – disse Adelaide.

*Graças a Tom Parker*, pensou Melissa.

– Também sou a promotora do município.

– Então é melhor convocar uma reunião extraordinária e resolver o assunto – decidiu Adelaide, com aquele seu jeito autoritário. – Que tal esta noite? Podemos conseguir a sala da comunidade na Creekside Academy, ou poderíamos utilizar sua casa que é mais central.

Ali estava, refletiu Melissa. Uma reunião de emergência do Comitê do Desfile. A desculpa, embora pouco consistente, que precisava para escapar de ficar sozinha com Steven Creed nas luxuosas instalações do ônibus de turnê de Brad.

Só que ela *não* queria escapar, tola que era.

– Receio que eu já tenha outros planos. Mas sinta-se à vontade para convocar uma reunião de qualquer maneira. É claro que concordarei com o que maioria decidir, desde que haja um consenso.

– Será que isso tem algo a ver com o tal de Creed? – Adelaide perguntou sem rodeios. Havia um brilho em seus olhos. – Primeiro jantar, depois almoço. Parece que você esqueceu o Dan Guthrie, finalmente. E não era sem tempo.

– Eu já esqueci o Dan Guthrie há muito tempo. – E era verdade. Contudo, ainda sentia falta dos filhos dele. Sentia falta da vida que ela *esperava* levar.

Que loucura era aquela?

Adelaide deu uma risadinha jovial. Colocou a xícara de café sobre a mesa com um baque e se ergueu da cadeira.

– E isso não é da minha conta. Posso lhe ensinar a fazer um vestido de casamento de papel higiênico igual ao da minha sobrinha, se você quiser.

– Obrigada – disse Melissa. – Mas eu não vou precisar de um desses tão cedo. – Levantou-se, também, e acompanhou Adelaide para fora da sala.

Assim que a mulher desapareceu no fundo do corredor a caminho do estacionamento, Melissa se virou e rumou em direção ao escritório de Tom. O xerife estava sentado a sua mesa, com os pés para cima, estudando o conteúdo de uma pasta de cartolina.

– Eu renuncio! – anunciou Melissa sumariamente.

– A quê? – perguntou Tom, colocando os pés no chão e se erguendo.

– Ao maldito Comitê do Desfile!

Elvis, deitado ao lado do bebedouro, deu um pequeno latido.

Tom riu.

– Nunca a imaginei uma moloide – disse ele, cruzando os braços.

Melissa sabia que ele estava brincando, mas seu rosto ferveu de raiva, de qualquer maneira.

– Bem, talvez seja melhor você imaginar outra vez, fanfarrão – retrucou ela.

– Fanfarrão – repetiu Tom, agora sorrindo.

– Devo ser muito tolinha para deixar você me convencer a entrar nessa furada. – Começou a andar de um lado para o outro, abraçando o próprio peito para se impedir de deixar os braços caírem ao longo do corpo, em completa frustração. – Por que Bea Brady não pode presidir o comitê? Ou Adelaide Hillingsley? Afinal, ambas estão tão empenhadas, o que é mais do que alguém pode dizer de mim!

– Pare – disse Tom. – Calma, promotora. Se Adelaide presidisse o projeto, Bea provocaria um tremendo pandemônio, e vice-versa. E pela primeira vez

em cinquenta e tantos anos, não haveria um desfile para abrir o rodeio.

– Então faça isso *voce!* – disse furiosa. Com uma das mãos, ela fez um movimento de corte na frente da garganta. – Não vou passar as próximas semanas arbitrando disputas sobre papel higiênico!

Para o próprio bem, Tom estava se esforçando para não rir.

– Melissa, Melissa – disse, estalando a língua e abanando a cabeça. – Stone Creek *precisa* de você.

## Capítulo Dez

---

*STONE CREEK precisa de você*, Melissa murmurou para si mesma, ainda irritada pela conversa com Tom Parker naquela tarde, sobre o Comitê do Desfile. Eram 17h30, e ela já havia tomado banho, substituído a saia e a blusa, que quase nunca usava, por um vestido de bolinhas preto e branco, que costumava usar menos ainda, e borrifado sua água de colônia.

– Que manipulação danada. E caí direitinho!

No fim das contas, por mais que adorasse renunciar ao cargo de presidente, Tom tinha razão. Ela não era uma moloide, essa era a verdade.

Melissa estudou sua imagem no espelho da porta do armário e falou direto para si mesma.

– Você não engana ninguém, Melissa O’Ballivan – disse à mulher refletida que a fitava do outro lado. – A verdadeira razão para todo esse desespero é que está prestes a fazer algo que *sabe* muito bem que não deve!

Essa coisa, naturalmente, era passar uma noite sozinha, em um espaço particular e aconchegante, com Steven Creed.

O homem era um pedaço de mau caminho, o qual ela se sentia tentada demais a percorrer.

Se tivesse um pouco de juízo, repreendeu-se em silêncio, se manteria afastada, até parar de se sentir tão... Bem... Vulnerável.

Certo, era verdade que precisava sair um pouco, conversar com outras pessoas. Não que não tivesse opções. Ashley, sua confidente favorita, ainda estava fora da cidade, mas Olivia a teria ouvido sem julgá-la, e Meg também. Sua irmã e cunhada eram mulheres inteligentes, experientes, e, se lhe dessem algum conselho, seria um bom conselho.

Por outro lado, ambas eram comprometidas, tinham relacionamentos amorosos com homens que conheciam, não pessoas relativamente estranhas como Steven Creed era para ela. A essa altura, por certo, já teriam esquecido o que era estar naquela situação.

Enfim, no fundo, ela desejava um contato frontal e total com o deleitável sr. Creed, essa era a verdade.

E daí se desejava isso? Era tão errado assim?

Não, decidiu, julgando o caso no tribunal de sua mente. *Não era* errado. Estúpido talvez. E com certeza imprudente, mas não errado.

Não tendo chegado a lugar algum com aquele debate interior, Melissa colocou um cardigã leve, não porque estivesse com frio, mas porque havia alguns hematomas em seus braços, por ter caído no cascalho naquela manhã, e não queria expô-los. Em seguida, pegou a bolsa, trancou a casa e entrou no carro.

Dirigiu direto para o rancho em ruínas de Steven e estacionou atrás da casa, entre dois frondosos arbustos de lilases. O Stone Creek Ranch, de Brad e Meg, ficava logo adiante no fim da estrada, e ela não queria que nenhum dos dois visse o seu carro. A presença do *roadster* suscitaria muitas perguntas, algumas que não estava inclinada a responder por enquanto.

Enquanto se debatia com tais pensamentos, Steven emergiu do ônibus, o perfeito caubói com jeans escuro, camiseta branca, cabelos um pouco longos demais e botas exibindo a quantidade certa de desgaste.

Ele sorriu, saudando-a.

O cão, Zeke, caminhou até ela, desejando um afago na cabeça.

– Achei que fosse desistir na última hora – disse ele, de pé, a poucos metros de distância, os braços cruzados, dando-lhe espaço.

Melissa, que remoera com uma série de injustiças desde que saíra do trabalho, disparou:

– Apenas me esclareça uma coisa – disse, fincando os saltos das sandálias no chão e pressionando os nós dos dedos sobre os quadris. – Por que é perfeitamente certo um homem desejar sexo e não esconder esse fato, dizê-lo de forma clara e aberta, e uma *mulher* solteira ter que arranjar todos os tipos de justificativas e subterfúgios? – Não era a maneira mais adequada de se cumprimentar uma pessoa, percebeu ela, mas as palavras simplesmente explodiram.

Steven inclinou a cabeça para um lado, seu sorriso era perverso, mas continuou mantendo distância.

A fragrância dos lilases envolveu Melissa em uma nuvem balsâmica, fazendo-a sentir-se um pouco entorpecida.

– Eu não saberia responder a sua pergunta – falou Steven de modo arrastado.

O constrangimento floresceu em tom de rosa-pink nas bochechas de Melissa. O que estava havendo com ela? Quando fora que aquela *personalidade alternativa*, perfumada e usando um vestido de verão, com uma bainha de babados, assumira o lugar do seu cérebro jurídico e a fizera abandonar o guarda-roupa formal?

Naquele momento, não conseguia pensar em uma única coisa sensata a dizer.

Dolorosamente consciente de que fizera papel de tola outra vez, considerou, de fato, a possibilidade de entrar no carro e sair correndo de lá. O problema era que desistir não fazia parte de sua natureza básica, muito menos fugir.

Então permaneceu lá, sentindo-se ridícula.

Onde estavam todas as suas convicções sobre o sexo e a mulher moderna *agora*?

O sorriso de Steven suavizou. Com passos lentos, ele se aproximou dela, da maneira como abordaria um animal assustado ou um pássaro bebê que caíra do ninho.

Quando parou em frente a ela, segurou-lhe os cotovelos em um aperto brando e fitou-lhe o rosto erguido e muito corado.



– Ei – disse com a voz rouca. – Você dita as regras. Pode dizer “agora” ou pode dizer “nunca”. O “quando” e o “se” ficarão inteiramente por sua conta. Enquanto isso, por que não passamos algum tempo juntos para ver como as coisas fluem?

Melissa sentiu uma grande onda de alívio e ficou contente por Steven a estar segurando, caso contrário, seus joelhos não a teriam sustentado.

– Obrigada – agradeceu tardiamente, sussurrando a palavra mais do que dizendo-a em voz alta.

Steven deu uma risada baixa e inclinou a cabeça em direção à velha e nobre casa do rancho. A pintura estava descascando, e os canteiros pareciam sufocados com tantas ervas daninhas, mas as velhas e malcuidadas roseiras tingiam de carmim o solo, conferindo-lhe um charme singular.

– Quer conhecer a casa por dentro? – perguntou ele.

Foi uma pergunta tão comum. Tão sem malícia. Melissa, que havia crescido em uma casa antiga e as amava por essa razão e mais algumas, aquiesceu com a cabeça.

Steven soltou-lhe os cotovelos, mas logo segurou-a pela mão. Ambos caminharam em direção à estrutura. Os últimos vestígios de luz, antes do crepúsculo, eram refletidos pelo vidro grosso das janelas em um tom de púrpura claro.

Pararam pouco antes de alcançar a porta dos fundos. Melissa olhou para cima, protegendo os olhos com a mão livre.

– Você não gostaria que ela pudesse falar? – perguntou melancólica.

Steven sorriu.

– Não acredito que todas as pessoas que viveram aqui ao longo das últimas gerações considerariam isso uma boa ideia.

*Mas que homem!*, pensou Melissa. Em um minuto, fazia seu coração acelerar e o estômago dar piruetas. No seguinte, acalmava-a, apenas sendo quem era.

– Acho que não – concordou ela. Steven deu um passo a frente, entrando na pequena varanda descoberta, e ela o seguiu, confiando em sua liderança. De repente, a conversa entre os dois fluía fácil. – Esta casa está aqui há quase

tanto tempo quanto a nossa, sabia? A que o velho Sam O'Ballivan construiu, quero dizer.

– Sam O'Ballivan. O destemido homem da lei do Arizona que virou barão do gado.

Melissa assentiu com a cabeça, um tanto surpresa.

– Brad me contou um pouco sobre ele. Uma grande história.

– O homem de Stone Creek – retrucou ela com outro aceno de cabeça. – Esse era o nosso Sam.

Nesse momento, entraram na cozinha, e Melissa caminhou diretamente para o empoeirado fogão à lenha em um canto distante.

– Nossa! – exclamou. – Estou surpresa por alguns comerciantes de antiguidades não o terem negociado há muito tempo. Minha irmã Ashley mataria para tê-lo na pousada. Talvez, até mesmo, o *usasse*.

Mais uma vez, Steven sorriu.

– Creio que Ashley seja do tipo caseira.

Melissa revirou os olhos.

– Pode ter certeza. Foi a comida dela que comemos ontem à noite no jantar, lembra? Meu repertório culinário se limita a saladas prontas e outras coisas do freezer no supermercado.

– O meu não é muito melhor, receio. – A luz do sol se infiltrava através de uma janela embaçada pela poeira, envolvendo-o em uma aura luminosa. – Teremos bolo de carne esta noite. Mas eu o comprei no Sunflower Café. Matt, com certeza, se surpreenderá com a ceia lá na casa de Brad e Meg. Vai comer uma refeição decente, pelo menos uma vez.

Melissa deixou o fogão, dominada por uma estranha e intensa ternura, diferente de tudo o que havia sentido antes. Engoliu em seco. Talvez em parte por constatar que era muito fácil conversar com Steven Creed.

– Acho que você cuida muito bem de Matt – disse tranquila.

– Eu tento. – Ela viu um lampejo de tristeza mover-se nos olhos azuis e rapidamente desaparecer. – No entanto, não há como negar que a mãe e o pai o criariam muito melhor.

Estavam em pé, separados alguns metros, como antes, lá fora, sob o caramanchão de lilases, mas algo elétrico se originou entre eles, não

diminuindo apesar da distância.

– O que aconteceu a eles? – perguntou. – Aos pais de Matt, quero dizer.

Por um momento, Melissa pensou que Steven não fosse responder. Quando ele começou a falar, precisou limpar a garganta primeiro.

– Jillie morreu de câncer de mama quase dois anos atrás. A tristeza se apoderou de Zack e acabou por mudá-lo. Ele morreu em um acidente de motocicleta, quando Matt tinha 4 anos. Fui nomeado tutor do menino no testamento de ambos.

– Vocês deviam ser muito amigos, para o casal lhe confiar a guarda do filho.

A dor se instalou no rosto bonito de feições marcantes e aristocráticas.

– Éramos muito amigos – confirmou Steven, após um longo momento.

Melissa queria muito tocá-lo, não sexualmente, mas para oferecer conforto, de um ser humano para outro. Mas teve o cuidado de não se mover.

– Você adotou Matt legalmente – disse ela. O juiz Carpenter havia lhe contado no primeiro dia. No dia em que tudo mudou para Melissa.

– Achei que fazia sentido. E era a vontade de Matt.

– Não deve ser fácil ser pai solteiro.

– Ah, creia-me, não é – afirmou Steven, sorrindo de novo. – Mas, mesmo assim, não consigo pensar em nada mais gratificante. – Ele estendeu-lhe a mão mais uma vez. Melissa cruzou a distância que os separava e segurou-a.

– Este lugar vai ficar muito diferente quando o empreiteiro e sua equipe concluírem os trabalhos – acrescentou.

Ela sentiu um nó na garganta

– Não os deixe modificá-la *demais* – murmurou sem querer proferir nada daquilo. Não era da sua conta o que Steven Creed fazia com a própria casa.

Steven envolveu-lhe o rosto entre as mãos, e ela percebeu, pelo toque de suas palmas, que ele, apesar de sua profissão, estava acostumado ao trabalho braçal.

– Acho que talvez eu não devesse beijá-la – meditou ele, o olhar fixo nos lábios dela.

– Acho que não – concordou ela sem muita convicção.

O beijo, suave a princípio, tornou-se ardente. Melissa gemeu e rodeou-lhe o pescoço com os braços.

– É muito cedo – disse sem fôlego, quando, por fim, suas bocas se afastaram.

– Eu sei – Steven respondeu aborrecido.

Após o momento mais longo da vida de Melissa, ele se afastou, deixando as mãos caírem ao longo do corpo. Respirava com dificuldade, e um grupo de músculos enrijeceu em seu queixo, suavizando em seguida.

Ficaram imóveis, apenas fitando um ao outro.

Steven foi quem, por fim, quebrou o silêncio e o que disse a surpreendeu. Bastante.

– Diga-me algo sobre... Melissa.

– Como o quê, por exemplo?

Parado em meio a uma névoa de luz do sol, salpicada por milhões de pontinhos de poeira, ele riu e abriu as mãos.

– O que você gosta, o que odeia. Se acredita em Deus, se não acredita. Esse tipo de coisa.

Um sorriso curvou a boca de Melissa. Estava começando a relaxar, apesar de tudo.

– Ah, isso. – Ela analisou a pergunta brevemente. – Sim, acredito em Deus. Não vejo como alguém poderia não acreditar, olhando para cima e vendo um céu cheio de estrelas. Ou no início da primavera, quando a grama surge verde. Ou até mesmo observando um bebê dar os primeiros passos.

Tanto esforço para relaxar, e uma onda de calor inundou seu rosto. Por que deixara escapar uma palavra tão significativa quanto *bebê*? O homem ia pensar que ela era uma dessas mulheres para quem todos os caminhos levam ao casamento e filhos.

Steven foi gentil o suficiente para ignorar seu constrangimento, por mais óbvio que fosse.

– Concordo. Estou convencido por causa das tempestades, do tipo que parece fazer o chão estremecer. E pelo modo como as crianças riem, com tanta espontaneidade, apenas porque estão tão repletas de alegria que não são capazes de contê-la.

Melissa sentiu os olhos ardendo e a garganta apertada.

– Sim – conseguiu exprimir, após o que pareceu um longo tempo.

Steven sorriu e lhe estendeu a mão.

Melissa hesitou apenas alguns segundos, em seguida, aceitou-a. Ele a levou para fora da casa, com seus fantasmas camaradas e sombras mofadas e suaves, em direção à relva alta que um dia fora um gramado.

Com um movimento do braço livre, indicou a área rural que os cercava.

– Agora é sua vez, Melissa – disse, seu olhar repousando suavemente no rosto dela. – Mostre-me o Stone Creek Ranch que você lembra, as partes de que mais gosta.

O pedido avivou algo dentro dela.

– Certo – concordou.

Ambos entraram na picape, uma vez que não haveria espaço para Zeke no *roadster*, e nenhum dos dois teria coragem de deixar o cão para trás.

Instruído por ela, Steven rumou para o cemitério primeiro, o lugar onde gerações de O’Ballivan foram enterrados, juntamente com seu pai e Big John, seu avô.

– Olivia e eu costumávamos vir até aqui a cavalo muitas vezes – confidenciou Melissa com um leve sorriso. – Esperávamos ver um fantasma e, ao mesmo tempo, morríamos de medo que nosso desejo se concretizasse.

Steven sorriu.

– Você e Olivia? E Ashley?

– Ela não ligava muito para andar a cavalo. E muito menos para fantasmas.

Ele riu.

Melissa adorava o som daquela risada.

– E então – começou Steven, olhando em volta do lugar tranquilo. – Conseguiu realizar seu desejo? Ver um fantasma?

Ela sabia que a resposta o surpreenderia.

– Mais de uma vez, eu acho – respondeu suavemente, recordando. – Mas aconteceu na casa da fazenda, não aqui.

Steven arqueou uma sobrancelha de leve, e a brisa ergueu alguns fios dos seu cabelo, como se oferecendo uma carícia travessa. Ele esperou Melissa

explicar melhor.

– A aparição rápida de uma figura, no canto do meu olho, foi tudo – disse ela. Na ocasião, sentiu-se confortada, em vez de assustada, com a experiência.

Após alguns momentos, durante os quais os dois tacitamente concordaram que era hora de seguir em frente, Steven assobiou para Zeke, que se afastara para explorar em meio à grama alta, protegida, bem como as sepulturas, por frondosos carvalhos.

A próxima parada foi em uma ponte alta, com sua vista espetacular para ambos Stone Creek Ranch e, a curta distância, a cidade. Melissa esperava avistar King's Ransom, o lendário garanhão selvagem que às vezes aparecia. Mas naquele dia, o cavalo e seu bando, de éguas e potros, se mantiveram bem escondidos.

– Ainda há a casa, é claro – disse Melissa, uma vez sentada no banco do passageiro da ostentosa picape de Steven, imaginando que o passeio estivesse concluído. – Mas já que está ocupada, essa parte terá de esperar.

Steven sorriu, olhou para Zeke para se certificar de que o cão estava acomodado e começou a ligar o motor. Alguma coisa, definitivamente, havia mudado entre os dois, pensou ela. Ainda restava uma certa tensão, era óbvio. Mas a estranha sensação de urgência havia passado. Estar juntos parecia apenas natural agora e fácil.

As coisas, depois disso, se desenrolaram, sem pressa, sem ansiedade e sem drama.

– E então, Melissa? – perguntou Steven em um tom bem calmo, após um longo silêncio, quando estavam de volta ao rancho, dentro do ônibus de turnê. – É agora ou nunca?

– Que tal agora? – murmurou ela, percebendo, que seus batimentos cardíacos aceleraram, que a respiração ficara presa e que estava completamente perdida. Se o cheiro dos lilases a entorpecera, a proximidade daquele homem a afetava como ópio.

É claro que poderia ter citado capítulo e versículo de por que não deveria ir para a cama com Steven Creed. Conheciam-se há pouco mais de dois dias,

e o relacionamento estava apenas no começo. Ele podia ser algum tipo de bastardo, pelo que ela sabia.

Mas também sabia ou, na verdade, soubera a partir do momento em que o conheceu, que fazer amor com ele, para melhor ou pior, para glória ou sofrimento, era tão inevitável quanto a mudança das estações.

Melissa só estivera no ônibus do irmão algumas vezes, Brad proibira expressamente que qualquer das três irmãs mais novas se envolvesse com seus músicos, mas ela conhecia o caminho para a suíte principal. E sabia que estavam rumando direto para lá.

Steven a deitou na cama com delicadeza, os olhos preocupados e cheios de desejo ao mesmo tempo.

– Você tem certeza disso? – perguntou.

Melissa anuiu com a cabeça e engoliu em seco.

– Tenho.

Sentando-se na beirada da cama, ele retirou as botas e jogou-as de lado. Mas continuou totalmente vestido, do mesmo modo que ela. Ao virar a cabeça para fitá-la, um leve sorriso curvou-lhe os lábios.

– Você sabia que isso ia acontecer. – A declaração poderia ter sido um mero palpite ou uma acusação. Até mesmo as duas coisas.

– Você também – retrucou Melissa, se afastando, de modo que Steven pudesse se deitar a seu lado, e ele o fez.

– Algumas coisas estão escritas nas estrelas – murmurou ele com a mesma voz rouca.

Melissa sorriu.

– Você é um poeta, além de todos os outros encantos.

Ele riu.

– Mulher – disse, deslizando-lhe a bainha do vestido sobre os joelhos e depois um pouco mais acima, até o meio das coxas. – Poesia é o menor dos meus encantos.

Melissa se sentiu tão loucamente feliz, e essa emoção era ainda mais doce porque sabia que era efêmera. A verdadeira Melissa era obstinada e prática e, onde quer que fosse, sempre acabaria voltando. Ainda mais forte.

– E você é convencido também.

Mas o rosto de Steven havia mudado. Sentado, com a testa franzida, tocava-a apenas com as pontas dos dedos.

Melissa lembrou os cortes e contusões que sofrera naquela manhã, mas, de fato, não conseguia *sentir* nenhuma delas. Não, tudo o que sentia eram as carícias de Steven e o desejo de mais e mais contato.

– Isto aconteceu hoje? – perguntou ele. – Quando quase foi atropelada por um carro?

Ela mordeu o lábio inferior.

– Sim. Mas...

Uma expressão séria fechou os traços dele.

– Você está ferida. – Com essas palavras, ergueu-se e saiu da cama, afastando-se dela. Desapareceu no banheiro e retornou quase no momento seguinte com um kit de primeiros socorros.

Ainda se ajustando à mudança de humor, Melissa quase riu, de puro nervosismo, e começou a se levantar.

Porém, Steven a impediu, apenas com um olhar.

– Você tem sempre um kit de primeiros socorros à mão? – indagou ela.

Pergunta estúpida, já que a resposta era óbvia. Mas já a havia feito.

– Tenho um filho de 5 anos de idade. – Ele colocou a caixa de plástico branco de lado, na mesa próxima à cama, e foi quando Melissa percebeu que ele também trouxera um pequeno pacote com uma embalagem facilmente reconhecível.

Um preservativo. A antecipação voltou, atingindo-a como uma imensa tsunami.

– Vamos tirar esse vestido – disse ele em seguida. E então simplesmente o puxou, removendo-o pela cabeça dela, sem perder tempo.

Melissa já havia sido despida por alguns homens antes, é claro, mas nunca daquele jeito hábil e prático. O desejo, forte antes, pressionava-a com tamanho peso agora, quase a impedindo de respirar.

– Isso é que eu chamo de ser... direto – ofegou. O rubor que se alastrava do seu couro cabeludo para os dedos dos pés deixava arrepios em sua espinha.



– Ser direto é meu lema – disse Steven. Então começou a aplicar um remédio nos ferimentos, levemente e com habilidade.

– Eu já usei uma pomada – ela se esforçou para dizer. Seu corpo queria subir em direção ao toque daquelas mãos, as costas arquearam e as pernas se apartaram.

– Bem, agora vai precisar de mais um pouco – respondeu Steven.

Ah, Deus, pensou Melissa desesperada, enquanto as pontas dos dedos dele se moviam como uma brisa sussurrando sobre a carne formigante de seus joelhos e coxas, braços e ombros.

Steven deu outra daquelas suas risadas penetrantes que ela estava começando a reconhecer como uma característica marcante da sua personalidade.

– Ah, senhorita, para quem está machucada desse jeito, você está *para lá* de bonita.

Pelo visto, haviam passado a fase dos primeiros socorros.

Melissa reprimiu um gemido de puro desejo, enquanto observava Steven desabotoar parcialmente a camisa e, então, impaciente, deslizá-la pelos braços e retirá-la pela cabeça.

Seu peito era largo, com um bom tônus muscular e alguns pelos claros, da cor de açúcar mascavo.

– Você tem certeza? – perguntou ele mais uma vez.

Quanto mais ela o olhava, mas certeza obtinha.

– Sim – respondeu. A simples palavra era uma dor.

Steven não retirou o jeans de imediato. O que, com certeza, teria sido uma bênção, imaginou Melissa. Já o desejava com tamanho ardor, que poderia ter se virado na cama e o atacado no chão se visse o que estava por baixo do tecido. Não que sua ereção não se fizesse evidente contra a camada fina de denim.

No instante seguinte, o colchão afundou, e ele estava deitado a seu lado novamente, abrindo-lhe o fecho do sutiã com habilidade, para promover um contato mais direto entre suas peles. Então, beijou-a de modo intenso e abrasador. Melissa não suportava mais esperar.

Flexionou o corpo sobre a cama, já úmida de desejo e paixão. Queimava por toda parte. Estava em chamas, e nada ainda havia acontecido.

Melissa sentiu o dedo polegar de Steven sob o elástico de sua calcinha, e, em seguida, a peça deslizou com tanta facilidade, como se tivesse se dissolvido sob o calor daquela mão. *A mão* que agora se encontrava entre suas coxas, acariciando-a, provocando-a, sutilmente apartando-as.

Steven passou a beijá-la no pescoço com avidez, descendo até chegar aos seios, e ali parou para morder-lhe o mamilo esquerdo, depois o direito. Melissa se contorceu, até mesmo choramingou um pouco, quando sentiu os mamilos molhados e tão eretos, que chegavam a doer.

Com a ponta da língua, ele percorreu a pele acetinada, saboreando cada centímetro até chegar ao ventre, sem nunca parar de provocá-la com os dedos.

Todo o corpo de Melissa reagiu, insinuando-se. Se continuasse naquele ritmo, teria um orgasmo cedo demais. Não percebeu que expressara aquela preocupação em voz alta, até Steven rir e se mover, ajoelhado-se entre suas pernas.

– Vá em frente. Solte-se, se precisar – murmurou ele, inclinando-se agora, com as mãos delicadamente possessivas em seus seios. – Haverá muito mais.

Melissa deixou escapar outro gemido feroz, quase primitivo.

E, então, ele abaixou a cabeça, com a ponta dos dedos apartou-lhe a carne úmida e tocou-a intimamente com a ponta da língua, fazendo-a erguer os quadris com um soluço incontido, tamanha era a luxúria.

Steven incitava. Provocava. Avançava e, em seguida, recuava, e depois avançava novamente.

Melissa enterrou os dedos no cabelo dele, delirando com as sensações. Seu corpo flutuou, mas ele continuou a torturá-la.

Trêmula e com a pele úmida de suor, implorou por satisfação.

E o clímax chegou vertiginoso. Luz, calor e fogo, cegando-a, arrancando-lhe gritos guturais da garganta, fazendo-a fincar os calcanhares com força na superfície do colchão.

Steven segurou-a até o tremor diminuir, até que ela pudesse respirar e depois se erguer.

Pouco mais que uma névoa na periferia da sua visão, ela o viu retirar o jeans. Não podia enxergar com clareza, tudo estava embaçado, mas já podia senti-lo sobre ela. A extensão, rija e quente, pressionada contra seu abdômen, um prenúncio físico do que estava prestes a acontecer.

Então Melissa gemeu de novo, ao perceber que todo o mel derretido do seu recente clímax, de súbito, se transformou em algo voraz, febril e totalmente selvagem.

Steven aliviou um pouco o peso, cuidando para não esmagá-la, e ela notou que, naquele momento, ele colocava o preservativo. Até mesmo aquele movimento era gracioso.

No instante seguinte, ele voltou a beijá-la. Ao afastar os lábios, olhou-a nos olhos e disse:

– Última chance de dizer não.

Melissa arqueou as costas, convidando-o a penetrá-la de uma forma tão antiga quanto a raça humana, e foi a vez de Steven gemer. Uniu-se a ela com uma investida hábil e impetuosa.

Ela se deliciava com a sensação de ser conquistada e, ao mesmo tempo, de conquistar. Por acordo tácito, os dois permaneceram deitados por alguns longos e deliciosos minutos, simplesmente saboreando a mais íntima de todas as conexões.

Mas tão logo Steven começou a se mover, Melissa se sentiu perdida.

Contorcia-se sob aquele corpo ardente, como uma potra selvagem sendo domada para a equitação. Agarrava-o pelos ombros e costas, e havia algo tão primitivo, tão libertador, naquela união, que um intenso arrebatamento cresceu em seu interior.

E assim continuou, a deliciosa tensão aumentando, aumentando, e depois veio o clímax. Melissa chorou ao se entregar a ele, completa e ansiosamente, sem reservas ou vergonha.

O corpo de Steven enrijeceu, quando, por fim, ele se permitiu levar pela onda de prazer, a cabeça jogada para trás, os músculos do pescoço encordoados. Findo o momento de extremo êxtase, desabou ao lado dela, com uma perna ainda esparramada sobre sua coxa. Ambos estavam ofegantes.

Passou-se um longo tempo, antes de voltarem a falar. No fim, foi Steven quem quebrou o silêncio.

O rosto de Melissa estava banhado de lágrimas, e ele as enxugou com a lateral do dedo polegar, apagando os rastros úmidos com os lábios.

– Eu a machuquei? – perguntou e parecia, de fato, preocupado.

Melissa riu suavemente.

– *Machucou?* Senhor, se isso foi dor, vamos à próxima rodada.

Seus olhos, seus maravilhosos olhos azuis, se mantiveram solenes, e o som da sua risada soou breve e um pouco áspero.

– Então por que as lágrimas?

Melissa exalou um suspiro. Sentia-se serena por dentro e por fora. E mais satisfeita do que imaginara possível.

– Porque foi bom demais – disse ela, traçando a linha da mandíbula máscula com a ponta do dedo indicador.

Steven arriscou um sorriso, então sacudiu a cabeça.

– Mulheres.

Levantou-se, desapareceu no banheiro de novo e depois voltou.

Melissa o fitou, viu que ele estava excitado outra vez e estendeu-lhe os braços.

O BOLO de carne parecia delicioso, na opinião de Steven, e depois de várias horas com Melissa O’Ballivan, definitivamente a mulher mais quente que ele já conhecera, dentro ou fora da cama, estava faminto.

Tentava manter seus receios à distância, mas sabia que eles o rondavam, espreitando como lobos à margem da luz de uma fogueira, à espera de atacar.

Melissa se sentou à mesa em frente a ele, refrescada pela ducha que haviam acabado de compartilhar, usando uma camiseta de Steven e nada mais. Ele, por sua vez, estava totalmente vestido com o jeans e a camisa que usava antes.

Melissa pegou o garfo, mas em vez de levá-lo ao prato de comida, olhou ao redor e sorriu.

– O que foi? – perguntou Steven, confuso, mas sentindo um toque de outra coisa também. Algo possessivo, embora não estivesse preparado para chamá-lo de ciúme.

– É irônico – respondeu ela com a boca curvada de modo insolente e um brilho nos belos olhos. – Estive dentro deste ônibus talvez umas três vezes em minha vida. Brad o comprou para os músicos da sua banda, enquanto Ashley e eu ainda estávamos no colegial, e Olivia havia apenas começado a faculdade. Nenhuma de nós tinha permissão para se aproximar do lugar a menos que ele nos acompanhasse. Estava determinado a proteger nossas virtudes.

Steven sorriu.

– Não posso culpá-lo por isso – comentou. – Tomar conta de três irmãs, em especial, mais jovens, é um desafio.

Melissa mastigou algumas bocadas, aparentando prazerosamente pensativa. Então perguntou:

– Você tem irmãs, Steven?

Ele negou com a cabeça.

– Sou filho único.

– Isso soa solitário.

– Você sabe o que dizem. Uma pessoa pode ser solitária em uma multidão.

– É verdade – concordou ela. – E tenho que admitir que houve momentos em que eu não me importaria de ser filha única.

– Você sempre quis ser advogada?

– Não. Minha primeira ambição era ser uma rainha do Rodeio Stone Creek.

– Você?

– Claro. Quando tinha 19 anos. E *you* sempre quis ser advogado?

Steven fez uma pequena pausa antes de sacudir a cabeça.

– Não. Planejava administrar uma fazenda, como meu pai.

– O que o fez mudar de ideia?

Steven sentiu-se um pouco surpreso ao se encontrar discutindo um assunto do qual mal falava com Zack, seu melhor amigo, ou Brody e

Conner, seus primos.

– A pecuária estava no meu sangue. Mas a lei também, no fim das contas. Meu avô fundou uma das maiores empresas no leste do Mississippi. Era um negócio de família.

– Era? – O tom soou casual, mas Melissa o fitava com penetrada.

– Meus tios ainda o estão dirigindo. Não foi o mesmo depois que minha mãe e meu avô faleceram.

– Não havia um lugar para você depois disso?

Steven negou a cabeça.

– Não um em que eu me encaixasse.

– Zack, o pai de Matt, era o meu melhor amigo, desde a infância. Ele me recomendou na empresa na qual trabalhava, e me mudei para Denver. – Fez uma pausa, pensando no passado. Não era algo que se permitia fazer com muita frequência. A seu ver, não havia muita vantagem em entregar-se a retrospectivas pessoais.

– Descobri que gostava de exercer a advocacia criminal bem mais do que a empresarial. E eu era bom nisso.

– Mas não permaneceu nela – Melissa disse suavemente.

Ele sorriu.

– Você também deve ser muito boa em um tribunal – observou, embora o comentário tivesse sido motivado pelo jeito sutil de Melissa correr atrás de informações delicadas. Não era apenas bonita, era uma mulher inteligente e, muito provavelmente, bem-sucedida, em quase tudo que fazia.

No sexo, por exemplo.

Melissa sorriu, e isso quase o fazia derreter. Quando ela sorria, seus olhos brilhavam, iluminando-lhe todo o rosto.

– Eu me saio bem – respondeu ela de pronto. Então respirou fundo, exalou o ar e endireitou os ombros. – E o que o trouxe a Stone Creek?

– É um ótimo lugar para se criar uma criança – disse Steven.

– Como muitos outros lugares. Por exemplo, Denver e Boston. E onde mais você deve ter estado em suas viagens.

Como Lonesome, Colorado, pensou ele, com uma pontada de tristeza.

Steven não via nenhuma necessidade em contar a Melissa sobre a experiência que o fizera se desiludir com o lugar. Então, apenas ergueu e baixou um ombro, que pretendia significar um encolher de ombros.

– Como deve saber, sua cunhada e eu somos parentes distantes, tendo em vista que os fundadores dos clãs McKettrick e Creed eram meio-irmãos. Meg me localizou através da internet, e começamos a trocar e-mails. Quanto mais ela me contava sobre Stone Creek, mais me sentia atraído pelo lugar. Fiz uma breve visita, conheci Meg e o restante da família McKettrick. Vi que este rancho estava à venda e fiz uma oferta.

Melissa mordeu o lábio inferior, com os olhos cintilando de curiosidade e preocupação.

– Hoje, no almoço, você mencionou que passava os verões em um rancho no Colorado, durante a infância e adolescência. Era perto de Denver?

Steven assentiu.

– Em uma cidade chamada Lonesome Bend. Meu pai e minha madrasta ainda vivem lá, quando não estão viajando pelo país em seu RV. Meu primo Conner administra as atividades agora.

– Seu primo? – Melissa arqueou uma sobrancelha. A mulher não deixava escapar nada. – Se o rancho era sua casa, pelo menos parte do tempo, por que não optou por viver lá?

Steven se recostou e cruzou os braços. O bolo de carne de Tessa Quinn era fantástico, mas estava satisfeito. Pelo menos, no que se referia à alimentação. – O pai de Conner e Brody era o filho primogênito em sua geração. Herdou o rancho quando meus avós faleceram. E, embora meu pai o tenha assumido, quando o irmão mais velho morreu, não havia nenhuma dúvida quanto ao direito de propriedade. Legalmente o rancho pertencia aos meus primos, assim que completassem 21 anos.

– E seu pai ficou desamparado depois disso?

Steven sorriu.

– De modo algum. Os testamenteiros lhe pagaram um bom salário para administrar o rancho, para não mencionar criar Conner e Brody. E ele dispunha de algum dinheiro para recomeçar a vida. É um excelente

confeccionador de selas, existem poucos como ele. Tem uma extensa lista de clientes famosos.

Melissa sorriu.

– Quando não está viajando no RV com a sua madrasta?

– É um grande RV. Papai faz muitos trabalhos na estrada.

Melissa também acabou de comer, descansou os antebraços sobre a mesa e se inclinou um pouco para frente.

– Isso o incomoda? – perguntou ela.

– O quê?

– Que seus primos tenham herdado cada um uma parte da fazenda, mas você, evidentemente, não?

– Negativo – respondeu Steven. – Esse foi o acordo. Eu sabia desde o início. E, de qualquer forma, Conner e Brody me ofereceram um terço da propriedade. Eu não aceitei.

– Por quê?

– Porque queria formar meu próprio patrimônio.

Melissa estendeu as mãos.

– E aqui está você – disse ela com outro daqueles seus sorrisos arrebatadores.

– Aqui estou eu – ele concordou.

– Já se apaixonou alguma vez?

Steven deu uma risadinha.

– Sim. Pelo menos, eu pensava assim naquele tempo.

– Mas estava enganado?

– Imaginei que você fosse perguntar isso.

– Como ela era?

– Bonita. Inteligente. Forte e determinada.

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos, enquanto Melissa refletia sobre o que ele acabara de dizer. Steven, por sua vez, sentia-se satisfeito só de olhar para ela, embora não tivesse descartado a possibilidade de fazerem sexo de novo.

– E você? – perguntou ele. – Já se apaixonou?



Tão logo fez a pergunta, Steven se arrependeu, porque a atmosfera mudou. Notou que Melissa ficou introspectiva. Seu sorriso hesitou, e o brilho feliz em seus olhos esmaeceu.

– Acho justo você me perguntar isso. Já que lhe fiz a mesma pergunta dois minutos atrás.

Seu coração correu para ela, e Steven não tinha certeza de que encontraria o caminho de volta, para onde pertencia, tão cedo.

Estendendo os braços sobre a mesa estreita, segurou-lhe as mãos com um aperto suave.

– Deixe para outra vez – disse, fitando-a. Pensando que simplesmente podia mergulhar no azul daqueles olhos, afundar para sempre e nunca alcançar o fundo.

– Não – discordou ela, negando com um gesto de cabeça. – Justiça é justiça.

– Se você não se sente à vontade para falar, tudo bem.

Melissa olhou direto nos olhos dele, não se moveu para afastar as mãos, mas esperou um longo tempo antes de começar a falar.

– Seu nome era... é Dan Guthrie. Ele queria se casar e tinha dois filhos maravilhosos. Eu aceitei. Mas a cada vez que tentávamos pôr o plano em prática e, de fato, nos casar, eu recuava. Dan acabou se cansando disso e ele... Bem, ele está casado com outra pessoa agora. Vão ter um bebê.

Steven queria perguntar se Melissa ainda amava o tal do Guthrie, mas imaginou que já havia descoberto coisas suficientes por uma noite.

Além do mais, não estava certo de que poderia ouvir a resposta.

## Capítulo Onze

---

REFLEXOS ROSA e dourado coloriam o céu do alvorecer, quando Melissa se ergueu da cama de Steven Creed, com cuidado para não acordá-lo. Encaminhou-se ao toailete para uma ducha rápida e colocou o vestido de verão que usara na noite anterior.

O bom-senso lhe dizia para sair dali enquanto havia tempo. Não desejava, em hipótese alguma, que Brad ou Meg a encontrassem ali àquela hora, se tivessem de trazer Matt para casa mais cedo por alguma razão. Porém, não conseguiu resistir a se inclinar para depositar um beijo suave com um sussurro na testa de Steven antes de sair. Quando o fez, ele a segurou pelos ombros e a puxou, deitando-a a seu lado.

Assustada, Melissa soltou um guincho fraco, enquanto tombava no colchão. Em seguida, riu e se ergueu outra vez, desajeitada, cuidando de ficar fora do alcance de Steven.

Bocejando com vontade, ele cruzou as mãos atrás da cabeça, observando-a com um brilho travesso no olhar e um sorriso estampado nos lábios.

– Partindo tão cedo? – perguntou em tom provocante.

– Cedo? – repetiu ela, fingindo indignação. – Cheguei aqui às 18h de ontem, e agora o sol está nascendo. Deveria ter partido há horas.

– Fico feliz que não tenha ido.

Melissa não pôde conter o sorriso. Sentia-se tão bem!

– Eu também – admitiu. – Mas tenho de ir. Provavelmente, todos os vizinhos me verão saindo com a primeira luz da manhã. Além disso, tenho de estar no escritório dentro de algumas horas.

– Está bem – concordou Steven, soando resignado. Do lado de fora, no estreito corredor, Zeke emitiu um ganido ansioso. – O cachorro precisa sair – disse ele, sentando-se na cama e começando a afastar para o lado a manta de lã.

Sabendo muito bem o que se encontrava embaixo daquela coberta, Melissa girou nos calcanhares e saiu do quarto.

– Venha, garoto – disse ao cão que aguardava. – Vou levá-lo para passear.

Enquanto se afastava, com Zeke correndo a seu lado, ouviu Steven soltar uma risada abafada.

Momentos depois, ele surgiu à porta do ônibus de turnê, descalço, sem camisa e trajando apenas uma calça jeans desabotoada. Melissa esperava que Zeke fizesse suas necessidades para que pudesse levá-lo de volta ao ônibus, antes de voltar para o centro da cidade. A visão de Steven lhe abalou um pouco a resolução. Precisava parecer tão maravilhoso mesmo tendo acabado de sair da cama cinco minutos atrás? Ele não fizera a barba, tomara banho ou mesmo penteara o cabelo, mas ainda assim a fez ansiar por mais um pouco daquilo que experimentara.

– Posso lhe telefonar mais tarde? – perguntou Steven, passando uma das mãos pelo cabelo.

Melissa ainda podia sentir a textura sedosa daquele cabelo entre seus dedos.

– Está bem – respondeu ela. – Obrigada por... – Sentiu um calor lhe subir à face. – Obrigada pelo jantar.

Steven sorriu.

– Obrigado por vir – disse ele em tom meigo.

Outro rubor seguiu o primeiro, a fazendo corar até a nascente do cabelo, onde ela sentia a pulsação no mesmo ritmo das batidas do coração. Mas jamais falaria “não há de quê”.

– Está bem – repetiu, dirigindo-se ao carro, enquanto o cachorro se encaminhava ao dono, balançando o rabo.

Melissa entrou no carro, ligou o motor e partiu. Rapidamente. O rosto não esfriou até que tivesse alcançando os limites da cidade.

Depois disso, pensou no quanto aquele carro chamava atenção. Se estivesse dirigindo um veículo subcompacto normal ou algum tipo de sedan, talvez tivesse chance de passar despercebida. Porém, em uma réplica vermelho brilhante de um MG *roadster*, não tinha a menor chance de anonimato.

Melissa se empertigou. Inspirou o ar da manhã e tentou pensar com bom-senso. Tivera um relacionamento com Dan, afinal, e toda a cidade sabia disso. Por que estava tão preocupada com o fato da notícia de sua noite com Steven se espalhar?

Mordeu o lábio inferior. Não se tratava de vergonha ou constrangimento, disso tinha certeza. Então o que era?

Não levou muito tempo para descobrir. Seus momentos com Steven foram preciosos e, portanto, particulares. Precisava de um tempo para processar tudo o que acontecera, tirar um pouco de sentido das coisas.

*Boa sorte*, pensou ela.

Foi bastante cuidadosa para se manter nos limites de velocidade, enquanto cruzava a cidade, porque a última coisa de que precisava era que um Tom Parker madrugador a fizesse parar e lhe aplicasse uma multa.

Em casa, estacionou o carro na exígua garagem destacada em vez de deixá-lo na calçada, sentindo-se agradecida pelo fato de nenhum de seus vizinhos parecer estar acordado. Disparou em direção à porta dos fundos, com as chaves na mão, e entrou como uma foragida da lei.

Aquela manhã, decidiu, seria como outra qualquer.

Vestiu um short, um top e uma camiseta. Em seguida, calçou tênis de corrida e meias. Voltou a sair, desta vez, pela frente, estacando na varanda para trancar a porta, antes de pendurar o cordão com a chave no pescoço.

Os cortes e as feridas da queda do dia anterior não haviam curado como em um passe de mágica, mas não doíam como antes, portanto aqueceu-se como de costume e correu, transpondo o portão e seguindo em sua rota favorita.

Correr sempre desfazia os nós do cérebro de Melissa, e o exercício daquele dia não era exceção.

Reviu toda a situação na mente. Fato 1: dormira com Steven Creed e gostara. Fato 2: tinha de ficar atenta para não despedaçar o coração outra vez.

Limpou uma lágrima com o dorso da mão e manteve o passo. Correu ao longo da Main Street, sem parar para tomar uma deliciosa garrafa de água gelada quando passou pelo Sunflower Café, após percorrer o parque da cidade três vezes e fazer o caminho de volta à casa.

A residência de Ashley estava imersa em silêncio. Mas também, pensou ela com um sorriso, ainda era cedo. Provavelmente, os idosos ainda estavam dormindo em suas várias camas, mas quem podia saber o que estariam dispostos a fazer após um lauto café da manhã.

Minutos depois, enquanto desacelerava no pátio lateral, Melissa ouviu o telefone tocar dentro de casa. Destrancou a porta e correu em direção ao aparelho.

– Sim? – disparou, o que não era a forma como costumava atender.

– Olá – respondeu Tom. – Há alguma possibilidade de chegar mais cedo hoje?

Um arrepio percorreu a espinha de Melissa de cima a baixo.

– Acho que sim. Por quê?

Tom ficou calado por um instante.

– Trata-se do garoto Nathan Carter – disse por fim. – Um dos meus policiais o prendeu ontem à noite, basicamente por vadiagem, para que o garoto tivesse um lugar para dormir. Esta manhã, Carter está alegando que Pete o agrediu e tem um olho roxo para provar o que diz. Afirma que quer entrar com uma ação.

Melissa deixou escapar um longo suspiro. O policial Pete Ferguson era um cidadão sério, com esposa, quatro filhos e reputação excelente na comunidade. Era difícil imaginá-lo abusando da autoridade que possuía, não importava em que situação.

– Ótimo – resmungou ela.

– Você é a promotora, O’Ballivan – disse o xerife em tom leve, porém sério. – Ferguson está sendo acusado de cometer um crime e está transtornado com isso. Portanto, é melhor vir até aqui e decidir se haverá um caso ou não.

– Estarei aí – confirmou Melissa. – Diga a Pete para aguentar firme.

Melissa tomou um banho rápido, vestiu-se e, com exceção de um brilho labial, não perdeu tempo com maquiagem. Estacou apenas por um instante para avaliar o próprio reflexo no espelho de corpo inteiro antes de deixar o quarto. A calça comprida feita sob medida e a blusa azul-pavão de seda a fazia se sentir e parecer mais com sua personalidade antiga. Aquilo era muito importante. Desde a noite anterior, não estava muito segura de quem diabos era.

Tão logo pisou no prédio municipal, foi tomada por uma sensação de temor. Após estacar para se fortalecer por um momento, marchou pelo corredor do escritório de Tom. Em seguida, inspirou fundo, soltou o ar e entrou.

Steven estava parado ao lado da mesa de Tom, trajado com elegância para o dia, embora parecesse um homem que acabara de desfrutar de uma noite de sexo alucinante. O que, claro, era verdade. No entanto, era um advogado e estava ali para representar alguém. Pete? Nathan Carter?

Até então, ninguém sabia, mas uma coisa era certa: Steven iria inevitavelmente estar do lado oposto ao dela.

Melissa se sentiu zozna, como se tivesse colidido contra uma parede de tijolos, por mais que aquilo parecesse insano.

Steven parecia tão frio quanto deveria estar e, ao que tudo indicava, sem pressa alguma. Os lábios se curvaram em um dos cantos, quando o olhar encontrou o de Melissa, após tê-la percorrido dos pés à cabeça. Tentava desconcertá-la, claro, e estava funcionando.

Melissa se sentia estranhamente exposta, como se ele possuísse visão de raios X ou como se suas roupas fossem feitas de papel celofane.

– Bom dia – disse ele em tom arrastado. O olhar e aquele sorriso frouxo diziam tudo.

Durante a noite, Steven tocara-lhe o corpo como um violinista habilidoso tocaria seu instrumento e iria fingir que nada daquilo acontecera da mesma forma que ela desejava fazer o mesmo.

Melissa esperava que Parker não tivesse percebido o tom íntimo com que Steven se referira a ela. O amigo iria zombar impiedosamente se soubesse o que estava acontecendo.

– Bom dia – respondeu Melissa com firmeza, como se ela e Steven fossem meros conhecidos em vez de amantes recentes. Olhou além dele, com tanta indiferença quanto pôde, em direção às celas, onde Nathan se encontrava parado atrás das grades, lançando-lhe um sorriso afetado.

Pete Ferguson, que se remexia em sua mesa, se ergueu.

– É mentira, Melissa – disparou. – Sabe que nunca uso de violência desnecessária com um prisioneiro...

Carter se limitou a apontar para um dos olhos, que se encontrava tão inchado que mal podia ser aberto. A pele ao redor tinha tonalidades que variavam entre púrpura e verde, passando pelo vermelho-azulado.

Ninguém falou por alguns instantes.

E então Steven limpou a garganta.

– Além da agressão que o sr. Carter sofreu, as razões do policial Ferguson para a detenção são questionáveis.

Melissa sentiu como se tivesse sido golpeada no plexo solar.

– Está representando o sr. Carter então?

Ferguson, um homem alto, bem apessoado, com um corte de cabelo militar e olhos azul-claros, parecia transtornado. E Tom, desgostoso.

– Seria mais preciso dizer que o estou orientando – corrigiu Steven. O tom de voz era inexpressivo, embora houvesse uma base de determinação pétrea sob a impessoalidade.

Melissa se voltou a Nathan Carter. O rapaz a fitava com olhar insolente, e o efeito foi completamente diferente do que quando Steven fizera o mesmo.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

– Ele estava vadiando pelo parque, parecia não ter onde passar a noite. Pete explicou. – Portanto, comprei-lhe um hambúrguer e o deixei dormir no xadrez.

– Você terá sua vez, Pete – disse Melissa em tom calmo. – No momento, quero ouvir a versão do sr. Carter.

– Disse ao policial que não me importava de dormir no parque – relatou Nathan. A arrogância desaparecera, substituída por um cauteloso estreitar de olhos. – Ele respondeu que aquilo era vadiagem e que teria de me levar preso. Quando argumentei, ele me desferiu um soco no olho.

– Isso não é verdade! – protestou o policial Ferguson em tom acalorado.

– Pete – interveio Tom, muito calmo.

– Mas Carter já estava com esse olho roxo quando me aproximei – insistiu o policial. Um rubor se espalhou pelo pescoço e pelo rosto arredondado e ansioso de Ferguson.

– Acho que é a palavra dele contra a minha – disse Nathan em tom abatido.

– Ou não – retrucou Steven em tom suave.

Melissa o ignorou.

– Havia alguma testemunha no local? – perguntou, fitando Nathan.

Tom resfolegou, sarcástico, e ela lhe voltou um olhar duro, que o xerife retribuiu da mesma forma.

– A não ser que acusações específicas sejam apresentadas ao sr. Carter – interveio Steven. – Sugiro que seja solto.

Melissa controlou a própria raiva, enquanto Tom pegava as chaves, cruzava em direção à cela e abria a porta.

– Está livre – disse ao ex-prisioneiro.

– Uau! – zombou Nathan, bailando pela porta, antes de atravessar a sala para se colocar ao lado de Steven. – Que tal trancar o Ferguson lá? – Mais uma vez indicou o olho roxo. – Eu o estou acusando de violência policial.

Pete se tornou escarlate.

Tom fechou a porta da cela ruidosamente.

– Fique calado. – Steven aconselhou o rapaz, que permanecia no escritório do xerife.

Melissa se dirigiu a Pete.

– Qual a sua versão? – perguntou. O policial era um velho amigo, assim como Tom, mas se tivesse agredido Carter sem ter sido provocado, poderia



haver repercussões.

Arrasado, Pete relatou, mais uma vez, os eventos da noite anterior. Estivera fazendo a patrulha de rotina, disse ele, quando avistou alguém rondando o coreto do parque da cidade. Saiu do carro e se aproximara, com uma lanterna na mão, para investigar.

Carter mostrara certa insolência, mas não fora nada sério. O rapaz fora transportado no banco da frente, sem algemas. Os dois comeram hambúrgueres e batatas fritas em uma lanchonete *drive-through*. Pete acrescentou que pensara em levar Nathan para casa com ele e deixá-lo dormir no sofá em vez de colocá-lo na cela, mas decidiu que não o faria por causa da mulher e dos filhos.

– Vai prendê-lo ou não? – rosnou Nathan, quando o policial concluiu sua versão.

– Não – respondeu Melissa. – Não sem uma testemunha digna de crédito para atestar que o policial Ferguson, de fato, o agrediu.

– Então quero processar o departamento do xerife do município de Stone Creek – disse Nathan. – E toda esta maldita cidade! Meus direitos foram violados aqui!

Melissa não voltou o olhar a Nathan Carter, mas a Steven.

– Resolva isso – disse ela.

– Vá embora. – Steven aconselhou o jovem, sustentando o olhar de Melissa sem vacilar. Em seguida, retirou a carteira do bolso interno do elegante paletó e entregou algumas notas a Carter.

Nathan hesitou, mas em seguida, arrancou o dinheiro da mão de Steven e saiu pisando firme do departamento do xerife.

Próximo ao bebedouro, Elvis bocejou alto, fazendo-os cientes de sua presença pela primeira vez. Em seguida, sacudiu a cabeça com força, de modo que as orelhas se agitassem, ruidosas.

Aquilo quebrou o silêncio que se seguiu à saída de Nathan.

– Vá para casa – disse Tom a Ferguson.

– Não estou suspenso, aguardando algum tipo de investigação, certo? – perguntou Pete ao xerife.

Tom fez que não com a cabeça.

– Não.

Pete partiu, lançando a Melissa um olhar magoado.

Enquanto isso, o xerife se referia a Steven.

– Acho que, por ora, seu trabalho aqui terminou, advogado.

Em outras palavras, pensou Melissa, suma do meu escritório. Estava inclinada a concordar.

Steven sorriu, anuiu com um gesto educado e se encaminhou à porta.

Melissa teria esperado até se certificar de que ele fora embora para sair, mas o fato é que também não estava disposta a lidar com Tom mais do que com Steven no momento.

Quando saiu, ele a aguardava no corredor. Melissa o ignorou, passando direito. Steven a deteve, segurando-lhe de modo suave, porém firme, o cotovelo.

A raiva de Melissa explodiu.

– Não posso acreditar que realmente considerou representar aquele cafajeste! – sussurrou ela, tão irada que as palavras se formavam por si mesmas em seu cérebro e disparavam pela boca. – Pete Ferguson seria capaz de desviar e passar pela rua para não esmagar um inseto na calçada, quanto mais agredir alguém. E quanto a Carter...

– Uau! – fez Steven. – Todo mundo tem direito a um advogado. Ou estava doente quando ensinaram os princípios fundamentais do Direito na faculdade?

Melissa puxou o cotovelo, nem um pouco disposta a ouvir a voz da razão.

– Sim – concordou em tom ácido. – Todo mundo tem direito a um advogado. Mas antes de aceitar qualquer outro cliente, deveria se dar ao trabalho de descobrir de quem se trata!

– Não importa de quem se trata – retrucou Steven moderado. – Lei é lei.

Melissa deu um passo atrás.

– O pai de Pete Ferguson foi o último xerife daqui – disse ela. – E antes dele, foi o avô e antes, o bisavô. Os Ferguson são as pessoas mais descentes desta comunidade...

Steven se inclinou para a frente, de modo que o nariz quase tocasse o dela.

– Isso é irrelevante, advogada – retrucou ele. – Se o seu amigo, o policial Ferguson, agrediu Nathan Carter, eu o enquadrarei por isso.

Por um longo instante, ambos apenas se encararam. E então, Steven girou e se afastou.

Melissa não se moveu até que ele transpusesse a soleira da porta. Levou todo aquele tempo para se acalmar o suficiente para poder entrar em seu escritório.

Imediatamente se deparou com uma Andrea totalmente repaginada. O jeans, o cabelo espetado, as camisetas muito apertadas, a sombra escura e o batom branco desapareceram. Ela trajava uma bela saia, uma blusa branca e usava maquiagem discreta.

Melissa não conseguiu desviar o olhar.

– O que aconteceu com você?

A jovem se empertigou e ergueu o queixo. A expressão dos olhos era ansiosa, enquanto sustentava o olhar de Melissa.

– Estou virando uma página, é só – retrucou ela com uma leve fungada. – Byron disse que é importante parecer profissional.

Melissa mal conseguiu conter o riso diante daquela declaração.

– Hã?

Andrea anuiu e, em seguida, puxou a cadeira para trás e se ergueu.

– Fiz até mesmo café. Deve estar pronto agora.

Melissa ergueu as duas mãos com as palmas para a frente.

– Sente-se – disse ela. – Estava apenas brincando quando falei aquilo. Fazer café não faz parte das funções inerentes a seu cargo.

– Uma pessoa não pode fazer uma gentileza para outra? – perguntou Andrea com o lábio inferior trêmulo e os olhos embaçados.

– Sente-se – repetiu Melissa, porém em tom suave.

Andrea obedeceu.

– O que significa isso tudo? Estou me referindo a essa grande transformação.

– Quase a atrolei ontem de manhã – disparou Andrea, enquanto uma lágrima lhe escorria pela face. – Eu... eu acho que estou apenas tentando

recompensá-la pelo que poderia ter lhe acontecido, ao menos parcialmente, se... se...

Melissa sentiu os próprios olhos queimarem.

– Você já se desculpou – lembrou à assistente. – Prometeu ser mais cuidadosa no futuro. Não precisa fazer mais nada. Andrea absorveu as palavras em silêncio, com o olhar fixo à frente. As mãos descansavam sobre a superfície da mesa, com os dedos entrelaçados. Melissa esperou alguns instantes, antes de perguntar:

– Algum recado para mim?

– A sra. Brady ligou – informou Andrea, girando a cabeça. – E a sra. Hillingsley também. Concordam em uma coisa: que a reunião do Comitê do Desfile não foi muito bem.

Reunião? Demorou um instante para que Melissa recordasse a grande discussão sobre o papel higiênico e como sugerira que o comitê se reunisse imediatamente para resolver a questão.

– Ah! – disse ela.

– Metade quer deixar a sra. Hillingsley decorar o carro alegórico da Câmara do Comércio como ela quiser – prosseguiu Andrea com um sorriso nos seus lábios à medida que falava. – E a outra metade alega que será um inferno se ela envergonhar toda a cidade de Stone Creek, ornando todo o veículo com papel higiênico.

Melissa soltou um xingamento baixo. Se arruaceiros como Nathan Carter não conseguiram lhe causar uma enxaqueca, certamente o Comitê do Desfile conseguiria.

– Mas alguém ligou?

– O sr. Blake deixou uma mensagem de voz – informou Andrea. – Era tão longa que achei melhor você mesma ouvir, em vez de eu tentar escrevê-la. Sabe como é prolixo.

Ah, de fato sabia.

– Trata-se de mais alienígenas pousando em sua plantação de milho e assustando sua ovelha? – perguntou Melissa.

Andrea anuiu e, em seguida, soltou uma risadinha.

– Desculpe – disse ela após um momento, claramente não arrependida.

Melissa deixou escapar um suspiro.

– Está bem – disse por fim. – Isso é tudo então?

– Sim, isso é tudo.

Melissa praticamente se enfurnou no escritório. Concentrar-se no trabalho acabou se provando um desafio pelo resto da manhã. A mente continuava a se focar em Steven e nas coisas que fizeram juntos na noite anterior. Ao mesmo tempo, refletia sobre a dura e fria realidade das diferentes filosofias que possuíam com relação à prática da lei.

Enquanto ela era uma promotora, Steven era um advogado de defesa.

Havia similaridades entre eles, claro, mas ainda assim, as diferenças pareciam muito maiores.

## Capítulo Doze

---

POUCO ANTES do meio-dia, Melissa salvou um documento no arquivo chamado “para ser revisado” e percebeu, pela primeira vez, que estava com fome. O *smoothie* que tomara após a corrida daquela manhã, há muito fora digerido. Era uma pena que os efeitos residuais do ato de amor com Steven não tivessem tido o mesmo fim. Ou aquele confronto, quando saíra do escritório de Tom, logo depois que Nathan Carter fora solto. Aqueles abalos sísmicos ocasionais em seu íntimo ainda a agitavam, ao mesmo tempo, deliciosos e perturbadores.

Decidiu continuar no escritório durante a hora do almoço, embora o dia estivesse agradável e tivesse sido mais divertido comer metade de um sanduíche e um bolinho de frutas do pequeno mercado na esquina da rua.

Portanto, convencendo-se em silêncio para esquecer aquilo durante toda a refeição, tomou um iogurte de morango que escondera na geladeira da sala de descanso.

E esperou.

Quando concluiu que não conseguiria ficar sentada nem mais um instante, se ergueu e deixou o escritório particular, passando por Andrea e saindo para o corredor.

Tom estava sentado à sua mesa, rabiscando em um bloco, quando Melissa entrou. Ao vê-la, puxou o papel para o lado e se ergueu, fazendo a cadeira

ranger.

Quando ela permaneceu calada, Tom abriu as mãos e perguntou:

– O que foi?

– Tem ideia do tipo de problema no qual se meteu? – perguntou Melissa.

– Talvez antigamente fosse certo atirar pessoas na prisão apenas para retirá-las da rua e devolvê-las no dia seguinte, mas não é mais!

Os olhos de Tom faiscaram, embora também parecesse cauteloso.

– Diga isso a Ferguson – respondeu, voltando a se sentar lentamente. – Foi ele que efetuou a prisão.

– Diga você – rebateu ela. – Afinal é o chefe dele.

Tom arqueou uma das sobrancelhas.

– Acabou? – perguntou com um sorriso que não conseguiu conter, embora o esforço fosse visível.

Melissa começou a caminhar de um lado para outro.

– Carter pode processar o município por prisão ilegal – lembrou ao amigo. – E mesmo que Steven Creed não assuma o caso, algum advogado de porta de cadeia em Flagstaff ou Phoenix ficaria extasiado em fazê-lo!

Tom gesticulou com a cabeça em direção à cadeira em frente à mesa.

– Sente-se – disse ele. – Está me deixando nervoso. – Melissa afundou sobre o assento, com os braços cruzados. – Por falar em Creed – disse o amigo, quando ela continuou calada. – O que está acontecendo entre vocês?

– Quem disse que alguma coisa “está acontecendo”? – contrapôs Melissa, talvez com muita avidez.

– Ora, vamos – disse Tom. – A atmosfera se encontrava inflamável aqui, esta manhã. A sorte é que ninguém pode fumar em prédios públicos agora. Do contrário, todos nós teríamos ido pelos ares se alguém tivesse acendido um isqueiro ou um fósforo.

– Não estou discutindo Steven Creed com você – disse ela. Queria discutir Steven Creed com alguém. Ashley e Olivia eram as mais indicadas. Porém, não com Tom.

O xerife soltou uma risada abafada.

– Está bem – disse ele, abrindo as mãos em um gesto de afável aquiescência. – Mas não pense que está enganando alguém, porque não está.

Melissa se ergueu e deu um passo em direção a ele, deixando os braços penderem ao lado do corpo.

– Por falar em não enganar ninguém – começou ela. – Lembra-se de nossa aposta? Deveria convidar Tessa Quinn para jantar ou ir ao cinema. Ou se esqueceu?

Tom corou de leve sob a mandíbula.

Elvis produziu um som ritmado batendo com a pata no chão, enquanto coçava o queixo com uma das patas traseiras.

– Você disse que a aposta não estava valendo mais – disse ele.

– Não – argumentou Melissa. – Você disse. E, até onde sei, isso é a mesma coisa que perder. – Ela se inclinou para a frente. – Covarde.

– Ouça, isso não é tão fácil, está bem? Tessa foi criada em um mundo diferente do meu. Ela é linda. Costumava aparecer na televisão. Só Deus sabe com quem ela namorou no passado...

– Covarde – disse Melissa. – Covarde. Covarde...

– Pare com isso – ordenou Tom.

– Prenda-me – desafiou Melissa.

– Isso é tentador – respondeu o amigo em tom mordaz, pendurando os polegares no cinto. – E se pensa que toda essa conversa fiada vai me distrair, está enganada. Lembre-se de que sou um investigador treinado. Sei que algo está acontecendo entre você e Steven Creed. Na verdade, eu me arriscaria a dizer que não estava em casa na noite passada.

– Por que diz isso?

– Talvez tenha passado de carro por sua casa, uma ou duas vezes.

Melissa arqueou uma sobrancelha e inclinou a cabeça para o lado.

– Fez isso? Bem, vamos supor que, por um instante de insanidade, algo aconteceu entre mim e Steven. Por que isso seria de sua maldita conta?

Tom sorriu.

– Não seria – concedeu. – Mas ficaria feliz com isso. Na verdade, todo o maldito município ficaria feliz.

O tom de voz de Melissa soou perigoso, o que não tinha problema, já que era exatamente aquela sua intenção.

– Por quê...?



– Porque você não tem vida própria. Desde que terminou com Dan, esteve... parece que está...

– E suponho que você tenha vida própria?

– Sobrevivo – disse Tom, vago.

– Sobreviver não conta. Ainda é jovem. É um homem bonito, honesto e tem um emprego fixo. Muitas mulheres se interessariam por você. Tessa pode ser uma delas, pelo que sei. Não acredito que um homem corajoso como você tenha medo de se arriscar a sofrer uma pequena rejeição.

Tom não respondeu. Limitou-se a permanecer imóvel, parecendo estar tentando pensar em uma resposta inteligente para lhe dar, sem lograr êxito.

– Está bem – disse Melissa. – Haverá um baile no Grange Hall na noite de sábado. Por que não convida Tessa para ir?

Tom deixou escapar um suspiro.

– Tessa é sempre simpática quando passo na cafeteria para tomar um café ou comprar algo na parte da padaria – confessou. – Portanto, fico pensando que talvez aceitasse um convite para jantar ou ir ao cinema. Mas em outras ocasiões, ela parece muito distante. Como se tivesse muitas preocupações. Como posso saber que não estou interpretando seus sorrisos de maneira errada? Afinal, Tessa é simpática com todo mundo, não só comigo.

Melissa sentiu uma onda de ternura fraterna invadi-la e tocou o braço do amigo.

– É apenas um baile. Convide-a. Ou ela concorda, e ambos se divertirão, ou ela recusa, e você deixará de imaginar e partirá para outra.

Tom se mostrou obstinado.

– Convidarei Tessa se você convidar Creed – disse ele.

A intensa reação que a proposta lhe causou alarmou Melissa. De repente, teve vontade de sair correndo de volta ao seu escritório e se esconder atrás do trabalho outra vez.

O que era uma completa loucura, considerando as coisas que ela e Steven fizeram na cama na noite anterior.

Partes de seu corpo ainda formigavam diante das lembranças, certo?

Tom aproveitou a hesitação de Melissa e se apressou em dizer:

– E agora, quem está sendo covarde? – perguntou.

Melissa se forçou a relaxar e conjurou um sorriso.

– E quem me garante que isso não é um truque? – perguntou. – Convido Steven para o baile, e você, convenientemente, volta atrás e não convida Tessa. Onde isso me levaria?

– A dançar com Steven Creed? – provocou Tom com olhar sorridente.

– Você primeiro – decidiu Melissa. – E tenho de estar perto quando convidá-la.

Tom fingiu estar horrorizado.

– Não confia em mim?

– Não nesse caso – retrucou Melissa, erguendo o queixo. – Está enrolando há um ano, dizendo que vai tomar a iniciativa e depois recua.

– Espera estar lá quando eu convidar Tessa?

Melissa confirmou a cabeça. Em seguida, relanceou o olhar ao relógio de pulso.

– Quase duas horas da tarde. Seria perfeitamente sensato fazermos uma pausa para o café agora mesmo – disse ela. – Iremos até o Sunflower, e, quando Tessa vier até nossa mesa para anotar o pedido, você diz algo como: “Haverá um baile na noite de sábado, e estava imaginando se não gostaria de me acompanhar.”

Tom considerou a proposta por um longo tempo. Aquela era uma indicação do quanto ele, de fato, gostava de Tessa. Talvez até mesmo a amasse. Afinal, correr aquele pequeno risco o assustava.

– Está bem – concordou Tom por fim. Em seguida, assobiou para Elvis, que se ergueu e cruzou o escritório. Mantendo a porta do escritório aberta para que ela passasse, acrescentou: – Você primeiro.

– Estou orgulhosa de você – elogiou Melissa antes de entrar no próprio escritório para pegar a bolsa. Andrea ainda não voltara. Logo depois, tornou a sair.

– Há uma condição – informou Tom, quando se encontravam dentro da patrulha com os cintos de segurança atados e Elvis em seu posto atrás das grades que separavam os bancos dianteiros dos traseiros.

Melissa sentiu uma leve pontada no peito.

– Qual?

– O que vale para um vale para o outro – disse Tom. – Se vai ficar por perto quando eu convidar Tessa para ir ao baile, então exigirei o mesmo. Tenho de estar presente quando convidar Creed.

Constrangedor, pensou Melissa. O último diálogo que tivera com Steven não havia sido exatamente amigável.

E, de qualquer forma, havia uma grande diferença entre as duas situações em questão. Ela dormira com Steven Creed. Na noite anterior. Era óbvio que não houvera nenhuma intimidade entre Tom e Tessa.

Porém, como poderia recusar o pedido do amigo sem explicar? E certamente não estava disposta a admitir que passara a noite com ele, embora Tom tivesse se mostrado desconfiado.

– Combinado – disse ela por fim. Pensaria em uma forma de se safar daquela situação mais tarde.

Tom anuiu e ligou o motor do carro, dirigindo-se ao Sunflower Café and Bakery. Alice McCoy se encontrava do lado de fora, em seu carrinho de três rodas, colocando muitas nos para-brisas. Acenou alegremente para Tom. Um combatente do crime saudando o outro.

Tom sorriu e acenou de volta, mas parecia um pouco pálido em torno da mandíbula, e Melissa sabia que aquilo se devia ao nervosismo.

Sentiu até mesmo compaixão por ele. Até que entrassem na cafeteria. Lá estava Steven, sentado no mesmo banco em que se encontrava na primeira vez em que o vira. Ele tomava goles de café e discutia seus planos com Alex Royce, um arquiteto de Indian Rock.

Steven girou imediatamente para fitá-la, e os olhos azuis faiscaram quando encontram os dela. Um dos cantos da boca se ergueu de leve.

Tom ficou tão satisfeito em ver Melissa embaraçada que, por um instante, quase esqueceu a própria missão.

– Fizemos um intervalo para o café – disse ela, talvez muito alto.

Toda a conversação cessou na pequena cafeteria. Os olhares convergiram para eles. Algumas pessoas sorriram em seu íntimo, antes de voltar para seus almoços tardios, jantares precoces ou lanches da tarde.

Steven disse algo a Alex, que anuiu. Em seguida, ergueu-se do banco, caminhando na direção de Melissa e Tom.

– Conseguiu se acalmar um pouco? – perguntou ele sem sorrir, fitando-a com intensidade. Melissa sentiu como se estivesse sendo despida. No mesmo instante, o rosto se incendiou. Corou, demasiado embaraçada para falar. Tom sorriu para ela, evidentemente apreciando seu desconforto. – É óbvio que não – disse Steven, parecendo responder a si mesmo.

Melissa lhe lançou um olhar furioso. Como poderia convidar aquele homem detestável para sair, pelo amor de Deus! E na frente de toda a cidade?

– Estou bem. – Melissa conseguiu dizer.

– Que bom ouvir isso – retrucou ele.

No mesmo instante, Tom a cutucou.

– Vá em frente – disse ele com um sussurro teatral que provavelmente foi ouvido além da jukebox e pelo corredor que levava aos toaletes. – Convide-o para o baile.

Melissa calculou as chances de escapar no caso de cometer um assassinato e concluiu que eram poucas. Para começar, havia muitas testemunhas.

Portanto, teria de deixar Tom viver. Por ora.

O sorriso de Steven estava ainda mais torto que antes. Poderia ter lhe atirado alguma corda de salvação, dito qualquer coisa, mas nenhuma palavra foi proferida por aqueles lábios altamente beijáveis. Simplesmente aguardou.

Melissa limpou a garganta, ciente de que todos na cafeteria apuravam os ouvidos naquela direção.

– Haverá um baile no Grange, sábado à noite – começou ela, porque não havia outro jeito. – E estava imaginando se não gostaria de ir. – Fez uma pausa. – Comigo.

– É Dia de Sadie Hawkins? – brincou um trabalhador rural de uma das mesas.

– O que disse? – outra pessoa gritou.

Steven se inclinou para a frente, sem tocá-la, embora o hálito fizesse os lábios de Melissa formigarem.

– Sim – disse ele. – Vou ao baile com você, Melissa O’Ballivan, mas só se concordar em me buscar em seu carro conversível de dois lugares.

A tensão diminuiu um pouco.

– O que está acontecendo? – gritou um freguês para um amigo no lado oposto do café.

– Melissa pediu àquele camarada Creed para ir ao baile Grange! – explicou o outro em voz alta.

– Estava na hora de ela arrumar um namorado – comentou outra pessoa.

– Ótimo – disse Melissa. Em seguida, girou para Tom com olhar furioso. Com o canto do olho percebeu Tessa sair da cozinha, parecendo graciosa em um jeans, camiseta branca sem mangas e avental de sapateiro azul, sujo de farinha. – Agora é sua vez.

Após lhe voltar um longo e apreciativo olhar, Steven se desculpou e voltou calmamente ao balcão, no qual Alex o aguardava com os planos.

A clientela ainda se encontrava em um silêncio incomum.

– Sentem-se – ofereceu Tessa, alternando um olhar inquisitivo entre Melissa e Tom. – Ella já irá atendê-los, disse referindo-se à outra garçonete.

Melissa voltou um sorriso luminoso a Tessa.

– Esperávamos que você mesma nos atendesse – disse à amiga. – Importa-se?

– Claro que não – respondeu Tessa, sacudindo a mancha de farinha da parte da frente do avental e, em seguida, as mãos. – Volto já.

Tão logo Melissa e Tom se acomodaram à mesa em frente à janela, Tessa apareceu com o bloco de pedidos e um lápis na mão.

– Dois cafés, por favor – pediu Melissa.

Tom estava sentado de frente para ela, sorumbático. Não olhava para nenhuma das duas mulheres.

Melissa lhe deu um chute sob a mesa.

Tom se sobressaltou, como se estivesse perdido em outro mundo e acabara de aterrissar ali com uma batida forte. Ergueu o olhar a Tessa. As mãos tão apertadas uma na outra, que as juntas dos dedos estavam esbranquiçadas.

– Acho que não aceitaria um convite meu para sair ou algo parecido.

Melissa deixou escapar um suspiro.

O rosto de Tessa se tornou rubro.

– Eu... eu...

Ninguém no café, exceto Steven e o arquiteto, fingiu estar cuidando da própria vida.

– Está vendo? – disse ele a Melissa.

– Está se referindo a... um encontro? – perguntou Tessa, hesitante.

– Provavelmente quer que o acompanhe ao baile Grange no sábado à noite – disse aquele mesmo prestativo trabalhador rural que interferira antes.

– Oh! – disse Tessa.

As orelhas de tom se tornaram rosa.

Tessa voltou a falar.

– Tom Parker – disse ela. – Olhe para mim. – Surpreso, o xerife obedeceu. Tessa se inclinou para baixo, de modo que o nariz quase tocasse o dele. – Agora diga o que quer dizer. Quero ouvir de você.

O clarão de um sorriso se formou no rosto de Tom. Uma mistura de esperança e alegria.

– Quer sair comigo? Para dançar no sábado à noite?

Tessa se empertigou, com o rosto inexpressivo.

Tom não se mexeu.

Melissa prendeu a respiração. Se tivesse a mínima desconfiança de que Tessa recusaria o convite do amigo, não teria aberto sua grande boca para dizer nada.

– Sim – concordou Tessa, por fim. – Acho que quero ir ao baile com você.

Toda a cafeteria irrompeu em ovações e assobios, fazendo Tom ficar ainda mais vermelho.

Melissa soltou o ar que estava prendendo e arriscou um olhar de canto de olho a Steven. Naquele momento, até mesmo ele prestava atenção na cena que se desenrolava, como todo mundo no café.

– Que bom então – disse Tom. Agora que conseguira o que queria, parecia ter perdido a capacidade de engatar uma conversa estimulante. – Muito bom mesmo.

Tessa sorriu, o próprio rubor também se intensificando, e girou para se encaminhar para trás do balcão e providenciar os pedidos.

– Obrigado por me chutar – disse o xerife a Melissa. – Acho que quebrou minha canela.

– Ela vai ao baile com você! – sussurrou Melissa, extasiada com o fato de o amigo não ter recebido uma recusa, principalmente com toda a cidade por testemunha. Teria sido culpa sua, ao menos em parte, se aquilo tivesse acontecido.

– E você vai com Creed – respondeu Tom com voz baixa e um sorriso. – Não que eu tivesse dúvidas de que ele aceitaria.

Melissa olhou na direção de Steven, apenas para se certificar de que ele ainda estava fora do alcance da audição. Ele trocava um aperto de mão de despedida com Alex, de costas para Tom. Melissa ergueu as sobrancelhas.

– O que o fez ter tanta certeza? – perguntou em um sussurro.

Tom se inclinou em direção a ela, com o olhar faiscando.

– Porque já está envolvida com ele – explicou em tom lento com uma nota de triunfo arrogante. – Esse é o motivo.

– Quem disse?

– Você. Acha que não consigo ler a linguagem corporal depois de todos esses anos trabalhando como policial? Diabos, Melissa, só falta escrever no ar com letras de fumaça. A pulsação em seu pescoço e punhos é tão forte que se torna visível. – Fez uma pausa, abrindo as mãos da forma que costumava fazer. – Caso encerrado.

– Ah, cale a boca – disse Melissa, no mesmo instante em que Steven se encaminhava à mesa na qual estavam sentados.

Amava o jeito com que ele caminhava, como se movia, totalmente à vontade. Amava a forma como ele fazia outras coisas, também, mas aquilo não vinha ao caso.

Aquele homem representava problemas. A forma como haviam se confrontado no escritório de Tom, naquela manhã, era prova suficiente para qualquer um, inclusive para ela.

Então, o que faria?

– Esperarei ansioso por sábado – disse Steven, quando os alcançou.

– Eu também – retrucou Melissa sem intenção de dizer qualquer coisa daquele tipo. Definitivamente, precisava de um pouco de espaço, uma chance de entender o que estava se passando, ao menos um pouco. Porém, também desejava se erguer daquela mesa e ir para a casa dele.

Steven consultou o relógio de pulso.

– Está na hora de pegar Matt na escola – disse ele.

O coração de Melissa se expandiu e aqueceu ao pensar no menino.

– Diga alô a ele por mim – recomendou ela.

– Eu direi – respondeu Steven. Em seguida, cumprimentou Tom com um gesto de cabeça e saiu para o sol do meio da tarde.

Melissa devia ter fitado por um longo tempo o espaço vazio, onde antes Steven estivera, porque quando encontrou o olhar de Tom, ele estava rindo como um tolo.

Melissa fez uma careta para o amigo.

Tessa trouxe o café, juntamente com duas fatias de torta de pêssegos fresca e garfos enrolados em guardanapos. Corou quando os dispôs em frente ao xerife.

– Obrigado – agradeceu ele, tornando-se tímido mais uma vez.

Tessa girou e saiu apressada.

Melissa desembulhou o próprio garfo. Almoçara apenas um iogurte e aquilo não foi suficiente. De repente, percebeu que estava faminta.

*DÊ-LHE UM pouco de espaço*, aconselhou uma voz na mente de Steven, enquanto se encaminhava ao estacionamento lateral e destrancava a caminhonete com o alarme automático.

Queria girar sobre as botas, voltar para dentro da cafeteria, segurar Melissa pela mão e levá-la para casa com ele. Abrandar o que acontecera entre eles aquela manhã, ouvir a risada que ela costumava dar, observar os raios de sol da tarde se refletirem no cabelo castanho. E, sim, desejava fazer amor com ela outra vez.

Steven inspirou profundamente e entrou no carro, ligando o motor. *Calma*, caubói, pensou. Melissa era uma mulher complexa, disso tinha certeza. Na cama, se mostrara uma tigresa. Da mesma forma que naquela



manhã, quando aparecera na cadeia. Ainda assim, convidá-lo para ir a um baile a deixara corada da clavícula à raiz do cabelo.

Steven saiu do estacionamento para o fluxo de tráfego na rua, negando com a cabeça, admirado com as coisas que se passavam em seu íntimo. Não que conseguisse identificar nenhuma daquelas sensações. A verdade é que nunca se sentira assim antes. Nunca desejara saber tudo sobre uma mulher e ainda mais.

Chegou à Creekside Academy dentro de alguns minutos. Elaine Carpenter trouxe Matt, segurando-o pela mão até alcançarem a calçada.

O menino, segurando uma enorme folha de papel com um desenho na mão livre, olhou na direção de Steven e voltou a atenção mais uma vez para Elaine.

Steven fechou a porta da caminhonete e se juntou a eles na calçada.

– Fiz um retrato! – gritou Matt, quando ele baixou para pegar o menino no colo.

Elaine sorriu.

– Para o primeiro dia – disse ela a Steven. – Esse menino merece nota A com louvor.

– Obrigado – agradeceu Steven.

– Não quer ver o desenho? – perguntou Matt quase gritando.

Com uma risada abafada, Elaine girou e entrou outra vez na escola.

– Claro que quero – respondeu Steven. – Mas primeiro vamos entrar no carro.

Carregou o menino para o banco de trás e o colocou na cadeira de segurança. Matt agitou a folha de papel diante do rosto de Steven.

– Está bem – disse ele, rindo. Em seguida, pegou o papel e o examinou.

Três figuras, sendo um homem, uma mulher e uma criança, desenhados apenas com linhas. Havia também um cachorro e um cavalo próximo a eles. Todos se encontravam em frente a algum tipo de casa que se inclinava totalmente para a direita.

Algo se agitou no coração de Steven. Não era tristeza, mas também não se tratava de felicidade. Se tivesse de adjetivar aquela emoção, diria que era algo doce e amargo.

– Este é você – disse Matt, apontando o dedo indicador para o peito do homem feito de traços. Em seguida, o moveu para a mulher. – E esta é Melissa. – Claro que Matt era a criança e o cachorro, Zeke. O cavalo, evidentemente se tratava de um lembrete.

– Está ótimo – elogiou Steven, após um instante. Vivia repetindo a si mesmo que tinha de se acostumar às coisas que o menino dizia, mas até então, não conseguira. Ter um vislumbre do que se passava na mente de Matt sempre o chocava e, algumas vezes, como naquele momento, o deixava temeroso. Procurou as palavras certas, um jeito de prevenir o menino para não alimentar esperanças no que se referia a Melissa, sem lhe estilhaçar os sonhos infantis.

Porém, nada lhe veio à mente.

– Na próxima vez que eu encontrar Melissa, vou lhe dar este desenho de presente – disse Matt, quando Steven estacionou em frente a casa.

Com um nó na garganta, ele não conseguiu fitar a criança.

– Matt...

– Eu sei, eu sei – interrompeu o menino de 5 anos, irradiando alegria. – Você e Melissa ainda não são casados, portanto não deveria me empolgar e sair fazendo planos...

Steven podia se imaginar casado com Melissa, embora não tivesse tentado antes. Mas não havia como saber qual seria a opinião dela sobre aquele assunto.

Era verdade que se entenderam maravilhosamente na cama, mas não esquecera a dor que vira refletida nos olhos de Melissa, durante o interlúdio entre os atos de amor, quando se sentaram à mesa comendo bolo de carne. O último homem por quem se afeiçoara lhe causara uma grande decepção, e ela ainda não a superara.

Além disso, Melissa tinha uma carreira, uma casa, uma vida bastante independente da que ele levava. O que alguém como Melissa O’Ballivan ganharia amarrando-se a um homem àquela altura?

Sexo? Não precisava se casar para isso, assim como ele.

– Papai? – Matt o fez se sobressaltar, arrancando-o do emaranhado de pensamentos ao lhe puxar a camisa.

Steven piscou várias vezes, baixando o olhar ao menino.

Matt estava apontando na direção da casa do rancho.

– De quem é esse caminhão?

Ver aquela carroça velha foi como levar um soco no abdome. O Dodge preto arranhado, com várias mossas e ainda ostentando o Wile E. Parabarros de pele de coiole, mesmo depois de todos aqueles anos, só podia pertencer a Brody Creed.

– Fique aqui – disse Steven a Matt com um gesto de mão para enfatizar o que dissera, enquanto se dirigia ao caminhão do primo.

Aquele menino poderia ter nascido um Creed em vez de ser adotado na família, porque nunca dava ouvidos ao que lhe diziam. Steven per fez todo o percurso até o caminhão de Brody, que se encontrava estacionado sobre a grama crescida, com os vidros das janelas baixados, antes de se dar conta de que Matt caminhava logo atrás dele.

– Não disse para você ficar lá? – perguntou Steven ao menino.

Matt cruzou os braços e ergueu o olhar a ele, com aquele brilho obstinado.

– Pode precisar de ajuda – respondeu, viril.

Steven deixou escapar um suspiro e escorregou uma das mãos pelo cabelo em um gesto de frustração. Em seguida, subiu no estribo do lado do motorista e perscrutou o interior do veículo.

Brody estava deitado sobre os bancos, com o chapéu sobre os olhos e os joelhos dobrados.

Steven abriu a porta com um solavanco, retirando o apoio dos pés de Brody calçados com botas. O primo se ergueu, desajeitado, pronto para brigar, como sempre. Empurrou o chapéu para trás, desobstruindo a visão, e um sorriso instantâneo se estampou em seu rosto.

– Droga, Boston – disse ele. – Quase me matou de susto.

Steven estava feliz em ver Brody, não havia como negar, mas também não podia deixar de sentir uma pontada de raiva. Ocasionalmente, o primo costumava desaparecer por anos, sem nada, além de um breve cartão de Natal, que sempre chegava em meados do mês de janeiro, para provar que ainda estava vivo.

– Você parece muito com tio Conner – disse Matt admirado. A voz fina funcionou como um necessário lembrete de que ali havia uma criança, o que significava que não podia xingar palavrões ou arremessar um murro no rosto de Brody. – Mas não é ele, certo?

Brody saiu do caminhão, ajeitou o chapéu, que como tudo mais que possuía, já vira dias melhores.

– Não – disse ele, esticando a mão para o menino. – Sou irmão dele. Meu nome é Brody. E você, quem é?

– Matt Creed – respondeu a criança, fitando Brody com olhos arregalados.

Os dois trocaram um aperto de mãos solene.

– O rodeio – disse Steven. – Será daqui a três semanas.

Brody voltou os olhos azul-gelo ao primo. Era enervante o quanto ele se assemelhava a Conner, embora não fosse de se admirar. Afinal, eram gêmeos idênticos.

– Não se preocupe, Boston – disse ele com voz lenta e arrastada, dobrando a camisa. – Não vim para ficar. Estou apenas de passagem.

– Por que ele o chama de “Boston”, papai? – quis saber Matt.

– Mais tarde lhe explico – retrucou Steven, embaralhando o cabelo do menino e lhe entregando o molho de chaves. É melhor deixar Zeke sair do ônibus. Deve estar apertado para fazer as necessidades.

Matt lançou outro olhar repleto de curiosidade a Brody e, em seguida, saiu correndo na direção do ônibus.

Quando ficaram sozinhos, Brody cruzou os braços.

– Uma boa extensão de terras que tem aqui – disse ele.

O comentário poderia ser considerado um escárnio, levando em conta o terreno, a casa e o celeiro, mas Steven não tinha certeza, portanto se limitou a agradecer.

– Obrigado.

– Ouça – disse Brody, coçando o queixo que se encontrava coberto pela barba dourada de alguns dias. – Se quiser que eu vá embora, é só dizer.

Steven pousou uma das mãos sobre o para-choque dianteiro do caminhão e sorriu, quando lembranças coloridas e brilhantes da juventude

lhe vieram à mente.

– É bem-vindo aqui – respondeu. – E sabe muito bem disso.

Brody exibiu um sorriso.

– Quando se casou? – perguntou, gesticulando em direção a Matt, que agora descia do ônibus atrás do *sheepdog-bullet* que era Zeke.

– Não me casei – respondeu ele.

Brody arqueou uma sobrancelha, e os olhos giraram.

– Entendo.

– Não – retrucou Steven, dando-lhe uma palmada nas costas para guiá-lo na direção do ônibus. – Não entende. E onde diabos esteve durante todo esse tempo?

## *Capítulo Treze*

---

DOMINADA POR pensamentos tolos e juvenis sobre o que usaria para ir ao baile de sábado à noite, Melissa decidiu passar na pousada de Ashley, quando deixou o escritório, para verificar como estavam os hóspedes. Em breve, Ashley voltaria de Chicago, e Melissa queria estar apta a dizer que cuidara do negócio.

Sorriu, enquanto manobrava o carro conversível pelo estacionamento atrás do prédio da prefeitura. A brisa estava fresca, e o sol da tarde, glorioso. Melissa ficou satisfeita por ter baixado a capota do conversível naquela manhã, mesmo com o vento causando uma revolução em seu cabelo.

Quando chegou à casa de Ashley, viu o familiar SUV estacionado à porta da garagem. O ânimo de Melissa cresceu ainda mais diante da visão. Finalmente, Ashley, Jack e a pequena Katie haviam chegado de Chicago.

Melissa estacionou depressa na calçada, talvez muito próximo a um hidrante e quase não se lembrou de carregar a bolsa, antes de disparar pela calçada em direção ao portão da frente e, em seguida, aos degraus da varanda.

Ashley abriu a porta de tela com um sorriso de orelha a orelha e a pequena Katie pendurada em um dos quadris.

Melissa e Ashley eram tão diferentes que as pessoas que não as conheciam sempre se surpreendiam ao saber que eram gêmeas. O cabelo de

Melissa era castanho-escuro, e ela preferia se vestir com trajes profissionais. Ashley, uma loira delicada, geralmente usava tons pastéis, saias de tecido fino e babados.

No entanto, os olhos as identificavam como irmãs, por terem exatamente o mesmo formato e tom de azul.

As duas se abraçaram. Ashley a envolveu com apenas um braço, porque ainda segurava Katie. Os olhos de Melissa embaçaram com lágrimas de alegria.

– Ficou fora muito tempo – protestou ela, quando se encontravam na passagem de entrada. Katie, loira como a mãe, mas com os olhos escuros do pai, esticou os braços para Melissa, que a pegou no colo de imediato e lhe plantou um beijo sonoro na bochecha redonda e levemente pegajosa. – E isso serve para você também, mocinha – disse à sobrinha.

– Também senti saudade – respondeu Ashley. Estava descalça, trajava um short branco e uma camiseta que fazia conjunto, deixando evidente o leve bronzeado. O cabelo tombava do coque em estilo *Gibson-girl* de um jeito tão característico, que era quase como que sua assinatura.

– Acompanhe-me até a cozinha – disse ela, girando.

Melissa a seguiu, carregando Katie, olhando ao redor à procura do sr. Winthorp e o restante deles, enquanto cruzava o longo e fresco corredor entre a ampla sala de estar e a igualmente espaçosa sala de jantar.

A cozinha de Ashley era o coração da casa. Um lugar aconchegante, agradável e claro, sempre brilhando e geralmente repleta com o aroma de alguma iguaria deliciosa. Como no momento.

Melissa farejou.

– Brownies?

– De chocolate misto – respondeu Ashley, com olhar faiscante quando girou, pegou a filha no colo e a pousou suavemente sobre o chiqueirinho. – E você comerá, no mínimo, dois porque perdeu peso desde que partimos.

Ashley tinha a tendência de ser maternal com Melissa. Assim como Brad e Olivia, quando tinha oportunidade. A irmã gêmea era uma dona de casa nata e uma excelente mulher de negócios.

– Por outro lado, você – respondeu Melissa, inclinando a cabeça para o lado e observando a irmã. – Está criando uma barriguinha.

Ashley deu palmadas leves no abdômen.

– Claro que estou – retrucou com semblante radiante. – Estou grávida, lembra?

– Sim – respondeu Melissa, permitindo que o olfato a guiasse ao balcão da cozinha. – Mas eu não tenho essa desculpa.

– Está muito magricela – repreendeu Ashley, enchendo a chaleira elétrica com água da bica.

– Não estou – retrucou Melissa. Discussões bem-humoradas era característico das gêmeas. – E não pense que vou ganhar peso para lhe fazer companhia nos próximos seis meses.

– Somos gêmeas – racionalizou Ashley, escondendo um de seus sorrisos gloriosos. – O mínimo que poderia fazer era ganhar alguns quilos por compaixão.

– Só em seus sonhos – disparou Melissa, mas era só o que podia fazer para não acabar de uma só vez com aquele prato de brownies.

Ashley soltou uma risada e gesticulou com a cabeça na direção da mesa.

– Sente-se – convidou ela. – E conte-me o que aconteceu em Stone Creek nas últimas semanas.

– Por onde começo? – respondeu Melissa em um tom apenas em parte brincalhão. Olhou ao redor da cozinha. – Seus hóspedes estão aqui?

– Estão no quintal – informou Ashley com um brilho no olhar. – Praticando tango.

Melissa fez que não com a cabeça.

– Não estou escutando música alguma.

– Produzem seu próprio som – esclareceu Ashley.

– Nem me diga – retrucou Melissa, recordando o jogo de croquet que jogaram despidos. Não sabia se algum dia seria capaz de esquecer aquele choque.

Ashley deixou escapar um suspiro. Era um som alegre e animado que inspirava tanto amor quanto inveja em Melissa.



– Gosto deles – disse ela. – Jack e eu gostaríamos que ficassem por mais tempo.

– Onde está Jack, por falar nisso? – perguntou Melissa, olhando ao redor. O marido da irmã era um daqueles homens que pareciam preencher toda a casa quando presente, quase fazendo as paredes abaularem.

Como Steven Creed.

– Foi até a casa de Brad e Meg para buscar a sra. Wiggins – informou Ashley. – Você sabe... nossa gata? Aquela que não quis manter em sua casa porque a fazia espirrar?

Em vez de se sentar, Melissa se encaminhou à porta dos fundos e olhou através da porta de tela. Mabel, trajando uma bermuda listrada e uma camiseta vermelha em vez do vestido flamenco que usara da última vez, tinha uma rosa presa entre os dentes. Dançava com Herbert ao redor do pátio.

– Incrível – resmungou ela. – Preciso descobrir se eles tomam algum complexo vitamínico e qual.

Ashley soltou uma risada, aproximando-se para estacar ao lado dela.

– Eles são incríveis mesmo – concordou em tom suave. Em seguida, cutucou a irmã com o cotovelo.

– Ouvi dizer que anda exibindo seu lado indômito?

Melissa estreitou o olhar para fixar a irmã, que se afastava para retirar a chaleira que apitava do fogo.

– Quem lhe contou isso? – perguntou, embora em tom calmo.

Katie se enroscara no lado acolchoado do chiqueirinho e dormia como um anjo, com o polegar enfiado na boca.

Ashley entornou a água quente no bule de chá de porcelana que pertencera à avó do lado O'Ballivan da família, após adicionar algumas folhas de chá no fundo.

– Nunca traio minhas fontes – disse em tom afetado.

Melissa soltou uma risada baixa.

– Tom Parker – disse ela sem precisar se esforçar muito para adivinhar. – Ele a tem atualizado por e-mails.

– Por mensagens – corrigiu ela.

– Juro que Tom é mais fofoqueiro que nossa tia Ona – disse Melissa. – O que ele lhe contou?

– Ele acha que está dormindo com alguém chamado Steven Creed – revelou Ashley sem rodeios.

Se fosse com qualquer outra pessoa, Melissa talvez inventasse uma história e protestasse. Mas era inútil mentir para a irmã. Conheciam-se muito bem.

– Tom é um bocado atrevido – disse ela, saindo pela tangente. Aquilo também não costumava funcionar, mas às vezes conseguia burlar a irmã.

Talvez Ashley ainda estivesse sob o efeito do fuso horário.

Mas não teve sorte.

– É ou não é verdade? – perguntou a irmã.

Antes de responder, Melissa verificou para se certificar de que Katie estava dormindo e que os hóspedes de cabelo branco ainda dançavam tango ao som de uma música que só eles conseguiam ouvir.

– Não no sentido contínuo, embora Tom talvez tenha feito soar dessa forma.

Mais uma vez, Ashley soltou uma risadinha. Se não fosse o short e camiseta, poderia ser confundida com uma dama vitoriana, parada em frente ao bule de chá, esperando que a infusão se precipitasse.

– Sentido contínuo? Que diabos isso quer dizer?

Melissa se deixou afundar em uma das cadeiras à mesa. Sentia-se estranhamente agitada e, ao mesmo tempo, feliz ao extremo.

– Quer dizer que aconteceu uma vez – confessou em um sussurro. – Ontem à noite. Nós nos conhecemos apenas há cinco dias. Ele é advogado e se chama Steven Creed. Tem mais alguma pergunta?

– Apenas um milhão – retrucou Ashley. Lá fora, vozes se ergueram na atmosfera quente do verão, e um miado queixoso se fez ouvir. Jack estava de volta, com a sra. Wiggins.

– Mas acho que terão de esperar um pouco.

– Concordo – disse Ashley, servindo o chá.

Jack abriu a porta de tela e entrou, trazendo o gato da família, uma maçaroca de pelos felpudos e brancos, dentro do transportador plástico.

Ashley levou o indicador aos lábios e, com a outra mão, gesticulou em direção à criança adormecida.

Melissa percebeu o rosto do homem se iluminar de amor pela esposa e pela filha. Jack anuiu, depositou um beijo nos lábios de Ashley e, com cuidado, libertou a sra. Wiggins do transportador.

Durante o processo, ainda conseguiu dar uma piscadela fraternal para Melissa e fazer mímica da palavra “olá”.

Ashley, amante de animais, agachou-se para acariciar a gata.

A sra. Wiggins, obviamente indignada pela longa ausência da família, agitou a cauda, soltou um petulante miado e desapareceu pela sala de jantar.

Melissa espirrou.

– Ah, pelo amor de Deus! – disse Ashley. – Você não é alérgica.

Melissa soltou outro espirro.

Jack, um homem de cabelo negro, estilo modelo que estampava outdoors, ágil e em forma, apontou com um polegar por sobre o ombro, indicando claramente o quintal.

– Mamie Crockett acabou de me abordar no caminho para cá – disse a Ashley em um tom de voz baixo para não acordar a criança. – Disse-me que nossos hóspedes aprontaram um rebuliço por aqui desde que chegaram.

– Mamie – retrucou Ashley. – É uma senhora muito doce, mas também uma ranheta.

– É verdade – concordou Melissa.

Jack exibiu um sorriso de admiração e fez que não com a cabeça.

– Quero estar aprontando o mesmo tipo de rebuliço quando chegar aos 90 anos – disse ele. – Se alguém chamar a polícia porque o tango está alto demais, considerarei isso uma grande conquista.

– Sem mencionar fazer isso naquela idade – acrescentou Ashley, dando uma palmada na mão de Jack quando ele a esticou e pegou três brownies de uma só vez.

– Fico imaginando se também não saltam de paraquedas – provocou Jack. – E montam em touros mecânicos.

– Não ficaria nem um pouco surpresa – retrucou Melissa.

Naquele momento, Katie acordou, levantou-se para segurar a grade do chiqueirinho e soltou um grito.

– Troninho!

– É a sua vez – disse Ashley ao marido, servindo-se de um brownie, antes de levar o prato para a mesa e pousá-lo no centro.

Jack pegou a criança no colo e lhe beijou o rosto.

– Tarde demais – disse ele, dando algumas palmadas leves nos fundilhos da fralda da filha. Em seguida, desapareceu com Katie pela porta da sala de jantar, em direção ao andar de cima.

Era difícil de acreditar que Jack McKenzie, o exímio trocador de fraldas, recentemente dirigiu uma empresa de segurança de ponta, resgatando pessoalmente homens, mulheres e crianças das florestas da América do Sul e de outros ambientes politicamente voláteis. Embora ainda fosse dono da empresa e, de vez em quando, se encontrasse com clientes e funcionários de alto escalão, sempre o fazia longe da mulher e da filha. Jack parecia feliz em viver em Stone Creek. Dirigir o rancho, com Brad e Tanner, marido de Olivia, parecia ser a única aventura de que necessitava atualmente.

– Agora podemos conversar sobre o novo homem de sua vida – disse Ashley à irmã gêmea.

– Ele não é “o homem da minha vida” – retrucou Melissa. – Mal o conheço.

Ashley, sentada à mesa em frente à irmã, ergueu o olhar enquanto mordida um brownie.

– Conhece-o o suficiente para ter dormido com ele – afirmou.

– Fale baixo – sussurrou Melissa, quando a porta de tela se abriu e os hóspedes entraram na cozinha.

– Estou sentindo o aroma de brownies! – exclamou Herbert.

Os DOIS caminharam pela propriedade, verificaram a casa velha e desmantelada e as ruínas do celeiro, agora parcialmente removido pela equipe de trabalhadores que estivera ali mais cedo. Porém, Brody ainda não havia respondido a pergunta de Steven. Não revelara onde estivera desde que ele e Conner se envolveram em uma luta corporal em um

estacionamento em Lonesome Bend, certa noite, duas semanas depois de se graduarem na faculdade e seguirem caminhos distintos.

Brody sequer voltara em casa para emalar algum de seus pertences. O velho cachorro, que sempre o acompanhava, foi com ele. Os dois simplesmente desapareceram sem ao menos dizer “vão para o inferno” para o restante da família.

Agora, observando Matt e o cachorro brincarem à luz suave da tarde, Brody pendurou os polegares nos ilhós do cinto da calça jeans puída e sorriu para si mesmo.

– Vai me contar como acabou arranjando um filho, Boston? – perguntou. A voz baixa e áspera devido a algum sentimento íntimo.

Steven lhe contou sobre a morte de Zack e Jillie e como acabara adotando o menino quando ele ficou órfão.

– Isso é o que eu chamo de fazer as coisas da pior maneira – comentou Brody. Steven não saberia dizer se o primo estava se referindo a Zack e Jillie por terem morrido ou a ele por ter assumido a função de criar uma criança.

Mas havia compaixão nos olhos de Brody, enquanto observava Matt e o cachorro brincarem. O primo era um caubói durão, sem dúvida, mas no fundo de seu íntimo, era um apaixonado por crianças e animais. Sempre fora.

Brody voltou um olhar a Steven e lhe deu uma palmada forte nas costas.

– Achei que estivesse casado – disse ele.

Steven soltou uma risada.

– Por quê?

Brody gesticulou em direção a Matt.

– Porque é do tipo casadouro. Ao contrário de mim.

– Tipo casadouro? – repetiu Steven. – Não entendi.

– Admita – disse Brody com outro sorriso largo. – Nasceu para ser pai e marido.

– Ao contrário de você? – instigou Steven em tom leve.

– Ao contrário de mim – afirmou Brody. – Nenhuma mulher decente iria me aceitar, e, enquanto eu estiver dormindo com as indecentes, nunca colocarei um anel de casamento no dedo de nenhuma.

Steven não resistiu à curiosidade.

– Brody – começou em tom firme e olhar penetrante. – Por onde andou?

– É como aquela velha canção de Johnny Cash – disse o primo. – Estive em todos os lugares.

– Não é suficiente – desafiou Steven. – Tem ideia do quanto papai e Kim se preocupam com você?

Algo mudou no semblante de Brody. Parecia mais velho do que os 30 anos que tinha e mais triste do que um homem daquela idade deveria ser.

– Pensei em voltar para casa um milhão de vezes – confessou em tom áspero. – Mas meu orgulho sempre se interpunha no caminho e não conseguia transpô-lo.

Steven pensou em Zack e Jillie, enquanto observava o filho deles, e em como parecia inacreditável que haviam partido, até mesmo agora.

– Vai esperar até que alguém morra? Acredite-me, se isso acontecer, passará um bom tempo se consumindo em remorsos.

Quando Brody girou a cabeça para fitá-lo, parecia ansioso.

– Algum deles está doente? Quero dizer, Davis ou Kim?

Steven negou a cabeça. Estaria Brody insinuando, ao deliberadamente omitir o nome, que não se importaria se Conner estivesse doente?

– Não – respondeu. – Tampouco seu irmão. Mas deve saber tanto quanto eu como as coisas podem mudar rapidamente.

Antes que Brody pudesse responder, Matt correu em direção a eles, com a cabeça para trás e os braços abertos como asas de um avião, pronto para voar. Zeke correu, latindo, atrás dele.

– Estou faminto – gritou o menino.

Brody esticou a mão e embaralhou o cabelo do menino.

– Eu também – disse ele, voltando o olhar a Steven. – O que tem para o jantar, Boston?

– Sobras de bolo de carne e ravióli enlatado – informou Steven, liderando o caminho em direção ao ônibus.

– Por que chama meu pai de “Boston”? – perguntou Matt.

– Por que ele é de lá – explicou Brody. – Acho Steven um nome muito formal, e ele não atenderia se o chamasse de Stevie. Portanto, o chamo de

Boston.

Encontravam-se dentro do ônibus agora.

Matt pegou a vasilha vazia de Zeke, pronto para se dirigir ao pequeno cômodo no qual o aquecedor de água e a máquina de lavar e secar ficavam. Era lá que guardavam a ração. Até então, o menino mantivera a promessa de cuidar do cão.

– Sou de Denver – informou Matt a Brody. – É lá que nasci. Mas ninguém me chama assim.

Brody fingiu estudar o menino, deixando o olhar medi-lo de cima a baixo, da forma que talvez fizesse com uma mulher adulta.

Aquilo fez Matt atirar os ombros para trás e estufar o peito, cheio de orgulho.

– Acho que Denver não combina muito bem com você – afirmou Brody depois de algum tempo. – Não. Se lhe desse um apelido, seria Colorado Kid.

O rosto do menino se iluminou.

– Como Billy the Kid?

– Sim – respondeu Brody, sorrindo. Nunca conhecera nenhum homem, mulher ou criança que não conseguisse conquistar de imediato.

– Alimente o cachorro – disse Steven a Matt. O menino anuiu e seguiu pelo corredor, acompanhado do cachorro. – Faça-me um favor – pediu Steven a Brody, mantendo o tom de voz baixo.

O sorriso no rosto do primo feneceu.

– O quê?

– Não desaponte Matt, está bem?

Brody ficou ofendido, como de costume.

– Que diabos quer dizer com isso? – disparou, dirigindo um olhar furioso a Steven.

– Diga-me você. Está apenas de passagem. Portanto, não pegue pesado no carinho de tio, porque não quero que Matt se apegue demais a alguém que talvez nunca volte a ver.

Brody não teve oportunidade de responder, porque Matt e Zeke reapareceram. O menino pousou a vasilha no lugar de costume, e o cachorro começou a comer ruidosamente a refeição.

Steven, que também estava com fome, lavou as mãos e se dirigiu ao refrigerador grande, para pegar as sobras de bolo de carne. Havia uma grande quantidade porque Melissa não comera muito. Quanto a ele, estivera disposto a experimentar um prato totalmente diferente.

– É um belo ônibus de turnê – elogiou Brody, olhando ao redor.

– Pertence a Brad O’Ballivan – informou Matt. – E ele é famoso.

– Imaginei isso – retrucou Brody. – A julgar pelo rosto enorme pintado na lateral e o nome dele escrito em letras garrafais.

Steven colocou o bolo de carne no forno de micro-ondas e retirou uma lata tamanho família de ravióli do armário. Estava chateado e preocupado, mas não conseguiu conter o sorriso que lhe curvou um dos cantos dos lábios.

– É como uma casa – disse Matt, aumentando o tom de voz para ser ouvido acima dos ruídos que o cachorro fazia comendo. – Temos até mesmo uma máquina de lavar roupas e secadora. Tenho meu próprio quarto com um beliche.

Brody deixou escapar um assobio de admiração.

– Tem chuveiro? Porque estou na estrada há algum tempo e gostaria muito de me lavar e fazer a barba.

Steven abriu a lata de ravióli e despejou o conteúdo em uma panela com cabo.

– Sim – respondeu Matt. – Temos um chuveiro. Sabia que Brad O’Ballivan é famoso?

Brody sorriu.

– Sim – retrucou. – Gosto das músicas que ele canta. Parece que você e ele são grandes amigos.

– Ele é adulto – disse o menino, como se aquilo impossibilitasse a amizade. – Mas o filho dele, Mac, é meu amigo. Dormi na casa dele ontem. Montamos no pônei de Mac antes e depois do jantar.

Era a primeira vez que Steven ouvia falar sobre o passeio de pônei. Matt não o mencionara naquela manhã, durante o trajeto para a escola. Sorriu diante do pensamento.

– Entendo – disse Brody.



O alarme do forno de micro-ondas apitou. Steven deixou o bolo de carne de lado enquanto esquentava o ravióli. Em seguida, colocou três pratos e talheres sobre a mesa. Ao observá-la, lembrou-se de que se esquecera de comprar leite outra vez. Ainda bem que havia queijo cheddar derretido por cima do bolo de carne.

Brody saiu para se lavar antes do jantar. Steven ergueu Matt para que o menino pudesse lavar as mãos na pia da cozinha.

– Gosto de Brody – sussurrou Matt para Steven, como se fizesse uma confidência.

– Eu também – respondeu ele.

Brody voltou, e os três se sentaram para jantar. O primo contou histórias sobre a vida no circuito de rodeio, tanto nos Estados Unidos quanto na fronteira com o Canadá. Tudo destituído de qualquer informação pessoal. Ele podia ser um alienígena se disfarçando de Brody Creed, se dependesse da proximidade que Steven sentia. Um dia, os dois foram tão íntimos quanto irmãos.

Mesmo precisando se barbear, cortar o cabelo e vestir roupas decentes, Brody ainda era o sócio de Conner. Exceto por aquela aparência, o primo era praticamente um estranho para Steven. Tal pensamento era doloroso.

Brody. Um estranho.

Como poderia ser possível?

Após o jantar, Matt concordou, relutante, em tomar banho e vestir o pijama.

Brody retirou a mesa e, quando tudo estava na pia, estacou para observar o desenho que o menino fizera, retratando uma família, que se encontrava sobre a mesa, estudando-o com olhar sério.

– Todo mundo quer a mesma coisa – murmurou, segurando o pedaço de papel como se fosse sagrado. – Uma família.

Steven sentiu um nó na garganta.

– Sim – conseguiu dizer com algum esforço. Em seguida, foi verificar como Matt estava, porque sentia os olhos arderem. O menino podia não perceber, mas Brody lhe notaria a emoção.

Quando retornou, após secar Matt e lhe entregar o pijama que o menino se esquecera de levar para o toailete, a porta estava escancarada e Brody havia sumido.

Partira outra vez, tão cedo, e sem dizer adeus?

Considerando tal possibilidade, o coração de Steven pareceu perder uma batida, antes de o bom-senso o atingir. O cachorro estava do lado de fora, e o primo também. Aproximou-se da porta.

Brody estava arrastando uma mala pela alça da parte traseira do caminhão. Aquele tipo de bagagem parecia ter sido comprada em um brechó, espancada com correntes para pneus e arrastada por 8km de estrada de asfalto irregular, atrás de um trator.

Mas, enfim, Brody tinha a mesma aparência. Era óbvio que a vida havia sido dura com ele.

Talvez acabasse se dispondo a falar sobre aquele assunto ou talvez nunca dissesse uma palavra. Teimoso ao extremo como era, mas por outro lado, imprevisível, não podia descartar nenhuma das duas possibilidades.

Brody trouxe a mala para dentro, junto com alguns lençóis puídos, do tipo que se vendia barato nos mercados de Tijuana e Nogales. Em seguida, pousou tudo no chão e no sofá mais próximo.

Steven permaneceu em silêncio. Limitou-se a se dirigir à porta e assobiar para Zeke, que perseguia algum tipo de inseto voador no quintal. De alguma forma, aquela era uma visão confortadora. Um cachorro brincando no crepúsculo, com a casa antiga, vigilante, há uma curta distância.

– Terminei de tomar banho – anunciou Matt aparecendo no fim do corredor. – E escovei meus dentes também!

– Muito bem – disse Steven.

– Não precisa ler uma história para mim esta noite – acrescentou o menino, varonil. – Provavelmente quer conversar com Brody.

Steven sorriu.

– Sempre tenho tempo para lhe contar uma história – disse ele. Desde que Matt viera morar com ele, assustado, pequeno, confuso, agarrado ao próprio lençol e seu gambá de pelúcia, acostumara-se a ler uma história todas as noites para que o menino dormisse. Mesmo quando Steven não

estava em casa, certificava-se de que a jovem que tomava conta dele mantivesse o mesmo ritual.

– Quero apenas observar meu retrato por algum tempo – disse Matt. Parecia bastante filosófico para um menino daquela idade.

Meu retrato. A foto de Zack e Jillie, saltando de paraquedas na lua de mel, pensou Steven. Estava prestes a dizer que a foto se encontrava no criado mudo da cama de Matt, quando o menino cruzou a cozinha e pediu o desenho que fizera na escola.

*Este é você, esta é Melissa e este sou eu.*

Os olhos de Steven começaram a arder outra vez.

– Se mudar de ideia sobre a história... – disse ele com a voz rouca. – É só dizer.

Matt anuiu e, em seguida, exibiu um sorriso.

– Boa noite, papai. Boa noite, Brody.

– Boa noite, Colorado – disse Brody em tom sério.

O menino sorriu ao ouvir o nome e chamou o cachorro.

– Venha, Zeke – disse ele. – Está na hora de dormir.

Zeke, que estava farejando a vasilha de comida vazia, seguiu obediente atrás de Matt. Em segundos, os dois desapareceram pelo corredor, rumo ao quarto.

– Posso tomar um banho? – perguntou Brody, quando ficaram sozinhos.

– Claro – concordou Steven em um tom talvez mais bruto do que pretendia. – Precisa de alguma coisa?

Brody sorriu.

– Quer dizer, escova de dentes, Boston? Diabos, não desci tão baixo assim.

– Não vai me contar sobre o tempo em que esteve fora, certo? – perguntou Steven, sabendo a resposta.

– Ainda não – disse Brody com tristeza no olhar, enquanto pousava brevemente a mão sobre o ombro de Steven. – Pediu-me um favor há pouco. Agora, sou eu que o estou pedindo. Permita que eu fale do meu jeito e no meu tempo. Ainda estou tentando entender as coisas.

Steven anuiu, concordando.

Brody deixou a sala sem dizer mais nada. Segundos depois, Steven ouviu a água do chuveiro correndo.

NOS QUATRO dias que se seguiram, a vida de Melissa se tornou mais tranquila. Trabalhou. Ganhou meio quilo, jantando várias noites com Ashley, Jack e seu bando de lunáticos. Enquanto isso, os hóspedes continuavam a se comportar da melhor forma possível, provavelmente por dois motivos: primeiro, por haver uma criança na casa e, segundo, porque Jack deixava claro não suportar nenhum tipo de extravagância.

Depois do trabalho, se dedicava à tarefa agradável de retirar ervas daninhas de seu pequeno jardim. Mediou alguns desentendimentos, embora nada importante, entre os membros do Comitê do Desfile e topou com Steven com certa frequência. No posto dos correios, no supermercado, uma vez no Sunflower Café, quando parou para comprar uma garrafa de água durante a corrida. E ainda mais uma vez, na lavanderia ao lado do novo escritório que ele ocupava. Steven a apresentara ao primo, Brody, que o estava visitando.

Tais encontros, por mais casuais que tivessem sido, tanto a deixaram nervosa quanto a excitaram. Porém, Melissa dissera a si mesma que as coisas estavam indo muito rápido entre eles. Estava agradecida por ter algum tempo para respirar e, ao mesmo tempo, satisfeita por tê-lo encontrado quase todos os dias.

E, além disso tudo, o tempo estava perfeito. Ameno, mas não quente. Ensolarado, mas não escaldante.

Felizmente, não houve confronto com Velda e nenhum telefonema de Eustace Blake, alegando suas intermináveis queixas sobre visitantes alienígenas.

Ao que parecia, Nathan Carter deixara a cidade outra vez, porque não o vira em nenhum lugar. Aquilo era um peso a menos na mente do policial Ferguson. E na dela também.

Os cortes e hematomas sararam, e o dolorido residual desaparecera, embora ainda sentisse fragmentos do êxtase do prazer físico, quando se permitia recordar como fora fazer amor com Steven Creed.

Certa noite, fazendo uma busca no armário de Ashley, encontrou um vestido estonteante para vestir no baile de sábado. Um modelo de verão, água-marinha com listras ultrafinas prateadas cortando o tecido de seda.

Levando tudo em consideração, a vida estava idílica. Motivo pelo qual deveria ter se preparado para uma tempestade, pensara mais tarde.

No sábado de manhã, reuniu-se com os membros do Comitê do Desfile, como combinado, para uma espécie de ensaio, porém sem as fantasias e os carros alegóricos do desfile.

Bea Brady e Adelaide Hillingsley ainda estavam estremecidas devido à questão do papel higiênico, mas o gelo foi quebrado quando Tessa Quinn e alguns assistentes apareceram no local da reunião, no parque, com café e um grande saco de rosquinhas frescas, a contribuição que dava pelo esforço da comunidade.

Melissa, confortavelmente vestida com jeans, tênis e camiseta, o cabelo preso em um rabo de cavalo e o rosto isento de maquiagem, pastoreou todos para fazerem uma fila. Tom havia fechado a Main Street por algum tempo, colocando um cavalete em cada extremidade. Tomou cuidado para deixar as lacunas apropriadas, nas quais ficariam a banda da escola de ensino fundamental, o pelotão de frente, o destacamento do xerife e a contribuição anual de Indian Rock.

Stone Creek e Indian Rock costumavam ser um tanto competitivas, no que concernia a seus carros alegóricos, mas aquilo só servia para reforçar a qualidade do evento.

Oscar Vernon, que possuía uma revendedora de carros usados e um depósito de carros velhos nos limites da cidade, sempre colocava o carro alegórico de Stone Creek na estrada e fazia segredo sobre as cores e temas que seriam usados. Matinha a boca fechada este ano também. Não dava sequer uma dica do que planejava. Porém, como ele fazia com que a cidade se orgulhasse todo os anos desde 1978, ninguém o pressionava para obter respostas.

Todos estavam posicionados para começar, quando Steven e Matt atravessaram correndo a extensão de grama do parque para se juntar ao grupo.

O coração de Melissa fez algo que o avô, Big John, provavelmente teria chamado de pirueta alucinante, o que quer que aquilo significasse. No mesmo instante, ela desejou ter se dado ao trabalho de aplicar um brilho labial, rímel e talvez até um pouco de perfume.

– Estamos aqui para ajudar – disse Matt a todos em um tom agudo. – O que os voluntários têm de fazer?

Steven soltou uma risada baixa e embaralhou o cabelo do menino, mas tinha o olhar fixado em Melissa desde que estacara e não o desviou.

– Bem... – Melissa se atrapalhou, lembrou a si mesma que Steven apenas se oferecera gentilmente para ajudar no Comitê do Desfile e conseguiu desviar o olhar para Matt. – Poderiam caminhar onde ficará o destacamento do xerife no grande dia. Isso nos dará uma melhor noção de espaço. Quero dizer, entre os carros alegóricos.

Steven sorriu, obviamente satisfeito com o fato de que ela estava desconcertada. Alguém indicou o lugar onde o destacamento ficaria, e Matt correu para se posicionar, ansioso e excitado.

Antes de se juntar ao menino, Steven se aproximou de Melissa e, com muita discrição, a devorou com o olhar.

Melissa sentiu os mamilos pressionarem com força o tecido do sutiã e um calor abrasador se espalhar dentro dela.

No mesmo instante, sentiu o rosto enrubescer.

Steven baixou o olhar para fitá-la, sorrindo.

– Não se esqueceu do nosso encontro, certo? – perguntou.

Melissa mordeu o lábio inferior e conseguiu exibir um sorriso, mais para os curiosos que pudessem os estar observando, e tinha certeza de que eram muitos, do que para Steven.

– Não esqueci – respondeu. Em seguida, olhou além do ombro largo, fingindo procurar por alguém. – Onde está aquele seu primo estonteante? – perguntou, apenas para diminuir um pouco da presunção daquele sorriso.

Não funcionou. Steven Creed parecia tão arrogante quanto antes. Até um pouco mais.

– Brody partiu ontem – disse ele. – Tinha de estar em Oregon para um torneio esta noite.

– Ah! – exclamou Melissa.

Steven girou, porque Matt o chamava para fazer sua parte na lacuna do destacamento do xerife, mas olhou para trás por sobre o ombro. O sorriso que lhe dirigiu era tão íntimo que a fez se sentir nua como os infames componentes da equipe de croquet na pousada de Ashley.

## Capítulo Catorze

---

— O RA, NÃO vai vestir um conjunto de três peças no seu encontro sensual, Boston – preveniu Brody, pelo telefone celular, aproximadamente às 16h de sábado. Ligara, como fora solicitado quando partiu, para que Steven se certificasse de que ele chegara bem. – Vai a um baile com uma bela mulher e não defender um caso diante do Supremo Tribunal.

Steven soltou uma risada, no quarto que ocupava no ônibus de turnê de Brad O’Ballivan, enquanto analisava o limitado guarda-roupa que trouxera de Denver com expressão desanimada. A maioria de seus trajes, assim como a mobília e quase todos os objetos pessoais dele e de Matt, estava estocada até que a casa da fazenda estivesse pronta.

– Concordo – disse ele. – O que um homem deve usar hoje em dia em um baile country?

– Bem, essa é a pergunta mais idiota que já fez, dentre outras, claro – respondeu Brody em seu tom jocoso. Da forma que falava, ninguém iria dizer que ele virara as costas à família há quase dez anos e cortara todos os canais de comunicação, exceto por uma cartão de Natal anual. – Use jeans. Novo em folha, se tiver um, além de uma camisa estilo *Western* decente e botas lustrosas de tão polidas. Pode dispensar o chapéu. Fica parecendo um almofadinha quando está com um. Ah, e passe a camisa e a calça a ferro também.



Steven fingiu estar ofendido. Ele e Matt sentiam falta de Brody desde que ele partira.

– Terminou?

Brody soltou uma risada abafada.

– Está bem – concedeu. – Ficava muito bem de chapéu no passado, quando participava de um rodeio ou estava tangendo gado, mas não tente nada muito extravagante, porque não vai ficar bem.

– Entendi – retrucou Steven. Em seguida, perguntou se o primo tinha se inscrito para as provas e quando achava que estaria de volta a Stone Creek.

Durante a visita de Brody, não haviam discutido o passado a fundo. Trocaram apenas algumas palavras sobre Davis e Kim e não tocaram no nome de Conner. Steven sentiu uma pontada de culpa, imaginando se não deveria dizer a Brody que o irmão estava planejando vir para o rodeio de Stone Creek e dar a mesma informação a Conner. Mas como sabia que nenhum dos dois iria aparecer se suspeitasse de que o outro estaria lá, guardou a informação para si mesmo.

Era como se fosse a única pessoa no mundo que tinha conhecimento de que, em determinada hora e dia, um colossal meteoro atingira o planeta.

Considerara prevenir o pai e Kim, caso decidissem mudar os planos de viagem e aparecer em seu veículo recreacional para aquela visita que Kim mencionara. Estavam mais que dispostos a passar um pouco de tempo com Matt, de quem sentiam muita saudade e deviam estar curiosos sobre o novo rancho. Ainda não se decidira sobre aquela questão por saber que Kim, a eterna otimista, não seria capaz de resistir e avisaria Conner. Naturalmente, pensava que a tão adiada reconciliação dos gêmeos era algo certo.

Porém, Steven sabia que era tudo menos isso. Na verdade, talvez fosse a repetição daquela longínqua noite de verão, quando Conner e Brody partiram para o embate com os punhos em riste e sangue no olhar. Valia a pena correr alguns riscos. Sempre haveria a chance de Kim estar certa.

– Diga ao Colorado Kid que em breve o verei – concluiu Brody. O primo já havia formado laços com Matt, mas iria manter a palavra empenhada?

Não havia como saber.

Steven engoliu em seco.

– Farei isso – disse ele, desligando.

Matt iria passar a noite na casa de Brad e Meg outra vez, em companhia de Mac, por causa do baile, e levará Zeke. Deixara Steven sentindo-se muito mais sozinho do que desejava. Colocou o telefone celular no bolso da camisa, passou a mão pelo cabelo e suspirou. Não era de surpreender que Melissa tomasse conta de seus pensamentos. Imaginou se deveria pressionar por mais sexo ou dar o espaço que achava ser necessário a Melissa. Por fim, decidiu que iria dançar conforme a música.

Pegou seu melhor jeans, o único que ainda estava limpo, e escolheu uma camisa com colchetes de pressão em vez de botões, com detalhes estilo *Western* na pala. Vasculhou o ônibus até encontrar um ferro e uma tábua de passar roupa. Conseguiu não queimar as peças enquanto fazia desaparecer o amarrotado e marcava os vincos. Em seguida, tomou um banho, vestiu-se, poliu as botas com saliva e um maço de papel-toalha, porque não trouxera a lata de graxa que normalmente usava para lustrar os calçados.

Mesmo depois de fazer tudo aquilo, eram apenas 17h30. Combinara buscar Melissa em casa às 19h15. Muito agitado para ficar em casa, sem nem mesmo um cachorro como companhia, pegou as chaves, ligou o motor do caminhão e se dirigiu à cidade. Quando chegasse lá, encontraria uma forma de passar o tempo. Também queria procurar um belo buquê de flores para Melissa.

Sacudiu a cabeça e soltou uma risada baixa, quando manobrava pelo pequeno caminho até a estrada. Quando fora a última vez em que estivera tão excitado por uma noite com uma mulher? Diabos, não desde os tempos de colégio.

E já que não era fã de dançar, havia sérias implicações sobre aquela animação.

Melissa era uma promotora, lembrou a si mesmo. Assim como Cindy. E também trabalhava duro para construir uma carreira sólida. Ela amara Dan Guthrie e amara as crianças também, mas não se mostrara disposta a ceder nada para salvar aquele relacionamento.

Experimentando um breve desânimo, Steven afastou tais pensamentos e se concentrou em outros. Os trabalhos na casa e no celeiro teriam início na

segunda-feira. Assim o construtor lhe garantira, e o homem tinha excelente reputação de honesto e trabalhador. Matt estava se adaptando bem à escola, e Stone Creek se provara um bom lugar para ele se estabelecer.

Em um mundo imprevisível como aquele, isso era suficiente.

Ao se aproximar da cidade, Steven baixou o olhar ao medidor de gasolina e resolveu abastecer. Isso levaria quase quinze minutos, calculou.

Entrou na combinação de loja de conveniência e posto de gasolina, onde havia exatamente duas bombas, sendo que uma delas era de diesel. Steven desligou o motor, saiu do veículo e leu o aviso escrito à mão no dispensador de papel-toalha.

“Máquina quebrada. Pague no interior da loja.”

Steven se encaminhou à porta, passando por um Bonneville enferrujado com um papelão pregado no lugar do vidro que deveria cobrir a janela traseira. Além do dele, aquele era o único caminhão por perto.

O movimento devia ser fraco àquela hora do dia, decidiu.

A funcionária do posto de gasolina se encontrava atrás do balcão, na frente da máquina registradora. O crachá mostrava o nome “Martine”.

Steven olhou para um dos lados, avistou o provável proprietário do Bonneville próximo à geladeira de bebidas, evidentemente comprando uma cerveja. O homem era muito jovem, talvez abaixo da faixa etária permitida para comprar bebida alcoólica. Não reconheceu ninguém, mas aquilo não era de se admirar. Afinal, estava há pouco tempo em Stone Creek. Havia muitas pessoas a quem ainda não conhecia, por menor que fosse a cidade.

Cumprimentou Martine, que lhe sorriu e retribuiu a saudação. Em seguida, a mulher passou o cartão de crédito na máquina para o pagamento adiantado do que seria um tanque cheio de gasolina.

– Bem – disse Martine. – Seja bem-vindo a Stone Creek. É bom ver alguém se mudando para a cidade, em vez deixá-la. Parece haver um êxodo em massa depois que o moinho fechou.

– Obrigado pelas boas-vindas – disse ele. Steven sabia que a mulher lera seu nome no cartão de crédito, mas se apresentou mesmo assim, por ser a coisa mais educada a fazer.

– É casado, sr. Creed? – perguntou ela.

Steven não estava exatamente em cima da hora, portanto permaneceu por mais tempo do que ficaria em outra situação.

– Não, senhora – respondeu. – Somos apenas eu e meu filho, Matt.

Martine inclinou a cabeça para o lado e o estudou, com um brilho malicioso bailando nos olhos tão claros quanto a água dos córregos. Passou pela mente de Steven que talvez ela soubesse tudo sobre seu caso com Melissa, o que seria típico de uma cidade pequena como Stone Creek.

– Um solteiro bem apessoado é sempre bem-vindo à cidade – disse ela por fim. – Não que um caubói tão belo ficará nessa condição por muito tempo.

O comentário o fez experimentar uma timidez incomum.

– Obrigado – agradeceu ele, pela segunda vez, sentindo os lóbulos das orelhas queimarem. E desta vez, saiu apressado.

– Tenho uma filha! – gritou Martine atrás dele. – O nome dela é Jessica Lynn e se formará em assistente de dentista dentro de seis semanas!

Steven fingiu não ouvir, mas não pôde conter uma risada entredentes, enquanto retirava a mangueira da bomba de combustível e a colocava na abertura do tanque do caminhão.

Estivera tão ocupado tentando decifrar Melissa O’Ballivan que não lhe ocorreu que talvez acabasse se tornando o alvo de algumas casamenteiras. Quantas outras mães, além de Martine, o viam com as cores do matrimônio, naquele exato momento?

Como o tanque do caminhão estava quase vazio, levou algum tempo para enchê-lo. Steven lavou o para-brisa, verificou a calibragem dos pneus e retirou alguns insetos do gradeado do para-choque.

Quando o tanque encheu, voltou para a loja de conveniência para pegar o cartão de crédito e o recibo.

Martine havia recebido mais fregueses e se encontrava à máquina registradora, bastante ocupada com embalagens de leite, cartões de loteria e cigarros para tentar lhe vender Jessica Lynn mais uma vez.

Pensando no baile daquela noite em Grange Hall, que provavelmente seria frequentado por quase toda Stone Creek e talvez Indian Rock também, não pôde deixar de imaginar no que estava se deixando envolver.

Riu em seu íntimo enquanto se afastava no caminhão. Talvez atraísse bastante atenção para fazer Melissa sentir ciúmes.

Aquilo não seria interessante?

MELISSA ESTAVA em frente ao espelho da porta do armário, franzindo o cenho diante da imagem. Agora que estava em cima da hora, o vestido água-marinha não lhe agradava como antes.

Encolheu a barriga.

– Aí estão eles – disse, apontando para o reflexo. – Os 800g que ganhei comendo.

Ashley, sentada na cama, segurando Katie no colo, sorriu e fez um gesto negativo com a cabeça.

– Por favor! Podia ganhar mais 4,5kg e, ainda assim, entrar em todas as calças jeans que possui.

– Como se eu fosse permitir que isso acontecesse – retrucou Melissa, com um leve fungar.

Ashley soltou uma risada suave. Os olhos brilhavam de contentamento e bom humor. Um dia, também fora exigente consigo mesma, mas desde que Jack surgira em sua vida, e depois Katie suavizara consideravelmente.

O que, às vezes, era irritante.

– Está pretendendo passar a noite com ele? – perguntou a irmã.

Melissa girou e, em um gesto teatral, colocou as mãos em concha sobre as orelhas de Katie.

– Que coisa para se dizer diante de uma criança – repreendeu ela.

Ashley revirou os olhos azuis faiscantes.

– Katie tem apenas 2 anos – lembrou à irmã. – E, de qualquer forma, está apenas tentando escapar da pergunta.

Melissa retirou as mãos das orelhas da sobrinha e suspirou.

– Não sei – confessou por fim.

Os olhos da irmã faiscaram ainda mais. A felicidade caía muito bem em Ashley, assim como em Olivia e Meg.

– Não sabe se está querendo escapar da pergunta? – provocou a irmã.

– Não sei se vou passar a noite... – Melissa baixou o olhar a Katie, que segurava a trança longa e loira da mãe com as duas mãos, observando-a, admirada. – Com ele – concluiu em tom de voz baixo.

– E o que a está impedindo? – perguntou Ashley.

Melissa levou as mãos aos quadris, repetindo as palavras da irmã.

– O que a está impedindo? É fácil para você perguntar, Ashley O’Ballivan McKenzie, quando a vida à sua frente se estende sobre um caminho ladeado de rosas!

– Está fugindo da pergunta – repetiu Ashley, cantarolando.

Katie soltou uma risadinha e cantou sua própria versão da frase da mãe.

Melissa gaguejou a resposta.

– É que... bem... não nos conhecíamos há muito tempo quando...

– Talvez... – racionalizou Ashley. – Seja uma questão de se conhecerem bem, em vez de por quanto tempo.

Melissa arqueou uma sobrancelha, ainda com as mãos nos quadris, que lhe pareciam levemente mais largos sob as juntas dos dedos. Talvez fosse apenas uma ilusão causada pela preocupação por ter abusado no consumo da incomparável lasanha da irmã.

– De que lado está afinal? – perguntou.

– Há lados? – contrapôs Ashley, erguendo uma das sobrancelhas. – Quem é o inimigo?

Melissa deixou escapar um profundo suspiro e se sentou ao lado da irmã na cama.

– Estou tentando ser sensata – disse ela.

– O amor não é sensato – retrucou Ashley.

– Quem mencionou o amor? – perguntou Melissa. – É apenas uma questão de atração física. Se estivesse apaixonada por Steven Creed, não acha que eu teria notado?

– Não necessariamente – respondeu Ashley. – Para uma mulher tão inteligente, consegue ser bastante obtusa no que se refere a homens.

– Obtusa? – Melissa inspirou fundo, procurando não perder a paciência. – Só porque agora está casada, de repente se transformou em uma perita em homens?

– Sou perita em um homem em particular – respondeu a irmã, um tanto presunçosa. – É tudo de que necessito.

Melissa a estudou por um longo instante. Em seguida, curvou os ombros.

– Nunca sente medo? – perguntou em um tom muito suave.

Ashley lhe segurou a mão, apertou-a de leve. Uma linha tênue lhe vincando a testa.

– Medo?

– De gostar tanto – murmurou Melissa. – Bem, isso é perigoso.

O semblante de Ashley se suavizou de imediato.

– Ah, querida – disse ela. – Isso tem a ver com o término de sua relação com Dan? É por isso que acha tão perigoso gostar tanto? Sei que ficou ferida, mas, sinceramente, quais são as chances de algo assim se repetir na vida de uma pessoa?

Melissa soltou outro suspiro.

– Tem se inteirado das estatísticas de divórcio ultimamente? – A tentativa de humor não surtiu efeito.

– Estatísticas são estatísticas – respondeu Ashley. – E cada pessoa é uma pessoa. Todos os casais são diferentes. É tudo uma questão de encontrar alguém que queira as mesmas coisas da vida e que tenha valores semelhantes. Os dois parceiros têm de dar o melhor de si para que a relação dê certo. Não há garantias, claro, para ninguém.

– Então, nunca teme. Nunca se preocupa, pensando que algo possa acontecer com Jack, e Deus nos livre, com Katie ou o bebê?

– Claro que às vezes me preocupo – retrucou Ashley. – Sou humana e tenho os mesmos problemas resultantes do abandono que você, devido à partida da mamãe e à morte tão precoce do papai. Porém, tento nunca me deixar consumir com o que possa dar errado. Melissa, muitas coisas dão certo todos os dias, para todos nós, mas ninguém percebe.

Melissa se inclinou e deixou a lateral da cabeça encostar à da irmã.

– Você é incrível – disse ela.

– Sim – concordou Ashley com uma arrogância cômica. – Sou mesmo, não acha?

Ficaram em silêncio por algum tempo, felizes apenas de estar ao lado uma da outra.

Em seguida, talvez por ter sentido muito a falta de Ashley durante a visita que a irmã fizera à família do marido, Melissa fez uma pergunta que talvez estivesse guardando para outra ocasião.

– Alguma vez teve a impressão de que sua vida não combinava mais com você?

Ashley apertou os ombros da irmã gêmea.

– Antes de Jack, sim – retrucou com voz calma. – Tinha tudo que pensava desejar. Você, Olivia, Brad, esta casa, meu próprio negócio, tudo isso. Mas, por fim, tive de encarar os fatos depois que Jack apareceu outra vez. Algo estava faltando, e era um homem para amar e ser amada. – Fez uma pausa, deixou escapar um suspiro de contentamento e beijou o topo da cabeça da irmã. – Um homem com quem pudesse gerar filhos, dividir meus sonhos e, até mesmo, discutir.

Melissa também suspirou, mas não de contentamento. Sentia-se confusa, como se tivesse chegado a uma espécie de encruzilhada e não soubesse que caminho tomar.

– Somos tão diferentes – refletiu. – Apesar de gêmeas. Você sempre foi antiquada, fazendo tortas e usando aventais de babados. Parecia feliz em ficar aqui em Stone Creek até o fim de seus dias, enquanto eu sempre desejei ganhar o mundo, provar que podia competir com os melhores.

Ashley sorriu, mas o olhar permaneceu sério e cheio de terna preocupação.

– Talvez não sejamos tão diferentes como gosta de acreditar – disse por fim. Um dos cantos dos lábios da irmã se curvou em um sorriso malicioso, o que significava que um comentário mordaz estava a caminho. – Talvez nunca consiga cozinhar de maneira decente – prosseguiu. – Mas acho que iria gostar de ter um lar, um marido e filhos.

– Tenho um lar – disse Melissa, pensando em seu organizado chalé, livre da hipoteca.

– Tem uma casa – corrigiu Ashley em tom gentil. – Não é a mesma coisa.



– Ashley O’Ballivan Mckenzie – desafiou Melissa com bom humor. – Está dizendo que uma mulher não pode ser feliz se não tiver um homem em sua cama e uma aliança de ouro no dedo?

– Claro que não. Muitas mulheres adoram ser solteiras. Homens também. Mas não você, Mel. Olivia, Meg e eu há muito nos preocupamos com você. Principalmente, depois que seu relacionamento com Dan terminou. Representa muito bem, minha irmã, mas nós, que a amamos, não somos tão facilmente enganadas.

– Está bem. De vez em quando, sinto-me solitária – concedeu Melissa. – Quem não se sente?

– Eu não me sinto – respondeu Ashley. – Acho que Olivia e Meg também não. – Fez outra pausa, parecendo pensativa. – Na minha opinião, você se acostumou tanto a ser sozinha que acha normal se sentir assim.

Melissa deixou escapar um suspiro, pronta para pôr um fim àquela conversa. Os comentários de Ashley lhe tocaram fundo.

– O que sugere que eu faça? – perguntou, indo contra a própria decisão de pôr um fim àquele assunto. – Acha que devo enlaçar algum homem desavisado, arrancá-lo da manada, tombá-lo ao chão e lhe amarrar os pés e as mãos? – Fingiu ponderar o plano. – Teria de ser alguém bem lento, claro.

Ashley soltou uma sonora risada diante do comentário. A irmã parecia brilhar, como uma árvore enfeitada com luzes. Seria permitido por lei ser tão feliz assim?

– Sabe qual é seu problema? – questionou Ashley com um tom presunçoso na voz.

– Uma irmã gêmea com a tendência a se preocupar com meus problemas em vez de cuidar dos dela? – brincou Melissa.

O riso de Ashley secou, e as luzes atenuaram.

– Toda sua vida gira em torno de perdas e ganhos. Não há meio termo para você. E não gosta nem um pouco de perder. Quando seu relacionamento com Dan acabou, encarou o fato como uma derrota pessoal. Depois disso, tem medo de tentar outra vez.

– Bobagem – retrucou Melissa, embora o tom de voz soasse sensivelmente hesitante.

– Sempre fui o tipo antiquada – afirmou Ashley em tom gentil. – E você, competitiva. O fato de não ter sido você a colocar um ponto-final em tudo, e sim Dan, a fez encarar isso como uma rejeição.

Melissa sentiu um nó na garganta e o engoliu em seco, o que de nada adiantou. Não tinha palavras para contradizer Ashley.

De alguma forma, o término do relacionamento com Dan a deixara com o pensamento de que o amor era para as outras pessoas, não para ela.

Ainda com Katie no colo, Ashley se ergueu e se inclinou para lhe beijar o topo da cabeça.

– Apenas se divirta esta noite – aconselhou, antes de deixar o quarto com a filha.

QUANDO CONCLUIU o que tinha a fazer na loja de conveniência e posto de gasolina, Steven dirigiu pela cidade, admirado com a prazerosa ociosidade. De repente, descobriu que estava faminto. Dirigiu-se à única lanchonete *drive-through* da cidade, pediu um hambúrguer e um refrigerante e comeu no banco do carro, tomando cuidado para não derramar nada na camisa limpa ou na melhor calça jeans que possuía. Passara as duas peças de roupa e queria se manter impecável por mais tempo possível.

Após comer o hambúrguer, ainda faltava muito tempo até que pudesse bater à porta da frente de Melissa.

Conseguiu encontrar uma floricultura, após algum tempo de procura, mas estava fechada. De lá, encaminhou-se ao supermercado. Por várias vezes, vira rosas e uma grande variedade de plantas domésticas sendo vendidas naquele tipo de estabelecimento.

Preferia algo mais extravagante. Um grande buquê de flores exóticas com fitas ornando a embalagem, mas, naquela noite, teria de se contentar com o que tivesse.

Dentro da loja, Steven escolheu entre margaridas, botões de rosa que estavam começando a abrir e o que parecia ser algum tipo de lírio. Considerou comprar várias de cada e juntá-las em um só buquê, mas não sabia como combinar as cores. Portanto, decidiu-se por uma dúzia de rosas

amarelas. Juntou-as com os talos pingando água, colocou-as dentro da embalagem plástica em forma de vaso e se dirigiu ao caixa.

Todas as filas eram longas. Pessoas com carrinhos de compra abarrotados, crianças chorando de tédio, cansaço ou uma combinação dos dois e compradores de última hora, como ele, que pararam para comprar flores.

Steven esperou pacientemente. Afinal, fila era fila e dispunha de muito tempo ainda. Foi pego de surpresa quando outro carro bateu no dele de lado. A colisão foi leve mas, ainda assim, produziu um ruído alto de metal.

Tessa Quinn, do Sunflower Café, estava parada lá, sorrindo para ele.

– Oh! – exclamou ela. – Desculpe. Não estava prestando atenção para onde estava indo.

– Olá – cumprimentou Steven, com um sorriso genuíno.

A mulher dirigiu o olhar às rosas amarelas.

– Belas flores.

Steven suspirou.

– Sim – concordou.

Tessa deixou escapar um suspiro divertido.

– Não precisamos de outro homem de poucas palavras – lamentou ela, em tom jovial. – Temos uma horda deles nesta cidade.

Steven soltou uma risada abafada.

– Animada para o baile de hoje à noite? – perguntou, decidindo se esforçar para ser mais sociável. No rancho, em Lonesome Bend, Kim sempre repetia que trocava todo o bando de calados homens Creed por alguém que conseguisse completar uma frase.

Tessa exibiu um sorriso deslumbrado.

– Oh, sim – respondeu. – Pensei que Tom Parker nunca fosse me convidar para sair.

A fila andou e Steven se afastou para trás, permitindo que Tessa seguisse à frente.

– E eu pensei que Melissa nunca fosse me convidar – brincou ele. Não importava o que acontecesse entre eles, nunca se esqueceria daquela mulher

formidável, engolindo o próprio orgulho no meio do Sunflower Café, na frente de metade da cidade, convidando-o para o baile.

Tessa soltou uma risada.

– Aquilo foi surpreendente – disse ela. – Tom deve tê-la enredado naquilo. – A expressão naquele rosto conhecido era impagável quando Tessa percebeu como o comentário devia ter soado aos ouvidos de Steven. Até mesmo corou. – É que... bem... os dois são amigos desde crianças. Depois que Dan Guthrie partiu o coração de Melissa em milhões de pedaços, todos pensaram que ela e Tom finalmente iriam ficar juntos... – Calou-se mais uma vez, parecendo arrasada.

– Mas não ficaram – retrucou Steven, tentando ajudar a pobre mulher.

Tessa fez que não com a cabeça.

– Não – confirmou. – Não ficaram.

Steven pensou em pedir que Tessa lhe contasse um pouco mais sobre o coração partido de Melissa, se a hora, o local e as circunstâncias fossem adequadas. Porém, a atendente esperava não muito paciente para registrar as compras de Tessa, e a fila atrás deles se estendia até a ilha dos congelados.

Quando Tessa concluiu a compra, pegou as sacolas do supermercado e quase saiu correndo da loja.

Pensativo, Steven pagou as flores e se dirigiu à caminhonete.

Entrou, ajustou o cinto de segurança e, em seguida, ficou parado por algum tempo com o olhar fixo no para-brisa.

Então Melissa possuía uma bagagem emocional, pensou. Mas não era assim com todos, inclusive com ele?

Cindy o ferira no passado. Assim como outras mulheres, embora em um grau menor. Por mais que amasse Kim, passara muito tempo desejando, quando criança, que a madrasta nunca tivesse entrado em suas vidas. Imaginava, em seu íntimo, por que a mãe e o pai não continuaram casados. Por que motivo não o criaram, juntos, como pessoas normais, em vez de jogá-lo de um lado para o outro, entre dois mundos diferentes até que tivesse idade suficiente para tomar suas próprias decisões?

Por fim, Steven fora forçado a aceitar os fatos. A vida era uma confusão. Imprevisível. E, em 99,9 por cento do tempo, não fazia sentido algum.

Ainda assim, era boa.

Uma dádiva.

Os problemas surgiram, racionalizou ele, quando tentou nadar contra a correnteza.

Deixou escapar um suspiro.

Aquela era uma noite quente de verão. Iria a um baile de música country com uma bela mulher.

Decidiu considerar aquilo suficiente, por ora.

O EXCITAMENTO fez Melissa sentir um discreto frio na barriga, quando abriu a porta da frente para encontrar Steven Creed parado na varanda com um buquê de rosas amarelas em uma das mãos.

Por um instante, voltou a ser adolescente.

Desejando que Ashley tivesse ficado para conhecer Steven, em vez de ter levado a filha para casa, deu um passo atrás para permitir que ele entrasse.

Os olhos azuis rumaram pelo corpo de Melissa, de uma maneira apreciativa que não a irritou como aconteceria com outros homens.

– Está deslumbrante – elogiou Steven.

*Você também não está nada mal, caubói,* pensou ela, sorrindo e deixando que o olhar falasse por si.

Steven se remexeu, parecendo um pouco desconfortável.

– Provavelmente estou um pouco adiantado – disse ele.

Ainda sorrindo, Melissa pegou as flores.

– Vou colocá-las em um vaso, e logo sairemos – retrucou, liderando o caminho em direção à cozinha.

Lá, encheu um vaso com água e cortou mais ou menos dois centímetros de cada haste das rosas para que durassem mais.

– São do supermercado – informou Steven, de algum ponto atrás dela. Não a estava tocando, mas se encontrava próximo o suficiente para que ela sentisse a força e o calor que dele emanava. Ou seria sua imaginação? – A floricultura estava fechada – acrescentou.

Melissa girou, segurando o vaso cheio de rosas amarelas.

– Todas as rosas são lindas – disse com sinceridade. – Obrigada.

Um lampejo de algo, talvez alívio, iluminou nos olhos azuis.

– Não há de quê – retrucou Steven com a voz soando rouca. Em seguida, lhe deu o braço.

– Podemos?

Melissa soltou uma risada.

– Vamos.

Do lado de fora, ele a ajudou a subir no banco do passageiro da picape, com as mãos firmemente plantadas na cintura fina, que lhe suscitava todos os tipos de recordações deliciosas.

Mantiveram a conversação leve durante o percurso. Steven comentou que o celeiro em seu racho seria erguido em pouco tempo, porque o construtor o havia convencido a optar por material pré-fabricado, e a fundação de concreto estava marcada para segunda-feira. A casa demoraria um pouco mais, mas estaria em condições de ser habitada dentro de algumas semanas.

– Acho que aquele ônibus de turnê está começando a ficar um pouco apertado – disse Melissa, arrependendo-se de imediato.

Por falar em recordações deliciosas...

Do canto do olho, ela percebeu o lampejo de um sorriso bailar nos lábios de Steven.

– Na verdade – respondeu ele. – É bastante confortável.

Melissa ficou aliviada por avistar o Grange Hall adiante. O prédio era histórico, datando da época de Sam O’Ballivan. As paredes que nunca haviam sido pintadas, estavam descoradas por um século de chuvas fortes, nevascas e períodos prolongados de seca. Graças à generosidade de Brad, o lugar estava muito mais cuidado do que parecia. O teto era sólido, a pista de dança lisa, o pequeno palco equipado para shows de música ao vivo e apresentações do grupo local de teatro amador.

Naquela noite, carros e picapes lotavam o estacionamento de chão de cascalho, e havia um zunido de expectativa no ar. O som agudo das guitarras ecoava na noite abafada. O cenário fazia Melissa recordar, com alguma amargura, de um tempo no passado, quando ela, Ashley, Brad e Olivia eram crianças. A mãe ainda não havia partido, e o pai era jovem e saudável.

Como Delia amava os bailes locais! Começava a ansiar por eles uma semana antes. Lavava o cabelo e o enrolava em bobs durante todo o sábado. Sempre conseguia desviar do orçamento do supermercado o dinheiro para comprar um batom de marca barata. Como costumava dizer, uma nova tonalidade sempre a fazia se sentir mais bonita. A mãe preferia vestidos com saias rodadas, melhores para rodopiar. Enfeitava-se em frente ao espelho sobre o toucador, como se estivesse praticando o sorriso para a ocasião que se aproximava.

Ou talvez não estivesse praticando para o baile, e sim para o homem que conheceu após subir em um ônibus, certo dia, e partir de Stone Creek, deixando a família para sempre.

Melissa suspirou. Delia se fora. Morrera dos efeitos da vida dura que levava e de alguns anos de alcoolismo. Na ocasião, estivera afastada por tanto tempo que a perda se tornou impessoal. Melissa amargara sua cota de tristeza pela mãe quando era uma criança pequena.

Naquela época, o pai, um homem calmo, atencioso e talvez um pouco tímido, observava as travessuras de Delia com os olhos faiscando de admiração. Parecia nunca ter apreciado visão tão bela quanto a da esposa rodopiando e fazendo com que a bainha do vestido esvoaçasse em torno das pernas bem torneadas.

Famílias inteiras compareciam aos bailes naquelas ocasiões. Não apenas os pais, mas os bebês, crianças de todas as faixas etárias e idosos também. Melissa se recordava correr, agitada, em volta do Grange Hall, entrando e saindo com o irmão e as irmãs. Junto com as demais crianças, brincavam até se exaurirem.

Ao longo da noite, as crianças mais novas colapsavam, esgotadas, em camas improvisadas, que geralmente consistiam de cobertores de cavalos e ternos. Por volta de meia-noite, eram carregadas pelos pais para as caminhonetes, quando as festividades chegavam ao fim.

Por um instante, Melissa voltou àquela época. Podia sentir a loção pós-barba do pai e o frescor do blazer que ele usava. O calor e a força do ombro largo, no qual pousava a cabeça. Ele a carregava em um dos braços e Ashley

no outro. A lembrança a fez sentir um nó na garganta e uma ardência no fundo dos olhos.

Steven pagou o modesto custo do ingresso. O dinheiro arrecadado era destinado em parte à banda e em parte a uma fundação histórica. Quando ele a fitou com olhar estreitado, Melissa percebeu que sua introspecção não lhe passara despercebida.

Como o som das guitarras era pungente, Steven se inclinou na direção dela até que os lábios lhe ficassem próximos ao ouvido.

– Parece um pouco indisposta. Você está bem?

Melissa anuiu e engoliu em seco. Mas sentia-se um tanto murcha, como sempre ficava quando se recordava da dissolução do casamento dos pais e o enorme vazio que restara.

– Estou bem – disse ela, mas era a si mesma que queria convencer.

Porém, Melissa tinha facilidade em afastar os pensamentos ruins. Ainda mais quando avistou Olivia e Tanner valsando do outro lado do salão, perdidos no olhar um do outro, como se alheios ao ritmo rápido da banda e aos demais casais que rodopiavam ao redor deles.

A irmã e o cunhado eram felizes juntos, assim como Ashley e Jack, Brad e Meg. Não havia nenhuma maldição antiamor pairando sobre a família O'Ballivan.

Quando a banda adotou um ritmo mais lento, Steven tomou-a nos braços e abriu espaço para os dois na pista de dança.

Melissa inspirou o frescor da fragrância que exalava da pele e do cabelo de Steven. Extasiava-se com o calor do corpo forte, embora a sensação não se devesse apenas à atração sexual, mesmo existindo muita entre eles. Originava-se do sentimento de estar sendo protegida e, até mesmo, cuidada. Sentia o hálito de Steven como uma brisa suave contra a orelha.

– Devo lhe pedir desculpas antecipadas – disse ele em tom de brincadeira. – Nunca fui um bom dançarino, e se pisar no seu pé, por favor, saiba que não foi intencional.

Melissa sorriu, inclinou a cabeça para trás e ergueu o olhar para fitá-lo. Podia ver a face inferior do queixo bem marcado, a linha forte da mandíbula, mas apenas parte do rosto de Steven. Naquele momento, as



lembranças dos pais ainda jovens haviam sido cuidadosamente dobradas e guardadas nos lugares mais ternos de seu coração.

– Está se saindo muito bem – elogiou ela.

Steven recuou apenas o suficiente para fitá-la nos olhos. Melissa reconheceu ternura e algo que brilhava como a luz naqueles olhos violeta.

– Obrigado – agradeceu ele.

E continuaram a dançar.

Dan Guthrie passou bailando por eles, envolvendo Holly nos braços. Melissa aguardou, esperando a dor que costumava sentir quando os via juntos, mas nada aconteceu.

Quando a música chegou ao fim, a multidão se dispersou. As mulheres rindo e abanando os rostos afogueados com as mãos, e os homens parecendo aliviados pelo intervalo.

De mãos dadas, Dan e Holly cruzaram o caminho que se abriu na pista de dança na direção de Melissa e Steven.

– Olá, Melissa – cumprimentou Dan em tom solene. Os olhos amáveis quando pousaram nela em um primeiro momento. Porém, quase que imediatamente os desviou para Steven. Estendeu a mão, da maneira que os homens faziam quando se apresentavam.

– Sou Dan Guthrie.

– Steven Creed. – Soou a resposta educada, enquanto ele aceitava a mão estendida. – Prazer em conhecê-lo.

Holly, uma beleza magra, exceto pelo abdômen proeminente pela gravidez que empurrava o tecido do vestido de algodão, usava o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo. Parecia não conseguir parar de sorrir. Dan a envolveu pela cintura.

– Esta é minha esposa, Holly.

Steven sorriu e a cumprimentou.

Foi tudo muito casual, pensou Melissa. E tranquilo. Ela e Dan pareciam velhos amigos, mais como ex-colegas de classe do que ex-namorados.

– Como vão Michael e Ray? – perguntou Melissa, quando Steven lhe segurou a mão.

Dan sorriu, orgulhoso, à menção dos filhos.

– Estão crescendo como ervas daninhas – disse ele. – Juro que um alojamento cheio de vaqueiros não consumiria mais comida em uma reunião do que aqueles dois.

Melissa soltou uma risada, sentindo um sopro de ternura no fundo do coração, não por Dan, mas pelo que um dia viveram juntos e pelos filhos dele. Melissa entreabriu os lábios para fazer um comentário do qual dois segundos depois não se lembraria, quando uma risada explosiva a uma entrada próxima lhe chamou a atenção.

Tom e Tessa haviam acabado de chegar. Ele, com aparência estonteante em trajes civis. Usava jeans e uma bela camisa tipo *Western*. Tessa, deslumbrante em um vestido de verão com babados de estampado azul.

Ao ver Melissa, Tom sorriu e apontou um dedo indicador na direção dela, antes de se aproximar do grupo, guiando Tessa pela horda de gente que apinhava o local.

Dan e Tom trocaram um aperto de mão. A música recomeçou, estimulando Dan e Holly a rodopiar pelo salão.

Melissa e Tessa trocaram algumas palavras, mas como a conversação era quase impossível, logo desistiram.

Melissa deixou escapar um suspiro, erguendo o olhar a Steven, enquanto os outros dois se afastavam.

– Formam um belo casal – disse ela.

Steven anuiu em resposta, e, segundos depois, estavam dançando outra vez.

Depois de mais ou menos uma hora, saíram do salão para tomar um pouco de ar e admirar o tapete de estrelas no céu. Enquanto os acordes de uma balada romântica ecoavam no interior do salão, Steven a envolveu nos braços, e os dois valsaram sob as sombras do velho casarão.

O sorriso que ele exibia ao fitá-la era terno.

– Eu a preveni sobre o fato de não saber dançar, certo? – disse Steven com voz arrastada.

Melissa soltou uma risada, apreciando a intensa masculinidade que aquele homem exalava, a força controlada, os músculos rígidos dos braços e do peito largo, a fragrância fresca e amadeirada da colônia pós-barba.

– Está se saindo muito bem – afirmou Melissa.

Continuaram a dançar, mesmo entre uma música e outra. Para ela, era como um momento fora do tempo. Estacaram, e Melissa inclinou a cabeça para trás para receber o beijo que pressentia estar prestes a acontecer, quando alguém entrou em alta velocidade no estacionamento, os pneus levantando cascalho em todas as direções.

– Que diabos...? – resmungou Steven, ainda a segurando pelos ombros, porém distraído.

Melissa perscrutou através da escuridão e viu Martine, que trabalhava na Stop & Shop, saltar de seu sedan encarquilhado.

– Socorro! Gritou Martine. – Alguém me ajude!

A música superava o tom de voz da mulher, mas Steven e Melissa ouviram o grito suplicante e correram na direção dela.

– Martine... – disparou Melissa. – O que aconteceu?

– Fui assaltada! – ofegou Martine. – Um homem usando máscara de esqui levou todo o dinheiro da caixa registradora e me fez abrir o cofre com um revólver...

– Respire – ordenou Melissa, segurando as mãos da senhora.

– Vou chamar o xerife – disse Steven de algum ponto que Melissa não sabia definir, e ela anuiu sem lhe voltar o olhar.

– Está ferida? – perguntou Melissa, e Martine negou com a cabeça, ainda meio histérica.

– Não... fiz tudo o que ele mandou. Não havia mais ninguém na loja, graças a Deus...

Melissa guiou a mulher, que agora tremia violentamente, de volta ao carro e a sentou no banco do passageiro.

Tom chegou rapidamente com Tessa, Steven e várias outras pessoas que os seguiram. Melissa se afastou para o lado, e Tom se agachou em frente a Martine, erguendo o olhar para lhe fitar o rosto pálido.

– Conte-me o que aconteceu – disse em tom gentil.

Martine repetiu a história que contou a Melissa. Um homem entrara na loja, empunhando um revólver e usando uma máscara de esqui. Ela ficara muito assustada. Certamente, o homem tinha intenção de matá-la. Parecia

muito nervoso, e ela obedecera a todos os comandos que recebera. Deu-lhe todo o dinheiro ao qual tinha acesso, incluindo a quantia que tinha na própria carteira.

Tom perguntou se ela reconheceria o homem. Martine fez um gesto negativo com a cabeça e mordeu o lábio inferior com força.

– O que foi? – insistiu Tom em tom muito calmo. – Conte-me, Martine.

– Estava praticamente enlouquecida de medo, mas... mas algo me fez olhar pela janela. Acho que queria me certificar de que ele não estava voltando. Eu o vi entrar no carro e se afastar. – Fez outra pausa, parecendo muito insegura. – Não posso jurar, mas parecia muito com aquela lata velha de Velda Cahill.

Melissa sentiu um aperto no peito. Deus! Byron?

Tom se empertigou e se dirigiu a Tessa.

– Desculpe – disse em tom áspero.

Tessa anuiu, esticando a mão para lhe tocar o braço.

– Posso voltar para casa sozinha – disse ela. – Tome cuidado.

Não sabia se era uma premonição ou bom-senso, mas que nome tivesse a sensação atingiu Melissa como um balde de água gelada.

Por ora, talvez para sempre, a diversão acabara.

STEVEN E Melissa levaram Tessa para casa, estacionando o carro em uma ruela atrás do Sunflower Café, onde uma escada externa levava ao apartamento sobre a loja.

Deixando Melissa no carro, Steven acompanhou-a até a porta e esperou que ela a destrancasse e acendesse as luzes da sala de estar. Um visível tremor perpassou Tessa quando estacou à soleira da porta.

– Isso é assustador – disse ela. – Saber que um criminoso talvez esteja à solta em Stone Creek.

– Poderíamos esperar – ofereceu ele. – Até que seu irmão e a esposa chegassem.

– Ficarei bem – retrucou Tessa em tom calmo. – Olivia e Tanner não demorarão. Queriam apenas passar em casa e se certificarem de que as crianças estão bem.

Tessa estava tudo, menos “bem”. Parecia apavorada.

– Não nos importamos em ficar um pouco mais – reiterou Steven.

Lágrimas inundaram os olhos de Tessa. Em seguida, ela fungou e sacudiu a cabeça como a dispersar os próprios medos.

– Aquele homem ameaçou Martine com um revólver. E se alguma coisa acontecer a Tom...?

– Ele me parece o tipo que sabe cuidar de si mesmo – afirmou Steven com sinceridade. – Além disso, tem policiais para lhe dar cobertura.

– Se alguma coisa acontecer... – resmungou Tessa, mais para si mesma do que para ele. Steven não respondeu. Não achava adequado dizer um “não se preocupe, tudo vai dar certo”. A experiência o ensinara que não era necessariamente assim. Tampouco se sentia bem em sair de imediato. – Nunca disse a Tom que o amo – continuou ela, fitando-o nos olhos. – E se não tiver chance de lhe dizer?

Steven lhe tocou o braço.

– E se tiver? – contrapôs em tom gentil.

Naquele momento, outra caminhonete surgiu na ruela abaixo, estacando de frente para a dele.

– Parece que Tanner e Olivia chegaram – disse Tessa, expressando evidente alívio.

Melissa saltara da picape de Steven para falar com o casal. As duas mulheres se abraçaram, enquanto Tanner subia a escada de dois em dois degraus.

Steven se afastou para o lado, cumprimentando-o com um aceno de cabeça. Quinn puxou a irmã para um abraço rápido e fraternal.

– Estou bem – insistiu Tessa. Em seguida, apresentou um ao outro, e os dois homens trocaram um aperto de mão.

– Obrigado por tomar conta da minha irmã – disse Tanner.

Steven anuiu com um gesto breve e desceu os degraus. Quando chegou ao sopé, foi apresentado a Olivia.

Melissa e ele não trocaram uma palavra até que estivessem de volta à picape, fora da ruela, parados em um sinal de trânsito de uma rua de Stone Creek.

Se virasse à direita, estariam no caminho da casa de Melissa. À esquerda seguiriam na direção do rancho de Steven.

Porém, ele se encontrava dividido. Não queria deixar Melissa sozinha, mas sugerir que passasse a noite com ele não lhe parecia certo também.

– Para onde? – perguntou por fim.

– Para o Palácio de Justiça – respondeu Melissa sem fitá-lo.

Embora ela não oferecesse mais nenhuma explicação, Steven sabia muito bem por que Melissa queria ir para lá. Pretendia esperar, em seu escritório ou no de Tom, até receber notícias.

– Está bem – concordou ele, quando por fim o sinal abriu. Não girou à direita nem à esquerda. Seguiu em frente, na interseção, dirigindo-se ao estacionamento do tribunal.

O prédio estava todo iluminado. O carro de Tom e mais outros dois se encontravam enviesados, próximo à entrada principal, como se tivessem sido abandonados. Um dos motores ainda estava ligado.

Um grupo de curiosos estava próximo, observando.

– Hora do show – disse Melissa entredentes, sem nenhum resquício de humor.

Steven caminhava ao lado dela, cumprimentando, com um aceno de cabeça, vários moradores que passavam por eles.

Alcançaram as amplas portas de vidro, e ele abriu uma delas, esperando que Melissa cruzasse a soleira.

– Não precisa ficar – disse ela, quando estavam no corredor.

Ouviram sons vindos do escritório de Tom, no extremo oposto do corredor. Uma mulher alternava entre soluços e guinchos. Um cachorro, provavelmente Elvis, latia.

Steven não lhe voltou resposta.

Melissa deixou escapar um breve suspiro de resignação, enquanto caminhavam na direção do escritório do xerife.

VELDA CAHILL oscilou, com os olhos arregalados, quando Melissa transpôs a porta, mas a mulher olhava além dela, para Steven.

– Tem de ajudar meu menino! – gritou ela. – A informação de que ele era um advogado de defesa devia ter se espalhado.

Melissa enrijeceu um pouco, mas aquela foi a única indicação de que sabia o que iria acontecer. De uma estranha maneira, sempre soubera.

Byron Cahill não ficaria solto por muito tempo. Muito provavelmente, apresentaria a acusação de assalto à mão armada contra ele pela manhã, senão antes disso.

Steven falou em tom baixo com Velda. Melissa não tentou escutar o que dizia. Trocou olhares com Tom Parker e, em seguida, fitou as celas antigas nos fundos do escritório.

Byron se encontrava sentado em uma cama de lona de uma delas, com a cabeça baixa e as mãos pendendo entre os joelhos. Os dedos frouxamente entrelaçados. Elvis o observava entre as barras de ferro, fazendo Melissa lembrar, por um breve instante, uma cena do Piratas do Caribe, na Disneylândia.

– O que aconteceu? – perguntou Melissa, falando com Tom, mas ainda observando Byron. Tinha um pressentimento forte e sabia que o problema ia além da certeza de que ela e Steven estariam de lados opostos da contenda jurídica.

Estavam emocionalmente envolvidos, portanto, tecnicamente, ela e Steven não podiam, por lei, se opor em um tribunal.

Poderia se encarregar da acusação ou Steven da defesa, mas não concomitantemente. Um deles teria de recuar.

E não seria ela.

## Capítulo Quinze

---

PARADO AO lado de Melissa, que observava Byron Cahill através das grades da cela, Tom explicou o que acontecera após ter falado com Martine no estacionamento do Grange Hall. Encaminhara-se ao Stop & Shop, na intenção de começar a investigação pelo cenário do crime e quase fora atingido pelo carro de Cahill, que disparava de uma ruela.

Tom colocara a sirene portátil ligada no teto de seu carro e partira no encalço do fugitivo.

O motorista não diminuiu a velocidade. Na verdade, se Byron não tivesse desviado para não atropelar um gato que cruzava a estrada e atirasse o carro da mãe em um fosso, a perseguição ainda estaria em andamento.

– Não fiz nada de errado – disse Byron, erguendo o olhar por fim, para fitá-los com uma expressão tão impotente que fez Melissa experimentar aquela sensação angustiante outra vez, como se fosse um nadador se afogando.

– Você não parou quando o persegui com a sirene ligada – lembrou Tom, calmo.

– Estava assustado – respondeu Byron. – Sabia que não acreditaria em mim!

– Sabe por que não acredito em você, Byron? – questionou Tom com voz suave e inalterada. – Por que além de fugir de mim, estava carregando uma



máscara de esqui e uma mochila cheia de notas de cinco, dez e vinte dólares na mala do seu carro.

Melissa cruzou os braços. Não queria que aquilo fosse verdade. Para o bem de Andrea e de Velda, esperava que Byron tivesse se mantido limpo. Disposto a um recomeço. Mas as provas estavam todas contra ele.

– Se não assaltou a Stop & Shop – arriscou ela, fitando o rosto de Byron de perto. – Quem foi?

Elvis soltou um ganido cheio de compaixão.

Byron desviou o olhar.

– Não sei.

Anos de experiência tomando depoimentos e tentando adivinhar o que se passava na mente do júri ensinaram Melissa a identificar uma mentira. Byron Cahill não estava dizendo a verdade naquele momento.

– Acha que tem um caso? – perguntou Tom a Melissa.

Uma pergunta retórica, claro.

– Acho que sim – respondeu ela, cautelosa. – Formularei a acusação pela manhã. Enquanto isso, já que o sr. Cahill tentou escapar quando você o perseguiu, seria melhor mantê-lo aqui.

Byron se ergueu. As juntas dos dedos esbranquiçadas no local em que se agarrava às grades com ambas as mãos. Olhou além de Melissa e Tom.

– Eles podem fazer isso? – perguntou. – Podem me manter preso, quando ainda não há nenhuma acusação formal contra mim?

Steven se juntou ao grupo em frente à cela. Melissa arriscou um olhar de soslaio para ele, sob os cílios, mas não disse nada.

– Depende – respondeu Steven.

– Posso apresentar a acusação esta noite – disse Melissa a Byron em um tom resoluto. – Se é isso que quer.

Steven soltou um suspiro.

Byron girou e se afastou.

– Bem, temos um problema – observou Tom, abaixando-se para dar palmadas leves na cabeça de Elvis.

Quando Melissa girou, surpreendeu-se em não encontrar Velda.

– Pedi à sra. Cahill que esperasse em minha picape – esclareceu Steven. – Vou levá-la para casa.

– Muito gentil de sua parte – disse Melissa sem inflexão na voz.

– Você também deveria ir para casa – interveio Tom. – Os dois. Não haverá muito o que fazer aqui pelo resto da noite.

Cauteloso, Steven tocou o ombro de Melissa.

– Eu a deixarei em casa.

– Não, obrigada – respondeu ela em tom leve, mas com certo ressentimento. – Vou telefonar para alguém vir me buscar.

Tom e Steven trocaram um olhar. O xerife se afastou e assobiou para Elvis, que permanecia em frente à cela, vigiando o prisioneiro.

– Quero falar com você em particular – disse Steven.

Fazendo que sim com a cabeça de modo abrupto, ela o seguiu pelo corredor.

Surpreendeu-se ao ser a primeira a falar.

– Sabe muito bem que, por ética, não pode defender Cahill – disse ela, voltando-lhe um olhar furioso. – Não enquanto eu for a promotora.

– E você pretende mesmo fazer a acusação?

– Claro que sim – respondeu Melissa, impaciente. – É meu trabalho.

– Ocorreu-lhe que aquele garoto pode ser inocente, como alega?

– Ele terá um defensor público – observou Melissa.

– Não – argumentou Steven com tom de voz e olhar frios como uma pedra. – Não terá.

– Não pode defendê-lo, porque... por...

– Nós?

– Sim – respondeu Melissa, lutando contra a humilhante ânsia de ceder ao pranto.

– Tem razão, advogada – disse ele, mantendo a frieza. – Não podemos nos opor em um tribunal. Mas conheço outros advogados que estarão dispostos a pegar o caso sem receberem as custas.

Melissa piscou várias vezes.

– Por que está fazendo tanta questão disso? – perguntou.

– Porque acho que Cahill é inocente – respondeu Steven.

– Ele foi pego com a máscara de esqui e com o dinheiro! Como isso seria possível?

– Pergunte ao cachorro – respondeu Steven, girando, se afastando e deixando Melissa parada, sozinha, no corredor do lado de fora do escritório do xerife. “Pergunte ao cachorro”, respondera ele. Que diabos quisera dizer com aquilo?

Abrindo a porta em silêncio, ela voltou a entrar no escritório de Tom.

Elvis ainda se encontrava parado em frente à cela de Byron. O prisioneiro estava deitado, com o rosto para baixo, na cama de lona. O xerife se encontrava sentado à mesa, alimentando o computador com informações.

Melissa se aproximou, deixou-se afundar em uma cadeira próxima e relanceou o olhar a Elvis.

– O que há com seu cachorro? – perguntou ela, após um longo tempo.

Tom suspirou.

– Não sei ao certo – respondeu com voz tão baixa que Byron não poderia ter escutado. – Nunca vi Elvis agir assim antes. – Fez uma pausa. – Não me importo em dizer que isso está me incomodando um pouco.

– Por quê? – perguntou Melissa, desejando estar em casa, na própria cama e que aquela noite não tivesse existido. Que Steven Creed não tivesse existido.

– Bem – retrucou Tom depois de algum tempo. – Elvis sempre se mostrou um excelente julgador de caráter.

AO QUE parecia, aquela era a noite de Steven acompanhar mulheres à porta de casa. Guiou Velda Cahill pelo caminho de terra que levava à casa móvel simples e enferrujada. Um gnomo de plástico montava guarda em um pequeno patamar construído de forma rudimentar com pedaços de madeira.

A porta do trailer se escancarou, e a assistente de Melissa, Andrea, apareceu emoldurada pela luz que vinha de dentro. Mesmo na penumbra, Steven podia ver que a jovem estivera chorando.

– Onde está Byron? – perguntou ela.

– Na cadeia – disse Velda. A senhora que antes parecia transtornada havia se acalmado.

Andrea deixou escapar um guincho de desespero.

– Você o ajudará, certo? – Velda quase sussurrou, girando para fitar Steven. – Não deixará que meu garoto volte para a prisão por algo que não fez.

– Farei o que puder – respondeu Steven, no momento em que um jovem substituía Andrea à soleira da porta, afastando-a com delicadeza para o lado.

O rapaz se afastou para o lado o suficiente para ajudar Velda a entrar no trailer. Em seguida, estendeu uma das mãos para Steven.

– Alguém tinha de cuidar dessas mulheres – disse Nathan, embora ninguém tivesse lhe perguntado o que estava fazendo ali. Parecia pesaroso enquanto dizia aquilo, mas os olhos não refletiam tal sentimento. De alguma forma, dava a impressão de estar quase gostando de todo aquele excitação.

Steven hesitou por um instante, relutante em partir, mas ao mesmo tempo, ansioso por fazê-lo. Por fim, cumprimentou Carter com um gesto de cabeça e girou para descer os três degraus desgastados que davam para o caminho.

Era tarde. Portanto, como ele e Meg haviam concordado mais cedo, não passaria no rancho Stone Creek para pegar Matt. Àquela hora, o menino devia estar profundamente adormecido.

De volta ao ônibus de turnê, Steven soltou Zeke no quintal, esperou até que o cão fizesse suas necessidades e o seguisse para dentro do veículo.

Zeke encarava Steven, abanando o rabo. Para um cachorro, era bastante expressivo.

Como o do xerife Parker, Elvis.

– As coisas não parecem muito boas para Byron Cahill – disse ele ao cachorro, abaixando-se para pegar a vasilha de água quase vazia e a encher na pia. Em seguida, pousou-a no chão e observou o animal beber. Recordou a expressão estampada no rosto de Melissa, no corredor do lado de fora da cadeia. – Pensando bem – acrescentou, exibindo um breve sorriso. – Também não estão parecendo nada bem para mim.

FOI TOM a levar Melissa para casa naquela noite. Ela se mostrava pensativa durante o trajeto.

O xerife e Elvis a acompanharam até a porta da frente, esperaram que estivesse segura lá dentro e partiram. Sabia que o amigo planejava passar a noite no sofá do escritório, em vez de deixar o prisioneiro sozinho até a manhã do dia seguinte.

Melissa se trancou em casa. Em seguida, vagou até o quarto e estacou em frente ao espelho de corpo inteiro, fazendo um gesto negativo de cabeça para a figura amarfanhada que a fitava no reflexo.

O vestido água-marinha, que a fizera se sentir tão bonita e feminina mais cedo, parecia escarnecer dela agora.

O cabelo pendia sem volume, o rímel produzia um leve sombreado em torno dos olhos, e, há muito, mastigara o batom dos lábios.

Com um suspiro, pegou o robe e se encaminhou ao pequeno ao toalete principal logo à saída do quarto. Lá, se despiu e entrou debaixo do chuveiro quente, esfregando-se até a pele ranger.

Em seguida, secou-se, vestiu o robe e se encaminhou à cozinha. O que precisava, decidiu, era uma bela xícara de chá de ervas.

Ou uma dose de uísque.

Decidiu-se pelo chá. Estava sentada à mesa próxima das janelas, sorvendo goles da bebida quente, quando alguém bateu à porta dos fundos.

– Melissa! – gritou uma voz feminina familiar. – Sei que está aí. Deixe-me entrar.

Andrea.

Melissa se encaminhou à porta, descerrou o trinco e abriu a maçaneta. Não perguntou o que a assistente estava fazendo ali àquela hora da noite, porque já sabia.

Andrea estava evidentemente preocupada. Estivera chorando muito. Os olhos estavam tão vermelhos que pareciam em carne viva.

– Sente-se – disse Melissa em tom gentil.

Andrea colapsou em uma cadeira à mesa. Após trancar novamente a porta, Melissa preparou uma segunda xícara de chá e a pousou em frente à visita inesperada.

Por um momento, Andrea deu a impressão de estar prestes a jogar a xícara e o conteúdo pelos ares com o movimento de um braço. Felizmente, pareceu pensar melhor e, no instante seguinte, ergueu a xícara com cuidado e a levou aos lábios, com as mãos trêmulas.

– Você estava com Byron esta noite, quando ele assaltou a Stop & Shop? – perguntou Melissa.

Andrea lhe voltou um olhar revoltado, mas recobrou a compostura.

– Estive com Byron esta noite – disse ela – Mas ele não assaltou a Stop & Shop. – Melissa se limitou a esperar, o próprio chá esfriando, esquecido sobre a mesa. A expressão do rosto de Andrea era obstinada, mas apenas por um momento. Lágrimas lhe inundaram os cílios inferiores, e uma delas rolou em zigue-zague pela face. Ela a limpou com o dorso da mão. – Estou lhe dizendo, Byron não fez nada de errado – insistiu a jovem.

– Veja bem – começou Melissa, cautelosa, quando Andrea imergiu em outro silêncio. – Fico escutando as pessoas repetirem isso. Você, Velda. Mas Byron estava saindo da cidade, em alta velocidade, quando Tom o alcançou. Mais tarde, o dinheiro do roubo foi encontrado no carro dele, assim como a máscara de esqui descrita por Martine, quando deu queixa.

– Estávamos na cama – disse Andrea, com um sussurrou. – Byron e eu.

– Onde? – perguntou Melissa. Apesar da suspeita de que a assistente estivesse forjando um alibi para o namorado, estava disposta a ouvir.

– Na casa dele – respondeu Andrea, esforçando-se para sustentar o olhar de Melissa.

– Velda deve ter amado isso – comentou ela.

Andrea se espinhou.

– Ela estava no trabalho. Byron e eu tínhamos a casa só para nós. Velda ligou do bar dizendo que não estava se sentindo bem e precisava voltar para casa. Perguntou se Byron podia buscá-la. Foi então que ele descobriu que o carro havia sumido.

– Sumido? Como assim? Foi roubado?

– Byron sabia quem o levara. Foi aquele fracassado do Nathan. Ultimamente, tem rondado a casa dos Cahill. Ele e Byron eram colegas quando mais jovens. Nathan disse que precisava de um lugar para ficar.

Acho que Byron sentiu pena dele. – Andrea sacudiu a cabeça levemente. Um bom sinal. Estava voltando a seu antigo modo vivaz de ser. – Aquele rapaz é uma cobra. Tentou tomar dinheiro emprestado de mim algumas vezes. Eu neguei. Fica se gabando que tem um trunfo contra o policial Ferguson devido àquele olho roxo e que o município terá de entrar em um acordo com ele para que não entregue a história à imprensa... – Fez uma pausa, soltando um suspiro trêmulo e continuou. – O policial Ferguson não o agrediu, e sim Velda.

Aquela história era muito maluca para ser verdade.

– Velda? – perguntou Melissa, intrigada e um tanto apreensiva. – Por quê?

– Disse que o surpreendeu vasculhando sua bolsa – explicou Andrea. – Byron e eu não estávamos presentes no momento. Mais tarde, ela nos contou que o socou porque Nathan lhe deu uma resposta grosseira e então o expulsou. – Soltou outro suspiro. – Claro que ele voltou, e Velda presumiu que os policiais estivessem no encaicho dele. Decidiu deixá-lo ficar por algum tempo.

– Estava planejando me contar isso em algum momento? – perguntou Melissa. – A acusação que Nathan Carter fez poderia ter arruinado a carreira e, até mesmo, a vida do policial Ferguson.

– Não sabíamos que ele tinha acusado alguém de alguma coisa até que ele começasse a se gabar disso – explicou Andrea, soando ofendida. – Não teria permitido que o policial Ferguson fosse acusado de algo que não fez. Byron também não. Ele é uma boa pessoa.

– Quero muito acreditar nisso – retrucou Melissa em tom lento.

– Mas não acredita? – desafiou Andrea, e as lágrimas voltaram a lhe rolar pela face. – Melissa não respondeu. – Não vê? – pressionou ela, parecendo e soando desesperada. – Nathan Carter roubou aquela loja, não Byron!

Aquilo não era algo inacreditável, mas havia um problema óbvio. Nathan não tentara fugir de Stone Creek com o dinheiro roubado à mão armada na loja Stop & Shop. Fora Byron que Tom encontrara atrás do volante quando o parou. E talvez não tivesse conseguido pegá-lo, se o carro de Byron não tivesse saído da estrada.

– Então por que ele estava dirigindo o carro de Velda? – perguntou Melissa, após alguns minutos para recobrar a compostura. – Se Nathan foi até a loja usando uma máscara de esqui e roubou aquele dinheiro, porque foi Byron que tentou fugir?

– Não sei – disse Andrea.

– Não sei. – Melissa repetiu, absorvendo a resposta.

– Depois que Byron descobriu que o carro da mãe havia sumido, ele me disse para voltar para o meu apartamento e ficar lá. Disse que podia sentir que haveria problemas e não me queria envolvida neles.

– E você foi para casa? Assim? – questionou Melissa, cética. A Andrea que conhecia não gostava de receber ordens.

– Sim – respondeu a assistente. – Byron estava muito preocupado, e eu, assustada. Não por ele, mas pelo que o assustava tanto.

– Então estava em seu apartamento, desde que Byron a mandou embora? Andrea mordeu o lábio inferior e, em seguida, negou com a cabeça.

– Não – confessou, após alguns instantes. – As irmãs Crockett ouviram a notícia do assalto por meio daquele rádio de escutas de conversas policiais e mal podiam esperar para me contar que o xerife Parker e todos os seus policiais estavam à procura de Byron. Entrei em pânico e voltei para a casa de Velda. Nathan estava lá. Disse-me que Byron tinha se metido em uma grande enrascada, que praticara assalto à mão armada e que Velda fora para a delegacia para tentar ajudá-lo.

Um arrepio percorreu a espinha de Melissa.

– E depois disso?

– Steven Creed levou Velda para casa. Ela estava arrasada. Nathan está fingindo ser atencioso. Preparou-lhe um chocolate quente e tudo.

– E você decidiu vir até aqui conversar comigo. – Aquela era uma afirmação, não uma pergunta. A mente de Melissa disparava, mas sabia que mantinha a aparência calma. Tinha muita prática nisso.

Andrea anuiu com um gesto bruto, lançando olhares nervosos na direção da porta.

– Sabia que Byron desconfiou que Nathan levara o carro. Quando ouvi a notícia do assalto e fui até a casa de Velda e encontrei Nathan lá, soube o que



de fato acontecera. Consegui escapar enquanto ele se esmerava em cuidar de Velda, forçando-a a beber e tudo mais. Fiquei com medo de ir para casa, porque Nathan sabe onde moro.

Melissa se ergueu da cadeira, cruzou o aposento até o telefone pendurado na parede e fez uma ligação.

Tom Parker atendeu no primeiro toque.

– Escritório do xerife do município de Stone Creek – disse ele. Tom falando.

Sem rodeios, Melissa contou tudo que Andrea acabara de relatar. Ele não a interrompeu, apenas escutou.

– Vou verificar – disse ele, quando Melissa concluiu. – Mantenha Andrea em sua casa e se certifique de que todas as portas e janelas estão bem fechadas.

– Tom – disse Melissa, após recuperar o fôlego. – Tome cuidado, está bem?

– Sempre – prometeu ele com um sorriso na voz. – Vou deixar Elvis montando guarda junto ao prisioneiro.

Melissa não fez nenhum comentário.

– Telefone para me dar notícias – disse ela.

– Mantenha-se trancada – repetiu Tom antes de desligar.

Melissa checou a porta da frente e verificou todas as janelas. Em seguida, esquentou mais um pouco de chá. Ela e Andrea se encaminharam à sala de estar, na qual havia cortinas nas janelas.

Melissa estava definitivamente assustada e sabia que Andrea também estava apavorada, embora nenhuma das duas fizesse qualquer comentário àquele respeito. A assistente parecia exausta, o que não era de se admirar, após a noite pela qual passara.

Por fim, Andrea caiu no sono sobre o sofá. Melissa a cobriu com uma manta de crochê que Ashley lhe dera de Natal anos atrás e se sentou em sua espreguiçadeira, enroscando-se sob o robe.

O relógio sobre a cornija da lareira marcava o tempo com batidas ruidosas. Cada segundo parecia um minuto inteiro para Melissa, e cada minuto, uma hora.

Em determinado momento, adormeceu.

ANDREA A acordou com um grito alarmado.

– Meu carro sumiu!

Melissa se empertigou, piscando várias vezes, surpresa em se descobrir dormindo na espreguiçadeira em vez de estar na cama.

Andrea se encontrava ao lado da janela, puxando uma das cortinas para o lado. A luz fria lhe incidia no rosto inchado, marcado por listras escuras do rímel derretido e resíduo de lágrimas.

– O qu... quê? – perguntou Melissa, erguendo-se desajeitadamente e bocejando.

– Meu carro! – gritou Andrea. – Estava estacionado bem ali em frente, na calçada, ontem à noite. E agora desapareceu!

– Tem certeza? Aquela era uma pergunta idiota, mas apesar de acordar com o nascer do sol há anos para poder correr, Melissa não era uma pessoa do dia.

– Claro que tenho certeza! – retrucou Andrea. – Estava lá e agora sumiu!

Melissa deixou escapar um suspiro. Estava na hora de dar outro telefonema para Tom. Esticou a mão para o aparelho sem fio da sala de estar e discou o número.

– Escritório do xerife do município de Stone Creek – respondeu ele.

– O carro de Andrea foi roubado – disparou Melissa. – Tom ficou calado por tanto tempo que ela tornou a falar. – O que está havendo?

O amigo deixou escapar um suspiro áspero.

– Vou lhe contar quando chegar aqui – respondeu ele. – Enquanto isso, coloque Andrea na linha. Precisaréi do máximo de informações que ela possa me dar sobre o carro roubado.

– Mas...

– Quando chegar aqui – repetiu Tom em tom austero, porém paciente. – Ah, terá de bater de frente com Steven Creed. Ele está vindo para cá neste instante para supervisionar a soltura de Byron Cahill.

– Vai soltá-lo? – Outra pergunta idiota. Precisava de um pouco de café. De imediato.

– Sim – respondeu Tom.

Melissa girou para encontrar Andrea parada, com os olhos arregalados logo atrás dela.

– O xerife quer lhe fazer algumas perguntas sobre seu carro – disse ela.

– Eles soltarão Byron? – perguntou Andrea em tom suave.

Melissa anuiu.

– É o que parece.

Enquanto Andrea tentava se lembrar do número da placa do carro e outros detalhes pertinentes, Melissa correu para o próprio quarto. Vestiu-se depressa, optando por um terninho preto de calça comprida. Afastou o cabelo para trás e o prendeu com um pente. Aplicou o mínimo de maquiagem e voltou a se juntar a Andrea na sala de estar.

A jovem ainda estava parada lá, parecendo atordoada de alegria. Claro que o carro havia desaparecido, talvez para sempre, mas Byron estava saindo da cadeia.

Para ela, estava tudo bem.

As duas entraram no carro conversível de Melissa, que optou por deixar a capota erguida devido à névoa matinal, e rumaram para o tribunal.

Como assim quis o destino, a primeira pessoa que Melissa encontrou foi Steven Creed. Estava vestido para advogar, como teria dito Big John, com terno e sapatos tão lustrosos que quase a fizeram piscar.

Andrea passou feito uma bala por ele, ansiosa por ver Byron.

A expressão de Steven não refletia arrogância, mas algo nos olhos azuis tornou Melissa cautelosa.

– O que foi? – sussurrou ela por fim, parada no corredor, encarando-o.

Steven ajeitou o nó da gravata elegante de seda azul-clara com listras cinza muito finas em diagonal. Embora os lábios não se curvassem em um sorriso, parecia divertido.

– Então, essa é sua diabólica irmã gêmea – disse ele erguendo uma das sobrancelhas, enquanto observava o terninho sóbrio, a maquiagem feita às pressas e o penteado recatado e firme. – Devo admitir que a outra Melissa me agrada mais. Aquela sem garras à mostra.

Irmã gêmea diabólica? Garras à mostra?

– Saia da minha frente – disse Melissa.

Steven não se moveu, exceto pelo gesto de colocar as mãos nos bolsos da calça feita sob medida e inclinar a cabeça para o lado.

– Que temperamento explosivo – resfolegou com melosa insolência. – Suas garras estão aparecendo. – Melissa tentou contorná-lo, mas ele lhe bloqueou a passagem. – Antes de entrar, há algo que preciso lhe dizer.

Mais uma vez, Melissa experimentou aquele alarme silencioso. Inspirou profundamente e deixou o ar escapar aos poucos, aconselhando a si mesma a se acalmar. Por certo, não estava sendo profissional ao deixar que aquele homem a abalasse da forma que fazia.

E o pior era que Steven sabia exatamente o que estava fazendo.

– Está bem – disse ela por fim. – O que é?

Uma discreta tensão se refletiu no rosto de Steven, levando-o até mesmo a desviar o olhar.

– Velda Cahill foi agredida na noite passada.

– O quê?

Steven relaxou um pouco, pousando a mão de leve no ombro de Melissa.

– Ela se recuperará dentro de alguns dias – afirmou ele. Um músculo se contraiu na mandíbula bem marcada, e Melissa percebeu a combinação de raiva e arrependimento se refletir nos olhos azuis, embora desaparecesse com a mesma rapidez com que surgiu. – Carter a agrediu quando percebeu que Andrea saíra do trailer pelas suas costas. Roubou o relógio de Velda, o conteúdo do pote de gorjetas e foi embora.

Um frio intenso assolou Melissa.

– Pobre Velda – disse ela. – Aquela mulher não tem sossego.

– Ela está internada em uma clínica em Indian Rock. Pensei que seria melhor que soubesse antes porque Byron ainda não recebeu a informação. Ficará muito abalado, para não dizer furioso. Suponho que vai querer ir atrás de Carter. Se fizer isso, claro, voltará para a prisão.

Melissa anuiu com um gesto lento.

– Tem algum plano?

– Se não fosse por Matt, deixaria Byron ficar em minha casa até que se acalmasse ou que Carter fosse preso. Há muitos fatos desconhecidos nessa

equação, claro, e não estou disposto a arriscar envolver Matt. Tom e eu conversamos sobre o assunto, e ele está disposto a hospedar o rapaz, já que mora sozinho com Elvis. Só Deus sabe se Byron concordará ou não.

Melissa ponderou a ideia. A julgar pelo passado de Byron com o xerife, era pouco provável, mas coisas improváveis aconteciam.

– Obrigada – disse ela, tensa. Dessa vez, quando fez menção de seguir para o escritório de Tom, Steven não se interpôs no caminho.

BYRON ESTAVA fora da cela, trajado com suas próprias roupas e atirado, taciturno, em uma cadeira, próximo à mesa de Tom.

Andrea estava parada atrás da cadeira com as mãos pousadas no ombro de Byron.

Seguindo Melissa pelo escritório amplo e aberto, Steven desviou o foco da retaguarda curvilínea para as tarefas em questão.

Os olhos azuis encontraram os de Tom.

– Deve estar louco – disparou Byron, fitando, furioso, o xerife.

Elvis se aproximou, pousou o focinho sobre a coxa coberta pela calça jeans de Byron e emitiu um som repleto de afeição tristonha.

Com um gesto automático, Byron acariciou a cabeça do animal, mas continuou a fulminar Tom Parker com o olhar.

O xerife, empoleirado casualmente em um dos cantos da ampla mesa, parecia imperturbável. A princípio, Steven considerara o homem um matuto, mas desde então, reformulara sua opinião.

– Acho que três quartos das pessoas que conheço concordariam, já que o convidei para dormir no meu solário envidraçado por um tempo.

– E por que deveria aceitar? – disparou Byron. Os dedos de Andrea se apertaram visivelmente, e ele os afastou.

Tom relanceou o olhar na direção de Steven, que anuiu em resposta e limpou a garganta.

– Byron – começou ele. – Sua mãe foi ferida...

Byron se ergueu com um salto e girou tão rápido que a cadeira na qual estivera sentado, tombou. Tanto Elvis quanto Andrea tiveram de pular para não serem atingidos.

– O que aconteceu com minha mãe? – quis saber ele. – Qual a gravidade...?

Steven ergueu as duas mãos com as palmas para a frente.

– Ela ficará bem. Eles a manterão internada em uma clínica, por um dia ou dois, basicamente para observação. Mas ela ficará bem.

Byron enrubesceu e cerrou os punhos nos lados do corpo.

– Foi ele, certo? Aquele canalha do Nathan Carter agrediu minha mãe!

Melissa deu alguns passos e se postou ao lado de uma Andrea trêmula e de olhos arregalados. Colocou um dos braços sobre os ombros da jovem, dando-lhe um aperto confortador. Na essência, encorajando-a.

O xerife foi o próximo a falar, com um tom calmo e cheio de autoridade.

– Foi isso que sua mãe disse ao policial Ferguson, quando ele a levou para a clínica na noite passada – disse o xerife, observando Byron. Assim como Steven, estava preparado para saltar sobre o rapaz se ele perdesse o controle. – Velda está com algumas costelas quebradas, os dois olhos roxos e um lábio cortado. E se tem uma coisa de que sua mãe não necessita agora é que você se meta em encrenca outra vez. – Byron se acalmou um pouco, mas não o suficiente para que Steven e Tom baixassem a guarda.

O rapaz deixou escapar um xingamento entredentes e passou uma das mãos pelo cabelo desgrenhado. Os olhos repletos de lágrimas de raiva.

– Devia saber que foi Nathan a assaltar a Stop & Shop – disse Steven em tom sensato, observando Byron. – Por que não contou a Tom ou a mim?

Byron parecia derrotado, como um balão de gás dois dias depois da festa. Deixou-se afundar mais uma vez na cadeira. Em seguida, ergueu o olhar a Andrea com uma expressão tão preocupada que emocionou Steven.

– Eu contaria quando chegasse o momento certo – disse por fim. – Mas eu estava aqui, e Carter, lá fora, onde poderia fazer tudo que quisesse. Temia pelas pessoas que gosto.

– Está preparado para nos contar para onde estava indo ontem à noite, quando atolou o carro de sua mãe no fosso, e o xerife o prendeu? – Talvez Tom já tivesse obtido aquela resposta, mas Steven continuava sem saber.

Os ombros de Byron se curvaram. Levou mais alguns instantes acariciando Elvis antes de responder.

– Simplesmente entrei em pânico – confessou o rapaz. – Não sabia para onde estava indo. Só queria fugir e me esconder em algum lugar para não voltar para a prisão.

A resposta de Tom surpreendeu a todos.

– Posso entender por que está histérico – disse o xerife, fazendo uma pausa para suspirar, mas com o olhar fixo no rosto do rapaz. – Foi despachado um alerta geral sobre Carter – prosseguiu. – Nós o pegaremos. Mas é minha função e do departamento prendê-lo, não sua. Se tentar tomar essa missão para si, voltará para a prisão por violação de liberdade condicional, no mínimo.

Byron engoliu em seco e anuiu.

Andrea se afastou de Melissa e se aproximou da cadeira na qual estava Byron, pousando uma das mãos no ombro do namorado, como antes.

– Tem de ficar com o xerife Parker – disse ela com muita suavidade. – É muito gentil da parte dele oferecer. Está tentando ajudá-lo.

Um sorriso curvou um dos cantos dos lábios de Tom.

– Elvis é tudo que se quer de um companheiro de quarto – disse ele.

Byron não se moveu por um longo tempo. Por fim, pousou a mão sobre a de Andrea e lhe pressionou os dedos com delicadeza.

– Está bem – disse ele.

Ao menos, um problema fora resolvido.

Agora, pensou Steven, tristonho, teria de resolver tudo que estava errado ultimamente.

Como se lhe lesse a mente, Melissa lhe voltou um olhar estreitado, que expressava discordância. Disse a Andrea para tirar o dia de folga, pediu a Tom para mantê-la informada sobre a caçada a Nathan Carter, que se estendia por todo o estado, e passou em disparada por Steven como se ele não estivesse ali.

Segundos depois, a porta bateu com força.

Steven a seguiu de imediato. Sabia que provavelmente estaria tornando as coisas piores, mas não conseguia resistir.

Alcançou-a em frente a porta do escritório de Melissa.

– Espere... – rangeu entredentes.

– Vá embora – disse ela. – Não quero falar com você agora.

Puxando-a para dentro da sala, na qual Andrea normalmente trabalhava, ele fechou a porta.

– Bem, sinto muito, advogada, mas terá de lidar comigo.

Melissa lhe voltou um olhar irado e cruzou os braços. As palavras dispararam por seus lábios como balas de revólver, separadas em sílabas e miradas bem no alvo.

– Foi tudo um erro. Estou me referindo a nós. Deveria ter sido mais esperta. Caso encerrado.

– Melissa. – Steven se ouviu dizer. – Isso é loucura.

Mas ela não estava escutando.

– Você atua em defesa criminal. Eu sou uma promotora. Não pensamos da mesma forma.

– Claro que não – concordou Steven com tranquilidade. – Por que duas pessoas adultas, inteligentes e independentes iriam querer isso?

– Faça os cálculos – insistiu Melissa. – Poderíamos pertencer a planetas diferentes.

– Marte e Vênus? – provocou ele.

– Muito engraçado – retrucou Melissa sem nenhum traço de humor.

Steven tentou outra vez.

– O que quero dizer é que...

– Não quero saber o que quer dizer.

– Estou vendo – respondeu ele em tom calmo. – Então, o que aconteceu? Sua mãe se assustou com algum cavalo bravo quando a estava esperando?

– Ha-ha – disse Melissa.

– Não podemos simplesmente concordar em discordar?

– Sim – disse ela, após engolir em seco com um movimento visível. – Podemos concordar em discordar. Que tal para sempre?

Steven soltou um assobio longo e baixo.

– Não acha que está exagerando um pouco em sua reação?

– Tudo o que temos que fazer é fingir que nada aconteceu...

– Não – discordou Steven sem rodeios. – Não faremos isso.

– Por que não?



Droga, ela era teimosa! Era uma pena que achasse aquela qualidade atraente em uma mulher. Ou, ao menos, naquela mulher.

– Porque aconteceu.

– Está se atendo a detalhes – protestou ela.

Steven revirou os olhos.

– Fomos para a cama – disse ele dando ênfase às palavras.

– Abaixei o tom de voz! – retrucou Melissa, olhando na direção da porta.

Steven atirou as mãos para cima.

– Desisto.

– Ótimo – disse Melissa. – Já estava na hora.

Steven se inclinou para a frente, até que o nariz de ambos quase se tocassem.

– Por ora – esclareceu, antes de deixá-la parada lá e sair para o corredor de volta à sala de Tom.

Tinha trabalho a fazer, e era melhor tirar Melissa O’Ballivan da mente.

## *Capítulo Dezesseis*

---

— ISTO É uma intervenção – anunciou Olivia, solene, uma semana e meia depois da última conversa que Melissa tivera com Steven Creed.

Olhando ao redor da sala de estar de Olivia e Tanner, Melissa varreu, com olhar indignado, Meg e Ashley.

– Vocês me enganaram – disse ela em tom acusatório. Olivia sugerira que as quatro se encontrassem naquele fim de tarde de quinta-feira, após Melissa sair do trabalho, para discutirem o desfile. O evento estava marcado para a noite do dia seguinte.

Supostamente, as devotadas irmãs e cunhada iriam ajudá-la com as logísticas de última hora.

Que idiota era!

– Tínhamos de fazer alguma coisa – disse Ashley, ansiosa, quase às lágrimas. – Você enlouqueceu.

– Não está sendo você mesma – acrescentou Meg com genuína preocupação, observando o traje de Melissa. – Desde quando vai trabalhar de camiseta e tênis?

– E sem maquiagem – destacou Olivia.

– E repare em seu cabelo. – Ashley quase guinchou.

– Além disso, não tem corrido – contribuiu Olivia.

Aquele confronto deveria ter sido ideia da irmã mais velha. Sempre fora do tipo mandona.

– Talvez esteja um pouco deprimida – admitiu Melissa, na defensiva. – Mas passará logo que capturarem Nathan Carter e esse maldito desfile chegue ao fim.

– Mesmo depois que você e Dan se separaram, não se permitiu tal aparência – pressionou Ashley, agitando a mão em um gesto de negação às palavras de Melissa. – Estamos preocupadas com você.

– Está desmoronando – disse Olivia.

– Acho que esse seu estado de espírito tem algo a ver com Steven Creed – insistiu Meg. – Está diferente desde que ele chegou à cidade.

Olivia e Ashley concordaram mesmo tempo, fazendo que sim com a cabeça.

– Não tem nada a ver com ele – mentiu Melissa. A verdade era que não conseguia tirá-lo da cabeça, mesmo que para o próprio bem.

– Por favor, se abra conosco – pediu Olivia com o olhar suavizando. – Queremos ajudá-la.

– Preciso de ajuda com o desfile – disse Melissa. – Não com minha vida pessoal.

Olivia, Ashley e Meg trocaram olhares significativos.

Melissa se ergueu.

– Sente-se – ordenou Olivia.

– Isso é uma bobagem – retrucou ela, obedecendo.

– Está apaixonada por Steven Creed? – quis saber Ashley.

– Não – respondeu Melissa, esperando soar convincente. Estava confusa, não sabia o que sentia. Seria desejar um homem, não só no sentido sexual, mas também no emocional, racional e até mesmo no espiritual, o mesmo que amá-lo? – Foi apenas uma atração física passageira – disse Melissa, negando com um gesto de mão, da mesma forma que Ashley fizera há pouco. Afinal, eram gêmeas. – De qualquer forma, acabou.

– O que aconteceu? – perguntou Meg.

– Isso – retrucou ela. – Não é da conta de vocês, mas vou responder assim mesmo. Sim, havia atração, mas eu e Steven somos advogados. Pior,

temos pontos de vista muito diferentes, já que ele trabalha com defesa, e eu, com acusação. Embora isso não pareça grande coisa para a maioria das pessoas, constituiu diferenças irrevogáveis em nossas filosofias. No que tange às filosofias de vida, somos como polos opostos.

Ashley fez um gesto negativo com a cabeça, admirada.

– Quantos jargões afetados e sem sentido! – disse ela.

– Eu chamaria isso de baboseira – interveio Olivia.

– Sabe por que não queria falar com vocês sobre isso? – começou Melissa em tom de superioridade. Ergueu-se, mas desta vez, decidida. Estava partindo. – Sabia que nenhuma de vocês seria capaz de entender. E por que deveriam? Todas têm filhos e casamentos felizes...

– Melissa... – disse Ashley.

Porém, ela pegou a bolsa, vasculhou-a com movimentos bruscos à procura da chave do carro e se encaminhou à porta da frente de Quinn. Lá estacou, girou e fitou com olhar gélido as três mulheres que a induziram a ir até ali sob falso pretexto.

– O desfile começa às 18h de amanhã – disse ela. – Nós nos reuniremos às 16h, no estacionamento atrás do colégio. Se alguma de vocês quiser realmente ajudar, esteja lá.

Ninguém respondeu.

Naturalmente.

Pendurando a alça da bolsa no ombro, Melissa se retirou com um movimento afetado.

FAZIA UMA semana desde a última vez em que vira Melissa, exceto por algumas vezes que a avistara à distância, e Steven estava se esforçando para seguir adiante como se nada tivesse mudado.

Todas as manhãs, servia o café da manhã a Matt e ao cachorro, fazendo o melhor que podia com o café requentado. À noite, dormia profundamente, com o sono povoado por sonhos embaralhados dos quais não se lembrava dois segundos após despertar. E não conseguia se sentir mais descansado do que um bêbado de ressaca após três dias de farra. O que era surpreendente,

já que não tinha nada no ônibus de turnê para beber desde que Brody partira.

Deixando a residência temporária na sexta-feira de manhã, trancou a porta e se sentiu moderadamente satisfeito em ver que a equipe de restauração já havia chegado para mais um dia de trabalho. O celeiro, uma elegante estrutura pré-fabricada, tivera as paredes e o teto erguidos. Até segunda-feira, as baias estariam assentadas também. Estacou por um instante para trocar ideias com o mestre de obras, que lhe informou sobre a colocação do revestimento interno nas paredes dos quartos naquele dia e a instalação dos acessórios da cozinha e do banheiro no dia seguinte.

– Se não ficar atento – disse Steven em tom parcialmente zombeteiro. – Vai comprometer o nome da empresa de construção.

O mestre de obras exibiu um sorriso frouxo diante do comentário e explicou que a empresa era familiar e que estavam naquele ramo de negócios há quatro gerações. Pelo menos, um membro do clã estivera supervisionando uma equipe ou outra desde o início.

A palavra-chave, pensou Steven, era a continuidade. Era o modo de vida dos Creed. Dos McKettrick e dos O’Ballivan também. Era o que Steven almejava para Matt, para si mesmo e qualquer um de seus descendentes que quisessem viver no rancho.

Não contava em conhecer Melissa quando decidira fincar raízes em Stone Creek, mas a vida era cheia de surpresas, certo? Um homem tinha de fazer o melhor que pudesse com o que tivesse de enfrentar, seguir em frente e aceitar tanto o bom quanto o ruim.

Algumas histórias familiares simplesmente aconteciam. Outras eram criadas de maneira deliberada.

Steven pretendia construir uma família muito feliz e, para tanto, precisaria de uma esposa. Algum dia.

Tudo daria certo, assegurou a si mesmo, enquanto acomodava Matt na cadeira de segurança sobre o banco da picape, desde que se mantivesse afastado de advogadas. Com exceção de Cindy, nunca conseguira conviver com elas fora do escritório ou do tribunal, mesmo que trabalhassem em sua equipe.

Insanidade, continuou a refletir, era repetir a mesma coisa diversas vezes e esperar resultados diferentes.

Melissa era linda, engraçada, inteligente, tudo o que admirava em uma mulher, mas quando chegou a hora da verdade, demonstrou a mentalidade da promotora: o acusado era culpado até provado inocente. E não o contrário. E ele tinha impregnado em suas raízes o contrário.

Matt o arrancou das reflexões com um sobressalto. O tom do menino era preocupado.

– Parece muito triste.

– Talvez um pouco – concordou Steven, depois de ajudar Zeke a entrar no veículo, ao lado do dono pequenino.

– Porque não está mais saindo com Melissa?

– Também – respondeu Steven. Nunca mentia para o menino, mas não estava disposto a saturar um filho de 5 anos de idade com problemas adultos. Desejava apenas que Matt não tivesse criado muitas esperanças no que concernia à promotora do município de Stone Creek.

Na mente de Matt, tinha certeza, Melissa estava próximo de se tornar sua mãe. O desenho que fizera de uma família ainda se encontrava preso à porta da geladeira. O menino não permitia que o tirasse de lá, exceto quando queria admirá-lo ou adicionar um detalhe aqui e ali, com lápis ou um toco de crayon.

– É assunto de adultos? – perguntou Matt, um tanto resignado.

Steven sorriu, embora se sentisse oco por dentro.

– Sim, é – confirmou. – Nada com que precise se preocupar.

– Está bem – concordou o menino, embora não parecesse convencido.

Steven fechou a porta, contornou a picafe e se sentou atrás do volante. Estava com apenas 35 anos, mas sentia-se como um octogenário naquela manhã.

Os sonhos dos quais não conseguia se lembrar ainda pesavam sobre ele. Passou uma das mãos pelo cabelo e ligou o motor.

Matt permaneceu calado durante o trajeto até a cidade. Steven podia quase ouvir as engrenagens rangendo naquela pequena cabeça.

Quando estacionou na Creekside Academy, o menino não exibia a alegria de costume em estar ali.

Crianças eram resilientes, afirmou Steven para si mesmo, enquanto Matt caminhava lentamente pela calçada, atrasando a entrada no prédio pelo máximo de tempo possível.

Devia ser bom, refletiu, tentar se lembrar como era a sensação de se adaptar tão bem aos percalços.

Observou até que Matt estivesse seguro dentro do prédio. Em seguida, girou e entrou outra vez na picape. Zeke, ainda no banco de trás, esticou o pescoço e lambeu a lateral do rosto de Steven com sua língua áspera.

Aquilo o fez soltar uma risada abafada, antes de olhar pelo retrovisor e sair do estacionamento.

A Stop & Shop voltara a funcionar normalmente desde a manhã após o assalto.

Por falar em resiliência...

Em um impulso, resolveu entrar no estacionamento da loja.

Martine voltara ao trabalho, como Steven esperava. A balconista tirara alguns dias de folga depois do assalto, e ele não a quisera incomodar em casa.

Após fechar os vidros da janela e dizer a Zeke que logo estaria de volta, encaminhou-se à loja de conveniência.

Martine estava lá, parecendo um pouco pálida, mas exceto isso, tinha uma aparência alegre.

Uma jovem comum estava parada próximo ao balcão, pagando pelo meio galão de leite e dois bilhetes de loteria que comprara. Cumprimentou Steven com aceno de cabeça quando passou por ele no caminho da saída.

Steven retribuiu o cumprimento, esperou até que ele e Martine estivessem sozinhos para se apresentar novamente. Já se conheciam, claro, mas a mulher passara por um trauma, o que podia levá-la a não se lembrar.

– Prazer, outra vez – respondeu Martine com um sorriso abatido, provando que ele se enganara. Steven se lembrou da referência que Martine fizera sobre a filha solteira. – Em que posso ajudá-lo, sr. Creed?

– Steven – corrigiu ele, aproximando-se do balcão. – Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre aquela noite, se não se incomodar.

Martine pareceu relutante, como se aquilo lhe doesse, mas anuiu em concordância.

– Você e metade dos policiais do estado do Arizona – suspirou ela. Obviamente não era do tipo que gostava de ficar à toa, começou a limpar o balcão de vidro com um pano, enquanto falava. – Começou como uma noite normal. Estava tudo calmo, portanto, fui até os fundos do depósito com meu celular para telefonar para o meu namorado. Nós estamos tendo problemas ultimamente. Enfim, quando terminamos de falar, estava muito ansiosa para pôr um fim ao meu intervalo para descanso. Então, me encaminhei à porta da frente da loja. O homem com a máscara de esqui estava parado lá, quase onde você se encontra agora, com um revólver na mão... – Martine fez uma pausa, empalidecendo enquanto repassava a experiência na mente.

– E você reconheceu Byron, mesmo com a máscara de esqui lhe cobrindo toda a cabeça?

– Reconheci o carro de Velda – salientou Martine. – Estava muito assustada para reconhecer quem quer que fosse, perceber a cor dos olhos, altura ou coisa parecida. Queria apenas entregar tudo que o ladrão quisesse para que ele fosse embora... sem atirar em mim.

Steven anuiu.

– Havia algum cliente na loja antes de seu intervalo para descanso? – indagou Steven.

Mas Martine fez que não com a cabeça.

– Como disse, estava tudo calmo. Todos se encontravam na cidade, para o baile. – Fez uma pausa, soltando uma risada rouca e tristonha entredentes. – Todos, exceto George e eu.

George, presumiu Steven, devia ser o namorado, aquele com quem ela estivera brigando na noite em questão. Porém, não insistiu no assunto.

– Nenhum estranho entrou aqui? Quero dizer, mais cedo, durante o expediente?

Mais uma vez, Martine negou com a cabeça.



– Os últimos estranhos que lembro ter visto foram um casal de idosos viajando em um veículo recreacional, mas isso foi no mínimo dois dias antes... daquilo acontecer.

Steven não lhe voltou nenhuma resposta direta. Como ainda não mandara imprimir cartões de visita, se serviu de um bloco de anotações sobre o balcão e a caneta que estava ao lado. Escreveu o número de seu telefone celular e de trabalho.

– Agradeceria se me telefonasse caso se lembre de mais alguma coisa – disse ele. Começou a se afastar, mas Martine o deteve com um comentário feito para parecer casual, mas que não teve tal efeito.

– Ouvi dizer que é o advogado de defesa de Byron Cahill.

– Não exatamente – respondeu Steven, após deixar escapar um audível suspiro. – Como sabe, Byron não é mais um suspeito. Estou apenas tentando ajudar da melhor forma que posso.

– Foi muito bondoso da parte de Tom acolher o garoto por uns tempos – comentou Martine. – Byron e Velda não têm tido uma vida fácil com certeza. Acha que conseguirão prender Nathan Carter em breve? – Fez uma pausa para respirar, dando de ombros. – Dá-me arrepios saber que ele está solto por aí. E se ele voltar e tentar assaltar a loja outra vez, já que não conseguiu ficar com o dinheiro?

– Acho que não fará isso – retrucou Steven, enquanto partia.

Não era muito, mas no momento, era tudo que podia oferecer.

Sentindo como se não tivesse feito nenhum progresso, deixou a Stop & Shop. Afinal, o que ela dissera de novo? Encaminhou-se ao escritório, passando pelo Sunflower Café pelo caminho. O estabelecimento estava lotado, como sempre. O estacionamento repleto de carros, motocicletas e picapes.

Steven continuou, passando pelo tribunal logo a seguir. Arriscou um olhar ao prédio como fazia sempre que vinha à cidade por qualquer razão. O conversível de Melissa se encontrava estacionado na vaga de costume, com a capota erguida e um protetor de sol de para-brisa.

Considerou entrar para dizer olá, mas logo descartou a ideia.

O que havia para dizer? Melissa formara uma ideia pré-concebida sobre ele e a profissão que exercia. Era uma mulher inteligente, uma advogada experiente. Ao menos, em princípio, entendia que no sistema judicial americano, por mais defeituoso que fosse, todos, culpados ou inocentes, tinham direito a um advogado.

Parecia mais provável que Melissa estivesse se utilizando daquela diferença de opinião como desculpa para evitar qualquer coisa que lembrasse, mesmo de maneira remota, um compromisso para o resto da vida. Ela admitira ter gostado muito de Dan Guthrie. Percebera a tristeza no olhar de Melissa quando ela falava dos filhos de Dan, os dois meninos que esperara criar como se fossem seus.

Era óbvio que Melissa gostava de Matt, um ponto a favor dela, claro. A não ser que tivesse se sentido atraída por ele apenas por causa da criança.

Estacionou ao lado do prédio no qual trabalhava, saiu da picape e quase esqueceu Zeke no banco traseiro. Um latido alegre o fez lembrar que não estava sozinho. Voltou para trás, colocou a coleira em Zeke e o retirou da caminhonete, pondo-o no chão. Em seguida, esperou.

Zeke farejou o chão de cascalho por algum tempo e os tufo de ervas daninhas na margem do estacionamento. Em seguida, levantou a perna traseira em frente a um toco de madeira desgastado pelo tempo que marcava os limites da propriedade na margem da Main Street.

Steven ainda se consumia em pensamentos, demasiado distraído por suas considerações para se dedicar a qualquer outra coisa... ao menos naquele dia.

Coçou a nuca com uma das mãos, recordando os momentos ardentes que ele e Melissa compartilharam em sua cama. Vaidade masculina à parte, sabia que ela não fingira tal resposta. Percebera a sutil contração do corpo macio enquanto ela alcançava um orgasmo atrás do outro. Sentira a umidade da pele sedosa e se extasiara com os gritos desinibidos de prazer que Melissa não contivera.

Remexeu-se, desconfortável, tentando dar outra direção aos pensamentos.

Zeke terminou de fazer suas necessidades, e os dois se dirigiram à porta lateral.

Dentro do prédio, Steven retirou a coleira do cachorro e o deixou vagar pelos escritórios internos e externos até que encontrasse o lugar ideal para se enroscar e tirar a soneca matinal. O processo envolvia algumas voltas em torno de si mesmo, patadas no tapete e grandes suspiros, mas por fim, o animal se acomodou em um trecho no qual incidia a luz do sol que entrava pela janela que dava para a rua, adormeceu e começou a roncar.

Steven verificou as mensagens.

Nenhuma de Melissa, claro.

Duas de Velda Cahill. A senhora lhe telefonava regularmente desde que tivera alta da clínica em Indian Rock, alguns dias atrás. Queria informações sobre o que estava sendo feito para encontrar Nathan Carter e se queixando de que o filho tinha de voltar para casa o mais rápido possível.

Byron, por outro lado, parecia bastante satisfeito na casa de Tom Parker e Elvis. O menino cuidava do quintal e executava sua cota de tarefas domésticas para ganhar o pão de cada dia, segundo o xerife. Embora não conversassem muito, todos conviviam muito bem. No tempo livre, Byron ajudava no abrigo de animais e havia rumores de que seria contratado como funcionário. Dessa forma, poderia levar um salário para casa, embora modesto.

Até então, estava tudo bem.

Exceto pelo fato de Carter ainda está à solta, claro.

Acomodado à mesa de trabalho, Steven ligou o computador e verificou os e-mails pela primeira vez no dia.

Ficou sabendo que Conner estava a caminho de Stone Creek, trazendo consigo Davis e Kim em seu veículo recreacional. Todos ansiando por uma visita e um rodeio à moda antiga, de acordo com a breve mensagem de Conner.

Steven soltou um suspiro. Brody também estava voltando para Stone Creek, planejando tomar parte das competições de montaria em cavalos selvagens, tanto em pelo quanto com sela.

Os primos gêmeos iriam se encontrar após todo aquele tempo, embora nenhum dos dois soubesse disso.

Mais uma vez, Steven imaginou se teria tomado a decisão certa, mantendo o iminente confronto dos temperamentos dos dois Creed em segredo.

Fora a esperança, por mais frágil que fosse, de que Brody e Conner conseguissem enfim resolver suas diferenças e reataram os laços fraternos que impedira Steven de preveni-los. Ambos eram teimosos até a medula, e, se descobrissem que o outro iria comparecer ao rodeio de Stone Creek, nenhum dos dois apareceria.

Portanto, pensou Steven enquanto digitava a resposta ao e-mail de Conner, não revelando nada, que acontecesse o que tivesse de acontecer.

MELISSA SAIU para uma corrida na sexta-feira pela manhã, algo que não fazia há alguns dias. Caprichou nos cuidados com o cabelo, maquiagem e trajés quando voltou para casa.

Não por causa daquela “intervenção” idiota de Olivia, Ashley e Meg no fim da tarde do dia anterior. Nada disso. Sairia mais cedo do escritório para dar os últimos retoques no desfile que daria o chute inicial nos Dias de Rodeio de Stone Creek naquela noite. Depois disso, tudo teria passado.

Uma boa aparência era a forma que encontrara de celebrar, só isso.

A manhã passou depressa. Não saiu para o almoço por se sentir muito nervosa para comer e se encheu de café. Às 15h45, após incumbir a assistente de permanecer ali para completar as poucas tarefas que restaram do dia de trabalho, saiu do escritório.

Sentido-se, de repente, faminta e dizendo a si mesma que relaxar a dieta um pouco não significava que estivesse remando em um mar de gordura a caminho do inferno, comprou um hambúrguer na lanchonete *drive-through*. Após se alimentar, dirigiu-se ao ginásio, onde o Comitê do Desfile estava reunido com os participantes em seus vários carros alegóricos.

Os cavalos chegavam em trailers, todos emprestados do rancho Stone Creek, já que o destacamento do xerife não costumava montar com frequência, exceto em ocasiões como aquela. Não tinham a prática de

perseguirem bandidos nas colinas a cavalo, como Sam O'Ballivan e seus companheiros fizeram naqueles dias excitantes do passado.

Brad e muitos de seus peões estavam supervisionando, enquanto membros do destacamento, todos policiais honorários, discutiam quem tinha ganhado mais peso desde o desfile anterior.

Embora alguns dos carros alegóricos ainda não estivessem ali, havia quase uma dúzia de monstruosidades ornadas com papel crepe em evidência. O mais incomum era uma contribuição da Câmara do Comércio. Uma sólida réplica de uma pista de esqui nos arredores de Stone Creek feita quase que inteiramente de papel higiênico. Tinha até mesmo árvores, com os galhos pendendo sob o peso do papel branco simulando a neve. Lantejoulas brilhantes faziam o papel de reflexos do sol.

Adelaide Hillingsley e Bea Brady, ambas trajando seus melhores conjuntos de calça comprida de poliéster e exibindo permanentes recentes nos cabelos já estavam discutindo.

– Está alterada porque nosso carro alegórico é melhor do que o seu! – desafiou Adelaide.

Bea parecia prestes a desferir um soco, portanto Melissa se moveu para se colocar entre as duas mulheres.

– Senhoras – disse ela. – Temos de lembrar que somos todos amigos aqui.

– Nem todos – resfolegou Bea.

Adelaide gesticulou em direção à extravagância feita de papel higiênico.

– Está lindo e você sabe disso!

A coisa realmente estava bonita.

Durante o fim de semana do feriado, moradores iriam colocar seus votos, escolhendo o melhor carro alegórico no desfile daquele ano, em uma urna de rifa de plástico em forma de mamute colocado no meio do parque de diversões. Na tarde de domingo, os votos seriam computados, e Bill Norman, que sempre fazia o papel de mestre de cerimônias do rodeio, anunciaria o vencedor, que ganharia um troféu.

Melissa entendeu o que estava acontecendo: tanto Bea quanto Adelaide queriam receber a honraria.

Melissa lançou um olhar suplicante na direção do irmão, mas Brad não estava olhando para ela, embora mesmo à distância pudesse ver um leve sorriso lhe curvando a boca famosa. A não ser que se enganasse, Brad fingia que não estava vendo o que se passava.

– É tarde demais para fazer qualquer modificação no carro alegórico agora – disse Melissa a Bea, no que esperava ser um tom simpático. – Vamos dar uma olhada no seu, está bem?

Bea parecia apoplética, mas afastou Melissa da ofensiva colina de esqui para lhe mostrar a entrada do Garden Club. Um buquê gigante de flores, de todos os tipos e tamanhos, feitas de papel machê. O cenário se encontrava precariamente empoleirado sobre o trator da fazenda de alguém.

– Está muito bonito – elogiou Melissa com sinceridade. Foram necessárias muitas ideias, esforço e o velho e bom trabalho árduo para criar aquele carro alegórico, bem como os outros.

Bea ainda se mostrava aborrecida.

– Regras são regras! – exclamou. – Adelaide Hillingsley acha que elas se aplicam a todo mundo, exceto a ela!

Àquela altura, carros estacionavam e cuspiam membros uniformizados da banda da Escola de Ensino Fundamental de Stone Creek.

Melissa raciocinou rapidamente.

– Temos de dar um bom exemplo na frente das crianças – disse ela. Portanto, vamos manter tudo da forma mais digna possível.

Bea bufou de raiva diante do comentário, mas parecia ter se acalmado um pouco.

Melissa deu palmadas leves nas costas da senhora e lançou outro olhar de admiração ao carro alegórico do Garden Clube.

– Vocês se superaram, você e o Garden Club – disse ela. – Como sempre.

A banda infantil começou a tocar as trombetas e soar os tambores. Felizmente, a conversação se tornou impossível.

Melissa se afastou, apressada, tomando cuidado para evitar Adelaide Hillingsley e seu carro alegórico, da mesma forma que pretendia evitar Bea.

Tinha apenas de superar aquilo, disse a si mesma. Uma crise de cada vez.

Saiu à procura de Brad e o encontrou ainda próximo aos trailers dos cavalos, cuidando para que os animais fossem desembarcados de maneira apropriada.

– Obrigada pela ajuda – disse Melissa de maneira enfática para o caso de o irmão não perceber a ironia no tom de voz e na expressão que exibia.

Brad lhe sorriu.

– Algum problema? – perguntou, inocente. – Acho que não percebi.

Melissa lhe desferiu um soco no braço, mas com um movimento delicado. Se houvesse um problema sério sabia que o irmão mais velho seria o primeiro a se aproximar para ajudar.

– Vejo que a intervenção funcionou – disse Brad, quando ela ficou calada. Melissa resfolegou com desdém.

– Não foi uma intervenção – retrucou. – E sim bisbilhotice.

– Sabe que Meg, Ashley e Liv a amam – disse ele com os olhos ainda faiscando. Em seguida, simulou consultar um relógio de pulso que não estava usando. – Elas devem estar chegando a qualquer momento – acrescentou. – Meg disse que você precisava de ajuda com o desfile.

– Se eu não conseguir manter Bea e Adelaide separadas até que o desfile termine – comentou Melissa. – Talvez precise ajuda da Guarda Nacional.

Brad soltou uma risada, pousou uma das mãos no ombro da irmã, mas o olhar se tornara sério.

– Você está bem, espoleta?

O apelido de infância, por mais familiar que fosse, lhe fez a garganta apertar.

– Não você, por favor! – conseguiu dizer.

– Quando Meg fica preocupada, eu também me preocupo – retrucou Brad em tom gentil. – Faz parte das prerrogativas do meu papel de marido-pai-irmão.

– Estou bem – insistiu Melissa.

– Não muito – retrucou ele.

Naquele momento, Ashley apareceu, vestindo jeans, uma blusa amarela de manga curta e o cabelo claro pendendo em uma trança comprida no meio das costas. Juntando-se aos irmãos, sorriu.

– Disse-lhe que estaria aqui para ajudá-la com o desfile – começou em tom alegre, esfregando as mãos em expectativa e ignorando o olhar quase impaciente de Melissa. – O que precisa ser feito?

Antes que Melissa pudesse responder, Olivia e Meg chegaram. A cunhada se colocou na ponta dos pés para beijar o rosto de Brad. Ele lhe envolveu a cintura com um dos braços e a manteve a seu lado por um instante.

– É melhor que isso não seja outra intervenção – preveniu Melissa. Ainda se sentia um tanto insultada com aquela ideia.

Olivia se mostrava, como sempre, inabalada. Um dia, tratara dos ferimentos de um garanhão no topo da montanha, e era necessário mais do que uma irmã caçula irritada para tirá-la do sério.

– A última deve ter surtido efeito – retrucou ela, após analisar a aparência de Melissa. – Seu cabelo foi penteado e está usando maquiagem.

Melissa fez uma careta, mas em seguida, soltou uma risada.

– Vocês são impossíveis! – disse, referindo-se a Olivia, Meg e Ashley.

– Parece que o carro alegórico do sorvete está com problemas – disse a irmã gêmea, protegendo os olhos do sol com a mão em concha, enquanto observava o cone gigante feito de cartolina e papel crepe se inclinar acentuadamente para um dos lados.

Meg enrolou as mangas compridas de sua camiseta azul.

– Vamos ver o que podemos fazer para ajudar, antes que aquela coisa caia e assuste um desses cavalos ou coisa parecida – disse para Ashley e Olivia. Havia, no mínimo, uma dúzia de animais próximos, esperando para carregar o destacamento do xerife em um desfile triunfante ao longo do relativamente curto comprimento da Main Street.

– Boa ideia – concordou Melissa. As três se afastaram.

Os cavalos, pelo que parecia, estavam indo muito bem. Brad e seus caubóis os trouxeram e os desembarcaram cedo com o propósito de lhes dar tempo para se acostumar ao ambiente estranho, longe do rancho.

– Os cavalos estão bem – disse ele a Melissa, observando as três mulheres se encaminharem para resolver o problema do sorvete gigante e do pobre rapaz que estava tentando conter a coisa.



– Eu sei – respondeu Melissa com um leve suspiro. Em seguida, como despedida, acrescentou: – Vejo-o mais tarde.

– Está bem – retrucou Brad.

Era surpreendente, descobriu Melissa, como tanta coisa podia dar errado no desfile de uma cidade pequena.

O conversível que deveria levar o prefeito de Stone Creek, o mestre de cerimônias daquele ano, enguiçou.

O trator que servia de base para o infame carro alegórico ornado com papel higiênico da Câmara do Comércio começou a perder a velocidade até parar. A rainha do rodeio adolescente teve de pegar um cavalo emprestado com Brad, porque o dela começou a capengar.

E aqueles foram os mais simples.

No entanto, Melissa se descobriu gostando da distração. Ao menos, estar tão ocupada não lhe deixava tempo para refletir sobre sua vida em geral e sobre Steven Creed em especial.

Quando faltavam cinco minutos para às 18h, os participantes ocuparam seus lugares no desfile. A banda do ginásio estava em forma, afinando seus instrumentos pela enésima vez. O destacamento do xerife, liderado por Tom Parker, claro, encontrava-se montado em cavalos pacientes, do tipo que Meg e Brad sempre reservavam para almofadinhas inexperientes.

O cone de sorvete gigante fora estabilizado. Outro carro conversível substituiu o que enguiçara mais cedo, portanto o prefeito estava posicionado para acenar para a multidão reunida nas calçadas. A rainha do rodeio exibia um sorriso estonteante e muitos paetês.

Ona Frame, em plena recuperação da cirurgia de vesícula, observava tudo da tribuna de honra.

Estava tudo bem.

– Melissa!

Girando ao som do próprio nome, ela se deparou com Matt Creed a meio quarteirão de distância na Main Street, empoleirado nos ombros de Steven. Estavam acompanhados de um grupo. Um casal de boa aparência, na faixa etária dos cinquenta anos, trajado no estilo *Western*, estava parado, próximo.

O homem devia ser o pai de Steven, pensou Melissa distraída, a despeito de suas melhores intenções. A mesma compleição, cor de cabelo e ar de autoconfiança.

A visão do grupo a fez sentir a garganta se comprimir e os olhos arderem de leve. Sorriu e acenou para o menino, fingindo não notar o homem que o segurava, e girou para dar o sinal que faria o desfile começar.

Os cidadãos ao longo do caminho ovacionavam. Os rostos iluminados de alegria com aquela simples celebração de cidade americana pequena. A maioria deles era conhecida de Melissa, pessoas que passaram toda vida em Stone Creek, Indian Rock e áreas adjacentes. Porém, outros estavam apenas de passagens. O rodeio anual, com as costumeiras alegorias, sempre atraía uma grande quantidade de admiradores e competidores de todos os cantos do país.

Melissa sentia como se estivesse sendo arrastada em uma enxurrada ao ver aquele desfile passar. Naqueles instantes, experimentava um orgulho de sua cidade natal e do povo valente que a habitava, que a fazia se sentir ridícula. Estava até mesmo orgulhosa de si mesma, por ter perseverado naquela tarefa até a sua realização.

Não que tivesse a intenção de fazer parte do Comitê do Desfile outra vez, pelo tempo que vivesse, porque certamente não o faria. No próximo ano, outra pessoa teria de supervisionar o projeto, impedir Bea Brady e Adelaide Hillingsley de chegarem às vias de fato e se certificar de que ninguém acabasse soterrado sob um cone de sorvete gigante.

Voltou o olhar na direção do parque de diversões. O rodeio começaria ao meio-dia do dia seguinte e se estenderia até a noite. As festividades se repetiriam no domingo. A roda-gigante se avolumava, rosa-neon, contra o céu escurecido. Quando o barulho do desfile fenecesse, a música suave do carrossel e de todos os outros brinquedos envolveria a cidade como um cobertor.

Assim que o último carro alegórico cruzou a Main Street, as pessoas se dirigiram ao parque de diversões, com os filhos em seus encalços, para comer milho assado servido em espetos, churrasco de boi e de galinha, algodão doce e muitos outros desastres nutricionais.

Uma das primeiras lembranças de Melissa antes de a família se dispersar era o parque de diversões e o grande rodeio. A antiga sequência repassou em sua mente outra vez. Delia os abandonara, subindo em um ônibus e nunca mais voltando. Não muito tempo depois, o pai fora morto. E depois, Big John morreu também.

Um estranho misto de tristeza e gratidão a assolou, ali na Main Street, cercada de amigos e de estranhos. Perdera muita coisa na vida, mas ainda tinha Brad, Olivia e Ashley, os respectivos cônjuges e todos os sobrinhos.

Fazia parte de uma família que estava sempre crescendo, e isso era mais do que muitas pessoas podiam dizer. Então por que não era suficiente?

STEVEN RASTREAVA os passos de Melissa da melhor forma possível, levando em consideração a multidão que apinhava as calçadas. Perdera-a de vista e se erguera na ponta dos pés, com o pescoço esticado para encontrá-la outra vez. O tempo todo tentando disfarçar que não estava olhando.

Kim estava ao lado dele. Ela e Davis haviam chegado naquela tarde no veículo recreacional quase tão luxuoso quanto o ônibus de turnê de Brad O'Ballivan. Brody ainda não aparecera, e Conner, ao que parecia, ficara temporariamente detido em Lonesome Bend. Chegaria pela manhã.

Por enquanto, estavam apenas os quatro.

– Onde está Melissa? – perguntou Kim, dando uma cotovelada suave na lateral do corpo de Steven, quando surgiu uma brecha entre a banda do colégio e o destacamento do xerife montado a cavalo. – Aponte-a para mim.

Steven foi pego de surpresa. Até onde se lembrava, não mencionara Melissa para seus parentes. Enquanto tentava encontrar uma resposta, Matt se envolveu na conversa.

– Lá está ela! – gritou, remexendo-se, ansioso, nos ombros de Steven. – Aquela moça muito bonita de cachos retorcidos! – A voz do menino alcançou a distância até Melissa. Parecendo deliciosamente campestre em seu jeans bem cortado e uma blusa cor pêssego com ombro caído e muitos babados, ela reapareceu na multidão e girou a cabeça naquela direção.

– Melissa! – chamou Matt, alegre em vê-la. Acenava com tanta agitação que Steven teve de segurá-lo com força para que o menino não caísse. –

Melissa! Aqui!

Steven a viu sorrir e, em seguida, marchar na direção deles.

– Belo desfile! – elogiou o menino, quando ela entrou no pequeno círculo familiar. – Fez um excelente trabalho!

– Obrigada, caubói – agradeceu ela com ternura na voz e nos olhos, enquanto esticava a mão para dar um puxão no chapéu do “rodeio” de Matt. Era um dos vários presentes que Kim e Davis lhe trouxeram.

– Sou Kim Creed – apresentou-se a madrastra de Steven com simpatia, estendendo a mão para cumprimentá-la. – E este é meu marido, Davis.

Os olhos do pai de Steven faiscaram quando apertou a mão de Melissa.

– Muito bem – disse ele, tocando na aba do chapéu que era uma réplica maior da que dera a Matt. – É um prazer conhecê-la pessoalmente, embora deva admitir que sentia como se já a conhecesse.

Melissa piscou várias vezes, e a face adotou quase a mesma tonalidade encantadora da cor da blusa, enquanto lançava um olhar confuso a Steven. Imaginava se ele seria o tipo de alardear suas conquistas.

– Matt não para de falar em você – explicou Kim, sorrindo para Melissa.

– Mostrei a eles o desenho que fiz – disse Matt. – Você está nele. É de você, de mim, do papai, do Zeke e do meu pônei, parecendo uma família. – Por dentro, Steven soltou um gemido. Por fora, conseguiu manter o semblante frio. Se Melissa sofreu alguma reação ao comentário do menino, não deixou transparecer. – Não que eu tenha um pônei – acrescentou Matt, quando ninguém disse nada. – Embora papai tenha prometido que nós dois teríamos cavalos assim que o celeiro ficasse pronto.

Davis soltou uma risada discreta ante o comentário.

– Dê um tempo para seu pai – disse ele com suavidade, erguendo o olhar ao menino. – As lascas de madeira acabaram de ser assentadas nas baias, e o abastecimento de água, ligado.

Steven ficou agradecido ao pai por dizer algo, porque sentia como se a língua tivesse se retorcido e virado arame farpado. Embora não conseguisse desviar os olhos de Melissa, esperava que ela estivesse distraída o suficiente por Matt, Davis e Kim para notar.

*Eu a amo, Melissa O'Ballivam,* disse algo dentro dele.

Steven sentiu-se tão abalado com aquela voz interna quanto os outros ficariam se tivesse dito as palavras em voz alta. Graças a Deus, não disse. Certo?

Melissa ergueu o olhar para fitá-lo, com expressão curiosa. De alguma forma, hesitante.

Em seguida, recobrou a compostura, exibiu um sorriso luminoso que resvalou nele, mas se direcionou a Davis, Kim e, especialmente, a Matt.

– É melhor eu ir – disse ela. – Quando o desfile chegar ao fim, terei de cumprimentar a todos – dizendo isso, se afastou.

Steven não emitiu som algum. Não podia ver para onde Matt estava olhando, mas não era difícil adivinhar.

Davis e Kim, claro, observavam Melissa se apressar ao lado dos últimos remanescentes do desfile do Dia da Independência.

– Quero que o papai se case com Melissa – disse Matt com tanto entusiasmo, que outras pessoas, além dos pais de Steven ouviram o comentário e giraram sorrindo. – Mas não estou conseguindo juntá-los.

Steven ruborizou desde o pescoço até a raiz do cabelo.

Kim sorriu e esticou os dois braços na direção do menino.

– O desfile está quase acabando – disse ela, enquanto Matt se atirava em seus braços. – Vamos para o parque de diversões andar na roda-gigante.

Matt anuiu, ansioso.

– E você – disse a madrasta a Steven, segurando a criança com facilidade naqueles braços fortes de rancheira. – Pode arrumar alguma coisa produtiva para fazer enquanto seu pai e eu passamos algum tempo com nosso neto.

Davis soltou outra risada abafada e deu uma palmada nas costas do filho.

Em seguida, os três se afastaram e o deixaram parado lá, parecendo um tolo que não se dera conta de que o desfile terminara.

## *Capítulo Dezessete*

---

STEVEN SE sentia como um caçador, mas seguiu Melissa até o estacionamento do supermercado na outra extremidade da cidade, onde o desfile se desfizera em vários segmentos coloridos, como uma cobra passando por algum rito de renovação.

Seguiram-se muitos abraços, apertos de mão e mais abraços. As crianças da banda da escola retiravam os uniformes ali mesmo, descartando as calças compridas com vinco e as casacas, para revelarem shorts e camisetas por baixo. Atiravam os trajes descartados, inclusive os chapéus com a elegante insígnia acima da aba, em cestas dentro de várias minivans e SUVs. Logo, todas estavam se dirigindo ao parque de diversões, diminuindo a concentração de pessoas no local.

Steven tentou ficar no anonimato, mas, quis a sorte, que Brad O’Ballivan, que lá estava junto com vários peões e alguns trailers grandes para os cavalos, o avistasse e o chamasse. Aquilo fez Melissa girar a cabeça em direção a ele e desviá-la. Rapidamente.

Sentindo-se um idiota, Steven conseguiu esboçar um sorriso que esperava parecer tranquilo e despreocupado. Em seguida, caminhou em direção a Brad.

– Precisa de ajuda para embarcar esses cavalos? – perguntou.

– Claro – respondeu Brad. O olhar, embora não inamistoso, parecia mais atento do que o de costume.

Steven se ocupou com o trabalho que podia executar sem pensar, removendo selas, repondo selas com cabrestos, guiando animais cansados pelas rampas desgastadas pelos cascos até os trailers que tinham o aroma agradável de feno e cavalos. Também se dedicou a amarrá-los para que fizessem uma viagem segura.

Durante todo o tempo, pensava em Melissa, embora não ousasse olhar na direção em que ela estava. Idiota, pensou, já que Melissa era a única razão que o fizera acompanhar o desfile até aquele estacionamento.

Quando o último animal foi embarcado e as portas dos trailers fechadas com trincos, ela havia desaparecido. Brad se aproximou para lhe agradecer, e os dois trocaram um aperto de mãos.

– Procurando Melissa? – perguntou Brad após alguns instantes de silêncio constrangedor.

– Estava tão óbvio assim? – perguntou Steven, desencorajado.

Brad sorriu.

– Ah, sim – respondeu. – Estava óbvio. – Voltou a ficar sério. – Este é o momento em que lhe pergunto se suas intenções são honrosas com relação a minha irmã.

– E se forem?

– Ficarei muito contente – respondeu Brad, afável. Em seguida, se inclinou de leve e começou a imitar o tom de voz de John Wayne. – Por outro lado, Pilgrim, se descobrir que está querendo apenas se divertir, serei obrigado a cuidar pessoalmente de arrebenhá-lo.

Steven soltou uma risada. Supôs que se tivesse uma irmã, agiria da mesma forma.

– É justo – retrucou.

– Melissa pegou uma carona para o outro lado da cidade, onde deixou o carro estacionado, antes do desfile – informou Brad, voltando ao próprio tom de voz, embora a imitação do “duque” fosse mais que passável. – Ela está exausta. Tinha planos de ir direto para casa tomar uma sopa enlatada, se entendi bem.

Após uma breve hesitação, Steven anuiu, agradeceu e girou para voltar ao centro da cidade. Deixara sua picape estacionada ao lado do escritório e correu naquela direção, cortando caminho entre os prédios em vez de trilhar uma rota direta, que o faria passar do tribunal. Era a força do hábito, embora soubesse que ela não voltara para o trabalho.

Não sabia o que diria a Melissa quando a encontrasse, mas alcançou a picape, entrou, ligou o motor e foi invadido por uma sensação de urgência, como se não tivesse tempo a perder.

Isso, claro, era loucura. Brad lhe dissera o que Melissa pretendia fazer. Pegaria o carro no estacionamento atrás do ginásio e iria para casa. Provavelmente se sentia exausta, após todo o esforço que despendera para fazer com que o desfile de 4 de julho transcorresse sem problemas. A atitude mais sensata seria deixá-la sozinha.

Mas, por alguma razão, não conseguia fazer aquilo. Algo o compelia a encontrá-la e dizer... o quê? O que exatamente havia para ser dito?

Não tinha a menor ideia, mas tinha de vê-la sem Matt e os pais por perto. Quando a fitasse nos olhos, as palavras lhe viriam à mente... ou não.

Saiu para a Main Street, agora salpicada de esterco de cavalo, que passara despercebido aos palhaços munidos de vassouras, confetes multicoloridos e restos de papel de balas que o prefeito atirara de seu poleiro no carro conversível. Ficou satisfeito ao encontrar Melissa no próximo cruzamento ao volante do carro, com a capota arriada, já que o tempo estava firme. Steven podia ver os últimos raios de sol do dia se refletirem nos fios castanhos.

Não havia mais nenhum veículo à vista em qualquer direção, e o efeito era quase pós-apocalíptico. Como estava distraído, perdeu o sinal verde e observou, com certa surpresa, Melissa virar à direita em vez de à esquerda, na direção da própria casa.

O veículo conversível passou pelo dele, e Steven a seguiu.

Claro que ela o veria, mas estava cansado de ficar rondando como um personagem de algum filme de espionagem. Defendera um ou dois perseguidores em sua vida profissional, mas não tinha pretensões de ser um deles. Steven possuía um pouco mais de percepção da natureza obsessiva do que a maioria das pessoas, o que supunha ser uma vantagem.



Quando Melissa sinalizou que iria virar para a Stop & Shop, foi invadido por aquela assustadora sensação outra vez. Como se tivesse de ficar próximo a ela, mantê-la em vista.

Melissa parou em frente à bomba de gasolina, saiu do conversível para passar o cartão de crédito e abastecer o veículo.

Steven passou por ela, dirigindo-se a uma vaga em frente à loja, que parecia deserta como o restante da cidade e, mais uma vez, se sentiu constrangido de uma forma ridícula.

Melissa ergueu o olhar, exibiu um sorriso vago e voltou à tarefa de abastecer, erguendo a mangueira da bomba. Porém, franziu a testa quando acionou a alavanca para começar a abastecer e percebeu que não estava funcionando.

Steven suspirou, girou e se forçou a caminhar em direção a ela de forma casual.

– Olá – saudou ele.

– Olá – respondeu Melissa. Não soava inamistosa, apenas distraída, como se soubesse que o conhecia, mas não sabia precisar de onde. *Ah, sim*, imaginou-a dizendo quando se lembrasse, batendo na testa com o dorso da mão, *aquele homem com quem fui para a cama*. – Onde está Matt? – perguntou em um tom um pouco distante, como se estivessem se encarando através de uma cerca eletrificada, com arames no topo.

– No parque de diversões com meus pais – respondeu Steven, em um tom de voz perfeitamente normal, o que era surpreendente, porque, por dentro, se sentia como se tivesse engolido cinco abelhas, todas esvoaçando e zunindo.

– Ah – disse Melissa, desviando o olhar.

Tinha de fazer algo que quebrasse aquela barreira e os fizesse conversar como adultos em vez de dois adversários adolescentes.

– Melissa...

– O quê?

– Eu... nós temos que conversar.

Uma das sobrancelhas perfeitas se ergueu de leve.

– Sobre...?

– Nós, droga! – disparou Steven.

A voz de Melissa soou doce como mel.

– E o que significaria “nós”?

Exasperado, Steven gesticulou em direção à bomba de gás.

– Talvez tenha notado que essa coisa não está funcionando – disse ele.

Melissa suspirou, soando exasperada.

– Acho que terei de entrar para pagar – respondeu ela. – Vou pedir para Martine virar a chave – dizendo isso, Melissa se afastou em direção à porta de vidro da entrada com impressionante rapidez.

Steven a seguiu, com passadas largas para alcançá-la.

– Não consigo parar de pensar em você – confessou, sentindo-se surpreso e mortificado ao se ouvir dizendo aquilo.

Melissa o recompensou com um sorriso cativante, esperou que ele abrisse a porta para ela e sussurrou:

– Então, esforce-se um pouco mais.

No momento seguinte, estava dentro da loja, com Steven atrás dela.

– Deve haver uma saída para essa questão profissional – sussurrou ele de volta, quase colidindo com ela quando Melissa estacou abruptamente.

A loja estava imersa em silêncio, mas ainda assim a atmosfera parecia vibrar.

Martine estava, de fato, atrás do balcão, e Nathan Carter ao lado dela, com o cano de uma pistola pressionada com força contra o queixo gorducho da mulher. Os olhos de Martine se encontravam arregalados e se alternaram entre Steven e Melissa, suplicando por socorro.

Steven agiu por puro instinto. Agarrou Melissa pelo braço e praticamente a atirou para trás dele.

– Abaixе essa arma – ordenou a Nathan com a voz calma.

Melissa tentou contorná-lo, mas com uma das mãos ele a empurrou para trás outra vez.

Carter se limitou a engatilhar o revólver. Um movimento exibicionista, como se o tivesse visto em muitos filmes de faroeste na televisão e o praticado sem cessar.

Era estranho, mas ocorreu a Steven e, certamente não pela primeira vez, que se os bandidos se esforçassem em trabalhos honestos com o mesmo afincamento que o faziam para a ilegalidade, jamais precisariam recorrer ao crime.

Martine deixou escapar um gemido fraco e choroso.

– O carro-forte passou hoje por aqui – disse com um fio de voz e os olhos inundados de lágrimas. – Recolheram a maior parte do dinheiro que tínhamos. Tudo que restou foram uns duzentos dólares, para fazer troco.

– Cale a boca – ordenou Carter, pressionando o revólver com mais força em Martine.

– Calma – disse Steven em um tom que geralmente reservava aos cavalos ariscos e aos cães ferozes. – Não quer se meter na encrenca em que estará envolvido se Martine se machucar. Acredite, você não vai gostar.

Carter estava suando. As pupilas pareciam espiralar no centro dos olhos. Dava a impressão de estar alcoolizado ou os dois. Aquilo era um péssimo sinal. Drogas, álcool e idiotice não eram uma boa combinação.

– Ela está nadando em dinheiro – rosnou o ladrão. – E não quer me contar onde está guardado!

– Só tenho o que está aqui na caixa registradora – insistiu Martine, com um guincho nervoso. – Vendemos muita gasolina, cerveja, refrigerante e outros produtos para os visitantes que vieram para o desfile e rodeio. O patrão quis colocar a maior parte do dinheiro no banco.

– Disse para calar a boca – repreendeu Carter. Em seguida, mais rápido do que Steven pensava que alguém, principalmente quando drogado, podia se mover, Nathan girou o revólver e usou o cabo para atingir Martine na lateral da cabeça.

O som foi o mesmo de um taco de basebol atingindo uma melancia. Melissa gritou, mais por objeção do que por medo.

Steven se atirou por cima do balcão sobre Carter, que, naquela fração de segundo, se via atrapalhado com a arma.

O som de um tiro explodiu no ar estilhaçando o vidro da janela da frente.

O alarme disparou.

Steven caiu sobre Carter, e os dois se engalfinharam, não muito longe de onde Martine se encontrava estirada, imóvel e sangrando.

A luta era corpo a corpo atrás do balcão. Carter ainda tinha o revólver não mão. Steven podia senti-lo pressionado entre os dois. Sabia que Nathan estava tentando puxar o gatilho, e se conseguisse enfiar o dedo no tambor...

Sirenes soaram a uma grande distância.

A luta pelo controle da arma parecia interminável, embora não pudesse ter durado mais do que alguns segundos. Quando a pistola disparou, Steven congelou, esperando a bala penetrá-lo.

Mas fora Carter o atingido.

O rapaz fixou o olhar em Steven, exibiu um sorriso sarcástico e fechou os olhos.

Steven se ergueu lentamente, ajoelhando-se. Em seguida, despregou a arma dos dedos do rapaz morto. Havia sangue para todos os lados. Metade de Carter, metade de Martine.

Melissa cambaleou, meio que engatinhando, e contornou o balcão. Os olhos arregalados e o rosto branco como um giz. Quando o olhar encontrou Steven, se fixou nele por uma fração de segundo. Em seguida, resvalou por Nathan Carter e se fixou em Martine que estava começando a se mexer, gemendo baixo.

– Você está ferido? – perguntou Melissa. Quando não recebeu resposta pelo segundo que se seguiu, repetiu. – Steven, você está ferido?

– Não – respondeu ele. O revólver ensanguentado emitiu um som oco quando ele esticou a mão e o pousou sobre o balcão.

Melissa esquivou-se entre ele e Carter para alcançar Martine.

– Agente firme – murmurou ela para a outra mulher. Por favor, agente firme. O socorro está chegando. Está ouvindo as sirenes? Está bem agora, está segura...

As sirenes se tornaram mais altas. Aproximando-se.

Steven se levantou, tonto.

Luzes azuis e vermelhas se refletiam através das janelas. Ele piscou várias vezes.

Melissa ainda estava abaixada no chão, tentando confortar Martine.

Tom Parker irrompeu porta adentro, com a arma em punho, ainda trajado com o uniforme de gala do desfile.

– Que diabos...? – disse ele.

– Pode colocar essa coisa de volta no coldre – retrucou Steven com uma calma admirável na voz. – O tiroteio acabou.

Tom hesitou, enquanto dois policiais surgiram atrás dele, também empunhando as próprias armas.

Tom ergueu uma das mãos. Um sinal evidente de que o perigo imediato passara. Em seguida, ordenou:

– Diga aos paramédicos que podem entrar e não permitam, em hipótese alguma, que mais ninguém entre aqui. Não quero a cena do crime violada.

Os policiais obedeceram.

Tudo acontecera muito rápido, mas agora parecia disparar.

Os paramédicos apareceram.

Steven segurou a mão de Melissa e a tirou de trás do balcão, segurando-a contra o corpo enquanto os profissionais de saúde estabilizavam Martine.

– Estou bem – repetia ela incessantemente.

Steven aumentou a pressão com que apertava Melissa quando ela começou a chorar.

Martine foi levada em uma maca e colocada na ambulância que aguardava.

Tom contornou a extremidade do balcão para baixar o olhar a Nathan Carter, cuja morte era tão evidente que os paramédicos sequer se incomodaram com ele.

– O que aconteceu? – perguntou Tom no silêncio atordoante.

Lá fora, o mundo ainda era um local barulhento. Um vazio vibrante, permeado por gritos de pânico, música do parque de diversões e o rangido de pneus no asfalto, quando a ambulância partiu em alta velocidade. Por outro lado, aquela loja era como o fundo de um lago. Ou de um oceano.

Melissa enterrou o rosto na camisa de Steven, para não ver o sangue, tremendo contra o peito musculoso.

Lentamente, Steven contou tudo que se passou. A polícia estadual chegou, trazendo os técnicos que iriam analisar a cena do crime. A loja estava protegida, e Tom disse para Melissa e Steven irem para a casa, porque não havia mais nada a fazer.

– Não pode deixar Matt vê-lo todo ensanguentado desse jeito – disse Melissa, quando saíram para o ar quente da noite.

O comentário o fez perceber que ela estava melhor. Voltava a si. Voltava para ele.

– Eu sei – respondeu Steven, exausto até a medula dos ossos.

Curiosos gritavam-lhes perguntas, as quais Melissa interrompeu erguendo uma das mãos.

– Tom fará um pronunciamento no momento apropriado. Enquanto isso, espero que todos cooperem e deixem as autoridades completarem as investigações sem interrupções.

– Martine ficará bem? – alguém gritou da multidão.

– Sim – respondeu Melissa com um dos braços em torno da cintura de Steven, da mesma forma que ele a envolvia, embora não soubesse quem apoiava quem.

O veículo conversível ainda estava estacionado próximo à bomba de gasolina. A pintura brilhando sob a iluminação externa.

Steven a guiou na direção da picape. Independente do que acontecera, não estava disposto a deixá-la. Estavam quase alcançando a porta do motorista quando um homem, usando um chapéu, saiu das sombras.

– Boston? Esse sangue todo é seu ou de outra pessoa?

Brody. Steven sentiu uma miríade de emoções assolá-lo, mas alívio era a única que reconheceu.

– Estou bem – disse ele.

Brody retirou o chapéu surrado e velho, anuindo com um gesto educado para Melissa.

– E quanto a senhorita?

Limitando-se a confirmar que estava bem com um gesto de cabeça, ela se recostou discretamente em Steven.

– Papai e Kim estão no parque de diversões com Matt. – Steven informou ao primo. – Encontre-os e os leve para o rancho, está bem? – Fez uma pausa, baixando o olhar às próprias roupas. Tom não dissera nada, mas a polícia certamente as solicitaria como prova. Seria interrogado, sem dúvida. Aquela seria uma longa noite.

Brody anuiu.

– Farei isso – disse ele. Em seguida, segurou o braço de Melissa e a guiou até a porta do passageiro, ajudando-a a subir na picape. O primo sabia ser um cavalheiro, quando queria.

Steven já estava posicionado atrás do volante, quando Brody contornou o veículo para fitá-lo através da janela aberta.

– Talvez seja melhor trocar essas roupas – disse ele em tom sério. – Se Kim e o pequeno o virem parecendo que levou a pior em um tiroteio, irão se desesperar.

Steven anuiu.

– Dê-nos uma hora – disse ele. – Passou a marcha ré na picape, recuou e depois se afastou.

– Quer que eu a deixe em sua casa? – perguntou ele a Melissa, como uma reflexão tardia.

Sentiu-se mais que aliviado quando ela negou com a cabeça.

Fizeram o trajeto até o rancho em relativo silêncio. Ambos provavelmente chocados. Quando ela viu luzes acesas dentro da casa antiga e percebeu que o ônibus de turnê de Brad fora substituído pelo veículo recreacional de Kim e Davis, empertigou o corpo.

– Mudou-se para sua casa?

– É mais como se tivéssemos acampando – respondeu Steven com um sorriso. Era uma sensação boa... e estranha... sorrir. Era como se tivesse esquecido como era e, de repente, se lembrado. – Está tomando forma. Matt está ocupando o próprio quarto, e eu estou no meu. A cozinha está funcionando, assim como o chuveiro e a banheira.

Melissa baixou o olhar às próprias roupas, quando Steven estacionou a picape e abriu a porta, fazendo com que as luzes internas do veículo se acendessem.

– Estou um caos – disse ela.

– Pode pegar uma muda emprestada de Kim – retrucou ele, saindo da caminhonete.

Antes que Steven pudesse contornar o veículo e abrir a porta do passageiro, ela desceu.

Encontraram-se na traseira da picape.

– Você está... está mesmo bem? – perguntou ela.

Steven fez menção de tocá-la, mas recuou a mão no último instante.

– Pode-se dizer que vi a luz – disse ele, após anuir.

Melissa se postou ao lado dele, escorregando um dos braços pela cintura reta. Ambos se encaminharam à casa.

Lá dentro, Zeke latia sem cessar, esperando para cumprimentá-los.

Ansioso por fazer festa para qualquer pessoa.

Entraram na casa, e Steven deu um pouco de atenção ao cachorro. Em seguida, dirigiu-se à cozinha, retirou alguns sacos de lixo de uma caixa sob a pia de inox nova em folha. Ofereceu um a Melissa e apontou a direção que ela devia tomar.

– Você pode tomar banho primeiro – disse ele. – Há um robe pendurado atrás da porta do banheiro.

– E quanto a você? – perguntou ela com voz baixa e preocupada. – Matt ficará transtornado se o vir...

– Brody não o deixará ver – respondeu Steven. O primo era a pessoa com quem menos se podia contar, mas quando a situação era séria, Brody jamais decepcionava.

– Mesmo assim – argumentou Melissa.

Steven lhe espalmou uma das mãos na coluna lombar e a empurrou em direção ao toalete.

– Vá – disse atrás dela, próximo à orelha delicada. – Procurarei algo que possa vestir no veículo recreacional. Coloque suas roupas no saco que lhe dei. Há uma boa chance de o pessoal forense solicitá-las.

Melissa anuiu, sem girar para fitá-lo. Em seguida, abriu a porta e desapareceu dentro do toalete.

Steven esperou até ouvir a água do chuveiro correndo. Em seguida, se encaminhou ao próprio quarto. Retirou as roupas e as colocou em um segundo saco. Vestiu uma calça comprida de moletom que pretendia jogar no lixo. Após essa última vez, iria aposentá-la.

Pegou uma camisa, meias e tênis. Ouviu o chuveiro ser desligado e imaginou Melissa saindo, nua, do boxe, enxugando-se rapidamente,



esticando a mão para pegar o robe, vestindo-o e atando a fita em torno da cintura. O pensamento o fez sorrir.

Mas também despertou a vontade de abraçá-la. Pele contra pele. Mas aquele desejo surgiu mais do fato de saber que ela estava segura do que por atração física.

Encontraram-se no corredor.

– Farei café – disse ela.

– Boa ideia – retrucou Steven.

Quinze minutos depois, ele se juntou a Melissa, que se encontrava sentada à mesa que a empresa de mudança trouxera de seu apartamento em Denver. Parecia muito moderna para um rancho e muito pequena para aquela cozinha, mas Melissa parecia bem.

Bastou que ela lhe voltasse o olhar, para Steven perceber que o cérebro de Melissa funcionava a todo o vapor.

Impressionante, considerando pelo que ela passara mais cedo, naquele fim de tarde.

– Espere um pouco – disse ele de modo brusco. – Voltarei em um minuto. – Pegou a chave do veículo recreacional dos pais que se encontrava pendurada na porta dos fundos e saiu, levando Zeke consigo. Enquanto o cachorro farejava ao redor e levantava a perna contra uma roda de carroça velha, meio enterrada na lama, Steven destrancou o luxuoso veículo recreacional e entrou.

Havia algumas malas sobre a cama do quarto principal, ambas abertas, embora Davis e Kim ainda não tivessem retirado tudo delas.

Steven pegou uma graciosa calça jeans e uma camiseta com os dizeres: “Lonesome Bend Pioneer Days” impressos na frente. Não tocou nos sutiãs ou calcinhas. Não tinha certeza, mas apostava que as mulheres não gostavam de usar roupas íntimas umas das outras, assim como os homens.

Não, Melissa teria de passar sem elas. O pensamento o fez sorrir outra vez, o que era impressionante, considerando a situação.

Voltou à casa, com Zeke correndo, feliz, em seu encalço. Ofereceu o jeans e a camiseta a Melissa.

Ainda sentada à mesa, ela aceitou os trajés limpos sem nada comentar. Ergueu-se e voltou ao toalete para vesti-los.

Retornou a tempo de beber o café fresco que Steven acabara de despejar na caneca. Esticou a mão para pegá-la e, agradecida, sentiu o aroma encorpado.

Kim era mais alta que Melissa, portanto o jeans e a camiseta pareciam um pouco grandes nela, o que não a incomodou.

– O que acontecerá agora? – perguntou ela, após se deixar afundar na cadeira.

Zeke se aproximou e recostou o focinho no colo de Melissa, como se a lhe ofertar consolo.

– Tom nos chamará para depor – retrucou Steven, embora tivesse certeza de que a pergunta fora retórica. – Talvez esta noite ou provavelmente amanhã. – Girou a cadeira ao contrário e montou sobre o assento com os braços pousados no espaldar. – Você foi testemunha, advogada.

Eu matei um ser humano, pensou Steven.

Um brilho faiscou nos olhos de Melissa.

– Sei disso – afirmou ela. – Estava me referindo... Quero dizer... O que acontecerá entre nós?

Um dos cantos dos lábios de Steven se curvou em um sorriso.

– Não faz muito tempo, uma moça me disse, com alguma ênfase, que não havia nenhum “nós”.

Melissa empertigou a coluna. Uma das mãos envolvia a caneca e a outra acariciava a cabeça de Zeke.

– Isso foi antes de ela... de eu estar face a face com minhas prioridades. Isso acontece quando se pensa que se pode morrer.

Steven anuiu, sentindo as batidas do coração acelerarem, mas não havia como Melissa perceber, claro. O que era bom, em sua maneira de pensar.

– Quais são suas prioridades? – perguntou ela.

Steven levou algum tempo para falar, embora as respostas estivessem impressas em cada célula de seu corpo, pequenos hologramas, cada um contendo o todo.

– Matt. A saúde, a felicidade, a liberdade dele, minha, de minha família e de tudo mundo. Colocar a cabeça no travesseiro à noite e saber que fiz a coisa certa naquele dia, mesmo que as coisas não saiam da maneira que espero. – Permitiu-se uma pausa. – E quanto a você? Quais são suas prioridades?

– As pessoas a quem amo importam mais – disse ela após tomar alguns goles do café. O olhar estava fixo no infinito – As questões do Direito, pois sem organização social, todos teremos problemas. – Baixou o olhar a Zeke e exibiu um sorriso terno. – Animais significam mais para mim do que pensava. São tão devotados e leais!

– Pensando em ter um animal de estimação? – perguntou Steven, quando outro silêncio se seguiu.

Melissa sorriu, mas fez um gesto negativo com a cabeça.

– Não imediatamente – disse ela. – Mas acho que gostaria de trabalhar para a fundação de Olivia, quando meu mandato como procuradora acabar. Livie e eu costumávamos conversar muito sobre como eu poderia servir como uma espécie de advogada dos animais.

Steven absorveu aquilo, junto com alguns goles de café, tentando não parecer muito contente com o que ela acabara de revelar. Poderia apostar sua melhor sela que aquela mulher permaneceria como promotora do município de Stone Creek até que ficasse com os cabelos brancos.

– Isso é interessante – disse ele.

Zeke ergueu a cabeça do colo de Melissa e começou a latir outra vez.

Ouviram o som do motor de um carro e logo depois a porta batendo.

Brody enfiou a cabeça pela porta da cozinha, segundos depois.

– Terreno limpo? – perguntou.

– Sim – respondeu Steven.

O sorriso de Brody se abriu como um nascente de verão, cheio de luz.

– Ótimo – respondeu. – Vou buscar Kim, Davis e o menino.

Com a mesma rapidez, o primo se foi, e Zeke o seguiu.

Há muito, o cachorro se elegera o comitê oficial de boas-vindas da casa.

Melissa mordeu o lábio inferior.

– Sei que deveria pedir que me levasse para casa, mas...

Steven lhe cobriu a mão com a dele.

– Mas?

– Mas não está parecendo que quer ficar sozinho, e minha família iria fazer um alvoroço sobre o que poderia ter acontecido. Acho que não conseguiria enfrentar isso esta noite.

– Fique comigo – sugeriu Steven com voz rouca. – Eu a abraçarei. Nada mais, prometo.

Os olhos de Melissa se encheram de lágrimas, enquanto procurava algum sinal de mentira nos dele.

– Está bem – concordou no mesmo instante em que Matt entrou correndo na casa, com Kim, Davis, Brody e Zeke atrás.

MELISSA REPAROU na pintura pregada na porta do refrigerador enquanto Steven fazia um relato abrandado dos eventos daquela noite para Matt e os outros. Kim, Davis e Brody escutaram atentamente.

Deixou vários detalhes pertinentes fora da narração: o medo que sentiram quando Martine foi atingida pelo cabo da arma de Carter, a luta pelo revólver, o tiro que tirou a vida do criminoso. Porém, ainda assim, conseguiu transmitir muita coisa.

Sim, alguém tentara assaltar a Stop & Shop. Sim, ele e Melissa ficaram assustados. Não, não fui um herói.

– Sim, foi – discordou Melissa, desviando o olhar do desenho que Matt mencionara mais cedo, na cidade, quando o desfile estava quase chegando ao fim.

Kim sorriu e cutucou Matt que estava sentado em seu colo.

– Por que não vai buscar seu pijama, escova de dentes e vem passar a noite no veículo recreacional dos seus avós?

Os olhos do menino se arregalaram. Estava cansado, mas as coisas que Steven dissera pareciam ter abrandado os temores da criança.

– Você ficará bem, papai? – perguntou ele.

– Sim – prometeu Steven.

Matt girou para fitar Kim.

– Zeke pode ir também?

Foi Davis a responder.

– Claro que pode – disse ele, dirigindo o olhar a Brody, que se encontrava encostado contra o balcão da cozinha, com os braços cruzados, observando-os. – Há muito espaço lá – acrescentou.

Brody sorriu e fez uma pequena saudação em resposta.

Era um belo homem, pensou Melissa. Porém, estranhamente distante.

– Ainda estará aqui pela manhã? – Matt perguntou a Melissa, estacando ao lado dela e a fitando com o que parecia ser uma mistura de esperança e preocupação.

Era uma pergunta complicada. Melissa voltou o olhar a Steven como a que pedir socorro, mas ele nada disse.

De repente, Matt correu até ao refrigerador, pegou o desenho e o trouxe de volta à mesa para mostrar, orgulhoso, a Melissa. A fita adesiva ainda agarrada às extremidades agora irregulares.

Steven limpou a garganta.

– Talvez seja melhor ir pegar seu pijama e pasta de dentes, como sua avó sugeriu – disse ao filho.

O brilho no rosto do menino nem tremulou. Matt anuiu em concordância, mas estava focado em Melissa e no desenho.

– Está vendo? – perguntou. – É o desenho de que lhe falei no desfile. Este sou eu, este é meu pai e Zeke. E você.

Melissa sentiu a garganta se fechar. A imagem que a representava em crayon tinha o cabelo atado, trajava o que parecia ser um terninho e carregava uma grande maleta ou bolsa.

– E este? – perguntou, indicando a criatura em forma equina.

– Este é o meu cavalo. Vou ganhar um, qualquer dia desses. Vovô Davis disse que se papai não me der um pônei, ele me dará.

– É mesmo? – perguntou Steven ao pai em voz baixa e arrastada.

– Vamos tirar uma soneca – disse Davis de modo fanfarrão, exagerando no sotaque caipira. – Amanhã haverá um rodeio, e não sei quanto a vocês, mas pretendo chegar lá a tempo de pegar um bom lugar na arquibancada, e isso significa que tenho de dormir.

Lembrado do rodeio, Matt esqueceu o desenho e correu para o quarto, retornando dentro de alguns instantes com as coisas de que necessitaria para dormir com os avós.

Melissa sentia-se um pouco culpada, sabendo que ela era a razão para Brody e Matt dormirem no veículo recreacional em vez de ficarem na casa. Dados os acontecimentos daquele dia, talvez Matt precisasse ficar perto do pai, senão por mais nada, apenas para se certificar de que Steven estava seguro.

Brody e Davis saíram, concentrados em uma conversa que estavam tendo. Steven e Matt voltaram ao quarto do menino para buscar um pijama limpo para substituir aquele que ele escolhera a princípio.

– Steven achou que não se importaria se eu pegasse uma muda de roupa emprestada de você – disse Melissa a Kim, ainda mais envergonhada de que antes, quando as duas ficaram sozinhas.

A madrasta de Steven lhe deu palmadas leves na mão e sorriu.

– Não se preocupe – disse ela, desviando o olhar ao desenho que Melissa ainda segurava. A voz do menino lhe ecoando na mente. Esta é você. Esta é você... – Tem certeza de que está bem? – perguntou.

Melissa se esforçou para sorrir e fez que não com a cabeça.

– Acho que não – confessou. – Foi horrível, principalmente quando o revólver disparou a segunda vez. Pensei que Steven tivesse sido... pensei que ele estava morto ou gravemente ferido...

Kim pousou uma das mãos no ombro de Melissa. O toque era leve, mas firme o suficiente para ser confortador. Do nada, Melissa pensou na mãe que nunca estivera presente para apoiar nenhum dos quatro filhos e não poderia estar lá agora. Uma pontada de dor e ressentimento a atingiu com tanta força que a fez quase dobrar o corpo.

– Talvez devesse consultar um médico – sugeriu Kim.

– Não – respondeu Melissa. – Pela manhã, estarei bem.

Naquele momento, Steven retornou com Matt, que agora trajava um pijama de algodão limpo com estampado de carroças, cactos e tendas indígenas.

– Sou o Colorado Kid! – exultou o menino, erguendo as duas mãos como se o pijama fosse a prova de sua identidade preferida.

– Você é um louco – retrucou Steven com afeição, despenteando o cabelo de filho com uma das mãos.

Kim se ergueu, após dirigir mais um olhar preocupado a Melissa. Em seguida, bocejou de maneira exagerada e se espreguiçou.

– É melhor irmos logo, Colorado – disse ela ao neto. – Está ficando tarde.

– Boa noite – disse Steven, despedindo-se da madrasta e de Matt.

Melissa continuou sentada à mesa, e Steven permaneceu onde estava por um longo instante após todos, inclusive o cachorro, partirem.

Com o desenho estirado sobre a mesa, ela mantinha o olhar fixo no papel. Sentia os olhos arderem e a garganta apertar.

Por fim, Steven cruzou a cozinha na direção dela, segurou-lhe a mão e a ergueu. Em seguida, lhe emoldurou o rosto com as duas mãos e lhe inclinou a cabeça para trás para que Melissa pudesse fitá-lo.

– Tudo o que desejo é abraçá-la – disse ele. – Mas se preferir passar a noite no quarto de Matt, tudo bem.

– Quero dormir abraçada com você também – respondeu ela.

Steven sorriu.

– Então queremos a mesma coisa.

O quarto de Steven, como o de Matt, ficava no andar térreo. A cama era ampla e estranhamente moderna, dada a natureza rústica da casa do rancho. As luminárias de bronze refletiam uma luz dourada sobre os grandes travesseiros. A roupa de cama era de algodão egípcio, se Melissa não estivesse enganada, com uma grande quantidade de fios.

Estaria ela incorporando Ashley?

Não, negou Melissa. Estava apenas nervosa. Mas era tolice estar nervosa agora, quando se encontrava perfeitamente segura.

Com tanta naturalidade quanto se dormissem todas as noites na mesma cama, Steven a deixou sem hesitar e desapareceu no toalete contíguo. Quando retornou, Melissa havia se apropriado de uma camiseta que encontrara em uma das gavetas de uma cômoda. Deixara as roupas de Kim dobradas sobre o assento de uma cadeira.

Os olhos azuis se dilataram quando viu Steven total e gloriosamente nu. Melissa enrubesceu quando todos os tipos de sensações a invadiram.

– Costumo dormir assim – explicou ele.

– Ah! – disse ela.

Steven se deitou em um dos lados da cama. Após alguns momentos de hesitação a mais, Melissa se juntou a ele. Deitaram-se, afastados, fitando o teto.

Em seguida, Steven esticou a mão para o interruptor, e ambas as luminárias se apagaram, imergindo o quarto em escuridão, exceto por um raio de luar que emprestava um brilho branco à cama.

– Você está bem? – perguntou ele após muito tempo.

– Sim – confirmou Melissa. – E você?

– Melhor que bem – respondeu Steven, puxando-a contra o calor do corpo rígido e a abraçando. – O que diria se eu lhe confessasse que há uma boa possibilidade de que eu a ame?

Uma imensa alegria envolveu Melissa, antes que ela tivesse chance de erguer as costumeiras defesas. Longos instantes se passaram antes que ela respondesse.

– Eu diria – começou, se achegando mais a ele e sentindo a alma se elevar. – Que provavelmente está abalado por tudo que aconteceu esta noite.

– Suponha que seja mais que isso – sugeriu ele, pousando o queixo no topo da cabeça Melissa. – E então?

Melissa começou a chorar.

– Diria que seria ótimo – confessou por fim.

Uma risada abafada emergiu do peito de Steven, enquanto ele a abraçava com mais força. Melissa não se lembrava da última vez em que se sentira tão segura.

– O que significa? – insistiu ele.

Melissa deixou escapar um suspiro e fungou.

– Significa – respondeu. – Que tenho 99 por cento de certeza que sinto o mesmo por você.

– Mas gostaria de não sentir.

– Você não?



Steven refletiu antes de responder.

– Não adianta muito agora, não acha?

– Isso é o que é – disse Melissa.

– Não acha que poderia empregar um pouco mais de entusiasmo? – provocou Steven, girando a cabeça de forma que os lábios ficassem sobre os dela.

Melissa sorriu, envolvendo-lhe o pescoço com os braços.

– Sim – concordou. – Mas precisarei de um pouco de encorajamento.

## *Capítulo Dezoito*

---

STEVEN NÃO fez amor com Melissa durante a noite. Prometera apenas abraçá-la e manteve a palavra. Porém, quando os primeiros raios de luz rósea a acordaram, anunciando a madrugada, tudo em Melissa pareceu incendiar.

Um fogo lento e incandescente e, por isso, ainda mais incinerador.

Na noite anterior, estava em choque e vulnerável. Alguns homens tirariam vantagem disso, mas não Steven Creed.

Melissa escorregou para fora da cama e se dirigiu ao toalete. Voltou com a bexiga vazia e, graças a um antisséptico bucal que encontrara no armário dos remédios, com um hálito fresco.

Estacou baixando o olhar a Steven, desejando que ele abrisse os olhos.

– Sei que está acordado – disse por fim.

Um sorriso curvou um dos cantos dos lábios sensuais, ao mesmo tempo em que ele descerrava uma das pálpebras. Melissa retirou a camiseta e a atirou para o lado.

Steven resmungou uma exclamação.

– Estava falando sério? – perguntou Melissa, divertindo-se com seu breve momento de poder. Quando Steven a tivesse sob o corpo, sabia muito bem que o peso da balança iria mudar. Seria ele a estar no comando.

Na maior parte do tempo.

– Estava falando sério, o quê? – perguntou ele, mudando para a posição sentada, com as costas nuas recostadas ao espaldar da cama. O travesseiro se comprimiu atrás dele.

– Quando disse que pensava haver uma boa possibilidade de você me amar – esclareceu ela. – Estava falando sério?

Steven sorriu, e todo o seu semblante pareceu se iluminar, como o mundo além das janelas do quarto.

– Na verdade – retrucou ele, esticando a mão com a velocidade de um raio e a puxando para o colo. – Acho que atenuiei a questão consideravelmente.

Melissa piscou várias vezes, ainda ofegante por ter sido puxada, embora de modo gentil.

– Quer dizer...?

– Que agora tenho total certeza – explicou Steven, fitando-a com intensidade, sem piscar. – Eu a amo. Desde o primeiro instante. Apenas levei algum tempo até admitir isso para mim mesmo.

– Está dizendo isso apenas porque quer fazer sexo?

Steven se inclinou para a frente e a beijou. O fingido estivera apenas simulando estar dormindo. Tinha a fragrância tentadora de sabonete e pasta de dentes. O cabelo estava levemente úmido. Acordara antes dela.

– Não posso negar que quero fazer sexo com você – disse ele, sorrindo ao perceber a própria ereção. – No entanto, ainda é verídico o fato, advogada, de que, sim, eu a amo.

Melissa queria que aquilo fosse verdade, sentia tanto medo de não ser!

– Como pode ter certeza?

Steven sorriu outra vez, acariciou-lhe o cabelo com uma das mãos fortes e calejadas.

– Tenho certeza – afirmou, enquanto a mesma mão escorregava pela pele exposta do ombro delicado, provocando-lhe formigamentos e se curvou sobre o seio firme. Com a lateral do polegar, lhe estimulou o mamilo, que enrijeceu de uma maneira deliciosa, pronto para ser sugado pela boca de Steven. Ela soltou um gemido.

Girando-a sobre o colo, de modo que Melissa ficasse montada sobre ele, Steven a saboreou com a ponta da língua.

Uma nova onda de calor a atingiu, enquanto ele lhe sugava o seio, a princípio gentil, mas com crescente intensidade.

Melissa suspirou algo sem sentindo, deixou a cabeça pender para trás e se ofereceu a ele.

Na noite anterior, Steven se controlara. Mas naquela manhã, se mostrava impetuoso, explorando-lhe os seios com lentidão, rolando-a para que se deitasse de costas, enterrando a cabeça entre as coxas macias e beijando o interior aveludado.

Mordia-a de leve. Provocava-a.

Melissa gritou e enterrou os dedos no cabelo espesso, sem saber se desejava afastá-lo ou aproximá-lo ainda mais do ponto em que ele a beijava. O prazer era torturante, quase lhe ultrapassando a capacidade de suportar.

– E quanto a...? – A pergunta de Melissa saiu estrangulada.

– Esq...queça – assegurou Steven, entre as investidas da língua. – Estamos... sozinhos...

Melissa gemeu, emitindo uma súplica incoerente. Queria pôr fim àquela tensão e, ao mesmo tempo, desejava que a sensação extasiante se perpetuasse.

Steven a levava à beira do precipício sem pressa e, em seguida, recuava. Por fim, lhe deu o que desejava.

E Melissa aceitou, sem hesitar.

O orgasmo a atingiu implacável, sacudindo-lhe o corpo em espasmos. Ela se entregou à sensação explosiva sem reservas. Quando o corpo cessou de flexionar e convulsionar, Steven também havia perdido o controle.

Devia ter um preservativo por perto, porque o havia aplicado e a penetrava profundamente, quase que com um movimento contínuo.

Melissa, que acabara de aterrissar das alturas, não esperava ser catapultada a elas outra vez, ainda mais com tanta rapidez, mas ante a primeira investida dos quadris de Steven, foi arremessada à mesma sensação extasiante de antes.

Porém, com ainda maior intensidade.

Atingiriam o clímax ao mesmo tempo. O corpo de Melissa arqueando sob o dele. Steven se enterrou fundo dentro da maciez quente e pulsante, atirando a cabeça para trás e deixando escapar um gemido gutural de satisfação.

Levaram um bom tempo para se recuperar. Porém, quando ouviram o latido de Zeke do lado de fora da porta, os dois se levantaram cambaleantes. Melissa foi a primeira a entrar no chuveiro, como na noite anterior. O que foi uma vantagem, porque quando chegou à cozinha, encontrou Matt, Davis, Kim e Brody lá. Assim como Tom Parker.

Melissa corou, ajustando o cós da calça jeans larga que pegara emprestada.

Sentado à mesa, com uma xícara de café fresco à frente, Tom a recompensou com um sorriso insolente que dizia um explícito “e então?”, como se tivesse dado voz à palavra.

– Imagine só encontrá-la aqui – começou ele com olhar divertido.

– Apenas imagine – retrucou Melissa, porém mantendo o tom de voz moderado, porque Matt estava presente, assim como os pais e o primo de Steven. E todos a observavam.

– Dormiu bem? – perguntou Matt, com genuína inocência. A voz aguda reverberando pela cozinha.

Os adultos disfarçavam os sorrisos com tossidas ou viravam de costas. Exceto Tom, é claro. O xerife se divertia muito com o desconforto de Melissa.

– Sim – respondeu ela à criança, porque sabia que Steven tinha como princípio não mentir para o filho. – Dormi.

Matt, ainda trajando o pijama com estampas do velho oeste, correu e a abraçou.

– Vai ficar para o café da manhã? Por favor?

– Panquecas de mirtilo – avisou Kim, indicando a sacola reutilizável do mercado que trazia nos braços. Era impossível não gostar de uma mulher que comprava os próprios ingredientes e gostava de cozinhar. – É bem-vindo para se juntar a nós, xerife – acrescentou para Tom, que prontamente concordou.

Parker podia ser um homem calado, mas não era tímido. Exceto no que concernia a Tessa Quinn.

– Faremos bacon com ovos também – acrescentou Davis Creed.

– Não faremos – retrucou Kim, dirigindo um olhar austero ao marido. – Quero tê-lo por perto por mais algum tempo, se não se importa.

Algo vibrava entre aqueles dois, Melissa podia jurar. Amavam-se sem sombra de dúvida. Profunda, apaixonada e permanentemente.

Daquela forma, era possível um casamento passar pelos bons e maus momentos, não só por alguns anos, mas por décadas.

Na teoria, Melissa tinha aquela noção, mas seu lado emocional, devido à experiência vivida pelos pais e por ela mesma, não ousava acreditar.

Melissa ajudou Kim a pôr a mesa, apreciando a conversa, as risadas, os aromas maravilhosos das preparações do café da manhã.

A refeição era barulhenta e deliciosa. Um costume familiar, com certeza.

Steven, no entanto, parecia agitado. O olhar se voltava constantemente à porta dos fundos ou às janelas. Quando se ouviu o som de uma buzina vindo da estrada, que passava próximo ao rancho, se sobressaltou.

– O que há com você, Boston? – perguntou Brody atrás de uma pilha de panquecas que rivalizava com a inclinada Torre de Pisa.

Melissa observou com interesse, pelo canto do olho, o pescoço de Steven ruborizar e a cor escarlate se espalhar pelo rosto. Ele remexia a comida no prato com o garfo, mas não estava comendo.

– Nada – respondeu, dirigindo um olhar que dizia a Brody para não insistir no assunto.

Certamente estava preocupado com a presença de Tom, refletiu Melissa. Era certo que os dois teriam de responder a um milhão de perguntas e prestar depoimento em juízo depois, mas o caso em si era muito claro.

Com o treinamento e experiência que possuía em direito criminal, Steven deveria saber que não teria de responder pela morte de Nathan Carter. Então o que o estava incomodando?, perguntou-se Melissa, estudando-o com atenção.

O telefone celular de Tom tocou antes que qualquer um pudesse falar, embora Brody estivesse prestes a fazê-lo. A ousadia se refletia nos olhos

azuis, e os lábios se encontravam comprimidos em uma linha fina.

Brody Creed, concluiu ela, não gostava que lhe dessem ordens. Grande surpresa!

– Tom Parker – atendeu o xerife. – Sim? Isso é muito bom. Ótimo. Claro, posso passar pelo escritório dentro de pouco tempo, mas antes tenho que ir em casa pegar Elvis. Ele adora o rodeio. – Melissa sorriu, embora sentisse uma pontada no peito diante da repentina tensão que a atingiu. O que, imaginou, seria “muito bom”? – Obrigado – disse Tom, terminando a ligação antes de fechar o telefone e guardá-lo de volta no bolso da camisa.

Todos os olhos estavam voltados para ele, e ninguém sequer fingia comer.

– Era o médico do hospital de Flagstaff – explicou Tom, segurando mais uma vez o garfo. – Martine ficará bem. Eles lhe darão alta hoje.

Melissa se viu muda de emoção. Agora que não tinha de se preocupar com o que acontecera com a mulher, um alívio a atingiu, trazendo-lhe lágrimas aos olhos.

– Graças a Deus! – disse ela.

– Não que não seja bem-vindo, xerife – disse Steven, quando a reação emocional que tomou conta dos que estavam à mesa se abrandou. – Mas deve ter uma boa razão para vir aqui nesta manhã de sábado.

Tom relanceou o olhar a Matt, que estava distraído, escorregando um pedaço de bacon para Zeke e, portanto, alheio à conversa dos adultos.

– Precisaréi das roupas que estava usando – disse ele, agora fixando o olhar em Steven. – Assim como as de Melissa. Os... há... interrogatórios poderão esperar até amanhã, quando o rodeio acabar e a poeira tiver assentado um pouco.

A postura rígida dos ombros de Steven pareceu se suavizar um pouco.

– Está bem – respondeu, voltando o olhar à janela.

Por quem ele estaria esperando?

Melissa não teve a oportunidade de perguntar até que a refeição chegasse ao fim, os pratos estivessem limpos e todos se colocassem a caminho da cidade, inclusive Tom.

E, àquela altura, ela se esqueceu de que tinha uma pergunta a fazer.

STEVEN ESPEROU na sala de estar da casa de Melissa, enquanto ela desaparecia para trocar a muda de roupa que tomara emprestada de Kim por um traje próprio. Surgiu, aparecendo maravilhosa em um jeans preto, tão justo que dava impressão de ser uma segunda pele, uma blusa que parecia com a de cor pêssego que usara no dia anterior, porém turquesa e não ensanguentada. Para completar o visual, calçou um par de botas espalhafatosas, também azul turquesa, decoradas com apliques prateados brilhantes, além de algumas pedras de strass.

– Uau! – disse Steven. Não faria nenhum comentário sobre aquelas botas, isso era certo.

– A última vez que calcei essas botas – disse Melissa. – Foi quando fui a rainha do Stone Creek Rodeo Days.

Steven limpou a garganta.

– Ajudaram bastante – disse ele, subindo o olhar das botas e passando por todos os lugares secretos que tocara e beijara na cama, naquela madrugada, até chegar à face. – E você também.

Melissa soltou uma risada.

– Boa saída – disse ela.

Steven se remexeu.

– Podemos fazer isso, certo? – perguntou.

Melissa se aproximou e escorregou os braços em torno da cintura reta. Em seguida, se ergueu na ponta dos pés e lhe beijou o buraco do queixo.

– Fazer o quê? – perguntou em tom suave. Os olhos faiscando, afetuosos.

Por um instante, Steven sentiu como se fosse se afogar naqueles olhos para sempre.

– Fazer com que dê certo – respondeu ele. Você. Eu. Nós.

– Sim, podemos – afirmou ela em tom gentil, espalmando as mãos sobre as omoplatas de Steven. – Tudo que temos de fazer é nunca deixar de tentar. Se dermos tempo ao tempo e não desistirmos, conseguiremos.

Steven sorriu, inclinou a cabeça e lhe mordeu o lábio inferior.

– Fala como alguém que descende de resistente espécie pioneira – provocou ele.

– Assim como você – ofegou ela contra os lábios de Steven.



- Poderíamos nos atrasar um pouco para o rodeio – sugeriu ele.
  - Que rodeio? – perguntou Melissa.
- Diante disso, Steven a ergueu nos braços e a levou para a cama.

MELISSA NÃO conseguia apagar o sorriso estampado no rosto, o que era loucura, quando quase fora morta na noite anterior, na Stop & Shop.

O modo como Steven a amara na cama da casa do rancho e agora na cama em que ela costumava dormir, a deixou com a sensação de estar flutuando no ar.

Seria arriscado se permitir amar um homem de modo tão abnegado? Claro que seria, porém, como dissera Steven, descendia de pioneiros como Sam e Maddie O’Ballivan e gerações tão fortes quanto eles, que não temeram abrir os corações quando encontraram a pessoa especial. E Melissa também não temia.

Tampouco Brad e Meg. Ou Olivia e Tanner. Ou ainda Ashley e Jack.

Os quais se encontravam sentados na mesma fileira da arquibancada em que estavam Davis, Kim e Matt, quando ela e Steven chegaram de mãos dadas. Matt, na verdade, estava brincando de pique com Mac, nos corredores entre as fileiras, durante a calmaria entre as apresentações.

No mesmo instante, Olivia, Ashley e Meg se colocaram de pé e chamaram Melissa. Uma de cada vez a abraçou, todas chorando e repetindo sem parar o quanto estavam felizes por vê-la em segurança.

Os homens, reparou Melissa, apesar do excesso de amor fraternal, se limitaram a gesticular com as cabeças.

Quando o mestre de cerimônias anunciou a competição de montaria a pelo, todos retornaram a seus lugares. Brody estava competindo naquela modalidade.

Ou não? Melissa piscou várias vezes, observando o homem que cruzava o corredor entre as fileiras, com o chapéu em uma das mãos e um sorriso estampado no belo rosto. Era a imagem exata de Brody.

Mas não era ele.

Melissa sentiu Steven enrijecer a seu lado.

As arquibancadas estavam apinhadas de gente. Um rugido se ergueu quando o mestre de cerimônias anunciou o primeiro participante.

– Hoje, temos uma forasteiro conosco, pessoal – bradou a voz familiar ao autofalante. – Vamos dar as boas-vindas ao estilo Stone Creek ao concorrente número 32, Brody Creed, de Lonesome Bend, Colorado!

O rugido se intensificou.

Melissa perdeu todos os oito segundos da montaria de Brody, porque não conseguia desviar o olhar do homem parado entre as fileiras.

Não lhe restava nenhum vestígio do sorriso que exibia há pouco. As mãos cerradas em punhos dos dois lados do corpo.

– Uh-oh – disse Davis em tom baixo. Em seguida, como em um acordo tácito, ele e Steven se encararam.

– Quem é ele? – perguntou Melissa a Matt, que sentara em seu colo.

– Conner – explicou o menino. – Ele e Brody são gêmeos, assim como você e sua irmã. Mas são do tipo idênticos.

Conner com o semblante rígido pela raiva, voltou o olhar a Davis, e Steven girou a cabeça para o corredor atrás.

Melissa fixou o olhar em Kim, e lhe percebeu a expressão preocupada.

Davis e Steven seguiram Conner, e, em breve, todos os três desapareceram.

– O que está acontecendo? – perguntou Melissa a Kim.

– Provavelmente a Terceira Guerra Mundial – respondeu a madrasta de Steven, mas havia um brilho indescritível em seu olhar, apesar da expressão séria. De alguma forma, estava satisfeita com o desenrolar dos fatos.

– Vai ficar sentada aí? – questionou Melissa, irritada.

– Sim – retrucou Kim em tom firme. – Pelo bem de Matt, se por mais ninguém.

– Onde foi o papai e o vovô? – perguntou o menino.

– Foram comprar cachorros-quentes – disse Kim sem titubear.

Melissa a fitou, surpresa.

Porém, Kim se limitou a sorrir e voltar a atenção mais uma vez ao rodeio, no qual a pontuação de Brody estava sendo exibida em um imenso telão sobre a cabine do locutor.

As notas eram impressionantes. Seria difícil superá-lo. Porém, um bando de outros caubóis estava disposto e apto a tentar.

CONNER ESTAVA prestes a montar de volta no caminhão preto empoeirado e sair em alta velocidade dali, quando Steven e Davis o alcançaram.

Davis esticou a mão e girou o sobrinho, atirando-o com força contra a lateral do veículo.

– Não recebeu o memorando? – perguntou em linguagem figurada entredentes. – Um Creed não foge. De nada.

– Diga isso ao meu irmão gêmeo! – disparou Conner, furioso. Os olhos cuspiam chamas azuis.

– Por que não diz você? – perguntou Steven, cruzando os braços. As botas fincadas firmemente no chão de cascalho do parque de diversões, ampliando a postura de modo discreto para o caso de Conner desferir um soco.

– Não lhe direi nada – retrucou Conner, as palavras soando ásperas e cheias de espinho, como se tivessem lhe arranhado a garganta, enquanto voltava um olhar furioso ao primo. – Mas tenho algo a lhe dizer, com certeza. Você armou tudo isso, sei muito bem. E não sei se conseguirei perdoá-lo por isso.

– Está na hora de crescer – disse Davis a Conner. Alguns desgarrados, atrasados para o rodeio, olharam naquela direção, mas ninguém parecia tolo o suficiente para interferir no que parecia obviamente uma briga familiar. – O que quer que tenha acontecido entre você e Brody, está na hora de esquecer e seguir em frente. Droga, somos uma família!

Conner escorregou o dorso da mão pela boca. Ainda estava furioso, mas por bom-senso, respeito pelos mais velhos ou ambos, não se alterou com Davis.

O que não era necessário. A raiva estava estampada em toda a sua postura. Encontrava-se encolerizado da ponta do chapéu às solas das botas gastas e tão cedo não se livraria da fúria que sentia. Se algum dia conseguisse.

Girou para abrir a porta do caminhão e, dessa vez, Davis não fez nada para impedi-lo. Tampouco Steven.

Todos se surpreenderam quando, antes que Conner pudesse ligar o motor do caminhão e partir em uma nuvem de poeira, Brody surgiu, passando entre Steven e Davis e se projetando para Conner.

A cena lembrou Steven de dois machos no cio, circundando-se e se preparando para travar chifres.

Não ficou muito claro se foi Brody que abriu a porta do caminhão ou Conner que a empurrou, mas a próxima coisa que se viu foram os dois irmãos rolando no chão, desferindo socos, grunhindo e, obviamente, dispostos a se matarem.

Steven suspirou e fez menção de intervir, mas Davis o segurou pelo braço. O homem mais velho estava na faixa etária dos cinquenta anos, mas ainda era forte.

– Deixe-os resolver essa questão – disse o pai.

Conner e Brody eram tão pareados que Steven imaginou que a briga fosse se estender até a metade da semana. Em vez disso, ambos se estiraram no solo, exaustos, com as costas pressionadas no chão de terra, respirando com dificuldade e xingando como um par de velhos marujos com sangue do mar correndo nas veias.

Davis sorriu.

Um dos policiais de Tom Parker aproximou-se, correndo, com o rosto vermelho.

– Não permitimos brigas dentro dos limites da cidade – disparou. Era um homem velho, com um excesso de peso significativo, que deveria ter se aposentado há anos.

Brody se sentou, e, a seu lado, Conner fez o mesmo.

– Isso ainda não está resolvido – ofegou Brody.

– Pode ter certeza – retrucou Conner, no mesmo tom.

Brody se ergueu.

– Tenho de ir – disse ele.

– Está com medo que lhe chute o traseiro? – perguntou Conner, erguendo-se também.

– Não – respondeu o irmão gêmeo. – Mas gastei um bom dinheiro para competir neste rodeio e tenho de participar em mais uma modalidade.

– Estarei esperando – disse Conner.

– Seria um bastardo covarde e assustado se não estivesse – retrucou Brody. Inclinou-se para pegar o chapéu e o sacudiu contra a coxa, fazendo poeira se erguer.

Conner ameaçou partir para cima de Brody outra vez, mas Davis espalmou uma das mãos no peito do sobrinho.

– Vá fazer sua exibição – disse ele a Brody, embora estivesse exibindo um sorriso gentil para o policial.

– Está tudo bem agora, policial. Não o importunaremos mais.

Brody se encaminhou à arena.

Conner xingou e ergueu o chapéu que também caíra, socando a parte interna com tanta força que Steven pensou que o pulso do primo fosse varar o chapéu. Em seguida, rolou os ombros largos e lançou um olhar furioso a Steven antes de recolocar o chapéu.

– Não tem noção do que começou – disparou o primo, com tristeza no olhar agora, embora ainda houvesse resquícios da raiva. – Caso contrário, teria deixado a mim e a Brody em paz.

Steven sentiu uma pontada de dor no peito. Quando crianças, os três eram muito unidos. Os verões eram quase mágicos em Huckleberry Finn.

Quando aquilo mudara? O que acontecera de tão grave entre Brody e Conner que os impedia de sequer olhar um para o outro sem se agredirem?

– Esperava que pudessem superar o que quer que tenha acontecido entre vocês – explicou Steven em tom calmo.

– Ou quem quer que tenha acontecido entre vocês – corrigiu Davis.

Steven girou para encarar o pai, de repente imaginando se Davis sabia o que causara a desavença entre os primos.

– Há muito ela se foi – continuou Davis com olhar fixo em Conner. – Não está na hora de você e Brody esquecerem o que aconteceu e seguirem em frente?

Uma mulher, pensou Steven. Deveria ter considerado tal possibilidade, mas quando os primos se desentenderam e seguiram cada um seu caminho,

estava muito absorto em seus próprios problemas para se incomodar com aquilo.

Estava se recuperando do choque causado pela morte do avô, seguida de perto pelo falecimento tão inesperado da mãe. Também se encontrava envolvido em um imbróglio com seus tios maternos sobre a herança, além de estar construindo a própria carreira no escritório de Denver, no qual Zack trabalhava.

Na época, acreditara que Brody e Conner acabariam por resolver suas diferenças. Afinal, gêmeos idênticos ou não, sempre tiveram muitas diferenças.

Em vez disso, uma década havia se passado e ambos continuavam entrincheirados em suas razões, incapazes de ceder um milímetro.

O desperdício de toda aquela situação fez Steven trincar os dentes. Todos aqueles Dias de Ação de Graças e Natais, em que a cadeira de Brody à ampla mesa de jantar permanecera vazia. Todos os casamentos, nascimentos e mortes. Todos aqueles anos em que poderiam, deveriam, ser uma família.

Quando a tragédia levou Jillie e depois Zack, o apoio de Davis, Kim e Conner fora fundamental. Porém, sentira falta de Brody da mesma forma.

Foi atingido por uma ânsia forte e repentina... talvez não tão repentina... de estrangular Conner, naquele lugar e naquele momento. Em seguida, encontrar Brody e fazer o mesmo. Para evitar a tragédia, Steven girou nos calcanhares e voltou para onde Matt e Melissa se encontravam.

Os primos que fizessem o que achassem melhor. Sempre o fizeram. Não iria mais perder tempo com aquele problema. Cansara de esperar e ter esperanças. De ficar com medo de fazer a coisa errada. Sabia o que queria e pretendia conseguir.

Em breve.

MELISSA SEGUROU a mão de Steven e, quando ele se sentou a seu lado na arquibancada, ainda tinha o semblante irritado.

– Onde está Conner? – perguntou ela, sussurrando. Embora Matt estivesse sentado a certa distância, ao lado do amigo Mac, não queria correr o risco de que a criança a ouvisse.

- Não sei – respondeu Steven em tom de voz frio. – E não me importo.
- Não acredito nisso – afirmou ela.

Os ombros, antes muito rígidos pela tensão, relaxaram um pouco quando Melissa esticou a mão para lhe massagear as costas. Steven lhe relanceou o olhar e lhe voltou um sorriso, apesar de pálido.

- Eu a amo – disse ele em tom suave.

Melissa sorriu.

- Bem, isso é conveniente, caubói, porque eu também o amo.
- Queria que pudéssemos sair daqui neste minuto.

Os olhos de Melissa faiscaram.

– E perder o rodeio? Que sacrilégio! Além disso, minhas irmãs e Meg saberiam exatamente o que iríamos fazer.

- Acho que elas já sabem – retrucou ele.

– Deixe-me permanecer em negação por quanto tempo puder – disse Melissa.

Steven soltou uma risada, e ela apoiou a cabeça ao ombro largo por um momento, fazendo-o esquecer, por ora, com era se sentir infeliz, sozinho ou assustado.

Tudo que Steven conseguia sentir era uma alegria calma, do tipo que desgastava qualquer tipo de tristeza, mesmo as prolongadas.

Para sempre.

– Aceita se casar comigo? – perguntou ele em tom baixo, apertando a mão que mantinha na dele.

Melissa exibiu um sorriso doce.

- Algum dia – respondeu ela.

Steven a beijou, ali nas arquibancadas do Rodeio de Stone Creek, na frente de Deus e de todo mundo.

Deixe que vejam, pensou.

## *Epílogo*

---

U\_MANO depois...

Melissa acordou com o beijo de Steven. A mão forte rumava, suave, sobre o ventre abaulado pela gravidez. O nascimento da criança era previsto para dali a dois meses, e ela podia sentir os movimentos dos filhos gêmeos, imaginando se os dois já se encontravam em pé de guerra, como Conner e Brody.

Após o rodeio, os primos cabeçudos de Steven seguiram cada um para seu lado... outra vez.

Conner retornou ao rancho em Lonesome Bend, assim como Davis e Kim.

Ninguém sabia ao certo para onde fora Brody. Não comparecera ao casamento, que acontecera no espaçoso salão da frente do B&B de Ashley e Jack, quase três meses depois que Steven e Melissa se conheceram. Embora tivesse sido um dia maravilhoso e feliz, Melissa sabia que o marido sentira a falta do primo.

Agora, a mão de Steven lhe acariciava a barriga. Melissa a segurou, impedindo-lhe o progresso, que inevitavelmente levaria a um importante atraso. Mas também a um indiscutível prazer. Não faziam amor da maneira usual ultimamente, já que a barriga de gêmeos atrapalhava, mas Steven tinha imaginação. Ah, sim, de fato ele era bastante criativo.



– Temos um casamento hoje, lembra? – perguntou ela. – E está marcado para meio-dia.

Tom Parker e Tessa Quinn, por fim, decidiram se unir na First Congregational Church, e toda a cidade estava em polvorosa. Assim como as irmãs e Meg, Melissa estava envolvida nos preparativos.

Ainda havia serpentinas de papel crepe para pendurar no salão da recepção, cadeiras dobráveis para armar e impressos para dobrar para a cerimônia especial que precederia o casamento em si. Não havia tempo a perder.

Steven a acariciou.

Melissa gemeu.

– Steven Creed – murmurou ela.

– O que é, Melissa Creed?

– Sabe muito bem que não consigo resistir quando faz isso...

Steven soltou uma risada entredentes. Um som rouco e masculino, enquanto lhe beijava o pescoço, antes de intensificar os esforços.

– Pense da seguinte forma – murmurou ele, contra a pele quente, escorrendo os lábios pelo corpo da esposa. – Estará radiante de felicidade...

Melissa gemeu.

– Steven...

Enquanto lhe beijava a barriga, ele lhe acariciava o seio com uma das mãos e, com a outra, abria caminho pela intimidade de Melissa, preparando-a para o prazer.

– Quer que eu pare? – perguntou Steven.

As costas de Melissa arquearam levemente, enquanto as pontas dos dedos longos executavam movimentos circulares em sua feminilidade.

– Eu me atrasarei... – protestou ela, antecipando o inevitável. Quando se tratava de sexo, o marido sempre conseguia o que queria, e ela sempre ficava satisfeita com isso.

– Melissa?

– O que foi?

– Quer que eu pare?

Melissa engoliu em seco e, por fim, cedeu.

– Não – ofegou. – Droga, não!

Steven soltou uma risada baixa diante do comentário e voltou à tarefa prazerosa. Cinco minutos depois, Melissa se encontrava presa na teia de um orgasmo lancinante. O primeiro de vários.

ELVIS OSTENTAVA um pequeno lenço, imitando a parte frontal de um smoking. A pelagem do animal brilhava pela lavagem recente. Byron Cahill, o mais novo amigo do cachorro, se encontrava agachado ao lado do animal, acariciando-lhe as orelhas e o encorajando. Matt estava próximo também. Durante o trajeto até a igreja, lançara um olhar luminoso a Melissa e dissera: “Agora Tom e Tessa serão uma família, como nós!”. Aquilo lhe fez derreter o coração em uma poça de amor pelo ansioso menino, que amava como se tivesse saído de seu ventre.

Naquele momento, Melissa sorria. Só mesmo em Stone Creek, Arizona, um cachorro seria o padrinho de um casamento formal.

– Espero que tenha se certificado de que ele fique confortável – disse Melissa a Byron, que agora tinha um emprego fixo no abrigo de animais e estava treinando para ser assistente de veterinário, sob a orientação de Olivia. Encontrava-o quase todos os dias agora que estava trabalhando na fundação da irmã.

Byron exibiu um sorriso, enquanto se erguia.

– Nós estamos muito confortáveis, não estamos, Elvis? – disse ele.

Andrea se postou ao lado dele. Byron a envolveu pela cintura e a apertou contra o corpo. Desde que o mandato de Melissa como promotora chegara ao fim e ela se recusou a concorrer a um segundo, o escritório estava sendo dirigido por um advogado experiente de Indian Rock, e Andrea trabalhava para ele.

Tom apareceu, trajado com um verdadeiro smoking, lutando com a gravata estreita. Estava claramente nervoso e baixou o olhar a Elvis, que parecia ansioso para ocupar seu lugar no altar e esperar a marcha nupcial começar.

– Relaxe – aconselhou Melissa, ajeitando a gravata do amigo e o beijando na face. – Toda essa agitação terminará em breve e passará o resto da vida

com sua amada Tessa.

O semblante do xerife se iluminou diante de tal perspectiva.

– Obrigado – agradeceu ele.

Melissa o girou na direção certa e lhe deu um leve empurrão. Tessa, resplandecente no vestido de noiva, já estava posicionada à entrada da igreja de braços dados com o marido de Olivia, seu irmão. Tanner a levaria ao altar.

– Vá – ordenou Melissa.

Tom olhou para trás, voltando o olhar a ela e depois a Elvis. Um sorriso lhe curvou os lábios.

– Hora do show começar – disse ele.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: A CREED IN STONE CREEK  
Copyright © 2011 by Linda Lael Miller  
Originalmente publicado em 2011 por HQN Books

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

ISBN: 978-85-398-1339-1

Editora HR Ltda.  
Rua Argentina, 171, 4º andar  
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:  
[virginia.rivera@harlequinbooks.com.br](mailto:virginia.rivera@harlequinbooks.com.br)

Capa

Rosto

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Epílogo

Créditos